



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE FORMAÇÃO INDÍGENA
CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

**PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA
INTERCULTURAL INDÍGENA/UEPA**

**Belém
2021**



Universidade do Estado do Pará

Reitor

Clay Anderson Nunes Chagas

Vice-Reitora

Ilma Pastana Ferreira

Pró-Reitor de Gestão (PROGESP)

Carlos Capela

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP)

Jofre Jacob da Silva Freitas

Pró-Reitora de Extensão

Vera Regina da Cunha Menezes Palácios

Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD)

Maria Célia Barros Virgolino Pinto

Coordenadora do Curso do Núcleo de Formação Indígena

Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar

**NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA/UEPA – 2021 (Responsável pela reelaboração do Projeto Político Pedagógico do
Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/UEPA – 2021)**

Profa Dra. Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar - Presidente

Profa. Dr^a Joelciléa de Lima Aires - Membro

Profa. Dr^a. Mara Silvia Jucá Acácio - Membro

Profa. Ms. Maria Goretti Sousa Lameira - Membro

Profa. Dr^a. Natália Karine Nascimento da Silva - Membro

Profa. Ms. Vanja da Cunha Bezerra - Membro

Prof. Dr. Messias Furtado da Silva – Assessoria Pedagógica

EQUIPE DE COLABORADORES DO NDE

Prof^a. Dr^a. Antônio Zelina Negrão de Oliveira

Prof^a. Ms. Aline da Silva Lima

Prof^a. Dr^a. Eliana Ruth Silva Sousa

Prof^a. Dr^a. Eliete de Jesus Bararuá Solano

Profa. Dr^a. Júlia Cleide Teixeira de Miranda

Profa. Dr^a. Rita de Cássia Almeida Silva

COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA

Profa Dra. Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar - Presidente

Prof^a. Ms. Aline da Silva Lima – Membro Docente

Profª. Drª. Antônia Zelina Negrão de Oliveira – Membro Docente
Prof. Dr. Iêdo Souza Santos – Membro Docente
Prof. Ms. Petrônio Lauro Teixeira Potiguar Junior - Membro Docente
Profa. Drª. Rita de Cássia Almeida Silva – Membro Docente
João Kaba Munduruku – Membro Discente

Assessoria Pedagógica
Bárbara Letícia Sauaia Pinheiro

Secretária do Núcleo de Formação Indígena
Solange Cavalcante Alves

ASSINADO ELETRONICAMENTE PELO USUÁRIO: Joëlma Cristina Parente Monteiro Alencar (Lei 11.419/2006)
EM 13/12/2021 09:32 (Hora Local) - Aut. Assinatura: FFF1BB4A3DC97823.280CB74190F1A46.ECC54FCD1BCD0CC.43564055481EE848

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
1. A LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA COMO AÇÃO DE POLÍTICA INDIGENISTA DA UEPA.....	8
2. DOCUMENTOS LEGAIS E REFERENCIAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS	11
3. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS NO PARÁ	30
3.1 Os Povos Indígenas do Pará	30
3.2 Educação Escolar Indígena no Pará e a Formação de Professores Indígenas.....	33
4. POLÍTICA LINGUÍSTICA DO CURSO	39
5. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO CURSO	44
5.1 Denominação do Curso	44
5.2 Diplomação	44
5.3 Modalidade	44
5.4 Pólos de Implantação	44
5.5 Total de Vagas Ofertadas	44
5.6 Funcionamento.....	44
5.7 Dimensões da Turma.....	44
5.8 Carga Horária do Curso.....	44
5.9 Regime de Oferta	45
5.9.1 Integralização Curricular	45
5.10 Processo de Seleção	45
6. PÚBLICO/PERFIL PROFISSIONAL	45
7. OBJETIVOS	47
7.1 Geral	47
7.2 Específicos	47
8. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR	48
8.1 Currículo Integrado e a Problemática	48
9. BASES PEDAGÓGICAS E METODOLÓGICAS	51
9.1 Princípios Curriculares	51
9.2 Competências Gerais e Específicas	57
9.3 Componentes Curriculares	59

9.3.1 Os Temas Referenciais e as questões orientadoras da problematização.....	59
3.3.2 Estágios, Práticas, Projetos Integradores e Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.....	63
3.3.3 Ensino com Extensão.....	66
9.3.4 As Disciplinas.....	68
10. FORMAS DE AVALIAÇÃO	88
10.1 Docente	89
10.2 Avaliação da Aprendizagem Discente	89
10.3 Avaliação do Projeto Político-Pedagógico.....	89
11. RECURSOS PARA IMPLANTAÇÃO.....	90
11.1. Recursos Humanos e Financeiros.....	90
12. FORMAÇÃO CONTÍNUA E CONTINUADA	91
14. FORMAS DE ACOMPANHAMENTO DO EGRESSO	92
REFERÊNCIAS.....	94
APÊNDICE I-EMENTÁRIO DE DISCIPLINAS.....	96

APRESENTAÇÃO

O crescimento significativo do número de estudantes indígenas nas universidades brasileiras, entre os anos de 2000 e de 2010, se deu por diversos fatores, sendo o principal deles a luta do movimento indígena, pela garantia de seus direitos à educação pública e que atenda aos seus projetos societários. Nesse período, outro fator de destaque foi ação do Ministério da Educação que, ao longo desse percurso, procurou cumprir as determinações do Plano Nacional de Educação e de outras diretrizes que consolidavam os direitos indígenas a uma educação intercultural, bilíngue e diferenciada, investindo na abertura de editais que propiciaram a criação de cursos de Licenciatura Intercultural dispersos pelo Brasil, além de fortalecer o desenvolvimento de políticas de indigenistas para o ingresso em diferentes cursos nas universidades (RUSSO e DINIZ, 2020).

Com uma diversidade representativa de línguas, culturas e identidades, os povos indígenas têm, em diversos âmbitos, conquistado, por sua mobilização, o reconhecimento do Estado em relação aos seus direitos, que legalmente vêm sendo continuamente reforçados desde a Constituição Federal de 1988, que veio garantir-lhes direitos fundamentais, como educação, saúde, assim como os direitos a suas terras originárias, o respeito a suas culturas, organizações sociais e políticas, suas línguas e tradições, assim como sua autonomia.

Diversos dispositivos legais regulam esses princípios, incluindo o de autoidentificação e autodeterminação de ser índio e, no caso da educação escolar, consolida-se a política de educação diferenciada, intercultural, bilíngue e que respeite seus processos próprios de ensino e aprendizagem, dando às escolas indígenas reconhecimento no Ministério da Educação-MEC a partir de propostas curriculares criadas localmente e que respeitam sua autonomia de gestão.

A Universidade do Estado do Pará-UEPA criada pela Lei Estadual nº5.747, de 18 de maio de 1993, caracterizada como uma instituição organizada como autarquia de regime especial e estrutura multicampi, constitui-se numa universidade pública, gratuita e de qualidade, presente nas seis mesorregiões geopolíticas do Estado do Pará, com uma trajetória histórica pautada em ações para a democratização do acesso ao ensino superior.

A UEPA, nasce em 1993, da fusão e experiências acumuladas desde a criação, em 1940, de sua primeira Escola de Ensino Superior Estadual na cidade de Belém, em

1944, a Escola de Enfermagem do Pará. Desta feita em diante, a UEPA ampliou não somente seus espaços físicos de formação superior, mas, a interiorização dessa formação e a expansão de sua missão social e desenvolvimento político-social do Estado do Pará.

Desse modo, a UEPA tem como Missão:

Promover e participar da modernização e desenvolvimento do Pará, em busca de mudanças na base produtiva e de verticalização do seu processamento; Dinamizar a formação de agentes para todos os níveis de demanda desse novo ciclo de desenvolvimento, dotados de conhecimento, profissionalismo e solidariedade; Constituir-se numa Universidade pública, gratuita e de qualidade, adequada ao processo regional, como centro de identidade estadual em pesquisa, ensino e extensão; Promover suas ações, tanto na capital como no interior, implantando cursos e implementando os já existentes (PDI/UEPA, 2007, p.21)

Nesse sentido, a UEPA “se constitui, assim, uma instituição inserida na contemporaneidade, vivendo sua especificidade regional, porém pautando seu projeto acadêmico nos avanços do saber universal” (IDEM). Assim, A Universidade do Estado do Pará,

Ao definir a sua missão de produzir, difundir conhecimentos e formar profissionais éticos, com responsabilidade social, para o desenvolvimento sustentável da Amazônia, trabalha no intuito de contribuir na formação de profissionais capazes de atuar de forma ética e competente no mercado de trabalho, a fim de facilitar o desenvolvimento local e regional e, conseqüentemente, melhorar a qualidade de vida de seu povo (PPI/UEPA, 2008, p.11).

A Política de Ensino, que envolve a Graduação, a Pós-Graduação e a Extensão, prevê que a UEPA tenha um papel permanente de gerar saber de nível superior para viabilizar o funcionamento da sociedade. Esse papel se manifesta de forma diferente, conforme o tipo de sociedade que se deseja. Por isso, a Instituição tem claro que as mudanças desencadeadas a partir das primeiras décadas do século XXI, nas mais diversas áreas do conhecimento e do fazer humano, tem exigido, não apenas uma atuação crítica perante o mundo, mas também uma ação de intervenção social que lhe permita uma efetiva participação nas discussões e deliberações acerca dos interesses da sociedade (PPI/UEPA, 2008).

Dessa maneira, tal intervenção faz com que a UEPA se comprometa com seu contexto geográfico e com a historicidade dos sujeitos e dos interesses sociais da sua contemporaneidade. Sem essa articulação com a sociedade a Universidade não cumpre o seu papel de universidade. Ou seja, quanto mais a UEPA se aproxima da sociedade será mais capaz de solidarizar-se e comprometer-se na busca de alternativas para a solução dos problemas sociais (IDEM).

Por isso, a UEPA deve ampliar, permanentemente, os limites de sua atuação, assumindo papel de agente de transformação social, acompanhando de forma ativa programas e projetos governamentais e não-governamentais propostos para o Estado, para a Amazônia e para o País (IDEM).

Diante disso, a Universidade do Estado do Pará tem as seguintes finalidades (PDI/UEPA, 2007, p. 22):

- *contribuir para a criação de direitos e de novas formas de existência social e para o cultivo da cidadania;*
- *produzir conhecimento e desenvolver programas e projetos de ensino, pesquisa e de extensão visando à formação e à qualificação de pessoas para a investigação filosófica, científica, artístico-cultural e tecnológica, e para o exercício profissional;*
- *promover e estimular a pesquisa considerada como princípio científico, educativo e político, objetivando o desenvolvimento da filosofia, da ciência, das letras, das artes, da tecnologia e da inovação;*
- *promover a realização de programas de extensão e viabilizar a participação dos segmentos populacionais no processo de criação cultural;*
- *realizar estudos e debates para a discussão das questões regionais e nacionais com o propósito de contribuir para a solução dos problemas, bem como possibilitar a criação de novos saberes, na perspectiva da construção de uma sociedade democrática;*
- *desenvolver e elaborar projetos vinculados ao desenvolvimento do Estado em seus múltiplos aspectos.*

Segundo Hage; Pereira e Brito (2013) a realidade educacional no Brasil e na Amazônia é marcada por profundas desigualdades sociais, que se expressam historicamente pelo racismo e discriminações de múltiplas naturezas, e a superação dessa situação requer um conjunto de estratégias que oportunizem o acesso dos grupos minoritários a níveis elevados de escolaridade. E, é nessa direção, de diminuição das

desigualdades sociais e do bem viver de todos que a UEPA busca cumprir com sua finalidade.

Tais finalidades vão ao encontro dos princípios norteadores do processo educacional dos cursos de graduação da UEPA, que segundo o seu PDI (2017-2027) devem desencadear ações que promovam:

- A igualdade de condições de acesso e permanência;
- A integração entre a pesquisa e a extensão ao ensino, através da participação em editais, programas e projetos de pesquisa e de extensão que possibilitem vivenciar experiências teóricas e práticas aos discentes, a partir de uma análise crítica da sociedade, da mediação dos conflitos e de demandas correlatas à área de formação, momento em que poderão debater criar e propor soluções e/ou propostas por meio de produções acadêmicas e divulgação em eventos e revistas científicas;
- A melhoria da qualidade da educação, atendendo a legislação educacional brasileira e as instruções normativas e resoluções desta IES;
- A construção de uma gestão democrática na UEPA com a participação coletiva de gestores, representantes docentes, técnico-administrativos e estudantes com assento em todas as instâncias colegiadas da Universidade.
- Todos esses elementos convergem para uma preocupação básica com o planejamento da UEPA e seus objetivos estratégicos, dos quais frisamos:
- Intensificar, interiorizar e melhorar a qualidade do ensino. Este objetivo trabalha em observância a meta estratégica de ampliação da oferta, quantitativa e qualitativamente, através da abertura de novas vagas, abertura de novos cursos em vários níveis e modalidades educacionais e, claro, sem perder de vista a necessidade de planejar o consequente aumento da infraestrutura física (PDI/UEPA, 2017, p. 40-1)

Na busca pela qualificação e a capacitação de profissionais que possam intervir positivamente nos variados modos de vida social e econômica e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade, a Universidade do Estado do Pará tem como pressuposto a apropriação do conhecimento científico em áreas específicas do saber universal e o domínio de técnicas e de mecanismos capazes de gerar novos saberes e novas descobertas para a formulação de matrizes produtoras de bens e serviços direcionados às especificidades socioambientais do estado e da região Amazônica, superando assim a sua condição histórica de provedores e exportadores de insumos e de matérias-primas (PPI/UEPA, 2008).

O desenvolvimento do Estado e da Região deve, portanto, estar ancorada em ações estratégicas da UEPA de produção de ciência e de tecnologia que se traduzam em

benefícios sociais e econômicos, capazes de superar os déficits do desenvolvimento humano refletidos nos baixos índices de pobreza, de escolaridade e de profissionalização, dentre outras tantas misérias sociais explícitas nas periferias da capital, das grandes cidades do Estado e no Campo (IDEM).

Em articulação com o ensino e a pesquisa, a UEPA deve realizar extensão. Haja vista que a natureza da Universidade se revela e está fundada no tripé acadêmico ensino-pesquisa-extensão. É por intermédio da extensão que a UEPA, sendo de natureza pública, utiliza seu conhecimento e sua potencialidade orgânica para responder às muitas indagações sociais, seja para orientar, ou capacitar para a realização de atividades laborais, seja qualificando para a produção de bens e geração de trabalho de pessoas e grupos organizados, de forma sustentável social e econômica (IDEM).

Em termos de políticas sociais, a UEPA foi a primeira instituição de Ensino Superior do Estado do Pará a ofertar um curso de formação específica para professores indígenas, com processo seletivo diferenciado, em atendimento às Políticas Indigenistas voltadas para a Educação Escolar Indígena. Dentre os amparos legais que orientam a oferta do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, destaca-se a Resolução Nº 1, de 7 de janeiro de 2015, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Formação Superior e de Ensino Médio.

A Política Indigenista no âmbito da UEPA está em consonância com a Política Indigenista no Estado do Pará que se desenvolve, por meio de ações do seu Núcleo de Formação Indígena¹, articulação com os diversos órgãos e entidades da Administração Direta e Indireta do Estado, que implementam ações de políticas públicas direcionadas aos povos indígenas situados no território paraense, integrando-as às ações de órgãos e entidades federais e municipais e organizações não-governamentais, ouvidos os respectivos povos e respeitada a legislação federal. Tal Política estabelece o reconhecimento, a valorização e o respeito à diversidade socioambiental, jurídica e cultural dos Povos Indígenas do Pará, considerando, dentre outros aspectos, os recortes de gênero, idade, religiosidade, espiritualidade, ancestralidade, orientação sexual e atividades laborais, bem como a relação desses em cada povo indígena.

Dentre suas competências o NUFI tem atuação política, de articulação entre a Universidade e as comunidades e organizações indígenas, no campo da formação

¹ O Núcleo de Formação Indígena da UEPA foi institucionalizado pela Resolução no 2396/11 – CONSUN, de 16 de dezembro de 2011, está vinculado à Pró-Reitoria de Graduação-PROGRAD/UEPA.

específica, diferenciada e intercultural, de modo a promover ações formativas no tripé ensino-pesquisa-extensão, nas áreas de educação, saúde e tecnológica, e de acordo com o projeto societário de cada povo indígena. Com uma década de institucionalização, as ações do NUIFI têm contribuído, significativamente, para os avanços na efetivação da Política Indigenista do Governo do Estado do Pará, da Política Indigenista Nacional e, principalmente, às demandas pautadas pelo movimento dos povos indígenas do Estado do Pará.

O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena é uma das ações formativas do NUIFI, que cumpre papel fundamental na formação de professores indígenas, em consonância com os princípios da Educação Escolar Indígena. Nesta perspectiva, este Projeto toma como base: a) as especificidades culturais e sociolinguísticas de cada povo e comunidade indígena, valorizando suas formas de organização social, cultural e linguística; b) as formas de educar, cuidar e socializar próprias de cada povo e comunidade indígena; c) a necessidade de articulação entre os saberes, as práticas da formação docente e os interesses etnopolíticos, culturais, ambientais e linguísticos dos respectivos povos e comunidades indígenas; d) a relação entre territorialidade e Educação Escolar Indígena, estratégica para a continuidade dos povos e das comunidades indígenas em seus territórios, contribuindo para a viabilização dos seus projetos de bem-viver; e) a relação dos povos e comunidades indígenas com outras culturas e seus respectivos saberes (CNE/MEC, 2015).

Portanto, a organização e orientações contidas neste documento são fruto de um trabalho coletivo de reformulação do Projeto Pedagógico de 2016, realizado pelo Núcleo Docente Estruturante do Curso, colaboradores e indígenas, que orientarão todas as ofertas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA.

Nesse sentido, a Coordenação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, juntamente com o Núcleo Docente Estruturante e o Colegiado deste Curso apresentam neste documento, as orientações básicas para a implementação e desenvolvimento das atividades do Curso, no sentido de possibilitar uma unicidade na organização do trabalho pedagógico a ser realizado, tomando como referência os princípios da gestão democrática, com participação efetiva e o controle social dos povos indígenas.

1. A LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA COMO AÇÃO DE POLÍTICA INDIGENISTA DA UEPA

Em se tratando de ações educacionais com povos indígenas, a UEPA tem participado, efetivamente, da elaboração e execução da Política Indigenista do Estado para esse grupo social, desde abril de 2007, com a realização da Semana dos Povos Indígenas no Pará, em parceria com o Governo Federal e Organizações Indígenas locais, em que participaram representantes Indígenas. Nesse evento, foi elaborada a “Carta dos Povos Indígenas”², que contempla a apresentação de 60 (sessenta) proposições relativas aos problemas vivenciados pelos povos indígenas do Pará em setores prioritários como a educação, saúde, infraestrutura, proteção e valorização do patrimônio cultural, sustentabilidade econômica e geração de renda, proteção e gestão territorial.

A partir da Carta, o Governo do Estado do Pará propôs a construção coletiva das diretrizes da Política Indigenista do Estado do Pará, em que participaram representantes sociais e políticos das esferas governamentais nos âmbitos municipal, estadual e federal, bem como das organizações da sociedade civil indígena em que se consolidam os espaços e as ações de defesa, proteção e promoção dos direitos humanos e indígenas no Estado. Foi, então, constituído pelo Governo o Comitê Intersetorial de Políticas Públicas Indigenista do Estado do Pará, que reúne 42 (quarenta e dois) órgãos, dentre eles, a UEPA.

No período de maio a julho de 2008 foram realizados os Encontros Indígenas Regionais, que por meio de uma abordagem participativa foram discutidas as diretrizes gerais da Política Estadual para os Povos Indígenas, a identificação dos principais problemas e propostas dos indígenas, as formas de fortalecimento do movimento indígena do Pará e a escolha dos seus representantes para a Conferência Estadual.

A Conferência Estadual dos Povos Indígenas do Pará, realizada nos dias 7, 8 e 9 de agosto de 2008, no Parque dos Igarapés, em Belém, constituiu-se num momento importante de trabalho coletivo, envolvendo diversos segmentos representativos de organizações governamentais, inclusive a UEPA³, e marcou uma das etapas de mobilização dos povos indígenas para as diretrizes das políticas públicas reivindicadas junto aos poderes públicos federal, estadual e municipal.

² A Carta dos Povos Indígenas entregue ao Governo do Estado do Pará é o principal subsídio para elaboração do Plano Pará Terra de Direitos Indígenas.

³ Ressalta-se que em maio de 2008 a UEPA também foi representada no I Seminário de Educação Escolar Indígena do Pará.

Tendo como tema: “A diversidade que faz a diferença”, a Conferência foi um momento de reflexão, esclarecimentos, consolidação, ampliação e, principalmente, encaminhamentos das proposições com base nos resultados dos Encontros Indígenas Regionais, servindo de orientação para a definição das diretrizes da Política Estadual para os Povos Indígenas do Pará, que por sua vez devem ser desenvolvidas pelos órgãos do governo, num esforço de trabalho colaborativo, pautado pelos princípios da responsabilidade, do compromisso e da legalidade.

Uma das diretrizes apontadas pelos povos indígenas para a UEPA foi a Constituição de uma Comissão⁴ para implantar as políticas afirmativas para os povos indígenas do Pará, demanda esta que já está sendo atendida pela instituição.

Em 2009, a UEPA apoiou e participou das duas conferências Regionais de Educação Escolar Indígena, Marabá e Belém, assim como, da Conferência Nacional, em Brasília. Nas conferências a necessidade de acesso ao ensino superior pelos indígenas, assim como, a oferta da Licenciatura Intercultural pelas universidades foram as demandas apontadas, com destaque para a questão do respeito à cultura e à realidade de cada povo na elaboração do projeto político-pedagógico.

Ciente ao fato de que, os índios, estiveram por muito tempo excluídos das políticas públicas nacionais de ensino no Brasil e que os processos seletivos de acesso ao ensino superior, na maioria das vezes, não respeitam as distinções culturais de apreensão de conhecimento e de mundo desses povos, a UEPA se colocou aberta ao diálogo com as lideranças indígenas, no sentido de elaborar um projeto político e pedagógico de formação superior indígena em consonância com as necessidades e reivindicações manifestadas nos encontros anteriormente relatados.

O desafio de implantar um Curso de Licenciatura Intercultural Indígena vai ao encontro dos objetivos previstos no Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI/2005-2014 da Universidade do Estado do Pará, que preveem, entre outros, a viabilização da oferta de curso de graduação destinado ao atendimento de demanda específica, e também a implantação política de ação afirmativa para democratização do acesso aos cursos de graduação para a redução das desigualdades educacionais.

⁴ Inicialmente, foi constituída uma Comissão para elaborar as ações afirmativas da UEPA para os povos indígenas no Pará. Posteriormente, com a assinatura de um Termo de Ajuste de Conduta-TAC, esta Comissão passou a trabalhar especificamente na Oferta da Licenciatura Intercultural Indígena, denominada de COLIND.

Nessa perspectiva, ao atender a demanda dos povos indígenas no acesso ao ensino superior, a UEPA também abre possibilidades significativas de materialização das ações estratégicas para o desenvolvimento do Estado, nas quais vislumbra a missão objetiva de qualificação e capacitação de profissionais que possam intervir positivamente nos variados modos de vida social e econômica, de modo a contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas em geral (NINA, 2007).

Desse modo, ao organizar, implantar e implementar o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena reconhecendo a diversidade cultural dos povos indígenas, seus modos próprios de organização linguística, política e cultural, a UEPA promove, direta e indiretamente, o fortalecimento e valorização da cultura desses povos.

Em julho de 2012, a Universidade do Estado do Pará ofertou suas primeiras turmas do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena, para os povos Gavião, Surui Aikewara e Tembé-Guamá, que concluíram o Curso em 19 de abril de 2016. Em julho de 2013, ingressaram no Curso as turmas Wai Wai e Tapajós Arapyú-Santarém. Em janeiro de 2015 ingressou a turma Kayapó. Em janeiro de 2016, ingressaram as turmas Asurini do Trocará, Tapajós Arapyú-Caruci e Tembé-Gurupi. Em janeiro de 2017, tivemos o ingresso de duas turmas Munduruku do Alto Tapajós. No total são 9 (nove) turmas formadas, e em breve serão 11 (onze) turmas, com a conclusão do Curso pelas turmas Munduruku, que tem a formatura prevista para junho de 2021.

A oferta do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena como uma ação de Política Indigenista reflete na atuação de indígenas como professores e gestores de suas escolas, considerada uma conquista desses povos que emana, dentre outras questões, do direito à educação própria conquistado na Constituição Federal de 1988. A formação do professor indígena, portanto, é uma das decorrências deste direito e resulta, em grande parte, das reivindicações do movimento indígena (BETTIOL e LEITE, 2017).

2. DOCUMENTOS LEGAIS E REFERENCIAIS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS

A primeira avaliação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA ocorreu em 2014. O Curso foi avaliado e reconhecido pela Resolução CEE Nº 321, de 15 de maio de 2014, pelo Conselho Estadual de Educação-CEE do Pará, por isso a partir do Relatório de Avaliação apresentado, da instituição das Diretrizes Curriculares

Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Educação Superior e de Ensino Médio, por meio da Resolução Nº 1, de 7 de janeiro de 2015, assim como das Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) vigente, há a necessidade constante de reformulação do Projeto Político Pedagógico do Curso.

A Constituição brasileira de 1988 é o documento principal que pauta a importante mudança paradigmática na concepção escolar destinada aos povos indígenas. O caráter integracionista preconizado no Estatuto do Índio cedeu lugar ao princípio do reconhecimento às diferentes especificidades sociocultural e linguística dos povos indígenas. Isso levou a uma alteração de responsabilidades na condução da oferta de programas educacionais indígenas.

Para Silva (2001), a Constituição Federal de 1988 foi decisiva para que outros eventos significativos se sucedessem no plano institucional. Segundo ela, foi a partir desse documento oficial que ocorreu a “oficialização de escolas indígenas diferenciadas”, assim como, “a formulação de políticas públicas que respondessem aos direitos educacionais dos índios a uma educação intercultural, bi- ou multilíngue, comunitária e voltada à autodeterminação de seus povos”. Silva destaca como principais eventos institucionais ocorridos:

a incorporação da educação indígena ao sistema nacional de educação pela transferência das responsabilidades federais específicas, nesse campo, da Fundação do Índio (FUNAI) para o Ministério da Educação (MEC), em 1991; a criação do Comitê de Educação Indígena no MEC, constituído por representantes dos povos indígenas e de organizações e instituições da sociedade civil e universidades, em 1993; a publicação, pelo mesmo Ministério, das Diretrizes Para a Política Nacional de Educação Indígena, também em 1993; o advento da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996, com artigos específicos sobre a educação escolar indígena; a elaboração e publicação do Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, por iniciativa do MEC, em 1998 (p.13).

A Lei de Diretrizes e bases da Educação (Lei 9394/96), além de fortalecer as reivindicações de uma escola indígena de qualidade e que atenda às reais necessidades e anseios dos povos indígenas, também, contempla a participação das comunidades na elaboração dos currículos, dos materiais didáticos e do calendário escolar de acordo com o modo de viver de cada povo. Vale destacar os dois Artigos da Lei de Diretrizes e

Bases da Educação Nacional-LDBEN que apresentam disposições específicas sobre a Educação Escolar Indígena, são eles:

Art. 78 - O Sistema de Ensino da União, com a colaboração das agências federais de fomento à cultura e de assistência aos índios, desenvolverá programas integrados de ensino e pesquisas, para oferta de Educação escolar bilíngue e intercultural aos povos indígenas, com os seguintes objetivos:

I - proporcionar aos índios, suas comunidades e povos, a recuperação de suas memórias históricas; a reafirmação de suas identidades étnicas; a valorização de suas línguas e ciências;

II - garantir aos índios, suas comunidades e povos, o acesso às informações, conhecimentos técnicos e científicos da sociedade nacional e demais sociedades indígenas e não-índias.

Art. 79 - A União apoiará técnica e financeiramente os sistemas de ensino no provimento da educação intercultural às comunidades indígenas, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa.

§ 1º- Os programas serão planejados com audiência das comunidades indígenas.

§ 2º- Os programas a que se refere este artigo, incluídos nos Planos Nacionais de Educação, terão os seguintes objetivos:

- fortalecer as práticas sócio-culturais e a língua materna de cada comunidade indígena;

- manter programas de formação de pessoal especializado, destinado à educação escolar nas comunidades indígenas;

- desenvolver currículos e programas específicos, neles incluindo os conteúdos culturais correspondentes às respectivas comunidades;

- elaborar e publicar sistematicamente material didático específico e diferenciado.

Em atendimento às determinações da LDBEN, o MEC apresentou o Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas-RCNEI, que oferece, segundo o próprio documento, com função formativa e não normativa, subsídios e orientações para a elaboração de programas de educação escolar indígena que atendam aos anseios e aos interesses das comunidades indígenas, assim como, a formação de educadores capazes de assumir essas tarefas e de técnicos aptos a apoiá-las e viabilizá-las.

O RCNEI está dividido em duas partes. A primeira denominada “Para Começo de Conversa”,

reúne os fundamentos políticos, históricos, legais e antropológicos de uma proposta de educação escolar indígena entendida como "projeto de futuro e de escola que queremos", conforme expressam as comunidades indígenas e algumas de suas organizações. Seus destinatários principais são aqueles agentes que atuam nos sistemas de ensino estaduais e municipais e demais órgãos afins e que, só muito recentemente, se viram ligados à execução da política educacional

formulada para as escolas indígenas. Esta parte do RCNEI/Indígena apresenta o denominador comum, o marco geral presente nas várias situações escolares indígenas. Disso decorre o caráter abrangente de seu conteúdo. Ao apontar para questões comuns a todos os professores e escolas, entretanto, reconhece-se e incentiva-se a construção de programações curriculares distintas, feitas a partir de projetos históricos e étnicos específicos (RCNEI, 1998, p,14).

Nessa primeira parte do Referencial são apresentados os seguintes princípios da educação indígena:

- uma visão de sociedade que transcende as relações entre humanos e admite diversos "seres" e forças da natureza com os quais estabelecem relações de cooperação e intercâmbio a fim de adquirir - e assegurar - determinadas qualidades;
- valores e procedimentos próprios de sociedades originalmente orais, menos marcadas por profundas desigualdades internas, mais articuladas pela obrigação da reciprocidade entre os grupos que as integram;
- noções próprias, culturalmente formuladas (portanto variáveis de uma sociedade indígena a outra) da pessoa humana e dos seus atributos, capacidades e qualidades;
- formação de crianças e jovens como processo integrado; apesar de suas inúmeras particularidades, uma característica comum às sociedades indígenas é que cada experiência cognitiva e afetiva carrega múltiplos significados econômicos, sociais, técnicos, rituais, cosmológicos.

A segunda parte intitulada “Ajudando a Construir os Currículos das Escolas Indígenas”, voltada para os técnicos das Secretarias estaduais e municipais de ensino,

tem a pretensão de fornecer referências para a prática pedagógica dos professores (índios e não-índios) diretamente ligados às ações de implementação e desenvolvimento das escolas indígenas. Essa parte do documento dirige-se, mais diretamente, às salas de aula dos cursos de formação de professores indígenas e às próprias escolas onde esses professores atuam (IDEM).

No item que trata das “Implicações para a formação de professores e outros atores institucionais” destacam-se quatro aspectos para o trabalho e a formação com professores indígenas, a saber: 1. A reflexão sobre a prática; 2. A preparação para o estudo independente; 3. A preparação do professor-pesquisador; 4. A produção de materiais didático-pedagógicos. Esses aspectos podem ser concretizados em disciplinas e incorporados às áreas de estudos já existentes nos cursos de formação (RCNEI, 1998,

p.80-83). Não confundir com educação escolar indígena. A educação indígena refere-se aos modos próprios de educar pelos distintos povos.

Nascimento e Vinha (2007), afirmam que embora tenha recebido críticas o Referencial tem sido um documento importante para subsidiar, em especial, as reflexões em torno de fundamentos como: multietnicidade, pluralidade e diversidade; educação e conhecimentos indígenas, autodeterminação e comunidade educativa indígena tendo como perspectiva um projeto escolar que contempla a educação intercultural, comunitária, específica e diferenciada.

Em se tratando do Plano Nacional de Educação – PNE, que foi promulgado em 9 de janeiro de 2001, Bergamaschi (2005) ressalta que este documento estabelece metas e programas específicos para a viabilização, tanto no que diz respeito aos aspectos pedagógicos, quanto à viabilidade financeira das escolas indígenas no país, responsabilizando os estados e municípios na sua execução.

Na interpretação da autora supracitada para efetivar tal intento, o PNE propôs a criação da “categoria escola indígena”, a fim de assegurar a educação intercultural e bilíngue, junto aos sistemas de ensino. No documento oficial, verifica-se também a necessidade de promover maior informação da população brasileira em geral sobre as sociedades indígenas, como forma de combater o desconhecimento, a intolerância e o preconceito em relação a essas populações.

O PNE apresentou um capítulo sobre a educação escolar indígena, dividido em três partes. Na primeira parte faz-se um rápido diagnóstico de como tem ocorrido a oferta da educação escolar aos povos indígenas. Na segunda parte, apresentou as diretrizes para a educação escolar indígena. E na terceira parte, discorreu sobre os objetivos e metas que deverão ser atingidos, a curto e a longo prazo (MEC/SESU, 2011).

Entre os objetivos e metas previstos no Plano Nacional de Educação de 2001, destaca-se a universalização da oferta de programas educacionais aos povos indígenas para todas as séries do ensino fundamental, assegurando autonomia para as escolas indígenas, tanto no que se refere ao projeto pedagógico quanto ao uso dos recursos financeiros, e garantindo a participação das comunidades indígenas nas decisões relativas ao funcionamento dessas escolas. Para que isso se realize, o Plano estabelece a necessidade de criação da categoria escola indígena para assegurar a especificidade do

modelo de educação intercultural e bilíngüe e sua regularização junto aos sistemas de ensino (MEC/SESU, 2011).

O Plano Nacional de Educação de 2001 previu ainda, a criação de programas específicos para atender às escolas indígenas, bem como a criação de linhas de financiamento para a implementação dos programas de educação em áreas indígenas. Estabelece-se que a União, em colaboração com os Estados, deve suprir as escolas indígenas com equipamento didático-pedagógico básico, incluindo bibliotecas, videotecas e outros materiais de apoio, bem como serão adaptados os programas já existentes hoje no Ministério da Educação em termos de auxílio ao desenvolvimento da educação (MEC/SESU, 2011).

Atribuindo aos sistemas estaduais de ensino a responsabilidade legal pela educação indígena, o PNE/2001-2010 assumiu como uma das metas a ser atingida nessa esfera de atuação a profissionalização e o reconhecimento público do magistério indígena, com a criação da categoria de professores indígenas como carreira específica do magistério e com a implementação de programas contínuos de formação sistemática do professorado indígena (MEC/SESU, 2011).

O PNE/2001-2010 estabeleceu que a União, em articulação com os demais sistemas de ensino e com a sociedade civil devem proceder a avaliações periódicas da implementação do Plano e que tanto os Estados quanto os Municípios deverão, com base no Plano, elaborar seus planos decenais correspondentes (MEC/SESU, 2011).

Em se tratando da formação de professores em nível superior dentre os objetivos e metas do PNE/2001, destaca-se o item 17 do documento que prevê: (...) Formular, em dois anos, um plano para a implementação de programas especiais para a formação de professores indígenas em nível superior, através da colaboração das universidades e de instituições de nível equivalente (MEC/SESU, 2011).

Silva (2002) chega à conclusão que as 21 metas estabelecidas do PNE 2001-2010, longe de contribuírem na superação do enorme “fosso” existente entre os novos preceitos constitucionais e a realidade das escolas indígenas, funcionaram como obstáculos ao avanço de processos indígenas de construção e consolidação de suas escolas, significando assim um tipo de recuo nos direitos indígenas.

Para a autora, no texto aprovado e publicado no Diário Oficial da União, em 10 de janeiro de 2001, a temática da educação (escolar) indígena figura em capítulo específico (nº 9), com 21 metas. Percebe-se, contudo, que, ao invés de ir além do que já

está garantido em outros textos da legislação atual, explicitando a real responsabilidade do Estado frente aos desafios da educação escolar indígena, o PNE repete questões já tratadas em leis anteriores e, inclusive, traz em diversos pontos, retrocessos significativos com relação ao direito dos povos indígenas em ter uma educação escolar que reconheça, respeite e fortaleça seus processos próprios de ensinar e aprender e que sejam parte de seus projetos de presente e futuro.

No caso da temática da educação (escolar) indígena, o PNE trouxe, após a maioria das metas, anotações de rodapé que sugerem, por um lado, vaga lembrança quanto à responsabilidade da União. Por outro, no entanto, não garantia de financiamento público para as escolas indígenas e suas demandas. Ou seja, no fim das contas, nem municípios, nem estados, nem união se comprometeram com os custos da educação escolar indígena, permanecendo o chamado dilema da “tríplice competência” sem solução, federalização, estadualização e/ou municipalização das escolas indígenas. Outras questões permanecem inalteradas no PNE, apontando para o fato de que na prática do estabelecimento de novas relações entre o Estado e os povos indígenas, pouca coisa mudou.

Em 2002, a Secretaria de Educação Fundamental do Ministério da Educação, por meio da Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas do Departamento de Política da Educação Fundamental apresenta os Referenciais para a Formação de Professores Indígenas.

O referido documento tem como objetivo contribuir para a criação e implementação de programas de formação inicial (Magistério e Ensino Superior Intercultural Indígena), assim como, de formação continuada de professores indígenas.

Esse documento prevê o seguinte:

Aos sistemas de ensino, responsáveis pela oferta de programas de formação, cabem o respeito e o incentivo às novas práticas de atuação profissional, que permitam ao professor indígena responder aos anseios das comunidades indígenas dentro de novos parâmetros e consensos da educação escolar indígena no Brasil (MEC; SEF, 2002, p.10).

Os Referenciais apontam os professores indígenas como protagonistas nas relações interculturais que são estabelecidas pela escola. Conforme apresentado no item 3.2 desse documento:

os professores indígenas têm o complexo papel de compreender e transitar nas relações entre a sociedade majoritária e a sua sociedade. São interlocutores privilegiados “entre mundos”, ou entre muitas culturas, tendo de acessar e compreender conceitos, ideias, categorias que não são apenas de sua própria formação cultural. Desempenham um papel social novo, criando e ressignificando, a todo momento, sua cultura. Nesse processo, o professor indígena desempenha funções sociais específicas segundo o papel da escola para cada sociedade indígena em determinado momento de sua história (IDEM, p.21).

Desse modo, ainda nesse mesmo item, indica-se que “os cursos de formação devem permitir a análise crítica da escola, novo campo cultural/social, pelos professores indígenas”. Ou seja, os programas de formação precisam contemplar em sua organização a pesquisa e “a reflexão pedagógica e curricular, de forma que pensem e promovam a renovação da sua educação escolar, sensíveis às necessidades históricas de sua comunidade” (IDEM, p.23).

Outros aspectos importantes registrados pelos Referenciais são os princípios básicos que devem reger o trabalho institucional na formulação e implementação da formação intercultural indígena, são eles:

A obrigatoriedade de ouvir as comunidades indígenas quanto à sua demanda educacional (quantitativa e qualitativa). Isso se traduz no respeito e no atendimento das demandas indígenas em relação às escolas, de forma que projetos de formação de professores indígenas e implantação e ou implementação de escolas retratem com fidelidade as propostas dessas comunidades. A necessidade de trabalhar em parceria, reconhecendo e incorporando as experiências acumuladas na área da educação escolar indígena em seu estado, por iniciativa de organizações não-governamentais, organizações indígenas e Fundação Nacional do Índio – FUNAI, avaliando tais iniciativas e promovendo a sua institucionalização, de forma que sejam reconhecidas e tenham validade legal (IDEM, p.70-71).

Também, torna-se significativo nesse documento a parte que trata das “Características Gerais do Currículo de Formação de Professores Indígenas”. Alguns elementos comuns precisam ser considerados como marcos pedagógicos e curriculares da Educação Escolar Indígena, a saber:

- I. Conhecimentos psicossociais e culturais sobre os alunos, sejam eles crianças, jovens ou adultos de ambos os sexos;
- II. Conhecimentos sobre a dimensão cultural, social e política da educação escolar indígena e da educação em geral nas diversas sociedades humanas;
- III. Conhecimentos culturais relativos aos saberes sobre a natureza e a sociedade;

IV. Conhecimentos pedagógicos sobre os processos de produção e socialização dos saberes e dos valores entre as gerações.

Além desses elementos são apresentadas as sugestões metodológicas, que apontam para práticas pedagógicas conduzidas pela perspectiva experiencial, contextualizadas em situações educacionais concretas, registradas, narradas e intercambiadas, pautadas no diálogo e na formulação teórica em situações de formação as mais diversas. (IDEM, p.39).

Em se tratando do Ensino Superior para Indígenas, algumas das manifestações reivindicatórias podem ser identificadas no Relatório Final da I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena-CONEEI, realizada em novembro de 2009, em Luziânia/GO. A I CONEEI foi organizada em três momentos. As Conferências nas Comunidades Educativas, Conferências Regionais e Conferência Nacional.

Segundo o Relatório da CONEEI/2009, as Conferências nas Comunidades Educativas, realizadas em 1.836 escolas indígenas ao longo do ano de 2009, pretenderam dar voz a diferentes atores locais para que expressassem seus consensos com relação ao papel que a educação escolar deve assumir para o fortalecimento cultural e a construção da cidadania indígena, discutissem os avanços conquistados e os desafios que precisam ser enfrentados para a efetividade de uma educação escolar associada a seus projetos societários. As 1.836 conferências nas comunidades educativas garantiram a participação de 45.000 pessoas.

Muitas dessas conferências locais reuniram mais de uma escola ou aldeia. As Conferências Regionais foram espaços para que representantes dos povos indígenas, dirigentes e gestores dos Sistemas de Ensino, Universidades, FUNAI, entidades da sociedade civil e demais instituições refletissem e debatessem a situação atual da oferta da educação escolar indígena e propusessem encaminhamentos para a superação de inúmeros desafios.

Entre dezembro de 2008 e julho de 2009, foram realizadas 18 Conferências Regionais, reunindo 3.600 delegados, 400 convidados e 2.000 observadores (IDEM). No Pará, foram duas Conferências, uma em Marabá e outra em Belém.

A Conferência Nacional foi o momento em que, a partir das reflexões e discussões das etapas locais e regionais, os Delegados e as Delegadas elegeram um conjunto de compromissos compartilhados para orientar a ação institucional visando ao desenvolvimento da Educação Escolar Indígena. 210 povos indígenas participaram. Pela

primeira vez na história do Brasil, foi prevista a garantia de participação de todos os povos indígenas brasileiros (IDEM).

Em termos institucionais, 34 organizações indígenas, 24 Secretarias Estaduais de Educação, 91 Secretarias Municipais de Educação (de 179 municípios que trabalham com escolas indígenas em todo o país), 14 instituições indigenistas e 80 outras instituições do Estado brasileiro participaram da Conferência em suas diversas etapas. Deste modo, a I CONEEI mobilizou 50.000 pessoas entre representantes indígenas, representantes da sociedade civil e do Poder Público que diretamente participaram de alguma etapa do processo da Conferência (IDEM).

Dentre os pontos debatidos e aprovados estão a proposição de um Sistema Próprio de Educação Escolar Indígena. Esta proposta, expressa e defendida em todas as Conferências Regionais prevê a validação de todas as práticas específicas e diferenciadas da escola indígena. Outro ponto importante foi a confirmação dos Territórios Etnoeducacionais, já editado pelo Decreto nº 6.861/2009, como uma nova forma de gestão da educação escolar indígena que, sem romper com o regime de colaboração, estabelece novas formas de pactuar ações visando a oferta de educação escolar a partir do protagonismo indígena (IDEM).

De todos os pontos aprovados, alguns correspondem diretamente à Educação Superior, dos quais vale destacar na Parte 1, que trata da organização e gestão da educação escolar indígena no Brasil:

A) CRIAÇÃO DO SISTEMA PRÓPRIO

O Sistema Próprio de Educação Escolar Indígena deverá estabelecer parcerias com instituições de ensino superior, organizações governamentais e não-governamentais, com comprovada experiência na área e/ou pelas associações indígenas, para garantir a oferta de cursos de formação inicial e continuada de professores, bem como dos demais profissionais envolvidos com a educação escolar indígena, com o devido acompanhamento pedagógico.

B) TERRITÓRIOS ETNOEDUCACIONAIS

A implantação dos Territórios Etnoeducacionais deve ser feita através de amplo processo de discussão sobre: marcos legais específicos; formação presencial de professores indígenas e de demais profissionais indígenas; regulamentação da oferta de ensino a distância; construção das escolas indígenas de acordo com a decisão das comunidades; controle social; gestão dos recursos financeiros destinados às escolas indígenas; implantação ou não de todos os níveis e modalidades de ensino nas aldeias; planos de trabalho dos Territórios; mecanismos de punição para assegurar que os entes federados cumpram com suas responsabilidades.

Na Parte 2, que aborda as Diretrizes para a Educação escolar Indígena:

O MEC e as Secretarias de Educação, em parceria com as organizações indígenas, universidades, organizações governamentais e não governamentais, devem criar programas de assessoria especializada em educação escolar indígena para dar suporte ao funcionamento das escolas.

Que o MEC, em parceria com as Universidades, CAPES e CNPq, IFETs, ONGs e em colaboração com a FUNAI e outros institutos de ensino e pesquisa, apoie a realização de pesquisas linguísticas com a participação dos povos indígenas garantindo o retorno deste material para as comunidades.

Que essas pesquisas sejam realizadas com o consentimento das comunidades a fim de garantir a defesa dos direitos autorais.

A produção de materiais específicos deve envolver professores, especialistas e sábios indígenas.

Na Parte 3, que orienta para as modalidades de ensino na educação escolar indígena:

E) EDUCAÇÃO SUPERIOR

1 O MEC e CNE devem iniciar processo de elaboração das diretrizes para educação superior indígena, contando com ampla participação dos povos e associações indígenas, assegurando, na educação superior, o diálogo entre os conhecimentos indígenas e não-indígenas.

2 Que as Instituições Públicas de Ensino Superior sejam estimuladas e financiadas pelo MEC para implantar, além das licenciaturas, cursos específicos e diferenciados nas diferentes áreas de conhecimento.

3 Que a criação de cursos aconteça a partir de diagnóstico feito nas comunidades indígenas, garantindo a participação das mesmas, inclusive, na definição de critérios para os processos seletivos diferenciados, de modo a atender às suas demandas, estimulando a ampliação de meios de ingresso e permanência de alunos indígenas em seus cursos por meio de programas de apoio pedagógico e bolsas de estudo com valores condizentes com a realidade das cidades visando a conclusão dos mesmos.

4 Que sejam garantidos espaços físicos e políticos nas instituições públicas para criação e manutenção dos cursos.

5 Que estes cursos possam ser oferecidos também dentro dos territórios indígenas.

6 Criação, pelas Universidades, de programas específicos de pesquisa, extensão e pós-graduação para professores e estudantes indígenas em todos os cursos com socialização dos resultados das pesquisas para as comunidades.

7 O MEC deve incentivar a criação, pelas agências financiadoras (CAPES e CNPq), de programas de financiamento de bolsas de pesquisa, extensão e monitoria para estudantes indígenas e sobre a temática indígena junto aos programas de graduação e pós-graduação das Universidades.

8 Que o MEC e demais órgãos de governo priorizem recursos financeiros para formação inicial e continuada de qualidade dos professores indígenas de todos os níveis e modalidades. E que os cursos organizados capacitem para prática pedagógica específica e diferenciada, habilitando para ensinar com qualidade tanto os conteúdos indígenas como os não-indígenas que sejam da necessidade das comunidades indígenas, valorizando a língua materna, o bilingüismo e/ou multilingüismo e as tradições culturais de seus povos.

9 Que o MEC, em colaboração com a FUNAI e outros parceiros e com ampla participação dos povos indígenas, avalie e analise de forma específica os cursos de formação de professores indígenas de nível médio e superior e seu impacto na aprendizagem dos estudantes e na vida da comunidade.

10 Que seja aperfeiçoado o PROLIND para se transformar em uma política permanente do MEC para financiamento do ensino superior para professores indígenas.

E, as Disposições Transitórias, no seguinte item: Enquanto não for implementado o Sistema Próprio de Educação Escolar Indígena, recomenda-se: “Que o MEC crie formas diferenciadas para avaliação institucional das escolas indígenas e reconhecimento dos cursos de licenciatura indígena”.

A II CONEEI ocorreu entre os dias 20 e 22 de março de 2018, nove anos após a primeira. Seguiu a mesma linha de organização, com realização de conferências nas comunidades e conferências regionais. O documento que apresenta seus resultados destaca os avanços obtidos desde a I CONEEI, a saber:

- a) a criação e a pactuação de 25 Territórios Etnoeducacionais (TEEs);
- b) o aumento significativo do ingresso de indígenas na educação superior, com apoio do Programa Bolsa Permanência;
- c) a ampliação dos Cursos de Licenciaturas Interculturais Indígenas;
- d) as normatizações do Conselho Nacional de Educação, na forma de Pareceres e Resoluções (para a Educação Básica nas Escolas Indígenas; para a Formação de Professores Indígenas; para a competência normativa dos Conselhos Estaduais de Educação Escolar Indígena; para a implementação da Lei nº 11.645/2008 sobre o tratamento da temática da sociodiversidade indígena nos currículos das escolas brasileiras; para a orientação quanto a processos educativos, escolares ou não, com povos indígenas de recente contato); e
- e) a criação da Ação “Saberes Indígenas na Escola”, voltada para a formação continuada de professores indígenas atuantes no letramento/numeramento, com foco no uso das línguas maternas e contextualizado nos conhecimentos indígenas e também na produção de materiais didáticos nas distintas línguas indígenas. (2018, p. 08)

Ainda assim, o documento aponta que muito precisa ser feito para avançar na implementação das deliberações da I Conferência. Nesse sentido, a II CONEEI parte da avaliação das conquistas e daquilo que precisa ser alcançado. Trouxe como eixos temáticos de discussão: I. Organização e gestão da educação escolar indígena; II. Práticas pedagógicas diferenciadas na educação escolar indígena; III. Formação e valorização dos professores indígenas; IV. Políticas de atendimento à educação escolar indígena na educação básica; V. Ensino superior e povos indígenas. Após análise e discussões foram aprovadas diversas propostas em cada um dos eixos. Destaca-se:

1. Que a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios valorizem os(as) professores(as) e demais profissionais indígenas da Educação Escolar Indígena, com a aprovação de leis para a criação das categorias de Escola Indígena e Professor Indígena, regulamentação dos planos de cargos, carreiras e salários e realização de concursos públicos específicos e diferenciados, com a garantia de participação indígena nas comissões organizadoras de elaboração dos editais. Nesses documentos, devem estar garantidas as condições adequadas de trabalho e remuneração compatível com as funções e a formação, respeitando a Lei do Piso Salarial Nacional, com resguardo da participação das organizações indígenas e atendimento das demandas e especificidades de cada povo. (EIXO III)
13. Criar política pública de formação de professores(as) indígenas, definindo as atribuições e responsabilidades da União, dos Estados e dos Municípios, com financiamento próprio, para o atendimento às necessidades de indígenas qualificados para as escolas indígenas (professores(as), gestores(as), agentes educacionais e demais profissionais indígenas da comunidade educativa), assegurando a oferta de formação inicial em magistério, pedagogia e licenciaturas, específicas e interculturais, bem como formação continuada e pós-graduação (lato e stricto sensu), nas universidades, nos institutos federais e em outras instituições de educação superior, contemplando todas as áreas do conhecimento, incluindo as línguas indígenas e as diferentes modalidades e etapas da Educação Básica. (EIXO III)

Para além de orientações administrativas e pedagógicas, os resultados das duas Conferências revelam que as representações indígenas se mostram cada vez mais conscientes da necessidade e importância da apropriação do papel da escola para o seu povo. É na participação efetiva das políticas educacionais que devem ser construídas não “para eles”, mas, “com eles”, que se espera que a educação possa estar atendendo aos seus interesses e projetos políticos e culturais, dando respostas às demandas apontadas, de modo a contribuir para os diferentes processos de autonomia e reconhecimento social objetivados pelos povos indígenas.

No ano de 2012, foi promulgada a Resolução Nº5 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação/MEC, de 22 de junho de 2012, que aponta as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, cujos fundamentos da Educação Escolar Indígena se sustentam pelos princípios da igualdade social, da diferença, da especificidade, do bilinguismo e da interculturalidade.

Os artigos tratados na Seção II, Dos professores indígenas: formação e profissionalização, fornecem as orientações necessárias para a formação inicial e continuada de professores indígenas, principalmente em seu Art. 20, que dá as seguintes diretrizes:

Art. 20 Formar indígenas para serem professores e gestores das escolas indígenas deve ser uma das prioridades dos sistemas de ensino e de suas instituições formadoras, visando consolidar a Educação Escolar Indígena como um compromisso público do Estado brasileiro.

§ 1º A formação inicial dos professores indígenas deve ocorrer em cursos específicos de licenciaturas e pedagogias interculturais ou complementarmente, quando for o caso, em outros cursos de licenciatura específica ou, ainda, em cursos de magistério indígena de nível médio na modalidade normal.

§ 2º A formação inicial será ofertada em serviço e, quando for o caso, concomitante com a própria escolarização dos professores indígenas.

§ 3º Os cursos de formação de professores indígenas, em nível médio ou licenciatura, devem enfatizar a constituição de competências referenciadas em conhecimentos, saberes, valores, habilidades e atitudes pautadas nos princípios da Educação Escolar Indígena.

§ 4º A formação de professores indígenas deve estar voltada para a elaboração, o desenvolvimento e a avaliação de currículos e programas próprios, bem como a produção de materiais didáticos específicos e a utilização de metodologias adequadas de ensino e pesquisa.

§ 5º Os sistemas de ensino e suas instituições formadoras devem garantir os meios do acesso, permanência e conclusão exitosa, por meio da elaboração de planos estratégicos diferenciados, para que os professores indígenas tenham uma formação com qualidade sociocultural, em regime de colaboração com outros órgãos de ensino.

§ 6º Os sistemas de ensino e suas instituições formadoras devem assegurar a formação continuada dos professores indígenas, compreendida como componente essencial da profissionalização docente e estratégia de continuidade do processo formativo, articulada à realidade da escola indígena e à formação inicial dos seus professores.

§ 7º O atendimento às necessidades de formação continuada de profissionais do magistério indígena dar-se-á pela oferta de cursos e atividades formativas criadas e desenvolvidas pelas instituições públicas de educação, cultura e pesquisa, em consonância com os projetos das escolas indígenas e dos sistemas de ensino.

§ 8º A formação continuada dos profissionais do magistério indígena dar-se-á por meio de cursos presenciais ou cursos à distância, por meio

de atividades formativas e cursos de atualização, aperfeiçoamento, especialização, bem como programas de mestrado ou doutorado.

§ 9º Organizações indígenas e indigenistas podem ofertar formação inicial e continuada de professores indígenas, desde que solicitadas pelas comunidades indígenas, e terem suas propostas de formação autorizadas e reconhecidas pelos respectivos Conselhos Estaduais de Educação.

A promulgação da Resolução supracitada foi um avanço na oferta de cursos para a formação de professores, particularmente, para as instituições de ensino superior, que passaram a ter um melhor amparo legal para a oferta das licenciaturas interculturais.

Em 2014, foi aprovado o PNE 2014-2024, que parte de diretrizes que visam uma educação mais igualitária e de qualidade e, para tanto, estabelece 20 metas e 256 estratégias para o ensino no país em todos os níveis (infantil, básico e superior). Estados, municípios e federação terão dez anos para alcançar os objetivos propostos.

Sabia e Alaniz (2015) identificam como uma das limitações do atual PNE, ou seja, como um ponto fraco do plano, a ausência de diagnóstico do cenário educacional brasileiro, bem como no desvelamento dos processos avaliativos sobre o cumprimento das metas do PNE 2001- 2011. Os autores partem do pressuposto de que é o diagnóstico que possibilita identificar o que se tem, ou seja, situar cada etapa e modalidade da educação básica ou do nível superior, e a situação do magistério, condições de trabalho e carreira dos profissionais da educação, bem como os investimentos em educação. Devido a falta do diagnóstico, o PNE atual não traduz o conjunto das deliberações aprovadas pela Conferência Nacional de Educação (CONAE/2010). Contudo, representou um esforço coletivo dos educadores para deliberar um documento final que expressasse a educação brasileira que a sociedade deseja.

O PNE 2014-2024 apresenta importantes avanços em termos de investimento, ao adotar 10% do PIB em educação e o custo aluno-qualidade. Entretanto, em relação à Educação Escolar Indígena ratifica os mesmos desafios do PNE 2001-2010, e se termos dos desafios de sua execução. Haja vista, que será necessário superar a perspectiva integracionista e buscar o reconhecimento da pluralidade cultural dos povos indígenas nas relações estabelecidas entre povos indígenas, estados e municípios, que em muitos casos são extremamente conflituosas.

Como havia nos alertado Silva (2002), percebe-se, contudo, que, ao invés de ir além do que já está garantido em outros textos da legislação, explicitando a real

responsabilidade de Estado frente aos desafios da Educação Escolar Indígena, o PNE repete questões já tratadas em leis anteriores, sem avançar em sua especificidade.

Em relação à oferta de cursos de licenciaturas específicas, é na Resolução N° 1, de 7 de janeiro de 2015, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas em cursos de Formação Superior e de Ensino Médio, que teremos um tratamento específico para essa matéria. Nessa Resolução,

A formação inicial de professores indígenas deverá ser realizada em cursos específicos de licenciaturas e pedagogias interculturais e, quando for o caso, em outros cursos de licenciatura, programas especiais de formação pedagógica e aproveitamento de estudos ou, ainda, excepcionalmente, em outros cursos destinados ao magistério indígena de Nível Médio nas modalidades normal ou técnica.

Além do Art. 4° do Capítulo II, Da Construção e do Desenvolvimento de Programas e Cursos Específicos para a Formação de Professores Indígenas, outros Artigos do mesmo Capítulo também garantem:

Art. 5° A formação continuada de professores indígenas dar-se-á por meio de atividades formativas, cursos e programas específicos de atualização, extensão, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado.

Art. 6° Os sistemas de ensino devem garantir aos professores indígenas a formação inicial em serviço e, quando for o caso, a formação inicial e continuada concomitante com a sua escolarização.

§1° A formação inicial e continuada em serviço deve ser assegurada aos professores indígenas, garantindo-se o seu afastamento, sem prejuízo do calendário letivo das escolas indígenas.

§2° Essas garantias são extensivas aos indígenas que atuam na docência e na gestão dos programas de Educação Escolar Indígena, tanto os ofertados nas escolas indígenas quanto os realizados em secretarias de educação, seus órgãos regionalizados e conselhos de educação.

A instituição desses marcos jurídicos específicos para a formação de professores indígenas contribui para a consolidação da Política Indigenista no âmbito das instituições de ensino superior e incita o desafio da garantia dos direitos neles estabelecidos.

Um outro amparo jurídico que não é específico da Educação Escolar Indígena, mas, que também deve-se considerar na oferta de um Curso de Licenciatura Intercultural Indígena é a Resolução N° 2, de 1° de julho de 2015, que instituiu as

Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada.

Em se tratando dos cursos de formação inicial e continuada de profissionais do magistério da educação básica para a educação escolar indígena, a Resolução estabelece, em seu Art. 3º, § 7º, parágrafo I, que:

A formação inicial e continuada de profissionais do magistério para a educação básica da educação escolar indígena, nos termos desta Resolução, deverá considerar as normas e o ordenamento jurídicos próprios, com ensino intercultural e bilíngue, visando à valorização plena das culturas dos povos indígenas e a afirmação e manutenção de sua diversidade étnica.

Apesar dessas novas Diretrizes garantirem que os Cursos de Licenciatura Intercultural Indígena se organizem e se desenvolvam conforme suas próprias diretrizes e ordenamentos jurídicos, faz-se necessário considerar alguns componentes inovadores dos currículos de formação, até o momento não disponibilizados na formação de professores indígenas, como é o caso dos conteúdos tratados no Art. 13º, § 2º, que referem-se aos conteúdos relacionados à formação na área de políticas públicas e gestão da educação, seus fundamentos e metodologias, de faixa geracional e educação especial.

Merecem atenção dois outros aspectos apresentados nessas Diretrizes, e que foram tratados no Capítulo VI que aborda a Formação Continuada dos Profissionais do Magistério, e no Capítulo VII que garante as políticas de valorização dos profissionais do magistério da educação básica.

Sobre a Formação Continuada dos Profissionais do Magistério, o Art. 16 recomenda o seguinte:

A formação continuada compreende dimensões coletivas, organizacionais e profissionais, bem como o repensar do processo pedagógico, dos saberes e valores, e envolve atividades de extensão, grupos de estudos, reuniões pedagógicas, cursos, programas e ações para além da formação mínima exigida ao exercício do magistério na educação básica, tendo como principal finalidade a reflexão sobre a prática educacional e a busca de aperfeiçoamento técnico, pedagógico, ético e político do profissional docente.

Em relação às políticas de valorização dos profissionais do magistério da educação básica destacam-se os Artigos 18 e 19, que fortalecem a luta dos professores

indígenas pelo reconhecimento de sua categoria e da oferta de concurso público específico.

A Resolução nº 2/2019, que consiste na reformulação dos cursos de licenciatura e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação), fundamentada pelo Parecer CNE/CP nº 22/2019, tem influência na formação inicial de professores indígenas ao apresentar em seu Artigo 17 que: “Os cursos de Educação Superior e de Ensino Médio para a Formação de Professores Indígenas devem atender, também, e no que couber, às Diretrizes Curriculares Nacionais específicas instituídas pela Resolução CNE/CP nº 1, de 7 de janeiro de 2015”. Tal Resolução institui competências gerais docentes, bem como as competências específicas e as habilidades correspondentes a elas:

Art. 4º As competências específicas se referem a três dimensões fundamentais, as quais, de modo interdependente e sem hierarquia, se integram e se complementam na ação docente. São elas:

- I - conhecimento profissional;
- II - prática profissional; e
- III - engajamento profissional.

O documento detalha as três dimensões das competências, na dimensão do conhecimento profissional, indicam

- I - dominar os objetos de conhecimento e saber como ensiná-los;
- II - demonstrar conhecimento sobre os estudantes e como eles aprendem;
- III - reconhecer os contextos de vida dos estudantes; e
- IV - conhecer a estrutura e a governança dos sistemas educacionais

Com relação à Prática profissional, expõe

- I - planejar as ações de ensino que resultem em efetivas aprendizagens;
- II - criar e saber gerir os ambientes de aprendizagem;
- III - avaliar o desenvolvimento do educando, a aprendizagem e o ensino; e
- IV - conduzir as práticas pedagógicas dos objetos do conhecimento, as competências e as habilidades.

No que se refere ao Engajamento profissional

- I - comprometer-se com o próprio desenvolvimento profissional;
- II - comprometer-se com a aprendizagem dos estudantes e colocar em prática o princípio de que todos são capazes de aprender;
- III - participar do Projeto Pedagógico da escola e da construção de valores democráticos; e
- IV - engajar-se, profissionalmente, com as famílias e com a comunidade, visando melhorar o ambiente escolar.

A organização da Formação Inicial de Professores dar-se-á em três grupos com carga horária de, no mínimo, 3.200 horas cada um, de acordo com o seguinte:

- I - Grupo I: 800 (oitocentas) horas, para a base comum que compreende os conhecimentos científicos, educacionais e pedagógicos e fundamentam a educação e suas articulações com os sistemas, as escolas e as práticas educacionais.
- II - Grupo II: 1.600 (mil e seiscentas) horas, para a aprendizagem dos conteúdos específicos das áreas, componentes, unidades temáticas e objetos de conhecimento da BNCC, e para o domínio pedagógico desses conteúdos.
- III - Grupo III: 800 (oitocentas) horas, prática pedagógica, assim distribuídas:
 - a) 400 (quatrocentas) horas para o estágio supervisionado, em situação real de trabalho em escola, segundo o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) da instituição formadora; e
 - b) 400 (quatrocentas) horas para a prática dos componentes curriculares dos Grupos I e II, distribuídas ao longo do curso, desde o seu início, segundo o PPC da instituição formadora.

No Grupo I são tratadas as temáticas relativas a currículos e seus marcos legais; currículos e seus marcos legais; metodologias, práticas de ensino ou didáticas específicas dos conteúdos a serem ensinados; gestão escolar; marcos legais, conhecimentos e conceitos básicos da Educação Especial; interpretação e utilização, na prática docente, dos indicadores e das informações presentes nas avaliações do desempenho escolar; desenvolvimento acadêmico e profissional próprio; conhecimento da cultura da escola, o que pode facilitar a mediação dos conflitos; compreensão dos fundamentos históricos, sociológicos e filosóficos; conhecimento das grandes vertentes teóricas que explicam os processos de desenvolvimento e de aprendizagem; conhecimento sobre como as pessoas aprendem, entendimento sobre o sistema educacional brasileiro; compreensão dos contextos socioculturais dos estudantes e dos seus territórios educativos.

O Grupo II aborda:

aprofundamento de estudos na etapa e/ou no componente curricular ou área de conhecimento, a carga horária de 1.600 horas deve efetivar-se do 2º ao 4º ano, segundo os três tipos de cursos, respectivamente destinados à:

I - formação de professores multidisciplinares da Educação Infantil;

II - formação de professores multidisciplinares dos anos iniciais do Ensino Fundamental; e

III - formação de professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

No grupo III inserem as atividades relacionada a prática pedagógica docente

deve estar intrinsecamente articulada, desde o primeiro ano do curso, com os estudos e com a prática previstos nos componentes curriculares, e devem ser assim distribuídas: 400 (quatrocentas) horas de estágio supervisionado, em ambiente de ensino e aprendizagem; e 400 horas, ao longo do curso, entre os temas dos Grupos I e II.

A BNC-Formação deixa claro seu atrelamento ao documento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no entanto, a educação escolar indígena e a formação de professores indígenas devem ser atendidas de acordo com os preceitos destacados nos documentos legais que salvaguardam os direitos dos povos indígenas a uma educação específica, diferenciada, intercultural e bi/multilíngue. Esta garantia foi estabelecida nas tecituras pedagógicas elaborados neste Projeto.

3. A FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS NO PARÁ

3.1. Os Povos Indígenas do Pará

A maior concentração de povos indígenas em território brasileiro encontra-se na região Norte do Brasil. Estima-se que aproximadamente 40% do total da população indígena habita a região, sendo o Pará o segundo estado com maior número de indígenas (IBGE, 2010). Em todo o território paraense são mais de 50 povos indígenas, em 62 Terras Indígenas delimitadas, declaradas, homologadas, regularizadas, encaminhadas e em estudo (FUNAI, 2016).

Para Santos (2011) torna-se importante destacar que a ausência de reconhecimento de determinadas áreas indígenas ou ainda, a morosidade nos processos de identificação, demarcação e homologação destas terras, torna as mesmas vulneráveis às ameaças de fazendeiros, invasores de grandes empreendimentos e interesses políticos. Haja vista, que os territórios indígenas se encontram em áreas de importante relevância biológica e recursos hídricos, faunísticos, florísticos e minerais, cujo valor

econômico tem gerado assédio, conflitos fundiários e violações aos direitos socioculturais garantidos por lei.

O Estado do Pará concentra em seu território, a segunda maior população indígena do Brasil, estima-se aproximadamente, um contingente de 60 mil indígenas (UFOPA, 2016) distribuídos em mais de 55 etnias ao longo de todo o estado. As etnias indígenas presentes no território paraense ocupam em torno de 77 terras indígenas em 52 (UFOPA, 2016) dos 144 municípios existentes.

Os povos indígenas paraenses são falantes de línguas pertencentes a três grandes troncos linguísticos: tupi e tupi guarani, macro-jê, jê-Kayapó e jê-timbira, e karib (MAGALHÃES, 2001).

É importante ressaltar que, apesar de toda a dominação linguística experienciada pelos indígenas na Amazônia, durante muito tempo, mais de duzentos anos, o Nhegatu ou Língua Geral Amazônica foi a língua mais utilizada e:

[...] influenciou não só o Português amazônico, mas também muitas línguas indígenas de outras famílias, do tronco Tupí e de outras filiações genéticas, como o Jurúna do rio Xingu, o Mawé e o Mundurukú do rio Tapajós, o Pirahã (Múra) do rio Madeira, o Tikúna do rio Solimões e línguas da família Karib ao norte do rio Amazonas. Na bacia do rio Negro várias línguas indígenas foram inteiramente substituídas pela Língua Geral Amazônica, como é o caso da língua dos Baré, no município de São Gabriel da Cachoeira (RODRIGUES, 2002, p.7-8).

Hoje, a situação sociolinguística das etnias paraenses é bastante diversificada, pois há povos que convivem em contextos bi (multilíngues) e outros que convivem com a tentativa de reavivamento da língua indígena, em decorrência dos processos de colonização e imposição linguística vivenciados pelos indígenas no Pará e no Brasil.

Algumas questões de ordem econômica, política e social têm acompanhado, de forma perversa, os povos indígenas do Pará e impedido que a demarcação territorial e a preservação de suas terras se efetivem na forma da Constituição Federal de 1988, que prevê em seu artigo 231 o reconhecimento do direito à terra originariamente ocupada pelos povos indígenas e do que rege a Convenção 169 da OIT, que garante a consulta prévia aos indígenas sobre qualquer medida que venha a afetá-los. Usinas hidrelétricas como Tucuruí e Belo Monte, projetos predatórios de agronegócio, exploração desenfreada de madeira e minérios têm sido desenvolvidos em terras indígenas, obrigando as etnias, muitas vezes, a viver sob constantes intimidações. Por último, a

Proposta de Emenda Constitucional 215/2000 que prevê o marco temporal e a alteração da demarcação das terras indígenas, causando uma insegurança ainda maior aos direitos outrora conquistados.

Tabela 01 – Terras e Povos Indígenas do Pará

TERRA INDIGENA	POVO INDÍGENA	UF	MUNICÍPIO
Alto Rio Guamá	Tembé e Timbira	PA	Garrafão do Norte, Nova Esperança do Piriá, Paragominas, Santa Luzia do Pará
Anambé	Anambé	PA	Moju
Andirá-Marau	Sateré-Maué	AM/PA	Parintins, Aveiro, Maués, Barreirinha, Itaituba
Apyterewa	Parakanã	PA	São Félix do Xingu
Arara	Arara	PA	Medicilândia, Altamira, Brasil Novo, Uruará
Arara de Volta Grande do Xingu	Arara	PA	Senador José Porfírio
Araweté Igarapé Ipixuna	Araweté	PA	Senador José Porfírio, São Félix do Xingu, Altamira
Areal	Tembé	PA	Santa Maria do Pará
Badjonkore	Kayapó	PA	São Félix do Xingu, Cumaru do Norte
Barreirinha	Amanayé	PA	Paragominas
Baú	Kayapó	PA	Altamira
Borari de Alter do Chão	Borari	PA	Santarém
Bragança-Marituba	Mundurukú	PA	Belterra
Cachoeira Seca	Arara	PA	Altamira, Placas, Uruará
Cobra Grande	Arapiun, Jaraqui e Tapajó	PA	Santarém
Escrivão	Maytapu, Munduruku	PA	Aveiro
Ituna/Itata (restrição de uso)	Isolados	PA	Altamira, Anapu, Senador José Porfírio
Jeju	Tembé	PA	Santa Maria do Pará
Juruna Km 17	Juruna	PA	Vitória do Xingu
Kapôt Nhinore	Kayapó	MT/PA	São Félix do Xingu, Santa Cruz do Xingu, Vila Rica
Karajá Santana do Araguaia	Karajá	PA	Santa Maria das Barreiras
Kararaô	Kayapó	PA	Altamira
Kaxuyana/Tunayana	Kaxuyana, Tunayana, Kahyana, Katuena, Mawayana, Tikiyana, Xereu-Hixkaryana, Isolados	AM/PA	Oriximiná, Nhamundá, Faro
Kayabi	Kayabi	MT/PA	Apiacás e Jacareacanga
Kayapó	Kayapó	PA	Cumaru do Norte, Bannach, Ourilândia do Norte, São Félix do Xingu
Koatinemo	Assurini do Xingu	PA	Altamira, Senador José Porfírio
Kuruáya	Kuruáya	PA	Altamira
Las Casas	Kayapó	PA	Pau D'Arco, Floresta do Araguaia, Redenção
Mãe Maria	Gavião	PA	Bom Jesus do Tocantins
Maracaxi	Tembé	PA	Aurora do Pará
Maranduba	Karajá	PA/TO	Araguacema, Santa Maria das Barreiras

Maró	Arapiun	PA	Santarém
Menkragnoti	Kayapó	MT/PA	Altamira, Matupa, Peixoto Azevedo, São Félix do Xingu
Munduruku	Munduruku	PA	Jacareacanga
Munduruku-Taquara	Munduruku	PA	Belterra
Nhamundá/Mapuera	Hixkaryána, Wai Wai	AM/PA	Oriximiná, Faro, Uruará, Nhamundá
Nova Jacundá	Guarani Mbya	PA	Rondon do Pará
Pacajá	Asurini do Tocantins	PA	Portel
Panará	Panará	MT/PA	Altamira, Matupá, Garantã do Norte
Paquiçamba	Yudjá	PA	Vitória do Xingu
Parakanã	Parakanã	PA	Itupiranga, Novo Repartimento
Parque do Tumucumaque	Wayana, Apalai	AP/PA	Almerim, Oriximiná, Laranjal do Jari, Óbidos, Alenquer
Praia do Índio	Munduruku	PA	Itaituba
Praia do Mangue	Munduruku	PA	Itaituba
Rio Paru Deste	Apalai, Wayana	PA	Alenquer, Almerim, Monte Alegre
Sai-Cinza	Munduruku	PA	Jacareacanga
Sarauá	Amanayé	PA	Ipixuna do Pará
Sawré Apompu (Km 43)	Munduruku	PA	Itaituba e Trairão
Sawré Juybu (São Luiz do tapajós)	Munduruku	PA	Itaituba e Trairão
Sawré Muybu (Pimentel)	Munduruku	PA	Itaituba e Trairão
Sororó	Surui do Pará	PA	Marabá, São Domingos do Araguaia, São Geraldo do Araguaia
Tembé	Tembé	PA	Tomé-Açu
Trincheira Bacajá	Araweté, Asurini do Xingu	PA	Senador José Porfírio, São Félix do Xingu, Altamira, Anapu
Trocará	Asurini do Tocantins	PA	Baião, Tucuruí
Trocará-Doação	Asurini do Tocantins	PA	Tucuruí
Trombetas/Mapuera	Waimiri Atroari, Katuena, Karafawayana, Isolados, Hixkaryana, Sikiyana, Tunayana, Wai Wai, Xereu	AM/PA/RR	Caroebe, Faro, Nhamundá, Oriximiná, São João da Baliza, Uruará
Turé-Mariquita	Tembé	PA	Tomé-Açu
Turé-Mariquita II	Tembé	PA	Tomé-Açu
Xikrin do Rio Cateté	Kayapó	PA	Água Azul do Norte, Marabá, Parauapebas
Xipayá	Xipayá, Kuruaya	PA	Altamira
Zoe	Zo'ê	PA	Óbidos

Fonte: FUNAI, 2016

Sem dúvida uma das lutas principais que preocupam os povos indígenas do Pará é a luta pela terra e os preconceitos que essa luta levanta sobre eles. Não é possível imaginar um povo indígena sem sua terra. Por isso a defesa do território equivale à defesa da própria existência. E, é no contexto de luta que a educação na categoria política deve acontecer. Haja vista que a existência e o direito à educação escolarizada específica/intercultural estão pautados nas relações decoloniais estabelecidas entre

indígenas e não-indígenas. A educação escolarizada, portanto, deverá permitir a apropriação de códigos e a aprendizagem de estratégias de resistência.

3.2. Educação Escolar Indígena no Pará e a Formação de Professores Indígenas

Antes de traçarmos a trajetória da educação escolar indígena no estado do Pará, é importante ressaltar que a oferta de uma educação escolar aos povos indígenas no Brasil, foi marcada por processos que imprimiram a essa modalidade significações bastante consonantes com o momento sociopolítico que se vivenciava no Brasil de outrora. Assim, no período colonial, tivemos em um primeiro momento, uma educação de caráter missionária e evangelizatória; já sob a tutela da FUNAI, em um segundo momento da história, temos a educação integracionista, que ainda não conseguia imprimir à oferta, o respeito à diversidade sociocultural e linguística dos indígenas; em um terceiro momento, em meio à ditadura militar, a oferta começa a ganhar contornos diferenciados a partir da organização de movimentos indígenas em prol de uma educação mais próxima de suas realidades; e por fim, a partir de 1980, com a consolidação dos movimentos indígenas, têm-se uma educação que procura representar de forma mais apropriada a necessidade e a realidade dessas etnias (NASCIMENTO, 2010).

Essa longa caminhada de discussões refletiu na assembleia Constituinte de 1988, no decreto presidencial nº26/91 do Governo Collor e na publicação da Portaria Interministerial 559 de 16 de abril de 1991, produzida, conjuntamente, pelos Ministérios da Educação e da Justiça, que trata da *educação escolar dos povos indígenas*, e propõe, dentre outras coisas, que:

as escolas indígenas deixarão de ser um instrumento de imposição de valores e normas culturais da sociedade envolvente, para se tornarem um novo espaço de ensino-aprendizagem, fundada na construção coletiva de conhecimentos, que reflita as expectativas e interesses de cada grupo étnico (BRASIL, 1991).

Em meio à efervescência da Constituição Federal de 1988, que reconheceu no artigo 231 as formas próprias de organização dos povos originários, e possibilitou o pensar uma educação que deixasse de lado o caráter missionário e integracionista imposto à educação escolar indígena, é que a educação escolar passa a ser vista como um direito dos povos indígenas. É nesse cenário que a educação escolar indígena

paraense ganha destaque a partir da assinatura em 1989 de um convênio firmado entre a Secretaria de Educação do Estado do Pará (SEDUC-PA), a Fundação Nacional do Índio, a Companhia Vale do Rio Doce e o povo Parkatêjê, para a oferta de turmas do ensino fundamental para atender aos indígenas da Aldeia Mãe Maria, que atualmente faz parte do município de Bom Jesus do Tocantins.

A promulgação da Resolução nº 880 de 16 de dezembro de 1999 foi outro importante ponto de destaque na consolidação da educação escolar indígena em território paraense. A Resolução fixou normas para o funcionamento e a estrutura das escolas indígenas e assegurou dentre outras medidas, o atendimento à realidade sociolinguística das etnias atendidas; um calendário específico que desse conta de atender à demanda sociocultural de cada povo e a prioridade a atuação de professores indígenas. Este último ponto, da atuação de docentes indígenas nas escolas, garantiu a oferta de formação específica aos professores indígenas.

Com a aprovação do Plano Nacional de Educação, em 2001, outro importante destaque às ações de formação docente se firma no Pará, a implantação do Magistério indígena a partir da Resolução nº257 de 22 de maio de 2003. A Resolução nº257 asseverou a formação em nível médio, de diversos professores indígenas entre as muitas etnias presentes no estado. O Magistério Indígena começou a funcionar em 2004 sob o Projeto de uma escola itinerante e com a finalidade de atender cinco polos compostos por alunos das mais variadas etnias. Por contar com recursos oriundos de diversas fontes o programa FUNDESCOLA, o FNDE, o PAR (SEDUC-PA, 2002), teve de enfrentar as dificuldades orçamentárias impostas. Dessa forma, algumas turmas demoraram até oito anos para concluir uma formação de nível médio que levaria apenas três anos.

Em 2002, a Carta dos Povos Indígenas, documento final da Semana dos Povos Indígenas, realizada em abril de 2007 em Belém, trouxe para a pauta importantes reivindicações para a formação de professores indígenas, dentre elas, implantação de cursos de formação de professores indígenas; garantia da atuação de professores indígenas nas aldeias; quando, da necessidade de atuação de professores não indígenas, que eles passem por formações antes de adentrar nas aldeias; contratação de professores indígenas para o ensino da língua materna; redução do tempo de formação do magistério indígena; garantia de material pedagógico para os professores; e garantia de concurso público para os professores (CARTA DOS POVOS INDÍGENAS, 2007).

Algumas das pautas trazidas pela Carta foram atendidas nos últimos quatorze anos, outras, ainda fazem parte das lutas da educação escolar indígena. Outra importante conquista, ainda em 2007, foi a implantação da Turma de Ensino Médio Integrado para atender a 220 alunos da etnia Munduruku. O curso visava formar alunos em três áreas: agroecologia, enfermagem e médio normal e foi resultante de um acordo entre a Secretaria de Educação do Estado e a Associação Indígena Pahyhyp.

Já em 2009, tivemos a implantação, pela SEDUC, do ensino médio modular em algumas aldeias indígenas. Também em 2009, a partir do Decreto nº6.861, foi definida uma nova forma de organização da educação escolar indígena, os territórios etnoeducacionais. No estado do Pará, quatro territórios foram acordados – Ixamná (povo Wai Wai), Tapajós-Arapiun, Médio Xingu e Mebengokre (Kayapó) (PPC – INTERCULTURAL INDÍGENA - UEPA, 2016).

No ano de 2012, a Universidade do Estado do Pará implantou o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. O Curso, resultante de um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) – visava promover a formação inicial de professores indígenas para atuar em três grandes áreas: Linguagens e suas Tecnologias, Ciências da Natureza e Matemática e Ciências humanas e Sociais (PPC – INTERCULTURAL INDÍGENA - UEPA, 2016).

A UEPA, além de garantir a formação inicial de professores indígenas, desde 2017, oferta a formação continuada em cursos de pós-graduação, como o Curso de Especialização Docência em Educação Escolar Indígena e o Mestrado Profissional, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar Indígena-PPGEEI, aprovado, em 2019, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-CAPES.

Como nos ajuda a entender Grupioni (2003), os vários projetos de formação de professores indígenas, em andamento em diferentes regiões do País, vêm demonstrando que isto não só é possível como desejável e altamente rentável em termos pedagógicos e políticos, afastando-se, com isso, do modelo em que professores não-índios lecionavam em português para alunos monolíngues em suas línguas maternas, assessorados por monitores indígenas responsáveis pela tradução daquilo que se pretendia ensinar. Assim, o que se assiste hoje em todo o Brasil é a difusão de um novo modelo em que índios pertencentes a suas respectivas comunidades são por elas escolhidos para serem formados e assumirem a docência das escolas indígenas, enquanto protagonistas de uma nova proposta de educação.

Ainda para o autor, nesta nova proposta educacional, que rompe com um padrão de escolarização guiado por intenções catequizadoras e/ou civilizatórias, a escola indígena deixa de ser o instrumento de negação da diferença. Orientada pelo respeito à diversidade cultural e linguística, que marca a existência dos mais de 210 povos indígenas que vivem no Brasil contemporâneo, essa nova escola se propõe potencializar as expressões de identidades culturais que, informadas por sentimentos distintos e particulares de pertencimento étnico, se inserem no movimento de busca de novas formas de relacionamento com os demais segmentos da sociedade brasileira, a serem pautadas pelo respeito mútuo, pelo exercício da compreensão e pela tolerância.

A atualidade das reflexões de Grupioni nos fazem concordar que esse é um processo que vem ganhando força e amplitude nos últimos anos, e que sua origem está nas experiências pioneiras geradas no âmbito do movimento da sociedade civil de apoio aos indígenas, que, contra ações governamentais autoritárias, formularam e praticaram novos modelos de escolarização e geraram idéias, conceitos e práticas que influenciaram não só a política do Estado, mas também a legislação que lhe dá sustentação. Nesse processo, deixaram de ser consideradas como experiências alternativas para serem estudadas e difundidas como experiências de vanguarda, capazes de formular paradigmas a serem testados em outros contextos, por novos agentes. Hoje, a novidade é que esses processos passaram a ser geridos por técnicos governamentais, enquanto política pública. Passou-se do micro ao macro, ampliando-se o número de professores indígenas envolvidos, bem como o de especialistas, técnicos e instâncias governamentais, agências de financiamento e universidades.

No Pará, mesmo com as dificuldades por vezes manifestadas pelos professores indígenas e por técnicos das Secretarias Municipais e Estadual, o número de escolas indígenas tem aumentado nos últimos anos, assim como, o acesso ao Magistério Indígena e ao Ensino Médio, o que conseqüentemente tem instigado as lideranças a participarem cada vez mais do movimento indígena pelo acesso ao Ensino Superior, e em particular ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena. A UEPA tem buscado corresponder às demandas e tem desenvolvido o Curso respeitando o perfil de cada povo indígena.

Como perspectivas futuras para a formação de professores indígenas faz-se necessário destacarmos as mudanças no processo de formação, que vem sendo impulsionadas pelo cenário pandêmico, como este da pandemia do Covid-19. É notório

que as comunicações interpessoais, via internet e ao vivo, realizadas em diferentes suportes e por variadas plataformas, reunindo grupos de pessoas geralmente em lugares distanciados, as chamadas *Lives* (viver/ “ao vivo”), eclodiram no contexto das Instituições Educacionais Brasileiras, em que as orientações sanitárias apontavam para o isolamento social como essencial para o controle pandêmico (GATTI; SHAW; PEREIRA, 2021).

A possibilidade de “viver” a presença, sem estar fisicamente presente, de interagir virtual e simultaneamente, proporcionada pelas *lives*, rapidamente se tornou um procedimento educativo, como caminho didático alternativo de ensinar e aprender, ou seja, como um novo arranjo “espacial” da sala de aula. Sua utilização cresceu, também, na realização de eventos científicos com centenas ou milhares de participantes, mostrando-se um caminho viável para a continuidade das comunicações educacionais e científicas (IDEM).

Assim como as demais escolas da rede, as escolas indígenas também tiveram que interromper as atividades presenciais por conta da pandemia. E se assegurar o acesso às atividades de ensino remoto a todos os estudantes foi uma tarefa complexa até mesmo nos grandes centros urbanos, nas escolas indígenas o desafio foi ainda maior, por conta, do acesso precário à internet em muitas aldeias, além dos problemas históricos como a falta de água na aldeia e de estrutura adequada das escolas, entre outros.

A pandemia de covid-19 mudou drasticamente a vida nas aldeias indígenas. O isolamento social alterou o cotidiano das famílias, fragilizou a continuidade no repasse dos saberes ancestrais com a morte de muitos sábios indígenas, impactou a renda e comprometeu a educação nas escolas fechadas em função da crise sanitária. Junte-se ao fato de que o ensino à distância não foi viável para muitos alunos que não dispõem dos equipamentos eletrônicos com os recursos digitais necessários e têm limitado acesso à internet. Para dar continuidade ao ensino escolar, muitos professores indígenas tiveram que fazer adaptações. Muitos organizaram, imprimiram e entregaram material escolar na casa dos alunos ou em um ponto de encontro combinado, como a porteira da aldeia, sem deixar de lado os cuidados com a pandemia.

Diante desse cenário pandêmico, o ensino e a formação dos professores indígenas precisam ser redimensionados para estratégias menos excludentes possíveis, já que na maioria das vezes, a falta de melhores e adequados investimentos nas

estruturas e tecnologias das escolas das aldeias, pelos gestores das secretarias de educação, desconsideram as especificidades da Educação Escolar Indígena. A formação deverá oportunizar a todos acesso ao conhecimento das novas tecnologias, respeitando-se os interesses e necessidades de cada povo indígena. Ensinar e aprender vão exigir novas configurações do ponto de vista político, físico e metodológico.

O Curso de Licenciatura Intercultural Indígena vigilante e conectado às constantes mudanças ocorridas no ambiente econômico, político, social e cultural, projeta-se para uma formação referenciada por epistemologias e metodologias que possibilitem ao graduando indígena a aquisição, utilização e ampliação de conhecimentos inovadores que permitam a otimização do uso da tecnologia na educação, aprimorando e integrando novas ferramentas ao currículo a fim de proporcionar maior compreensão e domínio das novas tecnologias da comunicação. Inclusive, com a perspectiva de utilização desses conhecimentos para o fortalecimento identitário e cultural dos povos indígenas.

4. POLÍTICA LINGUÍSTICA DO CURSO

Brostolin (2003), estimou que a população indígena chegasse a 6 milhões de habitantes, falando aproximadamente 1.300 línguas indígenas antes do processo de colonização. O projeto de colonização causou sérios impactos nas estruturas e sistemas de vida dos povos indígenas que habitavam o Brasil, devido às investidas de dominação, violência e opressão do colonizador, o que interferiu de forma determinante nas manifestações identitárias referenciadas pela cosmovisão dos povos indígenas e, principalmente, na perda das práticas de suas línguas. Nesse processo, vale um destaque para a língua Tupinambá, que por ser a mais falada ao longo da costa atlântica, foi incorporada por grande parte dos colonos e missionários, sendo ensinada aos índios nas missões e reconhecida como Língua Geral ou Nheengatu (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2010).

Para Paula (2016) as línguas indígenas faladas em território brasileiro atravessam diferentes situações sociolinguísticas, que vão de um monolinguismo em língua indígena a um bilinguismo gradual em que a língua indígena vai se deslocando pela presença da língua portuguesa. A este quadro somam-se os povos indígenas que só falam o Português. Essa diminuição do número de povos e línguas indígenas, quadro conhecido como glotocídio, teve início com a colonização e, de certa forma, perdura até

hoje, pelos mais variados motivos. O processo de contato resultou, portanto, em uma gradativa perda das manifestações culturais características e, em alguns casos, até da língua indígena, o que ocasionou uma situação desastrosa de deslocamento linguístico, que, de certa forma, perdura como uma memória de sofrimento e a busca de superação de tal processo.

A perda de uma língua indígena muitas vezes acontece muito rapidamente, num espaço de três gerações, onde a comunidade antes monolíngue em língua indígena, se torna bilíngue (português/língua indígena) e depois volta a ser monolíngue novamente, só que desta vez, em língua portuguesa. Isso acontece quando poucos são os falantes ou quando os pais não mais se comunicam com seus filhos usando a língua materna. Nesse cenário, comprova-se que de certa forma, a escola contribuiu para o desprestígio e quase desaparecimento das línguas indígenas (BROSTOLIN, 2003).

Oliveira (2005) sintetizou esse cenário da seguinte maneira:

O Brasil tem uma triste tradição de políticas de destruição do patrimônio linguístico nacional. [...] Nenhum país da América Latina manteve tanta coerência entre o Diretório dos Índios do Marquês de Pombal – de 1753 – de um lado, e as 143 páginas de legislação anti-línguas produzido entre 1911 e 1945, recentemente compiladas pelo IPOL – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística –, e que atingiu seu ponto alto na chamada Campanha de Nacionalização do Ensino do Estado Novo varguista. Pombal atacou as línguas indígenas e muito especialmente a Língua Geral, conhecido leigamente como Tupi; Vargas se concentrou nas línguas de imigração, com respingos importantes contra as línguas indígenas. Em vários outros momentos da nossa história, porém, podemos identificar os dispositivos de construção do monolinguismo e a violência desencadeada contra cidadãos brasileiros por causa das línguas que falavam. A política de estado no Brasil sempre foi a política da língua única (OLIVEIRA, 2005, p. 2).

Diante disso, aprender e saber usar a língua portuguesa na escola é um dos meios de que os povos indígenas dispõem para interpretar e compreender as bases legais que orientam a vida no país, sobretudo, aquelas que dizem respeito aos direitos dos povos indígenas. Ressalta-se que todos os documentos que regulam a vida da sociedade brasileira são escritos em português: as leis, principalmente a Constituição, os regulamentos, os documentos pessoais, os contratos, os títulos, os registros e os estatutos (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2010). Nesse sentido, a apropriação desses códigos é necessária no diálogo igualitário com a sociedade não indígena.

Para os povos indígenas que vivem no Brasil, a língua portuguesa pode ser um instrumento de defesa de seus direitos legais, econômicos e políticos; um meio de

ampliar o seu conhecimento e o da humanidade; um recurso para serem reconhecidos e respeitados, nacional e internacionalmente em sua diversidade; e um canal importante para se relacionarem entre si e para firmarem posições políticas comuns (POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2010).

Mas, como conciliar a necessidade de acesso a uma outra língua, geralmente, a língua portuguesa, que, do ponto de vista indígena, pode possibilitar-lhes a inclusão social, econômica e política na sociedade nacional com a necessidade de reafirmação de uma língua de pertencimento (língua indígena)?

Esse impasse foi uma das questões debatidas no Grupo de Trabalho Temático-GTT sobre as Diretrizes para o Ensino Superior Indígena, no XV Seminário Nacional de Educação Superior Indígena realizado no período de 25 a 27 de outubro de 2010, na Universidade Federal de Roraima.

O debate no GTT ocorreu a partir do documento elaborado no Seminário Interculturalidade e Formação de Professores Indígenas: análise das experiências em curso, realizado no período de 13 a 16 de outubro de 2010, na Universidade Federal de Minas Gerais, que apresentava alguns desafios identificados sobre o tema políticas linguísticas nas licenciaturas interculturais.

Destaca-se os seguintes encaminhamentos elaborados do debate:

- Considerar que muitos povos são monolíngues em Português, e que por isso torna-se necessário a aprendizagem de uma outra língua como por exemplo o Nheengatu (já adotado pelo povo Mura-AM).
- Incentivar pesquisas que resgatem o vocabulário de povos que perderam a língua indígena.
- Definir com as lideranças e comunidades indígenas a política linguística que será adotada no projeto de formação.

Em concordância com Paula (2016) pensamos que elaborar políticas linguísticas, para um país com uma história marcada pela negação da língua indígena e pelo descaso com as políticas públicas, não é uma tarefa fácil. O tamanho do território e as peculiaridades de cada grupo de falantes e de cada comunidade indígena demonstram, para os estudiosos da língua, os grandes desafios que devem ser enfrentados. Além disto, as políticas linguísticas são processos em que se movem grupos de pessoas com interesses e visões muito diferentes e que, por vezes, apresenta-se como tarefa complexa e que requer certa obstinação.

Ao referenciar Daoust e Maurais (2005, p. 1), a autora nos faz refletir que a complexidade do fenômeno linguístico e a complexidade do sistema que envolve as línguas nos faz acreditar que a cada caso de política linguística constitui quase um caso específico, dada a diversidade das situações sociolinguísticas, sociopolíticas, socioeconômicas e socioculturais que condicionam a elaboração das políticas linguísticas mais ou menos oficiais. Desse modo, cada comunidade deve ter uma política linguística diferenciada, pois, por mais simples que elas possam parecer, têm uma complexidade intrínseca, e seus desdobramentos devem visar entender as peculiaridades daquele grupo.

Nesse Projeto, vamos utilizar a expressão Política Linguística, uma vez que compreendemos com Paula (2016) que ela engloba todo o processo, ou seja, considera o planejamento como atividade intrínseca à política linguística. Contudo, é importante destacar que a polissemia do termo política linguística, bem como a aproximação entre planejamento e política, provocou uma dupla orientação teórica ao campo, influenciando as abordagens teórico-metodológicas. Essa dicotomia entre uma abordagem mais técnica e outra mais política vem promovendo discussões entre os teóricos que pesquisam a área como também sendo alvo de críticas.

Em termos sociolinguísticos, os povos indígenas do estado do Pará apresentam diferentes realidades. Há aldeias em que a língua indígena é a primeira língua, outras em que o português se tornou a primeira língua, e outras ainda em que as duas línguas convivem nos diferentes grupos familiares, a depender de sua origem e procedência e de outras situações em que a língua indígena é utilizada em espaços específicos. Por este motivo, em termos de Políticas Linguísticas deste Projeto, teremos o desenvolvimento da formação em língua portuguesa (em atendimento à legislação e aos interesses dos povos indígenas) e em língua indígena (na condição de primeira ou segunda língua, no fortalecimento cosmológico e identitário dos povos indígenas), o que também refletirá nas produções didáticas, orais e/ou escritas como resultados das formações.

No desenvolvimento dessas ações, a Assessoria Linguística do NUFÍ tem papel fundamental. Desde em 2012, a Assessoria Linguística tem acompanhado o processo de discussão, apresentação e implementação do Projeto Político Pedagógico do Curso, acompanhando o seu processo seletivo diferenciado para ingresso, o fortalecimento e o ensino das línguas indígenas, como um dos aspectos fundamentais

no processo das práticas pedagógicas e culturais, no campo da formação de professores indígenas.

Quanto a isso é importante mencionar que o trabalho de assessoramento linguístico do NUFI no que se refere ao desenvolvimento de tradições escritas nas línguas indígenas, referenda a autonomia e o protagonismo indígena, na questão comentada pelo pesquisador e linguista Oliveira (1999, p.33-34).

A questão é muito simples: se a escrita e seu ensino na escola devem fazer algum sentido para as comunidades indígenas, é preciso que a escrita exista fora da escola, isto é, é preciso que existam materiais escritos circulando nas línguas indígenas, é preciso que esses materiais escritos sejam expressão de interesses de leitura, de aprendizado, de lazer, de informação das populações indígenas. Assim, (...) Aqui acredito tocar centralmente no assunto alteridade: respeitar a diferença dos povos indígenas é oferecer-lhes aquilo que precisam e querem quando precisam e querem.

Outro campo de atuação da Assessoria Linguística do NUFI está no assessoramento em ações de políticas linguísticas com povos indígenas desenvolvidas pelas esferas estadual e municipal, no que se refere a colaborações em pareceres sociolinguísticos sobre as línguas indígenas e em projetos de assessoramento linguístico e educacional, como foi o realizado junto às Secretarias do Estado do Pará, para povo indígena Warao – Venezuela, no ano de 2018.

Ressalva-se que a Assessoria Linguística conta com docentes colaboradores com expertise no campo das linguagens, também nos projetos educacionais de formação, pesquisa e extensão, com foco na educação indígena, desenvolvidos nas esferas federais como o Projeto Saberes Indígenas na Escola (FNDE), o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID, o Programa institucional Residência Pedagógica, além do assessoramento linguístico nos *fóruns* de discussão dos projetos linguísticos e pedagógicos dos cursos de graduação e pós-graduação em Educação Escolar Indígena, desenvolvidos pela Universidade do Estado do Pará.

Acreditamos que a atuação da Assessoria Linguística do NUFI dará o suporte linguístico adequado às particularidades culturais dos diferentes grupos, que foi a opção mais adequada a este projeto. Para tal, é importante que a atuação ocorra também durante a formação docente, para que tenhamos professores cada vez mais

qualificados para a formação de professores indígenas preparados para a elaboração de currículos e programas específicos para as escolas indígenas, e que contemplem o ensino linguístico de acordo com sua realidade, incorporando os conhecimentos e saberes tradicionais das sociedades indígenas e a elaboração de materiais didático-pedagógicos, bilíngues ou não para uso nas escolas instaladas em suas comunidades.

5. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO CURSO

5.1. Denominação do Curso: Licenciatura Plena Intercultural Indígena

5.2. Diplomação: O portador do diploma estará habilitado ao exercício do magistério na Educação Básica com atuação em um dos Níveis do Grupo II.

5.3. Modalidade: Graduação/Licenciatura Plena

5.4. Pólos de Oferta do Curso: O local de oferta do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena será definido entre a Coordenação do Curso e o povo indígena, na Etapa Inicial de Planejamento para a realização do Curso. O momento-universidade ocorrerá preferencialmente em Campus da UEPA, ao qual a turma esteja vinculada. O momento-comunidade será realizado em aldeia indígena a ser definida pelo(s) povo(s) envolvido(s).

5.5. Total de vagas ofertadas: 40 vagas por turma quando ofertada pela UEPA. Em casos específicos de oferta da turma em regime de colaboração ou em programa especial o número de vagas ofertadas será de acordo com o número definido pela Coordenação do Curso na Etapa de Planejamento da oferta.

5.6. Funcionamento: O curso terá funcionamento, preferencialmente em dois turnos: matutino e vespertino. O funcionamento noturno poderá ocorrer em casos específicos, conforme apreciação da coordenação.

5.7. Dimensões da turma: Serão ofertados para cada turma os componentes da Etapa de Formação da Base Comum, da Etapa de Formação de Aprofundamento de Estudos e da Etapa de Formação das Práticas Pedagógicas. O aluno fará a opção, previamente, antes do ingresso no Curso pela Formação de Aprofundamento de Estudos em um dos Níveis de formação para atuação na Educação Básica.

5.8. Carga horária do Curso: O Curso terá uma carga horária de 4.200 horas, que serão cumpridas em horas aulas de 50 minutos, conforme Regimento Geral da UEPA, Art. 44 § 4º, assim organizadas neste Projeto:

1. Etapa de Formação da Base Comum (1.000 horas);

2. Etapa de Formação de Aprofundamento de Estudos (2.100 horas), para cada um dos Níveis da Educação Básica: I. Formação de Professores Multidisciplinares da Educação Infantil; II. Formação de Professores Multidisciplinares dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental; III. Formação de Professores dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

3. Etapa de Formação das Práticas Pedagógicas (1.100 horas), sendo constituído na forma de Práticas como Componente Curricular (400h), Estágio Supervisionado (400h) e Trabalho de Conclusão de Curso (300h).

5.9. Regime de Oferta⁵: Presencial/Semipresencial/Modular. Caso haja a necessidade, poderão ser utilizados 20% da carga horária das atividades em forma de atividades não-presenciais.

5.9.1. Integralização Curricular: Mínimo de oito semestres e máximo de 14 semestres

5.10. Processo de Seleção: A forma de ingresso no Curso de Licenciatura Intercultural/UEPA será diferenciada e específica, por meio de Processo Seletivo Próprio, em observância ao Art. 50 do Regimento Geral da UEPA. Como instrumentos de avaliação para o referido ingresso dos candidatos, poderão ser considerados alguns dos seguintes instrumentos:

- **PROVA ESCRITA**, de modo que se possa apreciar a competência de escrita e detectar as necessidades de instrumentalização.
- **PROVA ORAL**, de modo que se possa apreciar a competência de oralidade e detectar as necessidades de instrumentalização.
- **DOCUMENTO DE APRESENTAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA** (indicando o candidato e assinado por liderança ou cacique responsável pela comunidade).
- **ENTREVISTA**, em que o candidato deverá expressar suas idéias e concepções sobre questões relativas à educação em geral, à educação indígena, à educação escolar, às relações interculturais e à formação universitária.

Outros instrumentos poderão ser definidos junto com os povos indígenas atendidos, durante a Etapa de Planejamento da oferta do Curso.

⁵ Considerando as diferenças culturais e estruturais dos contextos indígenas a serem atendidos, o regime de oferta, se presencial ou EaD, será determinado dependendo das características e necessidades da demanda a ser atendida.

6. PÚBLICO/PERFIL PROFISSIONAL

O curso será ofertado para **professores indígenas e/ou indígenas egressos do Ensino Médio** que tenham interesse em atuar na educação escolar indígena.

A participação da comunidade é essencial em todo o processo, haja vista ser importante o diálogo entre as diretrizes do Projeto Político e Pedagógico do Curso e o Projeto de Educação do povo indígena, cujo sujeitos estão em formação.

Estes devem ter a capacidade de pensar os projetos escolares, segundo as transformações socioculturais, filosóficas e políticas por eles experimentadas, formulando-as em termos curriculares e educacionais, mas sem deixar de ser sensíveis aos saberes próprios e às necessidades históricas de sua comunidade.

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores Indígenas, na Seção I, Artigo 7º, e que orientam este Curso, o perfil do professor indígena deve ser construído visando:

- I - atuação e participação em diferentes dimensões da vida de suas comunidades, de acordo com as especificidades de cada povo indígena;
- II - conhecimento e utilização da respectiva língua indígena nos processos de ensino e aprendizagem;
- III - realização de pesquisas com vistas à revitalização das práticas linguísticas e culturais de suas comunidades, de acordo com a situação sociolinguística e sociocultural de cada comunidade e povo indígena;
- IV - articulação da proposta pedagógica da escola indígena com a formação de professores indígenas, em relação à proposta política mais ampla de sua comunidade e de seu território;
- V - articulação das linguagens orais, escritas, midiáticas, artísticas e corporais das comunidades e povos indígenas no âmbito da escola indígena;
- VI - apreensão dos conteúdos das diferentes áreas do conhecimento escolarizado e sua utilização de modo interdisciplinar, transversal e contextualizado no que se refere à realidade sociocultural, econômica, política e ambiental das comunidades e povos indígenas;
- VII - construção de materiais didáticos e pedagógicos multilíngues, bilíngues e monolíngues, em diferentes formatos e modalidades;
- VIII - construção de metodologias de ensino e aprendizagem que sintetizem e potencializem pedagogias ligadas às especificidades de cada contexto escolar indígena;
- IX - compreensão das regulações e normas que informam e envolvem a política educacional dos respectivos sistemas de ensino e de suas instituições formadoras;
- X - compromisso com o desenvolvimento e a aprendizagem do estudante da escola indígena, promovendo e incentivando a qualidade sociocultural da Educação Escolar Indígena;
- XI - firme posicionamento crítico e reflexivo em relação à sua prática educativa, às problemáticas da realidade socioeducacional de suas comunidades e de outros grupos sociais em interação;

XII - vivência de diferentes situações de ensino e aprendizagem a fim de avaliar as repercussões destas no cotidiano da escola e da comunidade indígena;

XIII - adoção da pesquisa como base pedagógica essencial da construção do itinerário formativo, com vistas a uma melhor compreensão e avaliação do seu fazer educativo, do papel sociopolítico e cultural da escola, da realidade dos povos indígenas e do contexto sociopolítico e cultural da sociedade brasileira em geral; e

XIV - identificação coletiva, permanente e autônoma de processos educacionais em diferentes instituições formadoras, inclusive daquelas pertencentes a cada povo e comunidade indígena.

Nessa perspectiva, o futuro graduado indígena deverá atender ao perfil do mediador, produtor, intérprete, pesquisador e divulgador de saberes e culturas, com seus alunos, a comunidade e a comunidade não-indígena, com capacidade para refletir sobre a própria práxis e reelaborá-la conforme os princípios da filosofia indígena.

Esse perfil deverá ser constituído no percurso da formação, de forma gradual e progressiva, de acordo com a variedade dos perfis, dos ritmos e das capacidades de cada um e das demandas de suas comunidades.

Além do perfil específico do professor indígena, a trajetória formativa do Curso possibilitará a formação de um profissional que apresente as competências profissionais previstas na Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação).

7. OBJETIVOS

7.1. Geral

Formar professores indígenas para atuar em Educação Escolar Indígena, com vistas ao exercício integrado da docência na Educação Básica.

7.2. Específicos

São objetivos específicos do Curso:

1. Fundamentar e subsidiar a construção de currículos, metodologias, processos de avaliação e de gestão de acordo com os interesses de escolarização dos diferentes povos e comunidades indígenas;
2. Desenvolver estratégias que visem à construção dos projetos políticos e pedagógicos das escolas indígenas com desenhos curriculares e percursos formativos diferenciados e que atendam às suas especificidades étnicas, culturais e linguísticas;

3. Fomentar práticas pedagógicas e de pesquisa, voltadas para as questões do cotidiano escolar, para os interesses e as necessidades culturais, sociais, étnicas, políticas, econômicas, ambientais e linguísticas dos povos indígenas e de suas comunidades, articuladamente aos projetos educativos dos povos indígenas;
4. Promover a elaboração de materiais didáticos e pedagógicos bilíngues, conforme a situação sociolinguística e as especificidades das etapas e modalidades da Educação Escolar Indígena requeridas nas circunstâncias específicas de cada povo e comunidade indígena;
5. Promover a articulação entre os diferentes níveis, etapas, modalidades e formas da Educação Escolar Indígena, desenvolvendo programas integrados de ensino e pesquisa, de modo orgânico, em conformidade com os princípios da educação escolar específica, diferenciada, intercultural e bilíngue;
6. Desenvolver as competências gerais docentes, bem como as competências específicas e as habilidades correspondentes a elas, conforme a BNC-Formação.

8. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

8.1. Currículo Integrado e a Problemática

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica, no que trata sobre a organização curricular dos cursos, em consonância com as aprendizagens prescritas na BNCC da Educação Básica, tem como um dos princípios norteadores, que os cursos destinados à Formação Inicial de Professores para a Educação Básica devem ter como fundamentos pedagógicos o compromisso com as metodologias inovadoras e com outras dinâmicas formativas que propiciem ao futuro professor aprendizagens significativas e contextualizadas em uma abordagem didático-metodológica alinhada com a BNCC visando ao desenvolvimento da autonomia, da capacidade de resolução de problemas, dos processos investigativos e criativos, do exercício do trabalho coletivo e interdisciplinar, da análise dos desafios da vida cotidiana e em sociedade e das possibilidades de suas soluções práticas.

Os cursos de Educação para a Formação de Professores Indígenas devem atender, também, e no que couber, às Diretrizes Curriculares Nacionais específicas instituídas pela Resolução CNE/CP nº 1, de 7 de janeiro de 2015. A diversidade e complexidade dos campos de atuação do professor indígena, sugerem o delineamento de

um novo paradigma para o processo de formação desse profissional, favorecendo uma abordagem integrada, complexa e global do conhecimento.

O curso de Licenciatura Intercultural Indígena da Universidade do Estado do Pará tem como eixo estruturante a integralidade, e foi projetado com um formato inovador, em consonância com a DCN para a formação de professores indígenas. Esse formato propõe romper com o modelo arcaico e rígido de ensino, fragmentado em disciplinas que não se conectam, centrados exclusivamente no professor, fornecendo elementos filosóficos, conceituais, políticos e metodológicos que busquem uma integração coerente entre elas durante o processo de formação.

A implementação de um modelo curricular integrado visa permitir a visualização dos conteúdos de forma integrada e crítica. Nessa proposta, além de integrar conhecimentos e conteúdo, buscamos aproximar os estudantes das situações vivenciadas ou futuras da vida profissional, aumentando o grau de responsabilidade e comprometimento social com seu trabalho e a realidade da aldeia e de sua comunidade indígena.

A integração curricular deverá permear todas as séries do Curso a partir do planejamento integrado entre os docentes. Assim, o Projeto Integrador, constitui-se em uma estratégia metodológica para favorecer a formação integral do aluno.

Para tanto, se faz necessária a utilização de metodologias inovadoras, integrá-las ao currículo, para promoção de uma aprendizagem significativa, e isso se torna fundamental quando temos novos perfis de aluno e de professores se construindo. A aprendizagem é considerada significativa quando ocorre, durante os processos mentais, a interação entre os conhecimentos já presentes na estrutura cognitiva e novos conhecimentos, sendo que essa interação é lógica e substantiva, ou seja, possui substância para que um conceito possa ser explicado com as próprias palavras de quem o aprendeu (AUSUBEL, 2003).

Sendo assim, é extremamente relevante que sejam considerados os conhecimentos prévios que os aprendizes já possuem (AUSUBEL, 2003). Para facilitar a aprendizagem significativa, “não há receitas, mas há estratégias” (MASINI; MOREIRA, 2008). A estratégia facilitadora deve relacionar o que aluno está aprendendo na escola com o seu dia a dia, fazendo uma ponte entre o conhecimento científico e o mundo em que ele vive. (AUSUBEL, 2003). Esta relação implica em repensar metodologias tradicionais que não se adequam a um mundo conectado.

As metodologias ativas buscam superar a memorização e a mera transferência de conhecimentos, propondo a construção do conhecimento a partir da vivência de situações reais. Além disso, tomam as práticas e os problemas da realidade como foco para a aprendizagem e abraçam a ideia do professor mediador. Ou seja, o ato do conhecimento acontece em uma relação de troca enriquecedora entre educador, educando e conteúdo (Rodrigues; Caldeira, 2008; Fonseca et al., 2009).

As metodologias ativas consideram o aluno como sujeito central da sua aprendizagem, buscando sempre o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dentro deste processo (Barbosa e Moura, 2013). Partindo desse pressuposto, a Metodologia da Problematização, proposta por Berbel (1999), dentre outras metodologias ativas, possibilitam a ação-reflexão-ação, com aproximações sucessivas do objeto estudado, levando docentes e discentes a “sentar e discutir”, passando pela aquisição de uma consciência crítica individual e coletiva, capacitando-os a intervir em contextos de incertezas e complexidades.

A metodologia da problematização com o Arco de Magueréz, que promove a mobilização do potencial social, político e ético dos alunos, os quais são levados a observar a realidade de maneira atenta e a identificar o que se mostra preocupante, e concretiza-se através de um processo criativo que envolve ação-reflexão sobre um aspecto da realidade observada, o que implica realizar alguma transformação nela (Berbel, 1999).

O caminho didático da metodologia da problematização, utilizando-se do esquema do Arco de Charles Magueréz, ocorre em cinco etapas que se desenvolvem a partir de um recorte da realidade e que para ela retornam: a observação da realidade e a identificação do problema, os pontos-chave, a teorização, as hipóteses de solução e a aplicação à realidade. Descrevemos mais detalhadamente, a seguir, essas etapas.

1ª - Observação da realidade e elaboração do problema- Observação atenta e registro do que o aluno percebe de uma parcela da realidade. O professor pode propor questões gerais para guiar o processo de observação. O aluno deve identificar dificuldades, falhas, contradições, discrepâncias, conflitos etc. O aluno formula um problema (uma questão, afirmação ou negação) a partir de fatos observados que lhe parecem instigantes.

2ª - Determinação de pontos-chave- Este é o momento de o aluno definir o aspecto do problema que será objeto de pesquisa. Inicia com uma reflexão, um questionamento

sobre os possíveis fatores associados ao problema e que afetam a sua existência. Depois dessa reflexão inicial, os alunos refletem também sobre os possíveis determinantes maiores, contextuais, tais como os aspectos político, econômico e ético que podem estar associados ao problema e aos próprios fatores já registrados.

3ª - **Teorização**- É a etapa investigativa, em que os alunos buscam conhecimentos e informações acerca do problema em variadas fontes, usando diferentes estratégias ou formas de coleta de informações (pesquisa bibliográfica, entrevistas, consultas a especialistas etc.). O estudo deve servir de base para a transformação da realidade. Nessa etapa, os educandos adquirem maior consciência do problema com que deparam e de sua influência sobre o meio social.

4ª - **Hipóteses de solução**- Etapa em que o potencial criativo e o reflexivo são mobilizados para o aluno pensar de modo inovador. Algumas questões que podem ser feitas nessa etapa são: O que é necessário para chegar a uma solução para o problema? O que deve ser providenciado? O que pode ser feito de fato? Com base na teorização, os alunos projetam ideias que poderão se transformar em ações concretas para solucionar o problema ou apontar caminhos para isso.

5ª - **Aplicação prática à realidade**-Nessa etapa, devem ser analisadas e escolhidas as propostas de soluções mais viáveis, que poderão ser postas em prática e ajudarão a superar o problema no todo ou em parte, contribuindo para a transformação da realidade investigada

Segundo Berbel (2012), ao realizar essas etapas do arco de Maguerz com a metodologia da problematização, o aluno avança em sua postura dialética de ação– reflexão– ação, tendo sempre como ponto de partida e de chegada a realidade social.

9. BASES PEDAGÓGICAS E METODOLÓGICAS

9.1. Princípios Curriculares

O **princípio da Interculturalidade**, previsto nos Referenciais Curriculares, tanto o que trata da escola como o da formação de professores indígenas, indicam que o processo de educação deve promover situações de comunicação entre experiências socioculturais, linguísticas e históricas diferentes, desconsiderando que exista superioridade entre uma cultura e outra.

Esse princípio deve ser considerado “como um enfoque que afeta a educação em todas as suas dimensões, favorecendo uma dinâmica crítica e autocrítica,

valorizando a interação e comunicação recíprocas, entre os diferentes sujeitos e grupos sociais” (CANDAUI, 2002, p.19). Desse modo,

A interculturalidade orienta processos que têm como base o reconhecimento do direito à diferença e a luta contra todas as formas de discriminação e desigualdade social. Tenta promover relações dialógicas e igualitárias entre pessoas e grupos que pertencem a universos culturais diferentes, trabalhando conflitos inerentes a esta realidade. Não ignora as relações de poder presentes nas relações sociais e interpessoais. Reconhece e assume conflitos procurando as estratégias mais adequadas para enfrentá-los (IDEM).

Nessa perspectiva, a formação dos educadores indígenas caracteriza-se pela “superação da perspectiva monocultural e etnocêntrica que configura os modos tradicionais e consolidados de educar, a mentalidade pessoal, os modos de se relacionar com os outros e de atuar nas situações concretas” (SOUZA; FLEURI, 2003, p. 74). Orientada pelo princípio da interculturalidade, a formação, neste projeto, é pensada a partir de outra lógica: a dialógica entre os saberes indígenas e os saberes legitimados historicamente pela cultura escolar.

Walsh (2009), defende a interculturalidade crítica enquanto um “projeto político, social, epistêmico e ético” (p. 21). Segundo esta autora:[...] a política multicultural atual sugere muito mais do que o reconhecimento da diversidade. É uma estratégia política funcional ao sistema/mundo moderno e ainda colonial; pretende incluir os anteriormente excluídos dentro de um modelo globalizado de sociedade, regido não pelas pessoas, mas pelos interesses do mercado. Tal estratégia e política não buscam transformar as estruturas sociais racializadas; pelo contrário, seu objetivo é administrar a diversidade diante do que está visto como perigo da radicalização de imaginários e agenciamento étnicos. (WALSH, 2009, p. 20).

Sob a perspectiva de Walsh (2009), a interculturalidade crítica, como prática política (projeto e processo), tem relação estreita com a decolonialidade como ferramenta que ajude a visibilizar os dispositivos de poder que geraram/geram “a exclusão, a negação e a subalternização ontológica e epistêmico-cognitiva dos grupos e sujeitos racializados”; e “as práticas de desumanização e de subordinação de conhecimentos que privilegiam alguns sobre outros” (p. 23).

A interculturalidade crítica é vista também como “estratégia que tenta construir relações de saber, ser, poder e da própria vida radicalmente distintas” (p. 23). Para a autora, “entender a interculturalidade como processo e projeto dirigido à construção de

modos ‘outros’ do ‘poder’, saber, ser e viver, permite ir muito além dos pressupostos e manifestações atuais da educação intercultural bilíngue ou da filosofia intercultural” (p. 24).

Esta perspectiva “implica em um trabalho de orientação decolonial” no sentido de “desafiar e derrubar as estruturas sociais, políticas e epistêmicas da colonialidade” (p. 24). No que diz respeito à educação, instaura-se a necessidade de pensar e significar pedagogias “que dialoguem com antecedentes crítico-políticos, ao mesmo tempo em que partem das lutas e práxis de orientação decolonial” (p. 27).

A partir desta perspectiva, a interculturalidade torna-se uma questão fulcral na direção da descolonização do conhecimento e das práticas escolares.

O princípio da Especificidade e da Diferença rompe com a concepção integracionista, historicamente, percebida na educação escolar que homogeneiza os discursos alternativos, transformando-os em arranjos metodológicos que desconsideram a presença da diferença enquanto categoria real, devendo ser respeitada como singularidade de um povo, um valor social que respeita a multiculturalidade, a pluralidade étnica (NASCIMENTO, 2004).

Apesar de ainda haver em funcionamento, um discurso homogeneizador que nega, através de vários processos, a presença da diversidade no país, buscando sempre a unidade através da integração, o próprio processo histórico, marcado pelas lutas, se encarrega de propiciar novas formas de significação. A partir disso, pode-se pensar a diversidade no país, ou seja, a diversidade da língua, dos costumes, das crenças, enfim, da cultura e do povo brasileiro. O espaço significativo do país se redimensiona e passa ser possível também, imaginariamente, considerar diversas formas de educação, sendo uma delas a educação escolar indígena, específica e diferenciada (FERREIRA, 2004).

A designação, nesse caso, tem um papel de destaque, já que marca linguisticamente um espaço de constituição de sentidos, que carrega em seu bojo todo um processo histórico marcado pela luta dos povos indígenas em prol de seus direitos. A designação “Educação Escolar Indígena” e “Escola Específica e Diferenciada” traz, enunciativamente um efeito de sentido de redefinição da escola, marcando fronteiras com a imagem daquela escola até então conhecida, existente, a escola tradicional do não-índio (IDEM, p. 155).

A designação “Escola Específica e Diferenciada” insere outro sentido à formação, já que marca fronteiras nas características até então conhecidas, existentes, na educação tradicional do não indígena. Tal designação indica, no espaço da memória,

que apesar de o índio buscar a educação escolarizada, ela é ou pretende ser específica e se diferencia do modelo já existente (IDEM).

Com essa denominação a escola é marcada por dois movimentos integradores de sentidos: “específica”, que se diz ligada e construída pelo/para os povos indígenas, trazendo marcas de sua identidade; e “diferenciada”, que marca uma distinção com as características da educação escolar já conhecida. Nesse caso, a escola específica tem como função elementar considerar a diversidade, estando na sua constituição básica o trabalho com a diferença (IDEM).

Para que se possa ter esse princípio como eixo norteador das ações formativas do professor indígena, faz-se necessário a contextualização de todos os determinantes que dão identidades à diferença anunciada. Deve-se, por exemplo, considerar que a problemática indígena na atualidade é impulsionada por questões de ordem sociopolítica, cultural e ideológica permeadas, implícita ou explicitamente, por questões econômicas e de sobrevivência da própria humanidade (NASCIMENTO, 2004).

Nesse sentido, a diferença, embora possa ser uma categoria que rompa com os modelos cristalizados, terá que ser sempre construída, reelaborada. A diferença, enquanto teoria da educação, será sempre dinâmica, dialética e superadora (IDEM, p.175)

Portanto, este princípio permite considerar que cada povo indígena tem a sua história e suas necessidades decorrentes da situação de contato com a sociedade não indígena. O que implica na materialização da formação ancorada no princípio de especificidade e diferença, sob o qual, a educação indígena não é fixa, nem universal, pelo contrário, depende dos estudos históricos e das relações espaço-temporais que cada grupo tem intra e extra socialmente.

O princípio da Unidade Teoria e Prática rompe com a prática pedagógica tradicional caracterizada por ações reducionistas, onde o conteúdo é instrumental, e os procedimentos didáticos desconsideram o cotidiano do aluno e a sua realidade social. Nesta prática o aluno é passivo no processo de ensino e de aprendizagem, pois o que prevalece é o saber científico. A metodologia desenvolvida se detém na exposição dos conteúdos pré-concebidos pelas ciências, exigindo uma atitude receptiva e mecânica garantida pela repetição. Observa-se que a prática pedagógica tem um fim em si mesma.

Ao contrário, esse princípio parte do entendimento de teoria e prática enquanto práxis pedagógica, caracterizando-se a mesma como um projeto em construção, possibilitando a visão integradora do currículo. A práxis é a atividade que pressupõe um

sujeito livre e consciente e na qual não existe separação entre pensar teoricamente e ação prática, muito menos rebaixamento de um dos pólos (SOARES DA COSTA). Dessa maneira, na construção curricular não há oposição entre formação “teórica” e prática cotidiana indígena. Os saberes vão se constituindo a partir da reflexão na e sobre a prática, caracterizando-a como componente curricular.

O princípio metodológico da prática como componente curricular não se resume na discussão de dimensão prioritária, entre teoria e prática, na formação do professor. Propõe pensar no processo de construção de sua autonomia intelectual: o professor além de saber e de saber fazer deve compreender o que fazer e aprender a refazer o que foi feito.

A dimensão prática, no interior das áreas ou disciplinas, como um espaço de atuação coletiva e integrada dos formadores transcende o estágio e tem como finalidade promover a articulação das diferentes ações pedagógicas numa perspectiva interdisciplinar, destacando o método de observação e reflexão para entender e atuar em situações contextualizadas.

O princípio da Pesquisa indica para o desenvolvimento do trabalho criativo no processo de ensino e aprendizagem, pelo qual os sujeitos envolvidos experimentam “novos” caminhos e questionamentos sobre os saberes sua estrutura e possibilidades de mudanças.

Conforme os Referenciais Para a Formação de Professores Indígenas (2002), as ações de pesquisa são oportunidades de aprendizagem a partir de diferentes formas de registro da memória oral, que tem como fonte de estímulo alguns membros mais velhos da comunidade. Esse documento aponta que os professores indígenas em formação, como membro de sua coletividade, devem desenvolver pesquisas sobre aspectos diversos do que consideram parte da cultura de seu povo, visando com isso o desenvolvimento do currículo de sua formação e de seus alunos sobre os conhecimentos étnicos.

Como sujeitos de conhecimento, eles traçam planos para sua formação com o objetivo de conhecer, documentar, difundir e valorizar os mais diversos aspectos de suas culturas e línguas, histórias, geografias, normalmente recorrendo aos homens e mulheres mais idosos. Estes atuam como especialistas e formadores nos cursos. Esses processos de pesquisa são momentos importantes para as decisões relativas aos tipos de conhecimentos que serão apropriados no currículo como conteúdo escolar. Também podem subsidiar os próprios professores indígenas e seus formadores nas decisões que vão sendo formuladas

sobre a continuidade da programação de linhas de estudo e pesquisa para os cursos (BRASIL, 2002, p.45-6).

Além disso, as atividades de ensino e pesquisa podem gerar produtos em forma de materiais didáticos e paradidáticos para as escolas indígenas e aproveitadas em novas atividades formativas dos professores. Tais materiais também cumprem importante papel educacional e intercultural fora da comunidade, fortalecendo as relações de respeito pela sociedade não indígena, por meio da difusão e divulgação desses conhecimentos (IDEM).

Não é preciso tornar-se pesquisador, mas é importante ter a dimensão da pesquisa na formação para que a atividade profissional não seja mera repetição de fórmulas. Mas, para isso é necessário que a pesquisa seja profissionalizada e não vinculada apenas ao esforço individual e pontual de uma disciplina e de um trabalho de conclusão de curso. Problemáticas de ensino podem ser importantes objetos de investigação.

Nessa perspectiva, tornam-se importantes práticas pedagógicas que possibilitem ir a campo, observar, coletar dados e transformá-los em resultados de pesquisa por meio de análise cuidadosa. Assim, estimula-se uma cultura de investigação e produção do conhecimento no interior do ensino, que significa um investimento na construção de um pensamento mais crítico e criativo, fundamental para aqueles que querem ser professores na escola indígena.

Um outro aspecto importante é a articulação com os grupos de pesquisa e os projetos investigativos desenvolvidos na Universidade. Desse modo, o ensino pode incorporar modelos metodológicos investigativos, que são promovidos no âmbito dos grupos de pesquisa com maior frequência. Visto que, a pesquisa possui importante papel no processo formativo das Instituições de Ensino Superior (IES) e estabelece vínculo com várias disciplinas dos cursos de graduação e pós-graduação, o que possibilita a (re)construção do conhecimento. A participação em atividades no Grupo de Estudos Indígenas na Amazônia-GEIA, vinculado ao NUFI, poderá proporcionar uma visão mais ampla do processo de pesquisa, além de permitir aproximação e familiaridade com o assunto trabalhado.

O princípio da Interdisciplinaridade/Transdisciplinaridade visa romper com as barreiras entre as disciplinas e superar o compartimentalismo do pensar, na

busca de uma aproximação do saber como elo entre todos os conhecimentos dos diversos campos.

A metodologia do trabalho interdisciplinar supõe atitude e método que também implica na superação da dicotomia entre ensino e pesquisa, considerando o estudo e a pesquisa, a partir da contribuição das diversas ciências; e o ensino-aprendizagem centrado numa visão de que aprendemos ao longo de toda a vida, num processo permanente de educação (GADOTTI, 1999, p.4).

O currículo interdisciplinar concebido como artefato social cultural, deverá eliminar, no processo de ensino-aprendizagem, a desarticulação que existe entre a vida na escola e na vida da comunidade; entre o fazer pedagógico e o político; e por último, entre os aspectos, macro e micro sociais (CASTRO, 2007).

O desenho curricular de formação de professores não se confunde, portanto, com uma “grade” montada pela equipe técnica, à parte dos contextos coletivos de formação e de discussão junto com as comunidades indígenas, suas variadas formas de representações e os demais atores institucionais (BRASIL, 2002).

A organização curricular para a formação de professores indígenas, na perspectiva interdisciplinar estabelece ligações de complementaridade, convergência, interconexões e passagens entre os conhecimentos. Nela o currículo deve contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que formem para a vida em sociedade, a atividade produtiva e experiências subjetivas, visando à interligação entre os saberes, criando possibilidades de olhar por diferentes perspectivas uma mesma questão pedagógica.

Na perspectiva da transdisciplinaridade as vivências pedagógicas serão construídas com o sentido de envolver relações entre os diversos saberes (ciências exatas, humanas e artes) numa democracia cognitiva. Pois, nenhum saber é mais importante que outro. Todos são igualmente importantes.

Além da interligação entre os saberes das disciplinas proposta neste projeto, os Projetos Integradores e os componentes do Grupo III, também se constituem em um espaço onde serão articuladas as atividades de ensino, pesquisa e extensão, assim como, as práticas formativas através de seminários, oficinas, minicursos, entre outras.

9.2. Competências Gerais e Específicas

A BNC-Formação apresenta as competências profissionais que todos os docentes devem desenvolver para tornarem-se capazes de colocar em prática não só as dez Competências Gerais da BNCC, como as aprendizagens essenciais a serem garantidas a todos os estudantes. Tais competências são acompanhadas por um conjunto de competências e habilidades específicas estruturadas em três grandes dimensões: conhecimento, prática e engajamento profissionais.

São 10 as Competências Gerais:

1. Compreender e utilizar os conhecimentos historicamente construídos para poder ensinar a realidade com engajamento na aprendizagem do estudante e na sua própria aprendizagem colaborando para a construção de uma sociedade livre, justa, democrática e inclusiva.
2. Pesquisar, investigar, refletir, realizar a análise crítica, usar a criatividade e buscar soluções tecnológicas para selecionar, organizar e planejar práticas pedagógicas desafiadoras, coerentes e significativas.
3. Valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal, corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e fazer com que o estudante amplie seu modelo de expressão ao partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos, produzindo sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas docentes, como recurso pedagógico e como ferramenta de formação, para comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e potencializar as aprendizagens.
6. Valorizar a formação permanente para o exercício profissional, buscar atualização na sua área e afins, apropriar-se de novos conhecimentos e experiências que lhe possibilitem aperfeiçoamento profissional e eficácia e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania, ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Desenvolver argumentos com base em fatos, dados e informações científicas para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns, que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental, o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas, desenvolver o autoconhecimento e o autocuidado nos estudantes.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e

aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos locais de aprendizagem.

10. Agir e incentivar, pessoal e coletivamente, com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência, a abertura a diferentes opiniões e concepções pedagógicas, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários, para que o ambiente de aprendizagem possa refletir esses valores.

Essas competências devem ser tratadas de maneira transdisciplinar, no sentido de estarem presentes desde o início do curso e transversalizando as componentes curriculares. Ressalta-se que as Competências Gerais são as mesmas para a formação nos três níveis (Educação Infantil, Séries Iniciais do Ensino Fundamental e Séries Finais do EF e Ensino Médio), mas ao longo de cada nível se adequa às suas particularidades. Também devem estar em consonância com o que preconiza os Referenciais para a Formação de Professores Indígenas (RFPI).

O RFPI destaca alguns objetivos específicos a serem inseridos na formação dos professores indígenas, dentre eles:

Construir e implementar a proposta pedagógica da educação escolar em sua comunidade.

Identificar, interpretar, reunir e sistematizar conhecimentos oriundos das sociedades indígenas e não-indígenas.

Desenvolver didáticas específicas às diversas áreas de estudo da proposta pedagógica, conhecendo processos de aprendizagem dos alunos, conteúdos de ensino e metodologias.

Produzir, na comunidade indígena, materiais didáticos para a inovação curricular pretendida em suas escolas, a partir de suas línguas e culturas. (BRASIL, 2002, p. 26)

Tais competências e objetivos estarão alinhadas aos objetivos e anseios dos povos indígenas expostos nas CNEEI's já realizadas.

9.3. Componentes Curriculares

9.3.1. Os Temas Referenciais e as questões orientadoras da problematização

Identidade, autonomia, alteridade, interculturalidade, sustentabilidade, diversidade e diferença são temas referenciais que deverão permear todas as ações pedagógicas a serem desenvolvidas no currículo, onde os conteúdos deixam de ter um significado em si mesmo e passam a interagir num todo mais amplo. Esses temas sociais inerentes aos contextos indígenas devem ser tratados na sua complexidade, sem

restringir a abordagem em uma única área de forma isolada ou fragmentada, ao contrário, necessitam estar num processo de interação constante entre si e com os demais saberes.

O tema identidade requer a abordagem de que os povos indígenas do Brasil vivem atualmente um momento especial de sua história no período pós-colonização. No qual, após 500 anos de massacre, escravidão e repressão cultural, hoje respiram um ar menos repressivo, o suficiente para que, de norte a sul dos pais, eles possam reiniciar e retomar seus projetos sociais étnicos e identitários.

A dinâmica e a intensidade da relação com a identidade variam de povo para povo e de região para região, de acordo com o processo histórico de contato vivido. Na Amazônia, por exemplo, onde o contato com os colonizadores brancos aconteceu mais recentemente, muitos povos indígenas continuam conservando integralmente suas culturas e tradições, como a terra, a língua e os rituais das cerimônias. Para esses povos, a prioridade é fortalecer a identidade e promover a valorização e a continuidade de suas culturas, de suas tradições e de seus saberes.

Culturas e tradições estão sendo retomadas, revalorizadas e revividas. Terras tradicionais estão sendo reivindicadas, reapropriadas ou reocupadas pelos verdadeiros donos originários. As Línguas vêm sendo reaprendidas e praticadas na aldeia, na escola e nas cidades. Rituais e cerimônias tradicionais há muito tempo não praticados estão voltando a fazer parte da vida cotidiana dos povos indígenas nas aldeias ou nas grandes cidades brasileiras. Isso tudo é significativo à identidade indígena e deve compor o cenário educacional.

Também deve ser considerado que esse processo de resistência mediante o qual as etnias ou povos soterrados, negados ou esquecidos fortalecem ou recuperam a sua identidade através da reivindicação da sua cultura, dos seus direitos e das suas estruturas político-administrativas caracteriza-se como autonomia (RIVAS, 2010).

De uma forma geral a autonomia, isto é, a regência pelas próprias leis, define-se como a capacidade de indivíduos, governos, nacionalidades, povos e outras entidades e sujeitos para assumirem os seus interesses e ações mediante normativas e poderes próprios, conseqüentemente opostos a toda a dependência ou subordinação heterônoma (IDEM).

Nesse entendimento, torna-se relevante para o professor considerar no processo ensino e aprendizagem os projetos societários que afirmam a autonomia dos povos

indígenas na condução de seus destinos e na definição de seu modelo de desenvolvimento, já que foi em decorrência das estratégias próprias da ação pedagógica de educação indígena que esses povos sustentaram sua alteridade.

[...] Em outros termos, continua havendo nesses povos uma educação indígena que permite que o modo de ser e a cultura venham a se reproduzir nas novas gerações, mas também que essas sociedades encarem com relativo sucesso situações novas. A alteridade, afinal, é a liberdade de ser ele próprio (MELIÀ, 1999, p.12).

Na compreensão de Melià (1999), a ação pedagógica tradicional integra sobretudo três círculos relacionados entre si: a língua, a economia e o parentesco. São os círculos de toda cultura integrada. Para o autor de todos eles, porém, a língua é o mais amplo e complexo. O modo como se vive esse sistema de relações caracteriza cada um dos povos indígenas. O modo como se transmite para seus membros, especialmente para os mais jovens, isso é a ação pedagógica.

Segundo o autor supracitado torna-se significativo entender que todo o caminho do ciclo de vida de um indígena, em que os momentos críticos como a recepção do nome, a “iniciação”, o nascimento do primeiro filho, a morte de um parente ou de um membro da comunidade são instantes fortemente marcados por ações pedagógicas nas quais intervém quase toda a comunidade.

Nesse sentido, mais importante que identificar qual ação pedagógica trata da alteridade é tomar consciência de que essa alteridade é concebida de modo muito diferente nas chamadas sociedades modernas ocidentais e nas sociedades indígenas.

Segundo Melià (1979) diferencia-se de Educação Escolar Indígena.

A alteridade é sempre, afinal, uma filosofia de vida, e não pode ser tratada à margem do que chamamos a construção da pessoa. A educação na sociedade nacional, em muitos de nossos países, ainda está marcada pela capacitação individual tendo em vista a competição individual para produzir e possuir mais. Para isso, a acumulação de conhecimentos e habilidades é o principal objetivo (IDEM, p.15).

Desse modo, a construção da alteridade não só tem objetivos específicos numa ou noutra sociedade, mas também métodos próprios, como no caso do ciclo de vida. Entre os métodos indígenas, apontados por Melià (1999), um dos principais é a participação da comunidade na ação pedagógica. É precisamente a participação da comunidade que assegura uma alteridade bem entendida. O autor exemplifica que

quando a educação se desenvolve como um simples contrato de um professor a serviço de uma família, cujo interesse principal é a educação de seu filho ou de sua filha, é difícil que surja o interesse por uma alteridade a serviço da comunidade.

Pensar a alteridade indígena como fruto da ação pedagógica não só contribui para refletir sobre a construção de sua diferença cultural no processo de globalização, mas também poderá contribuir para abordar as visões de “desenvolvimento”, enfatizando que este apresenta perspectivas diferentes para as sociedades indígenas e não-indígena, principalmente, quando relacionado ao desenvolvimento regional e impactos socioambientais nas áreas indígenas.

Esse contexto sinaliza para a necessidade de o professor instigar o debate sobre “novas práticas” nas políticas públicas, com o propósito de fortalecer a capacidade dos indígenas, junto às comunidades e organizações representativas, em desenhar e gerir projetos próprios. Ou seja, busca-se a compreensão de como, nos projetos supostamente voltados à sustentabilidade indígena, equaciona-se todo o sistema de produção, distribuição e consumo, considerando a importância e o valor atribuído pelos grupos indígenas à lógica da troca, ao dar e receber.

Por exemplo, a pressão para a exploração econômica dos recursos naturais existentes nos territórios indígenas e a presença de grandes projetos do agronegócio no entorno têm como consequências a degradação da vida social e o esgotamento dos recursos naturais com reflexos na qualidade de vida desses povos.

Assim, o entendimento que se tem por autonomia e sustentabilidade indígena diz respeito à capacidade dos indígenas de garantir suas próprias condições de sobrevivência face às novas relações e condições assumidas diante do Estado e da sociedade brasileira; de conduzirem suas próprias vidas de acordo com suas aspirações e suas especificidades étnicas, linguísticas, históricas e socioculturais. Nesta perspectiva, salvaguardar-se para si o direito de se autorreproduzirem, fazendo uso de suas terras e recursos, bem como, garantindo que ela possa servir de sustentáculo para reprodução de suas gerações presentes e futuras. Implica, também, em construir alicerces que garantam aos povos indígenas a definição e operacionalização de seu próprio “desenvolvimento” (GONÇALVES, 2011).

A concepção de autonomia e sustentabilidade indígena revela que a diversidade está implícita na pluralidade étnica, sob a qual a formulação de ações deve ser adequada às realidades e perspectivas de cada povo indígena. Por isso, não são condizentes com

essa realidade propostas de ações que tomem os povos indistintamente, sem contemplar suas especificidades em termos culturais, linguísticos, de histórias de contato com a sociedade nacional, de projetos de futuro e de presente (HENRIQUES, 2007).

Por isso, as escolas indígenas se propõem a ser espaços interculturais, onde se debatem e se constroem conhecimentos e estratégias sociais sobre a situação de contato interétnico, assim como, espaços públicos em que situações de ensino e aprendizagem estão relacionadas às políticas identitárias e culturais de cada povo indígena (IDEM).

Portanto, durante a formação espera-se que o professor problematize enfaticamente a relação entre sociedade, cultura e escola indígena, reassociando a educação escolar a todas as dimensões da vida social e estabelecendo novos sentidos e funções a partir de interesses e necessidades particulares a cada povo. Deste modo, a formação será específica a cada projeto societário e diferenciada em relação a outras escolas, sejam de outras comunidades indígenas, sejam das escolas não-indígenas (IDEM).

9.3.2. Estágios, Práticas, Projetos Integradores e Trabalho de Conclusão de Curso-TCC

A Prática como Componente Curricular (PCC) está presente desde o Parecer nº CNE/CP 009/2001 que aborda as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena (BRASIL, CNE/CP, 2001).

Nos cursos de formação de professores, a concepção dominante, conforme já mencionada, segmenta o curso em dois pólos isolados entre si: um caracteriza o trabalho na sala de aula e o outro, caracteriza as atividades de estágio. O primeiro pólo supervaloriza os conhecimentos teóricos, acadêmicos, desprezando as práticas como importante fonte de conteúdo da formação. Existe uma visão aplicacionista das teorias. O segundo pólo, supervaloriza o fazer pedagógico, desprezando a dimensão teórica dos conhecimentos como instrumento de seleção e análise contextual das práticas. Neste caso, há uma visão ativista da prática. Assim, são ministrados cursos de teorias prescritivas e analíticas, deixando para os estágios o momento de colocar esses conhecimentos em prática. (BRASIL, CNE/CP, 2001, p. 22-23)

As novas orientações propõem o enfrentamento da dicotomia por meio do diálogo, rompendo com uma visão restritiva da prática, explicam a concepção de prática

como componente curricular enquanto dimensão do conhecimento “que tanto está presente nos cursos de formação, nos momentos em que se trabalha na reflexão sobre a atividade profissional, como durante o estágio, nos momentos em que se exercita a atividade profissional.” (BRASIL, CNE/CP, 2001, p. 22-23).

Após a homologação deste Parecer foi necessário outro que estabelecesse carga horária e duração dos cursos adequando-se às novas orientações e exigências das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica. Ao justificar a necessidade de ampliação da carga-horária da PCC, os (as) relatores (as) do Parecer CNE/CP 28/2001 explicam,

A prática como componente curricular é, pois, uma prática que produz algo no âmbito do ensino. Sendo a prática um trabalho consciente cujas diretrizes se nutrem do Parecer 9/2001 ela terá que ser uma atividade tão flexível quanto outros pontos de apoio do processo formativo, a fim de dar conta dos múltiplos modos de ser da atividade acadêmico-científica. Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo. Em articulação intrínseca com o estágio supervisionado e com as atividades de trabalho acadêmico, ela concorre conjuntamente para a formação da identidade do professor como educador. [...] A prática como componente curricular é o conjunto de atividades formativas que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência. Por meio destas atividades, são colocados em uso, no âmbito do ensino, os conhecimentos, as competências e as habilidades adquiridos nas diversas atividades formativas que compõem o currículo do curso. As atividades caracterizadas como prática como componente curricular podem ser desenvolvidas como núcleo ou como parte de disciplinas ou de outras atividades formativas. Isto inclui as disciplinas de caráter prático relacionadas à formação pedagógica, mas não aquelas relacionadas aos fundamentos técnico-científicos correspondentes a uma determinada área do conhecimento. (BRASIL, CNE/CP, 2005, p. 3)

Entende-se a PCC como mais uma opção de desenvolvimento da práxis na formação de professores, momentos de diálogos e de articulação orgânica entre teoria e prática reflexivas. A PCC pode se articular com o Estágio Supervisionado, mas são objetos curriculares diferentes, a PCC deve se fazer presente desde o início do curso, por meio de atividades, tempos e locais diferentes do que marca a atuação do Estágio Supervisionado, caracterizado pelo exercício direto in loco, em ambientes próprios de atividades da área profissional.

Na Licenciatura Intercultural Indígena a PCC se apresenta como atividade extensionista, com abordagem “interdisciplinar, político educacional, cultural,

científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade” (BRASIL, 2018). Presente durante toda a formação inicial dos professores, de maneira reflexiva e interdisciplinar, devendo ser utilizada para incentivar a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, não pode ser percebida sem seu caráter prático e interativo social. As diferenças que marcam a PCC e o Estágio Supervisionado precisam ser bem compreendidas pelos professores formadores e pelos discentes a fim de que possam ser efetivadas de modo a proporcionar reflexão e prática desde o início dos cursos.

Considerando o direito a uma educação escolar diferenciada para os povos indígenas, assegurado pela Constituição Federal de 1988; pela Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) sobre Povos Indígenas e Tribais, promulgada no Brasil por meio do Decreto nº 5.051/2004; pela Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948 da Organização das Nações Unidas (ONU); pela Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas de 2007; pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), bem como por outros documentos nacionais e internacionais que visam assegurar o direito à educação como um direito humano e social (MEC,2012), o Estágio Supervisionado Obrigatório no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA caracteriza-se como um espaço de integração da formação acadêmica, no qual considera-se a educação escolar indígena como objeto de análise, de investigação e de interpretação crítica, a partir dos elos estabelecidos com as disciplinas curriculares.

As atividades do Estágio devem permitir a construção do “ser professor indígena” que desenvolvam aspectos indispensáveis à docência na escola indígena como a identidade indígena, os saberes interculturais e as posturas específicas da posição social que ocupa como professor e na comunidade.

Em outras palavras, o Estágio é o momento em que o acadêmico-estagiário se aproxima da realidade escolar indígena e do exercício da docência com o olhar direcionado à potencialização da formação, à qualificação de suas inserções profissionais e ao trabalho da escola indígena.

Neste importante processo de formação de professores indígenas, considerando o direito de uma educação escolar diferenciada para os povos indígenas, o Estágio Supervisionado em Educação escolar Indígena no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA caracteriza-se como um espaço de integração da formação

acadêmica, no qual se considera a educação escolar indígena como objeto de análise, de investigação e de interpretação crítica, a partir dos elos estabelecidos com as disciplinas curriculares.

Para a formação inicial em nível superior e para a formação continuada, estabelece o mínimo de 400 horas de estágios curricular, considerando sua oferta em 4 etapas de 100 horas cada, de acordo com o tempo de permanência dos docentes nas aldeias, acontecendo ainda desde o primeiro ano, nos níveis do Grupo II, a saber:

Nível I - formação de professores multidisciplinares da Educação Infantil;

Nível II- formação de professores multidisciplinares dos anos iniciais do Ensino Fundamental; e

Nível III - formação de professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Por tanto, o estágio é voltado para a formação na educação básica, acontecendo somente em escola indígena, sem exclusão da vivência de atividades em outros espaços com intuito de subsidiar sua atuação no Estágio na escola indígena.

Os Projetos Integradores são atividades acadêmicas de caráter obrigatório, que ocorrem da 1ª a 4ª séries do Curso, respectivamente. O Projeto Integrador como atividade acadêmica será desenvolvido a partir de um tema ou problema que integram os conteúdos da série, com o objetivo de realizar a integração interdisciplinar entre os componentes curriculares do Curso assim como auxiliar no delineamento do Trabalho de Conclusão de Curso dos discentes.

O processo de definição da temática e elaboração das propostas dos projetos serão realizados pelos professores e alunos, que conjuntamente decidirão os temas de acordo com o perfil formativo, considerando o contexto interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico e ambiental onde a atividade irá se desenvolver.

Os projetos integradores serão desenvolvidos no curso a partir dos conhecimentos estudados e produzidos nas disciplinas como a culminância dos conhecimentos aprendidos naquele ano, articulando os componentes curriculares. Ainda, serão realizados em um ambiente que possibilite a construção do conhecimento a partir das experiências dos discentes, bem como sua inserção na escola indígena, seu contexto e sua realidade, articulando Educação e a Comunidade.

9.3.3. Ensino com Extensão

A Resolução nº7 de 18 de dezembro de 2018, que rege as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regulamenta o previsto na meta 12.7 da Lei nº13.005/2014 (PNE-2014-2024), determina em seu artigo 3º do Capítulo I, que se designa por extensão:

a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018).

A articulação permanente com o ensino e a pesquisa, fazem da atividade de extensão uma importante aliada na formação docente de professores indígenas, uma vez que possibilita a integração entre os saberes envolvidos no processo de formação e a conjugação desses saberes entre indígenas e não indígenas.

O Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) – 2017-2027 da UEPA ao assegurar em seu objetivo 1 – Desenvolver conhecimento com integração social, meta 1 – Ampliar em 100% as ações de extensão no âmbito da universidade, prevê como uma das estratégias, destinar o percentual de 20% da Carga Horária dos Cursos de Graduação para as atividades de extensão e pesquisa (PDI-UEPA, 2017).

Dessa forma, o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena por entender a importância das atividades de extensão na formação de professores e por entender que essas atividades se consubstanciam em ações que garantem a democratização do conhecimento e apontam para o respeito e a valorização dos saberes dos povos indígenas, estabelece a carga horária de 400h distribuídas ao longo dos quatro anos de Curso, contabilizando 100h a cada ano de Curso. Essas 400h serão realizadas a partir da Disciplina Prática como componente curricular a partir de atividades extensionistas a voltadas para a comunidade indígena, ações que tenham um caráter “interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade” (BRASIL, 2018).

Nas 400h da Prática como componente curricular, teremos 20h de Atividades sob a forma do Seminário Anual da Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA. Todas as Atividades de Extensão serão coordenadas por docentes atuantes na Graduação de Licenciatura Intercultural Indígena.

9.3.4. As Disciplinas

O Curso será ofertado em quatro anos nos campi da UEPA e/ou nas escolas das aldeias, em duas etapas intensivas e modulares de funcionamento por ano, preferencialmente, em janeiro/fevereiro e a em julho/agosto, com as etapas intermediárias das áreas, nos meses intervalares dos Módulos, conforme o cronograma de realização elaborado pela Coordenação do Curso.

A organização das **disciplinas** se apresenta conforme os Grupos e Níveis apontados pela Resolução 02/2019. O **Ementário** das disciplinas será apresentado como Apêndice I deste Projeto.

De acordo com o Art.12 da Resolução 02/2019, o Grupo I, deve ter início no 1º ano, a partir da integração das três dimensões das competências profissionais docentes – conhecimento, prática e engajamento profissionais – como organizadoras do currículo e dos conteúdos segundo as competências e habilidades previstas na BNCC-Educação Básica para as etapas da Educação Infantil, do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

GRUPO I – POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA – 1.000 HORAS/AULAS)

<u>1º ANO – 1º SEMESTRE</u>		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES	1. Educação Escolar Indígena e Sistema Educacional Brasileiro	60 h/a
DEES	2. Currículo, Interculturalidade e Escola Indígena	60 h/a
DEES	3. Didática Intercultural na Escola Indígena	60 h/a
DLLT	4. Políticas Linguísticas na Educação Escolar Indígena	60 h/a
DMEI	5. Numeramento e Alfabetização Matemática na Escola Indígena	80 h/a
DLLT	6. Letramento e Alfabetização na Escola Indígena	80 h/a
DEES	7. Gestão em Educação Escolar Indígena	60 h/a

CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE

460 h/a

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

No Grupo III, conforme o Art.15 da Resolução 02/2019, destina-se para a prática pedagógica que deverá estar intrinsecamente articulada, desde o primeiro ano do curso, com os estudos e com a prática previstos nos componentes curriculares, e devem ser assim distribuídas: 400 (quatrocentas) horas de estágio supervisionado, em ambiente de ensino e aprendizagem; e 400 horas, ao longo do curso, entre os temas dos Grupos I e II. As Etapas do Grupo III serão ofertadas em 4(quatro) Etapas, em cada um dos Níveis e Itinerários Formativos.

GRUPO III-1ª ETAPA

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular I: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado I – Escola Indígena e a Educação Básica	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: Etapa 1 (Diagnóstico) – Escola Indígena	60 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL DA 1ª ETAPA-GRUPO III		260 h/a

GRUPO I – POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA**1º ANO – 2º SEMESTRE**

DGAC	8. Ludicidade, Educação e Práticas Corporais Indígenas	60 h/a
DEES	9. Educação Especial e Inclusão na Escola Indígena	60 h/a

DEES	10. Língua Brasileiras de Sinais em Contextos Indígenas	60 h/a
DPSI	11. Desenvolvimento e Aprendizagem em Contextos Indígenas	80 h/a
DART	12. Artes na Escola Indígena	80 h/a
DFCS	13. Pesquisa em Educação Escolar Indígena	60 h/a
DEES	14. Tecnologias de Ensino na Escola Indígena	60 h/a
DEES, DLLT, DMEI, DGAC, DART	15. Projeto Integrador I: Elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL 2º SEMESTRE		540 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL GRUPO I – 1º ANO		1.000 h/a

GRUPO II – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA INDÍGENA; PLANEJAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INDÍGENA (2.100 HORAS)

Para o Grupo II, que compreende o aprofundamento de estudos na etapa e/ou no componente curricular ou área de conhecimento, o Art.12 da Resolução 02/2019, orienta que deve efetivar-se do 2º ao 4º ano, segundo os três tipos de cursos, respectivamente destinados à: I - formação de professores multidisciplinares da Educação Infantil; II - formação de professores multidisciplinares dos anos iniciais do Ensino Fundamental; e III - formação de professores dos anos finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Segundo o § 1º da BNCC-Formação os estudos comuns devem estar contemplados nos três Níveis do Grupo II. Na organização curricular do Curso o Núcleo de Estudos Comuns das Habilidades compreende os seguintes componentes: 1. Língua Portuguesa Instrumental; 2. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas; 3. Educação Escolar Indígena; 4. Tecnologias na Educação Escolar Indígena; 5. Práticas de Pesquisa em Educação Indígena. Cada um desses componentes tem carga horária de 60 h/a, totalizando 300 h/a.

NÍVEL I - FORMAÇÃO DE PROFESSORES MULTIDISCIPLINARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL		
2º ANO – 3º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES	1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena	60 h/a
DLLT	2. Língua Portuguesa Instrumental	60 h/a
DMEI	3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas	60 h/a
DLLT	4. Recepção e Produção de Texto Acadêmico	60 h/a
DFCS	5. Iniciação à Pesquisa em Educação Infantil Indígena	60 h/a
DFCS	6. Estudos de Filosofia na Educação Infantil Indígena	80 h/a
2º ANO – 4º SEMESTRE		
DLLT	7. Concepções de linguagens em Contexto Bi(multilíngues)	60 h/a
DEES	8. Educação Escolar Indígena	60 h/a
DEES	9. Didática Intercultural na Educação Infantil Indígena	60 h/a
DMEI	10. Construção do Pensamento Matemático Intercultural Indígena	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	11. Projeto Integrador II – Currículo da Educação Infantil Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL DO 2º ANO	720 h/a

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

2ª ETAPA-GRUPO II/EDUCAÇÃO INFANTIL

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
---------------------	-------------------	----------------------

DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular III: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL DA 3ª ETAPA-GRUPO III		280 h/a

<u>3º ANO – 5º SEMESTRE</u>		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DLLT	12. Concepções Fonético-Fonológicas nos Estudos de LI e LP	80 h/a
DGAC	13. Estudos do Corpo e Criança Indígena	60 h/a
DART	14. Artes Visuais na Educação Infantil Indígena	60 h/a
DFCS	15. Estudos de História na Educação Infantil Indígena	80 h/a
DLLT	16. Fundamentos e Práticas de Oralidade, Leitura e Escrita na Educação Infantil Indígena	80 h/a
DMEI	17. Construção e Usos dos Números na Educação Infantil Indígena	80 h/a
<u>3º ANO – 6º SEMESTRE</u>		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DGAC	18. Educação Física na Educação Infantil Indígena	80 h/a
DMEI	19. Ensino de Etnogeometria na Educação Infantil Indígena	80 h/a

DFCS	20. Estudos de Geografia na Educação Infantil Indígena	80 h/a
DART	21. Artes Musicais e Cênicas na Educação Infantil Indígena	60 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	22. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Educação Infantil na Escola Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL 3º ANO		820 h/a

3ª ETAPA-GRUPO II/EDUCAÇÃO INFANTIL

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular III: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL DA 3ª ETAPA-GRUPO III		280 h/a

4º ANO – 7º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DCNA	23. Natureza e Sociedade na Educação Infantil Indígena	80 h/a
DFCS	24. Práticas de Pesquisa em Educação Infantil Indígena	60 h/a

DLLT	25. Literatura Infantil na Escola Indígena	80 h/a
DCNA	26. Ensino de Ciências na Educação Infantil Indígena	80 h/a
<u>4º ANO – 8º SEMESTRE</u>		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DLLT	27. Fundamentos e Práticas Linguísticas e Semióticas na Educação Infantil Indígena	80 h/a
DMEI	28. Grandezas e Medidas Interculturais na Escola Indígena	80 h/a
	29. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos da Educação Infantil Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL DO 4º ANO	560 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL GRUPO II- NÍVEL I	2.100 h/a

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

4ª ETAPA-GRUPO II/EDUCAÇÃO INFANTIL

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular IV: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado IV – Proposta Curricular e Materiais Didáticos	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: Produto Educacional da Escola Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL DA 4ª ETAPA-GRUPO III	280 h/a

**GRUPO II – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA INDÍGENA;
PLANEJAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INDÍGENA (2.100 HORAS)**

NÍVEL II: FORMAÇÃO DE PROFESSORES MULTIDISCIPLINARES DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

2º ANO – 1º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES	1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena	60 h/a
DLLT	2. Língua Portuguesa Instrumental	60 h/a
DMEI	3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas	60 h/a
DFCS	4. Estudos de Filosofia na Escola Indígena	60 h/a
DFCS	6. Práticas de Pesquisa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	60 h/a
DEES	7. Educação Escolar Indígena	60 h/a

2º ANO – 2º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DLLT	8. Concepções de Linguagens em Contexto Bi(multilíngues)	60 h/a
DMEI	9. Bases Teóricas da Etnomatemática para o Ensino na Escola Indígena	80 h/a
DCNA	10. Ensino de Ciências na Escola Indígena	80 h/a
DLLT	11. Línguas Indígenas na Amazônia	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	12. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental – Anos Iniciais	80 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL 2º ANO	760 h/a

**GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-
TRANSDISCIPLINARES**

2ª ETAPA-GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL -ANOS INICIAIS

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular II: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado II – Ensino Fundamental/Anos Iniciais - Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: 2ª Etapa - Currículo do Ensino Fundamental/Anos Iniciais da Escola Indígena	80h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL DA 4ª ETAPA- GRUPO III	280 h/a

3º ANO – 1º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DGAC	13. Cultura Corporal e Povos Indígenas	60 h/a
DLLT	14. Letramento e Alfabetização no Ensino Fundamental Indígena-Anos Iniciais	80 h/a
DFCS	15. História Indígena e Fundamentos Históricos	80 h/a
DLLT	16. Práticas Linguísticas e Semióticas na Escola Indígena	80 h/a
DART	17. Artes Visuais e Ensino na Escola Indígena	80 h/a

3º ANO – 2º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DLLT	18. Oralidade, leitura e Escrita na Escola Indígena	80 h/a
DMEI	19. Ensino de Etnogeometrias na Escola Indígena	80 h/a

DFCS	20. Saberes Geográficos Indígenas e Estudos de Geografia	80 h/a
DLLT	21. Literatura Infantil na escola indígena	80 h/a
DGAC	22. Introdução aos Estudos da Educação Física	60 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	23. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Indígena.	80 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL 3º ANO - GRUPO II- NÍVEL II		860 h/a

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

3ª ETAPA-GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL-ANOS INICIAIS

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular III: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	100h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: 3ª Etapa - Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL DA 4ª ETAPA-GRUPO III		280 h/a

4º ANO – 1º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DMEI	24. Saberes Interculturais no estudo dos números, das grandezas e medidas	80 h/a

DCNA	25. Homem-Natureza no Ensino de Ciências	60 h/a
DART	26. Artes Musicais e Cênicas e Ensino na Escola Indígena	80 h/a
DGAC	27. Ensino da Educação Física na Escola Indígena	60 h/a
<u>4º ANO – 2º SEMESTRE</u>		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DMEI	28. Planejamento e Metodologias para o ensino de matemáticas interculturais	80 h/a
DCNA	29. Etnociências na Escola Indígena	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	30. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos da Educação Infantil Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA 4º ANO	540 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL GRUPO II- NÍVEL II	2.100 h/a

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

4ª ETAPA-GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL-ANOS INICIAIS

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular IV: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado IV – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: 4ª Etapa - Produto Educacional para o Ensino Fundamental Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL DA 4ª ETAPA-GRUPO III	280 h/a

**GRUPO II – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA INDÍGENA;
PLANEJAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INDÍGENA (2.100 HORAS)**

**NÍVEL III: FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO**

**NÚCLEO DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
ITINERÁRIO FORMATIVO I - LINGUAGENS E ARTES
2º ANO – 1º SEMESTRE**

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES	1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena	60 h/a
DLLT	2. Língua Portuguesa Instrumental	60 h/a
DMEI	3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas	60 h/a
DART	4. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas – Artes Visuais	80h/a
DFCS	5. Práticas de Pesquisa em Educação Escolar Indígena	60 h/a
	CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE	320 h/a

2º ANO – 2º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES	6. Educação Escolar Indígena	60 h/a
DLLT	7. Concepções Fonético-Fonológicas para o Ensino-Aprendizagem de Línguas	80 h/a
DGAC	8. Introdução à Educação Física na Escola Indígena	60 h/a
DART	9. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas: Música	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	10. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio	80 h/a
	CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE	360 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL 2º ANO	680 h/a

3º ANO - 1º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DLLT	11. Concepções Literárias no Brasil e na Amazônia Indígena	80 h/a
DLLT	12. Línguas Indígenas na Amazônia	80 h/a
DGAC	13. Práticas Corporais em Contextos Indígenas	60 h/a
DLLT	14. Fundamentos e Práticas de Oralidade, Leitura e Escrita na Escola Indígena	80 h/a
DGAC	15. Ensino da Educação Física na Escola Indígena	60 h/a
DLLT	16. Fundamentos, Práticas Linguísticas e Semióticas na Escola Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE	440 h/a
3º ANO – 2º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DGAC	17. Cultura Corporal Indígena na Escola – Anos Finais do Ensino Fundamental	60 h/a
DART	18. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas: Teatro	80 h/a
DLLT	19. Práticas Pedagógicas para o Ensino-Aprendizagem da Literatura na Escola Indígena	60 h/a
DLLT	20. Práticas Pedagógicas de Produção de Textos Bilíngues na Escola Indígena	60 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	21. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação no Ensino Fundamental-Anos Finais e Ensino Médio na Escola Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE	340 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL 3º ANO	780 h/a

4º ANO – 1º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DGAC	22. Cultura Corporal Indígena na Escola – Ensino Médio	60 h/a
DLLT	23. Literatura Brasileira na Escola Indígena	80 h/a
DART	24. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas: Dança	80 h/a
DLLT	25. Práticas Pedagógicas para o Ensino-Aprendizagem da Língua Indígena	80 h/a
DLLT	26. Produção de Recursos Didáticos para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias	80 h/a
CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE		380h/a
4º ANO – 2º SEMESTRE		
DLLT	27. Semântica na Escola indígena	60 h/a
DGAC	28. Cultura Corporal Indígena e Práticas de Pesquisa	60 h/a
DLLT	29. Discurso e Identidade na Escola Indígena	60 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	30. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos para o Ensino Fundamental-Anos Finais e para o Ensino Médio	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		260 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL 4º ANO		640 h/a

**NÚCLEO DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
ITINERÁRIO FORMATIVO II - CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA
2º ANO - 1º SEMESTRE**

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES	1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena	60 h/a
DLLT	2. Língua Portuguesa Instrumental	60 h/a

DMEI	3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas	60 h/a
DFCS	4. Práticas de Pesquisa em Educação Escolar Indígena	60 h/a
DEES	5. Educação Escolar Indígena	60 h/a
DMEI	6. Estudo Intercultural de Funções em suas Variáveis	80 h/a
CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE		300 h/a
2º ANO - 2º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DMEI	7. Instrumentalização do Conhecimento Matemático em Contexto Indígena	80 h/a
DCNA	8. Saberes Indígenas e Conceitos Fundamentais de Biologia	80 h/a
DCNA	9. Saberes Tradicionais e Fundamentos da Química	80 h/a
DMEI	10. Práticas Socioculturais e Educação Matemática	80 h/a
DCNA	11. Saberes Tradicionais e Fundamentos da Física	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	12. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		480 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL 2º ANO		780 h/a

3º ANO - 1º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DCNA	13. As propriedades Químicas dos Materiais e seus usos no Meio Ambiente	80 h/a
DMEI	14. Ensino de Geometrias para a escola indígena	80 h/a
DCNA	15. Metodologia e Ensino da Biologia na Escola Indígena	80 h/a

DMEI	16. Probabilidade e Estatística no contexto indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE		320 h/a
3º ANO - 2º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DCNA	17. Seres humanos e a natureza: Identidade dos seres vivos	80 h/a
DCNA	18. Metodologia e Ensino de Física na Escola Indígena	80 h/a
DMEI	19. Ensino de álgebra na escola indígena	80 h/a
DCNA	20. Interculturalidade no Ensino de Física	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	21. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação no Ensino Fundamental-Anos Finais e Ensino Médio na Escola Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		400 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL 2º ANO		720 h/a

4º ANO - 1º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DCNA	22. Química e Metodologia do Ensino na Escola Indígena	80 h/a
DMEI	23. Educação Financeira em contexto indígena	80 h/a
DCNA	24. Práticas de Ensino em Ciências da Natureza e suas tecnologias	80 h/a
DCNA	25. Ambiente e Saúde	60 h/a
DMEI	26. Didática da Matemática Intercultural Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE		380 h/a
4º ANO - 2º SEMESTRE		
DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA

DCNA	27. Povos Indígenas e o Meio Ambiente	80 h/a
DCNA	28. Etnoastronomia	60 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	29. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos para o Ensino Fundamental-Anos Finais e para o Ensino Médio	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		220 h/a
CARGA HORÁRIA 4º ANO		600 h/a

**NÚCLEO DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS
ITINERÁRIO FORMATIVO III - CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
2º ANO – 1º SEMESTRE**

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES	1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena	60 h/a
DLLT	2. Língua Portuguesa Instrumental	60 h/a
DMEI	3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas	60 h/a
DEES	4. Educação Escolar Indígena	60 h/a
DFCS	5. Práticas de Pesquisa em Educação Escolar Indígena	60 h/a
CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE		300 h/a

2º ANO – 2º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DFCS	6. Filosofia Indígena e Estudos de Filosofia	80 h/a
DFCS	7. Filosofia na Escola Indígena	80 h/a
DFCS	8. Ensino de Filosofia na Escola Indígena	80 h/a
DFCS	9. História Indígena e Estudos de História	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	10. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		400 h/a

CARGA HORÁRIA 2º ANO	700 h/a
-----------------------------	----------------

3º ANO – 1º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DFCS	11. História e Povos Indígenas no Brasil	80 h/a
DFCS	12. História e Povos Indígenas na Amazônia	80 h/a
DFCS	13. Ensino de História na Escola Indígena	80 h/a
DFCS	14. Territorialidade Indígena e Estudos de Geografia	80 h/a
DFCS	15. Geografia do Brasil e Povos Indígenas	80 h/a
CARGA HORÁRIA 1º SEMESTRE		400 h/a

3º ANO – 2º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DFCS	16. Geografia na Amazônia e Povos Indígenas	80 h/a
DFCS	17. Ensino de Geografia na Escola Indígena	80 h/a
DFCS	18. Sociologia Indígena e Estudos de Sociologia	80 h/a
DFCS	19. Questões Sociológicas em Contextos Indígenas	80 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	20. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação no Ensino Fundamental-Anos Finais e Ensino Médio na Escola Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		400 h/a
CARGA HORÁRIA 3º ANO		800 h/a

4º ANO – 1º SEMESTRE

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DFCS	21. Ensino de Sociologia na Escola Indígena	80 h/a
DFCS	22. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais	60 h/a

DEES	23. Currículo Intercultural na Escola Indígena	80 h/a
DFCS	24. Povos Indígenas e Direitos Humanos	80 h/a
DFCS	25. Estudos Antropológicos em Educação Escolar Indígena	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		380 h/a
4º ANO – 2º SEMESTRE		
DFCS	26. Metodologia da Pesquisa em Educação Escolar Indígena	80 h/a
DFCS	27. Tecnologias Educacionais em Ciências Humanas e Sociais	60 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	28. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos para o Ensino Fundamental-Anos Finais e para o Ensino Médio	80 h/a
CARGA HORÁRIA 2º SEMESTRE		220 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL 4º ANO		600 h/a

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTERTRANSDISCIPLINARES

2ª ETAPA/GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL-ANOS FINAIS E ENSINO

MÉDIO

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular II: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado II – Ensino Fundamental/Anos Finais e Ensino Médio - Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: Currículo do Ensino Fundamental/Anos Finais e Ensino Médio	80 h/a

	CARGA HORÁRIA TOTAL DA 2ª ETAPA-GRUPO III	280 h/a
--	--	----------------

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

3ª ETAPA-GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL-ANOS FINAIS E ENSINO

MÉDIO

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	Prática Como Componente Curricular III: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	100h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: 3ª Etapa - Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	80 h/a
	CARGA HORÁRIA TOTAL DA 4ª ETAPA-GRUPO III	280 h/a

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

4ª ETAPA-GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL-ANOS FINAIS E ENSINO

MÉDIO

DEPARTAMENTO	DISCIPLINA	CARGA HORÁRIA
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	1. Prática Como Componente Curricular IV: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas	100 h/a

DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	2. Estágio Supervisionado IV – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena	100 h/a
DEES; DCNA; DLLT; DMEI; DGAC; DART	3. Trabalho de Conclusão de Curso: 4ª Etapa - Produto Educacional para o Ensino Fundamental/Anos Finais e Ensino Médio	80 h/a
CARGA HORÁRIA TOTAL DA 4ª ETAPA-GRUPO III		280 h/a

10. FORMAS DE AVALIAÇÃO

10.1. Docente

A proposta de reorientação pedagógica aqui proposta só terá êxito com o comprometimento do corpo docente, sem o qual não é possível mudança de tal magnitude. Como nos ensina Sacristán (2008, p 201).

O valor de qualquer currículo, de toda proposta de mudança para a prática educativa, se comprova na realidade na qual se realiza, na forma com que se concretiza em situações reais. O currículo na ação é a última expressão do seu valor, pois, enfim, é na prática que todo projeto, toda ideia, toda intenção, se faz realidade, de uma forma ou outra, se manifesta, adquire significação e valor.

Assim, para êxito da proposta pedagógica aqui apresentada, a atitude do professor como intelectual crítico, professor-pesquisador, produtor de sínteses significativas do conhecimento e propulsor de novos conhecimentos é extremamente necessária. A avaliação do docente, então, terá como fito: a) Permitir ao docente avaliar o seu fazer pedagógico, buscando identificar fragilidades e potencialidades teórico-técnicas e rever constantemente sua atuação docente; b) Permitir a análise do desenvolvimento do projeto pedagógico do curso; e, c) Permitir reorientações no fazer pedagógico do docente e busca de qualificação permanente do corpo docente.

Para que isto ocorra, haverá o acompanhamento sistemático da Assessoria Pedagógica e coordenação do curso, com momentos de avaliação ao final de cada módulo letivo.

A avaliação se pretende dialógica, inclusiva e qualitativa, permitindo ao docente emitir juízo de valor sobre o curso, sobre sua própria atuação, bem como sobre as condições de produção da prática educativa.

Também será permitido ao discente avaliar o trabalho docente, tanto internamente durante o desenvolvimento dos componentes curriculares, com momentos de paragens reflexivas sobre o andamento das aulas, bem como em instrumentos de avaliação fornecidos pela Coordenação e Assessoria Pedagógica do Curso.

Além disso, o docente será acompanhado pela Comissão Própria de Avaliação da UEPA (CPA), com uso de instrumentos próprios de avaliação.

10.2. Avaliação da Aprendizagem Discente

A avaliação do discente do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena deverá permitir ao licenciando rever sua dinâmica de estudo, fragilidades e potencialidades de seu aprendizado, bem como lhe permitir contínua identificação com os conhecimentos identificadores da formação do docente indígena.

O elemento base para avaliação do discente é o crescimento intelectual e técnico dentro de seu itinerário formativo, avaliando fragilidades e potenciais, bem como metas a serem atingidas com a formação.

A avaliação do discente será contínua, integradora, qualitativa e balizada no crescimento intelectual, técnico e humano do educando, com destaque para sua ligação com o projeto societário de seu povo e as atitudes de liderança e afirmação étnica que venham a ser engrandecidas durante a formação.

Serão realizadas avaliações individuais e coletivas do rendimento, bem como ciclos avaliativos do desenvolvimento formativo do licenciando.

Além da avaliação pelo docente, o educando será acompanhado pelas assessorias pedagógica e linguística do Núcleo de Formação Indígena (NUFI/UEPA), bem como em seminários integradores próprios para avaliação.

10.3. Avaliação do Projeto Político-Pedagógico

A avaliação externa do Projeto Pedagógico será feita pelo aluno egresso. Para tanto, será disponibilizado no Sistema de Gestão Acadêmica (SIGAA) da Universidade do Estado do Pará um link de avaliação contemplando a estrutura física, o corpo docente, o perfil de formação, a Coordenação do Curso, as atividades complementares, TCC e Estágio e a qualidade geral da Formação.

A avaliação interna do Projeto Pedagógico do Curso será permanente, tendo como fóruns as reuniões docentes, o Colegiado do Curso e o Núcleo Docente Estruturante-NDE.

O NDE é o responsável pelo acompanhamento contínuo e qualificado do Projeto pedagógico, o NDE será formado por um mínimo de 5 (cinco) professores do corpo docente permanente do Curso e terá como atribuições: a) acompanhamento periódico do rendimento, dificuldades e situação dos alunos com relação ao Curso; b) Analisar periodicamente o Projeto Pedagógico com base nas informações advindas dos alunos e comunidade acadêmica; c) Acompanhar as mudanças na legislação da educação escolar indígena e discutir possíveis reorientações ao projeto pedagógico; e, d) estar em constante escuta das comunidades indígenas quanto às suas aspirações com a educação escolar indígena e possíveis contribuições da educação superior para os projetos societários das aldeias e povos.

O curso ficará disponível à avaliação da Comissão Própria de Avaliação da UEPA (CPA), valendo-se de seus resultados para redimensionamento da estrutura e funcionamento do projeto pedagógico. Além disso, o Projeto Pedagógico será avaliado periodicamente pelas Comissões de Avaliação do Conselho Estadual de Educação (CEE/PA).

11. RECURSOS PARA IMPLANTAÇÃO

11.1. Recursos Humanos e Financeiros

A implantação do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/UEPA, requer a otimização de recursos humanos, didáticos e de infraestrutura, adequados e preparados para atender a proposta pedagógica aqui apresentada.

É necessário um quadro mínimo de pessoal, para que haja qualidade no desenvolvimento do Curso, a ser composto por especialistas, mestres e doutores, com formação específica para atuar na formação de professores indígenas no Ensino Superior. Os docentes do Curso deverão receber formação contínua antes e durante a oferta do Curso.

Tabela 02 – Quadro de Docentes Efetivos do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena/UEPA

TITULAÇÃO ACADÊMICA	DOCENTE	REGIME DE TRABALHO/VÍNCULO	ÁREA DE ATUAÇÃO
Doutor	Airton dos Reis Pereira	TIDE/Efetivo	História
Doutora	Ana Lúcia Nauar Pantoja	40 horas/Efetivo	Antropologia

Doutora	Antônia Zelina Negrão de Oliveira	40 horas/Efetivo	Letras
Mestre	Aline da Silva Lima	40 horas/Efetivo	Matemática
Doutora	Eliana Ruth Silva Souza	40 horas/Efetivo	Matemática
Doutora	Eliete de Jesus Bararua Solano	TIDE/Efetivo	Letras
Mestre	Maria Goretti Lameira	40 horas/Efetivo	Educação Física
Doutor	Iêdo Souza Santos	TIDE/Efetivo	Ciência e Tecnologia
Doutora	Joelcilea de Lima Aires	40 horas/Efetivo	Filosofia/Artes
Doutora	Joelma Cristina Parente Monteiro Alencar	TIDE/Efetivo	Ciências Sociais/Educação
Doutora	Mara Silvia Jucá Acácio	40 horas/Efetivo	Letras
Doutora	Natália Karine Nascimento da Silva	40 horas/Efetivo	Biologia
Mestre	Petronio Lauro Teixeira Potiguar Júnior	40 horas/Efetivo	Ciências Sociais
Mestre	Rita de Cássia de Almeida Silva	TIDE/Efetivo	Letras
Doutora	Sinaida Maria Vasconcelos	TIDE/Efetivo	Biologia
Mestre	Urubatan Ferreira Castro	40 horas/Efetivo	Artes/Música
Mestre	Vanja da Cunha Bezerra	TIDE/Efetivo	Ciências Sociais
Doutor	Victor Wagner Bechir Diniz	TIDE/Efetivo	Química

Fonte: Núcleo de Formação Indígena/UEPA - 2021

Para que haja um corpo docente qualificado e preparado para atuar no Curso a Gestão Superior da UEPA deverá viabilizar, por meio do NUFI e Coordenação do Curso, junto aos departamentos acadêmicos, a disponibilidade de carga horária e lotação docente.

A Universidade do Estado do Pará deverá garantir as condições necessárias, de estrutura física, suporte pedagógico e financeiro, seja por meio de recursos do Tesouro do Estado, seja através de recursos oriundos de convênios externos.

12. FORMAÇÃO CONTÍNUA E CONTINUADA

Em atendimento com o previsto na Resolução N° 2, de 1 de julho de 2015, a formação continuada para os concluintes do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UEPA, na forma de seu artigo 16, poderá ocorrer:

Pela oferta de atividades formativas e cursos de atualização, extensão, aperfeiçoamento, especialização, mestrado e doutorado que agreguem novos saberes e práticas, articulados às políticas e gestão da educação, à área de atuação do profissional e às instituições de educação básica, em suas diferentes etapas e modalidades da educação.

Dentre as formas de oferta previstas pela Resolução N° 2/CNE/MEC, Art. 17, § 1º, estão:

- I - atividades formativas organizadas pelos sistemas, redes e instituições de educação básica incluindo desenvolvimento de projetos, inovações pedagógicas, entre outros;
- II - atividades ou cursos de atualização, com carga horária mínima de 20 (vinte) horas e máxima de 80 (oitenta) horas, por atividades formativas diversas, direcionadas à melhoria do exercício do docente;

II - atividades ou cursos de extensão, oferecida por atividades formativas diversas, em consonância com o projeto de extensão aprovado pela instituição de educação superior formadora;

IV - cursos de aperfeiçoamento, com carga horária mínima de 180 (cento e oitenta) horas, por atividades formativas diversas, em consonância com o projeto pedagógico da instituição de educação superior;

V - cursos de especialização lato sensu por atividades formativas diversas, em consonância com o projeto pedagógico da instituição de educação superior e de acordo com as normas e resoluções do CNE;

VI - cursos de mestrado acadêmico ou profissional, por atividades formativas diversas, de acordo com o projeto pedagógico do curso/programa da instituição de educação superior, respeitadas as normas e resoluções do CNE e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes;

VII - curso de doutorado, por atividades formativas diversas, de acordo com o projeto pedagógico do curso/programa da instituição de educação superior, respeitadas as normas e resoluções do CNE e da Capes.

A forma de oferta de formação continuada deverá ser definida conjuntamente com os egressos do Curso e elaborada em projeto específico para atendimento da demanda apresentada, em efetiva articulação com os cursos de pós-graduação do NUFI e demais cursos da UEPA. Vale registrar o crescente número de egressos no Curso de Mestrado Profissional do Programa de Educação Escolar Indígena, assim como, a oferta do Curso de Especialização Docência em Educação Escolar Indígena.

14. FORMAS DE ACOMPANHAMENTO DO EGRESSO

O termo egresso pode ser utilizado exclusivamente para referir-se ao aluno formado ou abranger os alunos que saíram do curso por abandono, transferência ou jubileamento. Sem adentrar no mérito deste aspecto, consideramos neste Projeto como egresso, apenas o aluno formado que concluiu seus estudos no curso de graduação a ser avaliado.

No Brasil, a Lei 10.861/2004, que instituiu o Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (SINAES), foi um marco importante, pois tem como objetivo aferir a qualidade das IES, dos Cursos de Graduação e o desempenho dos estudantes. O SINAES estabelece o acompanhamento de egresso como um aspecto a ser verificado nas políticas de autoavaliação institucional. A trajetória seguida pelo SINAES retrata um movimento crescente no sentido de garantir um ensino de qualidade, atrelado a um sistema de avaliação capaz de desencadear as mudanças demandadas pela sociedade.

Evidencia também a importância de se considerar a percepção do egresso como um indicador efetivo para a avaliação institucional.

Ao desenvolver formas de acompanhamento do egresso a Instituição pode retroalimentar o seu sistema de gestão, compreendendo o impacto da formação na vida dos indivíduos e o seu papel neste contexto, além de fortalecer o vínculo com os ex-alunos por meio da educação continuada e da participação desse público nas atividades de ensino, pesquisa e extensão. Manter o relacionamento com egressos é importante tanto para a Instituição quanto para os próprios ex-alunos. Na perspectiva da Instituição se destaca o feedback sobre a formação e a adequação às necessidades do mercado de trabalho, que tem se transformado rapidamente e exige o desenvolvimento de novas habilidades e competências, em especial aquelas que possibilitam ao profissional se adequar de forma rápida às mudanças na natureza do trabalho, no perfil do profissional e nas relações de trabalho.

No Curso de Licenciatura Intercultural Indígena a aproximação do egresso com a instituição é importante para a atualização do próprio Curso, por isso, defendemos ações para manter os egressos informados sobre eventos, cursos e atividades oferecidas, além de levantar informações que direcionem a avaliação curricular e a atualização de propostas e práticas pedagógicas. Para tanto, por meio de instrumentos virtuais de fácil acesso pretende-se conhecer a situação profissional, os índices de empregabilidade e a inserção do egresso no mundo do trabalho. Pretendemos ainda, identificar a continuidade dos estudos e suas necessidades de formação continuada, além de apontar inferências da relação entre a formação oferecida nos cursos e as exigências do mundo do trabalho.

Outras atividades próprias para o acompanhamento de egressos serão elaboradas, tais como: levantamentos de informações, pesquisas sobre inserção profissional e social, promoção de encontros, seminários, cursos e palestras, integração de egressos e alunos em formação, atualização cadastral, organização de cadastro de empresas, criação de banco de currículo de egressos e divulgação de oportunidades de concursos, trabalho e emprego.

É importante ressaltar, que o Curso de Licenciatura Intercultural Indígena tem promovido ao longo de sua existência a possibilidade de atuação de egressos, professores indígenas, em disciplinas e orientações curriculares.

REFERÊNCIAS

- BETTIOL, Célia Aparecida; LEITE, Yoshie Ussami Ferrari. A Formação de Professores Indígenas no Contexto Educacional Brasileiro: um olhar sobre os documentos legais. In. EDUCERE, XIII Congresso Nacional de Educação. 2017, Curitiba, PR. **Anais**, Disponível em: <https://educere.pucpr.br/p1/anais.html?tipo=&titulo=&edicao=2017&autor=C%C3%A9lia+Aparecida+Bettiol&area=>.
- BROSTOLIN, Marta Regina. Da política linguística à língua indígena na escola. **Tellus**, Campo Grande, MS ano 3, n. 4, p. 27-35, abr. 2003.
- DE PAULA, A. S. Educação escolar indígena e política linguística. **Revista do GELNE**, v. 17, n. 1/2, p. 113-129, 12 set. 2016.
- GATTI, Bernardete Angelina; SHAW, Gisele Soares Lemos; PEREIRA, Jocilene Gordiano Lima Tomaz. Perspectivas para Formação de Professores Pós Pandemia: um Diálogo. In. **Revista Práxis Educacional**, v.17, n.45, p. 1-25, abr./jun. 2021.
- GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. Apresentação. **Em Aberto**, Brasília, v. 20, n. 76, p. 7-11, fev. 2003.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- _____. **Referenciais para a Formação de Professores Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- _____. **Documento Final da I Conferência de Educação Escolar Indígena**. Disponível em: www.consed.org.br/index.php/biblioteca/download...documento-final.
- NASCIMENTO, Adir Casaro. **Escola indígena: palco das diferenças**. Campo Grande: UCDB, 2004.
- POVOS INDÍGENAS NO BRASIL, 2010. Disponível em: <http://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/a-escola-e-a-escrita>. Acesso em: 20 abril 2011.
- RUSSO, K., DINIZ, E. A. (2020). Trajetórias indígenas na universidade: O direito ao ensino superior no Rio de Janeiro. In. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**. Dossiê especial, Educação e Povos Indígenas: Identidades em Construção e Reconstrução, Arizona, v. 28, n. 73, p. 01-25, maio, 2020.
- RIVAS, Gilberto López Y. Teses em torno da autonomia dos povos índios. **Idéias & Debates**. Ago 2010. Disponível em: <F:\TEXTOS\Teses em torno da autonomia dos povos índios Passa Palavra.mht>.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. Aspectos da História das Línguas Indígenas da Amazônia. In. M. do S. (org). **Sob o signo do Xingu**. Belém: IFNOPAP/UFPA, 2002.
- SABIA, Claudia Pereira de Pádua; ALANIZ, Érika Porceli. Plano Nacional de Educação: PNE (2014-2024): limites, avanços e perspectivas. **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**, Marília, v.1, n.1, p.35-63, jul./dez. 2015.
- SANTOS, Iza Maria de Castro dos. Política Estadual dos Povos Indígenas do Pará. In. KAHWAGE, Claudia Maria Carneiro; MARINHO, Haydeé Márcia de Souza. **Situação socioambiental das terras indígenas do Pará: desafios para elaboração de políticas de gestão territorial ambiental**. Belém/PA: SEMA; Brasília: ACT Brasil, 2011.
- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARÁ. **I Seminário de Educação Escolar Indígena: rumos e perspectivas**. Belém, 2008.
- SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Belém: UEPA, 2007.

- _____. **Plano de Desenvolvimento Institucional 2017-2027**. Belém, Pa: UEPA, 2017.
- _____. **NÚCLEO DE FORMAÇÃO INDÍGENA. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena**. Belém, Pa: UEPA, 2016.

APÊNDICE I

EMENTÁRIO DE DISCIPLINAS

GRUPO I – POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E**ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA INDÍGENA – 1.000 h/a****1. Educação Escolar Indígena e Sistema Educacional Brasileiro - 60 h/a**

Ementa: As políticas públicas formuladas para a organização da Educação Básica e a Educação Escolar Indígena. As reformas educativas que produziram/produzem um ordenamento do campo educacional com vistas à adequação das políticas educacionais em curso e as políticas para a educação escolar indígena. Políticas organizativas e curriculares no campo educacional e os Territórios Etnoeducacionais Indígenas. Análise e interpretação de Indicadores relacionados à Educação Básica na Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Básica:

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, José Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização.** São Paulo: Cortez, 2003.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. **Lei n.º 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em 23.01.2003.

_____. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Cadernos SECAD 3. Educação Escolar Indígena: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília, DF. SECAD/MEC, 2007.

_____. **Resolução nº 5**, de 22 de junho de 2012. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=11074-rceb005-12-pdf&category_slug=junho-2012-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 12 ago. 2012.

_____. **Resolução nº 1**, de 7 de janeiro de 2015. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=16870-rescne-cp-001-07012015&category_slug=janeiro-2015-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 15 jan. 2015.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola.** 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

2. Currículo, Interculturalidade e Escola Indígena – 60 h/a

Ementa: Currículo e identidade indígena; currículo escolar e saberes do povo; os diversos olhares sobre currículo, dimensões do currículo; currículo, ideologia e dominação cultural; contextualização do currículo; o papel do currículo na manutenção

ou transformação social; etnoconhecimento, história e memória do povo. Conceitos de Interculturalidade. Interculturalidade no Currículo da Escola Indígena, o currículo específico e diferenciado.

Bibliografia Básica:

- ARROYO, M. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.
- WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. CANDAU, Vera Maria. **Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

Bibliografia Complementar:

- CANDAU, Vera Maria. Diferenças, Educação Intercultural e Decolonialidade: temas insurgentes. **Revista Espaço do Currículo**. (online), João Pessoa, v.13, n. Especial, p. 678-686, dez., 2020.
- D'ANGELIS, W. R. **Aprisionando Sonhos. A educação escolar indígena no Brasil**. Campinas: Curt Nimuendajú, 2012.
- LUCIANO, G. J. S. **Educação para Manejo do Mundo**. Entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Contra Capa, LACED, 2013.
- MOREIRA, Antonio Flávio. e SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 8 Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

3. Didática Intercultural na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

Estuda a educação intercultural e sua abordagem na escola indígena. Contextualiza a Didática nos processos de educação indígena. Aborda técnicas dos Tempos e espaços do planejamento na escola indígena numa abordagem da diferença, da interculturalidade crítica e da inter-transdisciplinaridade. Apresenta possibilidades de Metodologias de avaliação do ensino e da aprendizagem, consoantes a conteúdos curriculares e desenvolvimento cognitivo na educação indígena.

Bibliografia Básica:

- CANDAU, V. M (Org). **A didática em questão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- WALSH, Catherine. **Interculturalidad crítica y educación intercultural**. Disponível em: https://www.uchile.cl/documentos/interculturalidad-critica-y-educacion-intercultural_150569_4_4559.pdf.
- LANDA, Mariano Báez. HERBETTA, Alexandre Ferraz. **Educação Indígena e Interculturalidade: um debate epistemológico e político**. (Org.). Goiânia. Imprensa Universitária, 2017.

Bibliografia Complementar:

- CANDAU, V. M. Prefácio. In: ANDRADE, M. **A diferença que desafia a escola: a prática pedagógica e a perspectiva intercultural**. Rio de Janeiro: Quartet, 2009.
- _____. **Diferenças culturais, cotidiano escolar e práticas pedagógicas**. In: _____. (Org.). **Didática crítica intercultural: aproximações**. Petrópolis: Vozes, 2012.

_____; KOFF, Adélia Maria Nehme Simão e. **A Didática Hoje: reinventando caminho.** Educação & Realidade, vol. 40, núm. 2, pp. 329-348, 2015.

SUANNO, M. V. Rosa; SILVA, Carlos Cardoso, Oliveira, Taynnara Rodrigues de; MAGALHÃES, Wesley Brito. Justiça social e multiculturalismo na educação: perspectiva emergente e insurgente na didática crítica intercultural. **Revista Polyphonia**, 31(1), 143–162, 2020.

DIAS, Alder de Sousa; ABREU, Waldir Ferreira de. **Didáticas decoloniais no Brasil: uma análise genealógica.** Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/issue/view/1544>.

4. Políticas Linguísticas na Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Gênese da Política linguística Indígena. As tipologias das situações plurilíngues. Política Linguística versus Planificação Linguística. Panorama histórico das Políticas Linguísticas Indígenas no Brasil: línguas indígenas, língua geral, línguas de imigração, o português e sua gestão escolar, as línguas estrangeiras em contextos indígenas. Estudos de Caso. Possibilidades de implementação de práticas linguísticas decoloniais na escola indígena.

Bibliografia Básica:

AFONSO, Maria Aparecida Valentim. **Políticas Linguísticas para os Povos Indígenas No Brasil.** XVII Congresso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL 2014). João Pessoa, PB, 2014. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R1022-2.pdf>.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL-IPHAN. **Diversidade linguística indígena: estratégias de preservação, salvaguarda e fortalecimento.** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília: IPHAN, 2020. Disponível em:

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/diversidade_linguistica_indigena_estrategias_de_preservacao_salvaguarda_fortalecimento\(2\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/diversidade_linguistica_indigena_estrategias_de_preservacao_salvaguarda_fortalecimento(2).pdf).

NICOLAIDES et al. (Orgs.). **Política e políticas linguísticas.** Campinas: Pontes, 2013.

Bibliografia Complementar:

CALVET, Louis-Jean. **As políticas linguísticas.** São Paulo: Parábola Editorial/IPOL, 2007.

CORREA, Djane Antonucci. Política linguística e ensino de língua. **Calidoscópico**, Vol. 7, n. 1, p. 72-78, jan/abr 2009

MAIA, M. A revitalização de línguas indígenas e seu desafio para a educação intercultural bilíngue. **Tellus**, Campo Grande, ano 6, n. 11, p. 61-76, out. 2006.

MATOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2004.

ROCHA, L. M.; BAINES, S. G. (Coord.). **Políticas linguísticas no estágio e nos projetos extraescolares.** Goiânia: Editora da UCG, 2010.

_____. **Letramento Bilíngue em contextos de tradição oral.** Goiânia: Editora da UFG, 2012.

5. Numeramento e Alfabetização Matemática na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Compreensão dos processos de numeramento e alfabetização matemática e suas relações com a educação escolar indígena. Numeramento como os usos e funções dos conceitos matemáticos, bem como seus instrumentos nas vivências sociais e culturais.

Bibliografia Básica:

FAYOL, Michel. **Numeramento**: aquisição de competências matemáticas. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Madikauku**: os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil / Mariana Kawall Leal Ferreira. Brasília: MEC, 1998.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

DANYLUK, Oksana. **Alfabetização matemática**: as primeiras manifestações da escrita infantil. Porto Alegre: Sulina, 2002.

KAMII, Constance. **A criança e o número**: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos. Trad. Regina A de Assis. 39ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

NACARATO, Adair Mendes. LOPES, Celi Espasandin. **Escritas e leituras na educação matemática**. NACARATO, Adair Mendes. LOPES, Celi Espasandin (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. São Paulo: Global, 2001.

6. Letramento e Alfabetização na Escola Indígena - 80 h/a**Ementa:**

Estudo das concepções sobre letramento e alfabetização em contextos de educação escolar indígena e não indígena. Letramento autônomo, crítico, sociocultural, ideológico. Métodos e processos de alfabetização na escola não indígena e indígena.

Bibliografia Básica:

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo. Contexto, 2003.

STREET, Brian. Trad. BAGNO, Marcos. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Parábola, 2014.

Bibliografia Complementar:

FRANCHETTO, Bruna. **A guerra dos alfabetos**: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. In: Mana 14 (1), abr, 2008.

FREIRE, Paulo. Alfabetização e Pedagogia Crítica. In: **Alfabetização**: leitura do mundo, leitura da palavra / Paulo Freire, Donald Macedo; tradução Lólio Lourenço de Oliveira. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

NEGRÃO-OLIVEIRA. **Xipat, professora**: letramentos acadêmicos de reexistência na formação inicial de professores Munduruku. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2020.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario T. Para uma redefinição de Letramento Crítico: conflito e produção de significado. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAÚJO, Vanessa de Assis (Org.). **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 128-140.

KLEIMAN, Ângela B. **Os Estudos de Letramento e a Formação do Professor de Língua materna**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

7. Gestão em Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Contribui para a qualidade da gestão e do ensino na escola indígena, em consonância aos interesses e necessidades educacionais dos povos indígenas e às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica. Aborda a gestão democrática da Educação: os Sistemas de Ensino e os mecanismos de gestão: a descentralização. Trata da municipalização e estadualização da Educação Escolar Indígena. A gestão da escola indígena e o princípio da autonomia administrativa, financeira e pedagógica. A escolha do Diretor da escola e a constituição das equipes pedagógicas: a gestão participativa. A estrutura organizacional de uma escola indígena. O clima e a cultura da escola como fatores determinantes da gestão escolar indígena.

Bibliografia Básica:

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSHI, Mirza Seabra.

Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LUCK, Heloísa. **A gestão participativa na escola**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

_____. **Ação Integrada**: administração, supervisão e orientação educacional. 27 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Bibliografia Complementar:

PARO, Vitor Henrique. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000.

CERQUEIRA, Lídia Márcia Lima de. O processo de estadualização da Educação Escolar Indígena em Pernambuco: a experiência do povo Fulni-Ô. **REVASF**, Petrolina-PE, v. 3, n.1, p. 104-133, ago. 2014.

LUCK, H. **Concepções e processos democráticos de gestão educacional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2006.

NÖTZOLD, Ana Lúcia Vulfe; ROSA, Helena Alpini. Desafios para a autonomia na educação escolar indígena. **Teoria e Prática da Educação**, v. 16, n. 2, p. 35-45, Mai/Ago 2013.

VIEIRA, Sofia; DEVIS, Claudia (orgs). **Gestão da escola**: desafios a enfrentar. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

8. Ludicidade, Educação e Práticas Corporais Indígenas-60 h/a

Ementa:

O papel da ludicidade na formação humana, no processo educativo escolar básico em contexto indígena, considerando sua dimensão histórico-cultural; Importância do jogo e da brincadeira no processo de conhecimento, expressividade e socialização da criança indígena.

Bibliografia Básica:

- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 1995
- FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática de educação física. São Paulo, Scipione, 1989.
- GRANDO, B. S. (Org.). **Jogos e culturas indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

Bibliografia Complementar:

- BUITRAGO, Canon; ALEXANDER, Edwin. **Naĩ'ãwee~ i nucuma'ü~**: Jogos autóctones ticunas na perspectiva dos povos indígenas da Região Amazônica Colombiana.
- BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.
- BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo, SUMMUS, 1984.
- NUNES, Ângela. **No tempo e no Espaço**: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: Aracy Lopes da Silva, Ana Vera Macedo, Ângela Nunes. (Org.). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global Editora - Fapesp - Mari, 2002, p. 64-99.
- STROHER, J.; GRANDO. Beleni Salet; AGUIAR, E. T. ; OLIVEIRA, B. M. **Jogos e Brincadeiras na formação das identidades culturais no contexto escolar**. In: IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010, Brasília. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010.

9. Educação Especial e Inclusão na Escola Indígena-60 h/a**Ementa:**

A disciplina discute os princípios norteadores da Educação Inclusiva no contexto da Educação Escolar Indígena na Educação Básica, proporcionando ao aluno indígena um espaço de reflexão sobre esta política no cotidiano da escola regular. Apresenta as áreas, contextualiza os processos e fundamenta a formação com alternativas de adaptação curricular para garantir o acesso e aprendizagem de alunos indígenas com necessidades educativas especiais.

Bibliografia Básica:

- JANNUZZI, G. de M. **A educação do deficiente no Brasil**: dos primórdios ao início do século XXI. 2 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.
- NORONHA, Eliane Gonçalves; PINTO, Cibele Lemes; TEIXEIRA, Amanda Carneiro. **Educação Especial e Educação Inclusiva**: Aproximações e Convergências. <https://www.bonsucessomt.com.br/sws/Pasta-PDF livro/EDUCA%C3%87%C3%83O%20ESPECIAL%20E%20EDUCA%C3%87%C3%83O%20INCLUSIVA.pdf>.
- FRANCO, Celma Correa; SILVA, Antônio Lopes da; REGINA, Elizabete. **A Inclusão do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais nas Escolas Xakriabá**: Xukurank e Uikitu Kuhinã. Trabalho de Conclusão de Curso. 2017. Belo Horizonte. Monografia. Graduação. Formação Intercultural para Educadores Indígenas. UFMG, 2017.

Bibliografia Complementar:

EDLER, Rosita Carvalho. **Educação inclusiva: com os pingos nos “is”**. Porto Alegre: Mediação, 2010.

MANTOAN, Maria Tereza. (Org.). **Caminhos pedagógicos da inclusão**. São Paulo: Memnon, 2001.

NOVAK, Maria Simone Jacomini; MILESKI, Keros Gustavo; ANDRIOLI, Luciana Regina. A Educação Escolar Indígena e o Atendimento Educacional Especializado nos Documentos Educacionais. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 16, n. 2, p. 117-128, Mai-Ago, 2013.

SÁ, Michele Aparecida de. Criança indígena com deficiência na escola indígena: limites e possibilidades. Disponível em: <https://www.gepec.ufscar.br/publicacoes/publicacoes-seminarios-do-gepec/seminarios-de-2013/5-educacao-especial-na-educacao-no-campo/e11-crianca-indigena-com-deficiencia-na-escola.pdf>.

SANTOS. Irlan Marcos Cerqueira. **O Acesso do Surdo Ka’apor em sua Comunidade Indígena à Educação**: uma discussão de inclusão. Disponível em: <http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2015/pdfs/eixo13/o-acesso-do-surdo-ka%E2%80%99apor-em-sua-comunidade-indigena-a-educacao-uma-discussao-de-inclusao.pdf>.

10. Língua Brasileiras de Sinais em Contextos Indígenas - 60 h/a

Ementa:

Estudo da Língua de Sinais, história, contemporaneidade. Os estudos Surdos identidade e cultura surda. A Libras em contextos indígenas, ensino e materiais didáticos. Políticas linguísticas de reconhecimento da Língua de Sinais. Linguística aplicada a Língua de Sinais, fonologia e morfologia em contextos indígenas. O Tradutor e Intérprete de Libras. Práticas pedagógicas de Libras.

Bibliografia Básica:

GOMES, João Carlos; VILHALVA, Shirley. **As línguas de sinais Indígenas em contextos interculturais**. Coleção Registros de Estudos e Pesquisas das Línguas de Sinais Indígenas no Brasil. v. 2, CVR, Curitiba, 2021.

HONORA, Marcia. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais**: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

QUADROS, Ronice de Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua Portuguesa**- Secretaria de Educação Especial; Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos – Brasília: MEC; SEESP, 2003.

Bibliografia Complementar:

COSTA, Edivaldo da Silva; SOUZA, Leoni Ramos Nascimento; PRATES, Magno Prado Gama. Karai Je’eha Jakwarahã! (Comunique-Se Bem!): Um Estudo sobre as Línguas de Sinais das Terras Indígenas. **Revista Humanidades e Inovação**, v.8, n.37, 2021.

MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos, v. 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MUSSATO, Michelle; CAMESCHI, Claudete. Bilinguismo para surdo. Bilinguismo para indígena. Como (deve) se configura(r) o universo linguístico de um surdo indígena? The Specialist, **Revista PUC-SP**, São Paulo, v.40 n.1 – 2020.

SILVA, Bruno Henrique da. **Educação de Surdos Indígenas em uma Comunidade Pankararu no Interior de Pernambuco**: Educação Inclusiva, Educação Bilíngue ou o

quê?. Trabalho de Conclusão de Curso. 2019. São Carlos. Monografia. Graduação. Formação Intercultural para Educadores Indígenas. UFSCAR, 2019.

SUMAIO, Priscilla Alyne. **Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da LIBRAS e de sinais nativos por indígenas surdos.** Dissertação de Mestrado. Conselho, Departamento, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras. Unesp/Araraquara, 2014.

11. Desenvolvimento e Aprendizagem em Contextos Indígenas - 80 h/a

Ementa: A escola como lugar de aprendizagem e desenvolvimento da pessoa indígena. Concepções e teorias da aprendizagem e do desenvolvimento em contexto indígena: fundamentos, características e análise crítica, assim como as inter-relações entre aprendizagem e desenvolvimento. Perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano e suas implicações para a compreensão dos processos de ensino e aprendizagem, estabelecendo relações com o contexto escolar indígena. O contexto escolar indígena como espaço de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Bibliografia Básica:

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO. **Psicologia e povos indígenas.** São Paulo: CRPSP, 2010.

HILGARD, E. R. Teorias de aprendizagem. São Paulo: Heder, 1969. MALUF, M. I. (coord). **Aprendizagem:** tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. Petrópolis, RJ: ABPp, 2006.

POZO J. I. **Aprendizes e mestres:** a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

Bibliografia Complementar:

AUSUBEL, D.; NOVAK, J.; HANESIAN, H. **Psicologia Educacional.** Rio de Janeiro: Ed. Interamericana, 1980.

GONZÁLEZ REY, F. **El aprendizaje en lo enfoque histórico-cultural:** sentido y aprendizaje, In: ARANTES, E. (org). Concepções e práticas em formação de professores. Rio de Janeiro: Sulinas, 2003.

GRUBITS, Sonia. **Psicologia e Povos Indígenas:** Um estudo preliminar do “Estado da Arte”. Revista Psicologia e Saúde. p. 15-30, 2009. Disponível em: <http://www.gpec.ucdb.br/pssa/index.php/pssa/article/viewFile/10/12>. Acesso em 17 mai. 2016.

TACCA, Maria Carmen V. R. (org). **Aprendizagem e trabalho pedagógico.** Campinas: Átomo e Alínea, 2006.

VIGOTSKI, S. L. **Psicologia pedagógica.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

12. Artes na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Aborda a arte como forma de expressão e comunicação de diferentes culturas. Estuda as concepções de ensino de Arte entre os povos indígenas. Trata das linguagens artísticas (oralidade, música, dança, movimento cênico, escrita, entre outras) no processo de educação na escola indígena.

Bibliografia Básica:

DAMIÃO, Carla Milani; BRANDÃO, Caius. **Colóquio de Estética da FAFIL/UFG: Estéticas indígenas** [ebook]. Goiânia. UFG, 2019. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/688/o/Esteticas_Indigenas_-_ebook.pdf.

RIBEIRO, Berta G. **Arte indígena: linguagem visual**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1978. Disponível em: <https://acervo.socioambiental.org/acervo/documentos/arte-indigena-linguagem-visual>.

NUNES, Fabricio Vaz. **As artes indígenas e a definição da Arte**. Anais do VII Fórum de Pesquisa Científica em Arte. Curitiba, Embap, 2011. Disponível em: <http://www.embap.pr.gov.br/arquivos/File/Forum/anaisvii/143.pdf>.

Bibliografia Complementar:

LAGROU, Els. **Arte indígena no Brasil: agência, alteridade e relação**. Orientações Pedagógicas. Belo Horizonte: C/Arte, 2009.

PARRA, Silvana Regina. **Arte-Educação e Culturas Indígenas**. In. **Os Desafios da Escola pública paranaense na perspectiva do Professor PDE**. Artigos. v, 1, Secretaria de Educação do Paraná, Curitiba, PR, 2014.

REINALDIM, Ivair. **Produção cultural indígena e história da arte no Brasil: a problemática do deslocamento/ descolamento**. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: http://www.cbha.art.br/coloquios/2016/anais/pdfs/3_Ivair%20Reinaldim.pdf.

SÁNCHEZ, Janina Moquillaza. **Currículo Intercultural: A arte como sistema simbólico cultural na escola de branco: um estudo a partir da arte na educação escolar, na aldeia tupi-guarani de Piaçaguera**. Tese (Doutorado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

VELTHEM, Lucia Hussak Van. **Artes indígenas: notas sobre a lógica dos corpos e dos artefatos**. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. XXX-XXX, 2010.

13. Pesquisa em Educação Escolar Indígena - 60 h/a-DFCS

Ementa:

Práticas de pesquisa educacional em contexto indígena considerando uma metodologia própria, que valoriza a “metodologia da escuta” a partir da tradição oral que inclui a oralidade, os costumes, a cultura e a tradição. Temas e questões de pesquisa importantes para a coletividade indígena, relacionadas aos processos de educação. Instrumentos básicos científicos necessários para refletir e registrar, através da escrita e da imagem, a memória ancestral.

Bibliografia Básica:

ANDRE, Marli Eliza D. A. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 7. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

MINAYO, M. C. S. (Org.); DESLANDES, S.F.; CRUZ NETO, O. GOMES. R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 34. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, S. S. A entrevista narrativa ressignificada nas pesquisas educacionais. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 173-194.

BAGGIO, Celma Regina; GUELFY, Wanirley Pedroso. **A metodologia da problematização e a temática indígena no contexto escolar**. In. Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva do Professor: Artigos. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_ufpr_cien_artigo_celma_regina_baggio.pdf.

MARTINS FILHO, Altino; PRADO, Patrícia. **Das pesquisas com crianças: complexidades da infância**. São Paulo: Autores Associados, 2011.

NASCIMENTO, Rita Gomes do Antropologia e educação: experiências implicadas de pesquisas na educação escolar indígena. Argentina. Dossier: “Intelectuales Indígenas y Ciencias Sociales en América Latina”. **Avá. Revista de Antropología**, Universidad Nacional de Misiones, vol. 33, pp. 123-140, 2018.

14. Tecnologias de Ensino na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

Paradigmas científicos e a concepção de tecnologia aplicada à Educação Escolar Indígena. O uso de recursos tecnológicos na educação escolar indígena como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem em Ciências Humanas e Sociais. Potencialidades e limites do uso das TICs. Análise dos diferentes softwares na educação. O uso de diferentes espaços on line na educação, como possibilitadores da comunicação, interação e construção coletiva do conhecimento (chat, blog, MSN, fotolog...).

Bibliografia Básica:

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas - SP:

Papirus, 2003.

RODRIGUES, Evaldo Ferreira. **Concepções Paradigmáticas e teorias da tecnologia educacional**, UEPA, 2011, p. 6-27.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Técnicas de Ensino: por que não?** 21 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Fernando José. **Educação e informática: os computadores na escola**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SCARPATO, Marta (org). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004.

VIEIRA, Erika Rodrigues. Estudo de Caso: A Tecnologia Educacional em comunidades indígenas. In: _____. **Tecnologia e prática educativa - a educação indígena em perspectiva: experiência das EEI Aldeia Uru-ity e EEI Aldeia Djaiko-aty**. Americana, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2011, pp. 37-42

15. Projeto Integrador I: Elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola Indígena-80 h/a

Ementa:

A construção coletiva do Projeto Político Pedagógico das Escolas Indígenas: o diagnóstico da realidade, a proposta pedagógica, as diretrizes curriculares, as condições de operacionalização das ações, programas e projetos na organização e gestão da escola, avaliação do projeto, a relação desta com um projeto de sociedade.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Educação-MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas** - RCNEI. Brasília: MEC/SEF, 1998, p. 195-222

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

VEIGA, Ilma Passos A. (Org.). **Projeto Político-Pedagógico da Escola: uma construção possível**. Campinas: Papyrus, 1995.

Bibliografia Complementar

ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2001

BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação –Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola**. Teoria e Prática 5ª ed., revisada e ampliada; Goiânia: Alternativa, 2008.

MARÇAL, Juliane Correa. **Progestão: como promover a construção coletiva do projeto pedagógico da escola? Módulo III**, CONSED, Brasília, 2001.

GENTILI, Pablo; ALENCAR, Chico. **Educar na Esperança em Tempos de Desencanto**. 8 ed. Petrópolis: Rio De Janeiro: Vozes, 2012.

GRUPO II – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA INDÍGENA;
PLANEJAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INDÍGENA (2.100 HORAS)
NÍVEL I - FORMAÇÃO DE PROFESSORES MULTIDISCIPLINARES DA
EDUCAÇÃO INFANTIL

1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena – 60 h/a**Ementa:**

Utilização das novas tecnologias no processo ensino-aprendizagem na escola indígena. Enfoque teórico-prático sobre o uso do computador e da tecnologia digital na educação escolar indígena, bem como as implicações pedagógicas e sociais desse uso. Elaboração de material didático intercultural audiovisual para a escola indígena.

Bibliografia Básica:

ALVES Mario, DINIZ Eduardo, OLIVEIRA Lya. **Tecnologia da Informação e Comunicação como Instrumento Político**: Um estudo sobre acesso à internet dos povos Indígena. Fundação Getulio Vargas, 2014. Disponível em: <https://aisel.aisnet.org/cgi/viewcontent.cgi?article=1671&context=amcis2014>. Acesso em 13 de setembro de 2017.

PEREIRA, Eliete. **Net-ativismo indígena brasileiro**: notas sobre a atuação comunicativa indígena nas redes digitais. In: DI FELICE, Massimo; PEREIRA, Eliete;

ROZA, Erick (orgs.). Net-ativismo: redes digitais e novas práticas de participação. Campinas: Papyrus: 2017. p. 169-182.

Bibliografia Complementar:

COSTA, I. **Inclusão digital indígena**: o acesso à internet em Terras Indígenas (Tese de doutorado), UnB, Brasília, 2013.

FUSARI, Maria Felisminda de R. e F. **Meios de Comunicação na formação de Professores**: televisão e vídeo em questão. São Paulo. FEUSP (Tese de doutorado), 1990.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (org.). **Educação Tecnológica**: desafios e perspectivas. S. P., Cortez, 1999.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. Colaboração de Cláudia Lopes Pocho, Márcia de Medeiros Aguiar, Marisa Narcizo Sampaio. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

LÉVY, Pierre. **A Inteligência Coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola. 1998.

2. Língua Portuguesa Instrumental – 60h/a

Ementa:

Leitura, análise e produção textual. Conceitos linguísticos: variedade linguística, linguagem falada e linguagem escrita, níveis de linguagem. Habilidades linguísticas básicas de produção textual oral e escrita. A argumentação oral e escrita Habilidades básicas de produção textual. Análise linguística da produção textual. Noções linguístico-gramaticais aplicadas ao texto.

Bibliografia Básica:

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e práticas. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARTINS, D. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português instrumental**. 29 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, M. M. de; HENRIQUES, A. **Língua Portuguesa**: noções básicas para cursos superiores. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BASTOS, L. K. & MATOS, M.A. **A Produção Escrita e a Gramática**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2 ed.1992.

FAULSTICH, Enilde L. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis: Vozes, 2002

FAVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais**. 9 edição. São Paulo: Ática, 2002

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. São Paulo: contexto, 2006

3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas – 60h/a

Ementa:

História dos números em uma perspectiva antropológica e cultural. A origem da escrita e da matemática na relação entre números e letras. Processos de contagem expressos em

diferentes sociedades. As linguagens matemáticas como forma de representação da realidade.

Bibliografia Básica:

VERGANI, Teresa. **Matemática e Linguagens: olhares interativos e transculturais**. Lisboa: Pandora, 2002.

MACHADO, Nílson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua**. São Paulo: Cortez, 2011.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

Bibliografia Complementar:

SMOLE, Katia Stocco. DINIZ, M. I. **Ler, escrever e resolver problemas**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Madikauku: os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil / Mariana Kawall Leal Ferreira**. Brasília: MEC, 1998.

BELLO, Samuel Edmundo López. **Etnomatemática, linguagem e a produção/apropriação de significados matemáticos**. Disponível em: http://www.sbemparana.com.br/arquivos/anais/epremvii/comunicacao/comunicacao_32.pdf.

_____. **Etnomatemática: relações e tensões entre as distintas formas de explicar e conhecer**. Tese de doutorado. FE – UNICAMP. Campinas: 2000.

4. Recepção e Produção de Texto Acadêmico – 60h/a

Ementa:

Estudo da Recepção e produção de textos orais e escritos, na perspectiva da metodologia científica e dos gêneros textuais-discursivos, presentes no universo acadêmico.

Bibliografia Básica:

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Prática de Texto para estudantes universitários**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. **Oficina de Texto**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11. ed., São Paulo: Atlas, 2010.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.

Bibliografia Complementar:

MOTA, Mabel Meira et al. **Leitura e Produção de Texto Acadêmico**. Salvador: UFBA, Escola de Teatro. Superintendência de Educação à Distância, 2020.

MOTTA-ROTH, Désirée; HENDGES, Graciela Rabuske. **Produção Textual na Universidade**. São Paulo: Parábola, 2010.

ARAÚJO, Antônia Dilamar. Identidade e subjetividade no discurso acadêmico: explorando práticas discursivas. In. LIMA, Paula Lenz Costa & ARAÚJO, Antônia Dilamar (Orgs.). **Questões de Linguística Aplicada: miscelânea**. Fortaleza: Ed. da Uece, 2005. pp. 11-30.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane & ABREU-TARDELLI, LÍlian Santos (ORGS.) **Planejar gêneros acadêmicos**. São Paulo: Parábola, 2005.

MACHADO, Anna Rachel; LOUSADA, Eliane & ABREU-TARDELLI, LÍlian Santos (ORGS.) **Resumo**. São Paulo: Parábola, 2004.

5. Iniciação à Pesquisa em Educação Infantil Indígena – 60h/a

Ementa:

Os fundamentos epistemológicos e metodológicos da pesquisa científica sobre criança indígena. Elaboração de Projeto de Pesquisa em Educação Infantil Indígena: aspectos normativos e éticos da pesquisa científica. Diferentes concepções de conhecimento científico. Leitura e Escrita de Textos Acadêmicos sobre Educação Infantil Indígena.

Bibliografia Básica:

COHN, Clarice. **Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil**. Cadernos de Campo, São Paulo: USP, ano 10, vol. 9. p. 13-26, 2000.

DIONNE, Jean. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999, p. 17-30.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

Bibliografia Complementar:

BEGNAMI, Patrícia dos Santos. **Crianças**: os sujeitos das pesquisas antropológicas. UNAR, Araras (SP), v. 4, n. 1, p. 2-12, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

COHN, Clarice. **A criança indígena**: a concepção Xikrin de infância e aprendizado. 2000. 187f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de São Paulo/SP, 2000.

GIL, Antônio Carlos Gomes. **Métodos e técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1994.

NUNES, Ângela. O lugar da criança nos estudos sobre sociedades indígenas. In: SILVA, Aracy Lopes da et al. (Orgs.). **Crianças indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

6. Estudos de Filosofia na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

Pensar a formação da criança indígena numa perspectiva de educação para o pensar, com uma proposta de iniciação filosófica a partir do estímulo à fase das perguntas e da curiosidade inerente às crianças. Trabalhar com a compreensão do ser-sujeito indígena com conotações filosóficas, para fortalecer a identidade cultural dos educandos em formação e dar base às grandes questões existenciais que se colocam a todo ser humano.

Bibliografia Básica:

KOHAN, Walter Omar. **Infância**. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Vânia Mesquita Trindade. **Formação Docente em Filosofia para Crianças.**, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara, 2007.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick. **A Filosofia na sala de aula.** São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

Bibliografia Complementar:

AMADOR, Afonso Araújo. **Relatório de pesquisa:** filosofia com crianças e adolescentes em práticas educacionais populares – uma abordagem freireana. Belém: Grupo Educação Freireana e Filosofia, 2007.

BARBOSA, Cléuma de Melo. **O Ensino de Filosofia e a Formação do Ser-Sujeito-Criança na Educação de Paulo Freire.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LORIERI, Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azeredo. **Filosofia na escola:** o prazer da reflexão. São Paulo: Moderna, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A pedagogia do oprimido de Paulo Freire e o ensino de filosofia com crianças. In: **ESPAÇO PEDAGÓGICO** v. 27, n. 3, Passo Fundo/RS, p. 685-701, set./dez. 2020| Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep

7. Concepções de linguagens em Contexto Bi(multilíngues) – 60h/a

Ementa:

Estudo das concepções de linguagem em contextos bi(multilíngues). Visão de língua. Língua materna, língua adicional, língua estrangeira, L1, L2. Concepções de bi(multilinguismo). Fatores cognitivos, socioculturais e sociopsicológicos na aquisição de línguas em cenários bi (multilíngues).

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar. (Org.). (2013). **Ensino de Português em comunidades indígenas:**(1ª e 2ª língua). Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2013.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. **O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade:** questões conceituais e metodológicas. In: LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. **Uma espiadinha na sala de aula:** ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014. p. 21-48.

MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilingüismo e educação bilíngüe:** discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

Bibliografia Complementar:

KNAPP, Cássio. O bilingüismo e a educação escolar indígena. In: **O Ensino Bilingue e a educação escolar indígena para os Guarani e Kaiowá de MS.** Tese de Doutorado-UFGD, 2016.

CARRETA, Álvaro Antônio. **Aperfeiçoamento em políticas linguísticas para educação escolar indígena.** Módulo 4 – Letramento e Formação Social. UNIFESP, 2015.

CAVALCANTI, Marilda C. **Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil.** In: D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999 (385-417).

ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. **Do bilinguismo ao multilinguismo:** intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. *ReVEL*. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. ISSN1678-8931 [www.revel.inf.br].

RODRIGUES, Lúcia Maria Silva. **Educação bilíngue em território indígena Waiwai/aldeia Tawanã.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

8. Educação Escolar Indígena – 60h/a

Ementa:

Princípios da Educação Escolar. Políticas Públicas em Educação Escolar Indígena. Currículos de Educação Escolar Indígena. Os Currículos alternativos e as propostas oficiais. Processos próprios de ensino/aprendizagem: os etnoconhecimentos.

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Aprisionando sonhos:** a educação escolar Indígena no Brasil. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012

MARFAN, Marilda Almeida (Org.). **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação:** formação de professores: educação indígena. Brasília: MEC, SEF, 2002.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal:** os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BANIWA, Gerssem. **Territórios etnoeducacionais:** um novo paradigma na política educacional brasileira. In: CONAE, 2010, Brasília. Anais... Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em:

<http://www.cinep.org.br/uploads/e42d706bbd109ef3e5c5b8b41e310eeab53c3dd5.pdf>.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena?** A gente precisa ver. *Ciência e Cultura*, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

GRUPOINI, Luís Donisete. **Formação de professores indígenas:** repensando trajetórias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2006.

MAROLDI, Alexandre Masson.; MAIA LIMA, Luis Fernando.; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A produção científica sobre educação indígena no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 931-952, jul./set., 2018.

TUKANO, Geraldo Veloso Ferreira. **Educação Escolar Indígena:** As práticas culturais indígenas na ação pedagógica de Escola Estadual Indígena São Miguel Iauretê (AM). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP Dissertação de Mestrado São Paulo, 2007.

9. Didática Intercultural na Educação Infantil Indígena – 60h/a

Ementa:

A Didática Intercultural como elemento organizador de fatores que influem no processo de ensino e aprendizagem e na elaboração do planejamento de ensino para a Educação

Infantil Indígena. Abordagens do processo de ensino intercultural na Educação Infantil Indígena. Recursos didáticos para o ensino intercultural na Educação Infantil Indígena.

Bibliografia Básica:

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

SILVA, Aracy Lopes; MACEDO, Ana Vera Lopes da Silva; NUNES, Ângela (org.). **Prática Pedagógica na Escola Indígena**. São Paulo. SP. Global, 2002.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz; GRANDO, Beleni Saléte; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. **Educação indígena: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

Bibliografia Complementar:

ANDRE, M. E. D. O projeto pedagógico como suporte para novas formas de avaliação. In: CASTRO, Amélia Domingues de e CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Orgs.). **Ensinar a Ensinar: didática para a escola fundamental e média**. São Paulo: Thomson Learning, 2001.

BRAGA, Veronice Lopes de Souza & BRAND, Antonio Jacó. **Avaliação do ensino e da aprendizagem nas escolas indígenas do ensino fundamental**. Disponível em: www.rededesaberes.org/eventos/anais/textos/pdf.

CURY, Eliana Costa. **O Ensino diferenciado na escola indígena “Tengatú Marangatú”**. Campo Grande, 2009. 214p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, 2009.

NEVES, Josélia Gomes. Didática Etnoambiental: buscando caminhos para a avaliação da aprendizagem na Escola Indígena. Disponível em: <http://www.partes.com.br/educacao/etnoambiental.asp>

LUCIANO, Gersem José dos Santos. **Cenário Contemporâneo da Educação Escolar Indígena no Brasil**. CEB/CNE/MEC, 2007. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2007/releeicebcnerev.pdf>. MUBARAC

10. Construção do Pensamento Matemático Intercultural Indígena – 80h/a

Ementa:

História dos números em uma perspectiva antropológica e cultural. O pensamento matemático em contextos diversos. Compreensão das diferentes maneiras de desenvolvimento do pensamento matemático intercultural. Relações entre números, álgebra, geometria, grandezas e medidas aplicadas aos problemas da realidade.

Bibliografia Básica:

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Com quantos paus se faz uma canoa! A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Departamento de Política Educacional, Assessoria de Educação Escolar Indígena. MEC-1994.

LIZARZABURU, Alfonso E. SOTO, Gustavo Zapata. **Pluralidade e Aprendizagem da Matemática na América Latina: experiências e desafios/org.** Alfonso E. Lizarzaburu e Gustavo Zapata Soto; trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

REVISTA. Scientific American. Edição especial. **Etnomatemática**, Portugal, v. 11, 94 págs. 17 ago. 2005.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Manoel de Campos. **O nascimento da Matemática: a neurofisiologia e a pré-história da Matemática**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

MENDES, Iran Abreu. LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. Educação Matemática e cultura amazônica: fragmentos possíveis. MENDES, Iran Abreu. LUCENA, Isabel Cristina

RADFORD, Luiz. **Cognição Matemática: História, Antropologia e Epistemologia**. São Paulo. Livraria da Física, 2011. Rodrigues de. (Orgs.). Belém: Editora Açaí, 2012.

SCANDIUZZI. Pedro Paulo. A Numeração Karib no Alto Xingu. **Revista Latinoamericana de Etnomatemática**, 1(2). 2008. 75-87. <http://www.etnomatematica.org/v1-n2-julio2008/ScandiuZZi.pdf>

OWENS, Kay. MUKE, Charly. **Revisando a história do número: como a Etnomatemática transforma perspectivas sobre culturas indígenas**. Revemop, v. 2, p. e202007, 4 mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/revemop/article/view/2466>

11. Projeto Integrador II – Currículo da Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

As questões curriculares na escola: Os PCNs e a organização curricular. Fundamentos do currículo e a educação infantil, o contexto da educação infantil indígena diferenciada, sociocultural e específica. Concepção de infância. Desenvolvimento infantil. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil– Interdisciplinaridade e o lúdico na Educação Infantil. Analisar currículos de educação indígena alternativos e a proposta oficial do RCNEI.

Bibliografia Básica:

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, DF: MEC, 2017.

BRASIL. **Parecer Nº 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Formação de Professores: dimensão interdisciplinar**. Revista Brasileira de Formação de Professores – RBFP. v. 1, n. 1, p. 103-109, maio/2009.

Bibliografia Complementar:

GIROTTI, C. G. G. A metodologia de projetos e a articulação do trabalho didático pedagógico com as crianças pequenas. **Educação em Revista**. v. 7. n. 1/2. Marília. 2006. Disponível em: Acesso em: Abril 2012.

BARROS, José Márcio; OLIVEIRA JR, José (Org.). **Pensar e agir com a cultura: desafios da gestão**. Belo Horizonte: Observatório da Diversidade Cultural, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação. **A etapa da Educação Infantil**. In Base Nacional Comum Curricular. p.31-51, 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LCT, 2008.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A Organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

12. Concepções Fonético-Fonológicas nos Estudos de LI e LP – 80h/a

Ementa:

Estudo dos processos de produção e percepção da fala. Reflexão sobre os conceitos gerais da Fonologia e os critérios que permitem analisar a estrutura fonológica das línguas; a realização fonética; a relação com o sistema ortográfico e as implicações para o ensino de línguas na educação básica.

Bibliografia Básica:

CALLOU, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SILVA, Thais Cristóforo. **Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 5 Ed – São Paulo: Contexto, 2001

MORI, Angel C. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

Bibliografia Complementar:

CAGLIARI, Luis Carlos. **Análise Fonética e Fonológica**. Campinas SP: Mercado das Letras, 2002.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: MEC/SECADI/LACED/Museu Nacional, 2006.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga; LAZZAROTTO, Cristine. **Fonética e fonologia do português brasileiro: 2º período**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011. Disponível em:

[Fonética e Fonologia do Português Brasileiro | Seara Izabel Christine. | download \(br1lib.org\)](https://br1lib.org/). Acesso: 17.11.2021.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

13. Estudos do Corpo e Criança Indígena – 60h/a

Ementa:

Concepções culturais de corpo. Corpo, Cultura e povos indígenas. As condições político-sociais do corpo em contextos indígenas. Compreensão da função estratégico-metodológica do corpo em relação ao conceito de saúde social e a cultura corporal. Possibilidades de ações pedagógicas lúdicas e práticas do corpo e do movimento no espaço escolar indígena. Corpo e movimento no tempo e espaço. As diversas manifestações e expressões corporais da criança indígena na escola.

Bibliografia Básica:

PLANELLA RIBERA, Jordi. **Corpo, cultura e educação**. São Paulo. Cultura Acadêmica, 2017.

GRANDO, Beleni Salete. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri-MT**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa

Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86774>.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**: volume II. São Paulo: EPU: Edusp, 1974. p. 209-233.

Bibliografia Complementar:

GRANDO, B. S.; SOARES, K. C. P. C. (2017). Caça às krenti: criando corpo e infância entre os Akwê-Xerente (The hunting of krenti: creating body and childhood among Akwê-Xerente people). **Crítica Educativa**, 2(2), 62–73. Disponível em: <https://www.criticaeducativa.ufscar.br/index.php/criticaeducativa/article/view/97>.

_____; CARVALHO, D. C.; DIAS, T. L. (Org.). **Crianças-infâncias, culturas e práticas educativas**. Cuiabá, MT: EdUFMT, 2012. p. 48-70.

MENEZES, Paula Mendonça de. **Corpo preparado, alma protegida**: jeitos de cuidar e modos de aprender no crescimento da criança Yudja. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação. USP, 2017. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-30012018-141536/pt-br.php>

SEEGER, A.; DAMATTA, R.; VIVEIROS DE CASTRO, E. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, n. 32, 1979.

14.Artes Visuais na Educação Infantil Indígena – 60h/a

Ementa:

Desenvolve a construção e comunicação em artes visuais articulando a percepção, a imaginação, a memória, a sensibilidade e a reflexão, nos modos de fazer arte indígena. Estimula o reconhecimento, diferenciação e conhecimento na utilização de diversas técnicas e expressões em artes visuais, com procedimentos de pesquisa e de experimentação. Possibilita vivências que propiciem conhecer, relacionar, apreciar objetos, imagens, concepções artísticas e estéticas, na sua dimensão material e de significação, observando a conexão entre essas produções e a experiência artística pessoal e cultural, relacionando-as com temas da tradição e do cotidiano indígena.

Bibliografia Básica:

ARMHEIM, R. **Arte e Percepção Visual**. São Paulo: Pioneira, 1986.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo; Cortez, 2002.

VIDAL, Lux. **Grafismo indígena**: estudos de antropologia estética. São Paulo: Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992.

Bibliografia Complementar:

ASSIS, H. L. (et al.). (Orgs.). **O ensino de Artes Visuais**: desafios e possibilidades contemporâneas. Goiânia: Grafset, 2009.

DIAS, José Antônio Braga Fernandes. Arte, arte índia, artes indígenas. In AGUILAR, HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual**: Mudança Educativa e Projeto de Trabalho. Porto Alegre, Artmed. 2000.

LOWENFELD, Victor. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MOREIRA, Ana Albano. **O espaço do desenho**: a educação do educador. São Paulo: Loyolo, 1995.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). **Som, gesto, forma e cor: dimensões da Arte e seu ensino**. Belo Horizonte: C/ARTE, 1995.

15. Estudos de História na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

Concepções e temas recorrentes no ensino de história na Educação Infantil. Espaços-tempos da produção do saber histórico escolar. Métodos e pesquisas em História na escola indígena. Metodologia e avaliação em História. Produções didáticas pertinentes aos temas abordados pela História na Educação Infantil Indígena.

Bibliografia Básica:

ARIÈS, F. **História social da infância e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
 OLIVEIRA, Andressa Garcia Pinheiro de. **Aprendizagem histórica na educação infantil: possibilidades e perspectivas da educação histórica**. Dissertação de Mestrado, Curitiba/2013.
 SILVA, Aracy Lopes; FERREIRA, Marina Kawall (Org.). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001.

Bibliografia Complementar:

COOPER, H. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. **Educar**, Curitiba, Especial, p. 171-190, 2006. Editora UFPR.
 BASSO, Itacy Salgado. As concepções de História como mediadoras da prática pedagógica do professor de História. In: DAVIES, Nicholas. **Para além dos conteúdos no ensino de história**. Rio de Janeiro: Access, 2001.
 GERMINARI, Geyson Dongley. O desenvolvimento do pensamento histórico na Educação Infantil: possibilidades do trabalho com arquivos familiares. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 805-819, set./dez. 2014.
 KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
 OLIVEIRA, Luiz Antonio de; NASCIMENTO, Rita Gomes do. **Roteiro para uma história da Educação Escolar Indígena: notas sobre a relação entre política indigenista e educacional**. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 120, p. 765-781, jul.-set. 2012.

16. Fundamentos e Práticas de Oralidade, Leitura e Escrita na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

Estudo das teorias e práticas pedagógicas de oralidade, leitura e escrita em contextos bilíngues e interculturais. As práticas de linguagem a partir dos documentos oficiais na educação infantil indígena e não indígena.

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Línguas indígenas precisam de escritores? Como formá-los?**. MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.
 FÁVERO, Leonor L. et al. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística**: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Bibliografia Complementar:

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Therezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita**. O que está em jogo? MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. Linguagem, identidade étnica e a experiência intercultural. In: ROCHA MENDES, Leandro; PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro da; VELOSO BORGES, Mônica (2010) (orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas**. Goiânia: Ed. da PUC. Goiás, 204 Pp. ISBN 978-85-7103-622-2.

MENEZES, Maria Christine Berdusco et al. **O ensino da leitura e escrita em uma escola indígena Kaingang**: contribuições ao bilinguismo. Debates em Educação Maceió. Vol. 12. Número Especial. 2020.

MUNIZ, Simara de Sousa et al. Propondo Práticas de Ensino de Linguagem Oral e Escrita para Crianças Indígenas. In: **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n.15, 2019.

NEVES, Josélia Gomes. **PIBID Intercultural**: reflexões sobre alfabetização em contextos indígenas na Amazônia. In: RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 8, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2021.

17. Construção e Usos dos Números na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

História dos números em uma perspectiva antropológica e cultural. Os números e o sistema de numeração decimal. Contextualização dos números na realidade indígena. O lúdico e a construção dos conceitos matemáticos para crianças indígenas. Habilidades e condições para o desenvolvimento matemático na educação escolar indígena.

Bibliografia Básica:

CERQUETTI-ABERKANE, Fraçoise. BERDONNEAU, Catherine. **O ensino de matemática na educação infantil**. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Com quantos paus se faz uma canoa!** A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Departamento de Política Educacional, Assessoria de Educação Escolar Indígena. MEC-1994.

KAMII, Constance. **A criança e o número**: implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos. Trad. Regina A de Assis. 39ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

Bibliografia Complementar:

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. São Paulo: Global, 2001.

VERGANI, Teresa. **O zero e os infinitos**: uma experiência de antropologia cognitiva e educação matemática intercultural. Lisboa: Minerva, 1991.

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **A Numeração Karib no Alto Xingu**. Revista Latinoamericana de Etnomatemática, 1(2). 2008. 75-87. <http://www.etnomatematica.org/v1-n2-julio2008/Scandiuzzi.pdf>

OWENS, Kay. MUKE, Charly. **Revisando a história do número: como a Etnomatemática transforma perspectivas sobre culturas indígenas**. Revemop, v. 2, p. e202007, 4 mar. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/revemop/article/view/2466>

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Com quantos paus se faz uma canoa! A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Departamento de Política Educacional, Assessoria de Educação Escolar Indígena. MEC-1994.

18. Educação Física na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

Educação Física: contextualização histórica. Tendências e concepções de ensino aprendizagem na escola indígena. Educação Física como cultura corporal. Planejamento, objetivos e expectativas de ensino da Educação Física na Educação Infantil Indígena.

Bibliografia Básica:

BUITRAGO, E. A. C., FRAGA, A. B. (2020). As Práticas Corporais Indígenas no Ensino da Educação Física: Um Estudo de Revisão da Literatura Brasileira e Colombiana. *LICERE - Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer*, 23(3), 709–726.

GRANDO, Beleni Salete. **Corpo e educação: as relações interculturais nas práticas corporais bororo em Meruri-MT**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/86774>.

SANETO, J.G. **Educação Física na/da Escola Indígena: apropriações e ressignificações numa Aldeia Bororo**. 2016. 187f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 2016.

Bibliografia Complementar:

FONSECA, AMANDA SOARES, Os Projetos de Ensino e a Educação Física na Educação Infantil. Pensar a Prática. **Revista da Pós-Graduação em Educação Física/UFMG**, Goiânia, Ufg, Faculdade de Educação Física, n.5, jul./jun.

PEREIRA, Jhones Rodrigues. **Tessituras da cultura corporal em uma escola indígena do alto rio Negro no Estado do Amazonas**. 2013. 135 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

RANGEL, IRENE (Coord.), **Educação Física na Infância**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2010.

SAYÃO, DEBORAH, Infância, prática de ensino de Educação Física e Educação Infantil. In: VAZ, ALEXANDRE et. al. (Org.), **Educação do corpo e formação de professores: Reflexões sobre a prática de ensino de Educação Física**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

_____. Educação Física na Pré-Escola: Principais Influências Teóricas. In: **Anais do X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**. Goiânia, v.1, p.594-601, out. 1997

19. Ensino de Etnogeometria na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

A etnogeometria e sua relação com o ensino na educação infantil indígena. Propriedades dos objetos geométricos. As formas geométricas e suas relações com o mundo tangível. Propostas de ensino de etnogeometria na educação infantil indígena.

Bibliografia Básica:

GERDES, Paulus. **Geometria dos trançados Bora na Amazônia peruana**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010. (Coleção Contextos da Ciência).

ITACARAMBI, Ruth Ribas. **Geometria, brincadeiras e jogos**. São Paulo: Livraria da Física, 2008.

LORENZATO, Sérgio. **Educação Infantil e percepção matemática**. Campinas: Autores Associados, 2006.

Bibliografia Complementar:

CERQUETTI-ABERKANE, Fraçoise. BERDONNEAU, Catherine. **O ensino de matemática na educação infantil**. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NACARATO, Adair Mendes; PASSOS, C. L. B. **A geometria nas séries iniciais: uma análise sob a perspectiva da prática pedagógica e da formação de professores**. São Carlos: EDUFSCAR, 2003.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

LORENZONI, Claudia A. C. de Araujo. SANTO, Circe Mary Silva da Silva. **Geometria em Práticas e Artefatos das etnias Tupinikim e Guarani do Espírito Santo**. Disponível em:

http://www2.rc.unesp.br/eventos/matematica/ebiapem2008/upload/217-1-A-gt7_lorenzoni_ta.pdf

SCANDIUZZI, Pedro Paulo. **A história da geometria não contada na escola (23-Junho2003)**. Pacific Resources for Education and Learning (PREL). Disponível em: <http://www.ethnomath.org/resources/brazil/historia-da-geometria.pdf>

20. Estudos de Geografia na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

A importância da geografia no currículo escolar da Educação Infantil Indígena. O papel do professor indígena na aplicabilidade dos conteúdos geográficos na escola indígena. Desenvolvimento de práticas pedagógicas que abordem as noções de representação e orientação de lugar, paisagem, lateralidade, espaço e tempo. Produção de materiais didáticos para a Geografia na Educação Infantil Indígena.

Bibliografia Básica:

SANTOS, Haieny Nazaré Reis. **Modos de Perceber e Representar o Ambiente e o Espaço no Ensino de Geografia** realizado por Professores Indígenas Tembé da Aldeia Cajueiro – Paragominas – Pa. Dissertação de Mestrado. Antropologia. Universidade Federal do Pará, 2017.

SILVA, Solange Rodrigues da. **Ensino de Geografia e Educação Escolar Indígena: da Interculturalidade a outras imaginações espaciais**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Grande Dourados. 2018.

SOUSA, Elson Mateus Monteiro de. **Cartografia Histórico-Social do Povo Assurini do Trocará/PA**. Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. Universidade do Estado do Pará-UEPA. Belém, 2018.

Bibliografia Complementar:

BARROS, Márcia Rejane Oliveira et al. **Ferramentas da internet para o ensino de Cartografia para crianças**. In: XXI Congresso Brasileiro de Cartografia, 2006.

OLIVEIRA, R. J. **Educação indígena: o ensino de Geografia na Escola Diferenciada Ta peba**. 2007.98p. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ROMUALDO, Sanderson dos Santos; SOUZA, Graziella Martinez. **Discutindo a alfabetização cartográfica infantil: uma contribuição ao ensino de Geografia nas séries iniciais**. Porto Alegre, 2009.

SILVA, Daiane Magalhães; FREIRE, Leonardo José. **As contribuições da Geografia na Educação Infantil: Processo de ensino e aprendizagem utilizando o espaço geográfico**. 2014.

SILVA, Solange Rodrigues da. **A Geografia na Educação Escolar Indígena: Limites e Possibilidades para uma Educação Intercultural**. Dissertação de Mestrado. Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados. 2013.

21. Artes Musicais e Cênicas na Educação Infantil Indígena – 60h/a

Ementa:

Apresenta o currículo de Arte na Educação Básica; Conteúdos e princípios metodológicos para o ensino de Música, Teatro e Dança. Estuda os elementos metodológicos para a análise e intervenção nas práticas educativas. Trata da arte-educação e suas implicações sobre a construção do conhecimento. Aborda a metodologia do ensino da música, do teatro e da dança na escola indígena.

Bibliografia Básica:

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte**. Brasília, Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Fundamental, 1997, v. 6. 132.

FERRAZ, M & FUSARI, M. H. **A arte na Educação Escolar**. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

FERREIRA, S., org. **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. Campinas: Papyrus Editora, 2004.

Bibliografia Complementar:

CASTRO, Esther. O Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque: um lugar de produção, conservação e divulgação da cultura. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Global, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1999. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues.

PILLAR, Analice & VIEIRA, Denise. **O vídeo e a Metodologia Triangular no ensino da arte**. Porto Alegre/Fundação Iochpe, 1992.

_____ (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 4. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, S.P: Mercado das Letras, 2003.

22. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Educação Infantil na Escola Indígena

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tiempo, 2002.

BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

23. Natureza e Sociedade na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

Estudos sobre o mundo social e natural onde vivem as crianças e diante do qual elas se mostram curiosas e interagem. Considerar como é ser criança em cada grupo étnico específico, seus modos próprios de socialização e transmissão de conhecimentos.

Desenvolver conhecimentos teórico-metodológicos que permitam ao professor compreender como as crianças de zero a seis anos vão construindo conceitos, valores, idéias, representações sobre si, sobre o mundo e sobre as pessoas, na exploração do ambiente, na relação com os animais, as plantas e objetos, e com o grupo ao qual pertencem. Estabelecer relações entre o modo de vida do seu grupo; compreender a valorização do meio ambiente, a preservação dos animais e a qualidade de vida humana.

Bibliografia Básica:

HARLAN, J. D., RIVKIN, M. S. **Ciências na Educação Infantil: uma abordagem integrada**. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. 352p. ISBN 85-7347-666-6.

MIEIB. **Discutindo políticas de educação infantil e educação escolar indígena**, 2006.

NARDI, R., BASTOS, F., DINIZ, R. E. S. **Pesquisas em ensino de Ciências: contribuições para a formação de professores**. São Paulo: Escrituras, 2008. 254p. (Educação para a Ciência, 5). ISBN: 85- 7531-149-2.

Bibliografia Complementar:

CARIAGA, Diógenes. **As transformações no modo de ser criança em Te'yúku (1950- 2010)**. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, Mato Grosso do Sul, 2012.

CODONHO, Camila. **Aprendendo entre pares: a transmissão horizontal de saberes entre as crianças indígenas Galibi-Marworno**. 2007, 134f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina/SC, 2007.

CHAVES, S. N. Por que Ensinar Ciências para as Novas Gerações? Uma questão central na formação docente. **Anais...** XVII Encontro Norte e Nordeste de Pesquisa Educacional, 2005.

FREITAS, Márcio de (Org.). **Amazônia: a natureza dos problemas e os problemas da natureza**. Manaus: EDUA, 2005.

JESUS, Suzana Cavaleiro de. **No campo da educação escolar indígena: uma etnografia sobre territorialidade, educação e infância na perspectiva Mbyá-Guarani**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

24. Práticas de Pesquisa em Educação Infantil Indígena – 60h/a

Ementa:

Ampliação das discussões epistemológicas e metodológicas de pesquisa em Educação Infantil Indígena. As concepções teóricas do conhecimento. A pesquisa científica: natureza teórico-prática. As fases da pesquisa científica. Práticas de ensino com pesquisa na Educação Infantil Indígena.

Bibliografia Básica:

ARAÚJO, Sheyla Alves de. **A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001-2012)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação, Belém, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6184/1/Dissertacao_CriancaIndigenaEstudos.pdf

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola, o que é como se faz**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro.** Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, E. S. A. a , FACHÍN-TERÁN, A. A alfabetização científica na educação infantil: Possibilidades de integração. **Lat. Am. J. Sci. Educ.** 2, 12032, 2015. Disponível em: http://files.ensinodociencia.webnode.com.br/200001248-7c18a7d136/2015_A%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil_Possibilidades%20de%20integra%C3%A7%C3%A3o.pdf

TAVARES, Arice Cardoso. **Metodologias para iniciação à prática da pesquisa e extensão I: caderno pedagógico.** Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MORAES, R.; RAMOS, M.; GALIAZZI, M.C. (Eds.) **Pesquisa em Sala de Aula: Fundamentos e pressupostos.** Porto Alegre: PUCRS, 2002

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. O ensino de Ciências através da Pesquisa. In: _____. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro.** Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

SILVA, Marise. **Metodologia de Iniciação à Prática da Pesquisa e da Extensão: unidade teórico-prática de formação do professor, pesquisador e extensionista.** Caderno Pedagógico I. Florianópolis: UDESC, 2001.

25. Literatura Infantil na Escola Indígena – 80h/a

Ementa:

A literatura como objeto de reflexão, desde a infância, sobre as origens e as possibilidades de reavivamento das ancestralidades, de divulgação dos conhecimentos tradicionais, de afirmação étnica e ressignificação do universo indígena, por meio de textualidades variadas. (histórias orais dos sábios e sábias; danças e cantos; livros com histórias indígenas). Diálogo com literatura infantil não-indígena. Critérios de seleção de textos, procedimentos metodológicos e sugestões de atividades.

Bibliografia Básica:

BARROS, João Luiz da Costa. **O Brincar e Suas Relações Interculturais na Escola Indígena.** Curitiba-Pr. Appris. 2015.

JEKUPÉ, Olívio. **Literatura escrita pelos povos indígenas.** São Paulo. Scortecci, 2009.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: A literatura indígena em destaque.** Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada: experiência literária em terras indígenas.** Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2009. 147 p.

ASSIS, Muriane Sirlene Silva. Práticas de cuidado e de educação na instituição de educação infantil: O olhar das professoras. In: ANGOTTI, Maristela. (org.). 3 ed.

Educação Infantil: para que, para quem e por quê? Campinas, SP: Alínea, 2010, p. 87-104.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; VALENTE, Thiago Alves. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. In.: **Contemporaneidades ameríndias.** Estud. Lit. Bras. Contemp. (53) • Jan-Apr 2018. Disp.em:<https://www.scielo.br/j/elbc/a/qsZp8Q3TY3DbByZKyDHfHc/?format=pdf&lang=pt>.

HAKITY, Tiago. **Awyató-pót:** histórias indígenas para crianças São Paulo: Col. O universo indígena. Série raízes. Paulinas, 2011.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.

26. Ensino de Ciências na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

Relação entre o conhecimento científico e o processo de ensino e aprendizagem na área da educação científica de crianças de fase escolar. A química no cotidiano da sociedade contemporânea. Terra e universo: astros e fenômenos do sistema Terra-Sol-Lua, usados como orientação e referência cotidiana. Conhecimento sobre os seres vivos e a relação do homem com a natureza valorizando as hipóteses infantis para a construção do conhecimento. Práticas pedagógicas de Ciências em espaços não formais.

Bibliografia Básica:

CARVALHO, A M.P de. e et al. Ciências no Ensino Fundamental: O conhecimento Físico. São Paulo: Scipione, 2009.

MARANDINO, Marandino; SELLES, Sandra Escovedo; FERREIRA, Marcia Serra. **Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos.** São Paulo; Cortez (Coleção Docência em Formação. Série ensino médio). 2009. 215 p.

LUFTI, Mansur. Cotidiano e educação em química. Ijuí-RS: Unijuí, 1988.

Bibliografia Complementar:

LIMA, E. C. C. L., AGUIAR JÚNIOR, O. G., BRAGA, S. A. M. Aprender Ciências: um mundo de materiais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008. 88p. ISBN: 85-7681-413-7.

SCHNETZLER, R. P. e ARAGÃO, R. M. R de. Ensino de Ciências: fundamentos e abordagens. Campinas: CAPES/UNIMEP, 2000.

SILVA, Antônia Rodrigues da; MOTA, Marinete Lourenço. Educação infantil na educação indígena: pontos e contrapontos. II Simpósio Luso Brasileiro em Estudos da Criança - Pesquisa com crianças: desafios metodológicos. Anais... 2014.

DELIZOICOV, D; ANGOTTI, J. A. P.; PERNAMBUCO, M. M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

MELO, Janielle da Silva. Formação de professores indígenas: estratégias para o ensino de ciências e biologia. Fundação Universidade federal de mato Grosso do Sul – Instituto de Física – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências. Dissertação de Mestrado. Campo Grande; MS. 2014. 98 p. Disponível em: http://www.ppec.ufms.br/Dissertacoes/Dissertacao_Janielle_Silva_Melo.pdf.

27. Fundamentos e Práticas Linguísticas e Semióticas na Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

Estudo das estratégias e procedimentos linguísticos e semióticos que operam na compreensão e produção de linguagens na escola indígena e não indígena. Conhecimentos relacionados à fono-ortografia, morfossintaxe, sintaxe, semântica, variação linguística e elementos notacionais da escrita.

Bibliografia Básica:

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: a final, a que se refere?**. São Paulo: Cortez, 2013.
 BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
 ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia**. São Paulo: Contexto, 2000.

Bibliografia Complementar:

CESAR, América Lúcia Silva et al. Para uma Cartografia da Educação Escolar Indígena. In: **Linguagens, identidades e letramentos**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2012.
 SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental. In: **Educere e Educare**, v.6.n. 12. Jul./dez./2011.
 RUSSO, K.; Mendes, L.C.; Fernandes, G.N. Desafios para a alfabetização no contexto das escolas indígenas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v.25, e204928, 2020. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v25e2020a4928>.
 NEVES, J. G. **Alfabetização intercultural: oralidade, escrita e bilinguismo em sociedades indígenas**. Revista Espaço Acadêmico, n. 85, 2008.
 NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010.

28. Grandezas e Medidas Interculturais na Escola Indígena – 80h/a

Ementa:

Estudo das grandezas e medidas relacionadas ao contexto local e global, buscando favorecer a compreensão de problemas oriundos de situações cotidianas que envolvem grandezas e medidas.

Bibliografia Básica:

CERQUETTI-ABERKANE, Fraçoise. BERDONNEAU, Catherine. **O ensino de matemática na educação infantil**. Trad. Eunice Gruman. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
 BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
 SMOLE, Katia Stocco. DINIZ, M. I. **Ler, escrever e resolver problemas**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

Bibliografia Complementar:

FAORO, Vanessa. **Matemática escolar e matemática materna: números e operações do povo indígena maia**. Disponível em:

<https://bibliodigital.unijui.edu.br:8443/xmlui/bitstream/handle/123456789/1646/Vanessa%20Faoro.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MENDES, Iran Abreu. LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. **Educação Matemática e cultura amazônica: fragmentos possíveis.** MENDES, Iran Abreu. LUCENA, Isabel Cristina Rodrigues de. (Orgs.). Belém: Editora Açaí, 2012.

MOREIRA, Plínio Cavalcanti. DAVID, Maria Manuela M. S. **A formação matemática do professor: licenciatura e prática docente escolar.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

NASCIMENTO, Adir Casaro et al. **Educação indígena na escola em outros espaços : experiências interculturais.** Adir Casaro Nascimento, Carlos Magno Naglis Vieira, Heitor Queiroz de Medeiros (organizadores). – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2018.

SMOLE, K.C.S.; ROCHA, G.H.R.; CANDIDO, P.T.; STANCANELLI, R. **Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil – 6.ed., vol. 4,** São Paulo: 2007.

29. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos da Educação Infantil Indígena – 80h/a

Ementa:

O papel da escola no que se refere ao desenvolvimento curricular. Proposta de currículo escolar diferenciado, específico, que contemple a interculturalidade e a diversidade, como instrumento mediador das práticas docentes da escola. Produção de instrumentos pedagógicos adequados para uma escolarização diferenciada, intercultural e bilíngue que fortaleça e preserve a cultura.

Bibliografia Básica:

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade.** Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002.

GIOTTO, C. G. G. A metodologia de projetos e a articulação do trabalho didático pedagógico com as crianças pequenas. **Educação em Revista.** v. 7. n. 1/2. Marília. 2006. Disponível em: Acesso em: Abril 2012.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A Organização do currículo por projetos de trabalho.** 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Bibliografia Complementar:

DALVA, Gonçalves Rosa; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002

SOUZA, M. I. P. de; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.) **Educação intercultural: mediações necessárias.** Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.

FLEURI, R. M. O que significa Educação Intercultural. In: FLEURI, R. M. **Educação para a diversidade e cidadania.** Florianópolis: UFSC, 2009. p. 25-44. (Módulo 2: Introdução Conceitual – Educação para a Diversidade e Cidadania).

SECAD/MEC. **Educação escolar: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola.** Brasília, MEC, 2007.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena.** [S.l: s.n.], 2001.

**GRUPO II – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA INDÍGENA;
PLANEJAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INDÍGENA (2.100 HORAS)
NÍVEL II - FORMAÇÃO DE PROFESSORES MULTIDISCIPLINARES DOS
ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Paradigmas científicos e a concepção de tecnologia aplicada à Educação Escolar Indígena. O uso de recursos tecnológicos na educação escolar indígena como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem em Ciências Humanas e Sociais. Potencialidades e limites do uso das TICs. Análise dos diferentes softwares na educação. O uso de diferentes espaços on line na educação, como possibilitadores da comunicação, interação e construção coletiva do conhecimento (chat, blog, MSN, fotolog...).

Bibliografia Básica:

- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas - SP: Papyrus, 2003.
- RODRIGUES, Evaldo Ferreira. **Concepções Paradigmáticas e teorias da tecnologia educacional**, UEPA, 2011, p. 6-27.
- VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Técnicas de Ensino**: por que não? 21 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Bibliografia Complementar:

- ALMEIDA, Fernando José. **Educação e informática**: os computadores na escola. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2005.
- LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional**: descubra suas possibilidades na sala de aula. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.
- SCARPATO, Marta (org). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004.
- VIEIRA, Erika Rodrigues. **Estudo de Caso**: A Tecnologia Educacional em comunidades indígenas. In: _____. Tecnologia e prática educativa - a educação indígena em perspectiva: experiência das EEI Aldeia Uru-ity e EEI Aldeia Djaiko-aty. Americana, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2011, pp. 37-42.

2. Língua Portuguesa Instrumental - 60 h/a

Ementa:

Leitura, análise e produção textual. Conceitos linguísticos: variedade linguística, linguagem falada e linguagem escrita, níveis de linguagem. Habilidades linguísticas básicas de produção textual oral e escrita. A argumentação oral e escrita Habilidades básicas de produção textual. Análise linguística da produção textual. Noções linguístico-gramaticais aplicadas ao texto.

Bibliografia Básica:

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARTINS, D. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português instrumental.** 29 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, M. M. de; HENRIQUES, A. **Língua Portuguesa: noções básicas para cursos superiores.** 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BASTOS, L. K. & MATOS, M.A. **A Produção Escrita e a Gramática.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2 ed.1992.

FAULSTICH, Enilde L. **Como ler, entender e redigir um texto.** Petrópolis: Vozes, 2002

FAVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais.** 9 edição. São Paulo: Ática, 2002

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: contexto, 2006

3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas - 60 h/a

História dos números em uma perspectiva antropológica e cultural. A origem da escrita e da matemática na relação entre números e letras. Processos de contagem expressos em diferentes sociedades. As linguagens matemáticas como forma de representação da realidade.

Bibliografia Básica:

VERGANI, Teresa. **Matemática e Linguagens: olhares interativos e transculturais.** Lisboa: Pandora, 2002.

MACHADO, Nílson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua.** São Paulo: Cortez, 2011.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização.** São Paulo: Edições Loyola, 1979.

Bibliografia Complementar:

SMOLE, Katia Stocco. DINIZ, M. I. **Ler, escrever e resolver problemas.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena.** São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Madikauku: os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil / Mariana Kawall Leal Ferreira.** Brasília: MEC, 1998.

BELLO, Samuel Edmundo López. **Etnomatemática, linguagem e a produção/apropriação de significados matemáticos.** Disponível em: http://www.sbemparana.com.br/arquivos/anais/epremvii/comunicacao/comunicacao_32.pdf.

_____. **Etnomatemática: relações e tensões entre as distintas formas de explicar e conhecer.** Tese de doutorado. FE – UNICAMP. Campinas: 2000.

4. Estudos de Filosofia na Escola Indígena - 60 h/a

Pensar a formação da criança indígena numa perspectiva de educação para o pensar, com uma proposta de iniciação filosófica a partir do estímulo à fase das perguntas e da curiosidade inerente às crianças. Trabalhar com a compreensão do ser-sujeito indígena com conotações filosóficas, para fortalecer a identidade cultural dos educandos em formação e dar base às grandes questões existenciais que se colocam a todo ser humano.

Bibliografia Básica:

KOHAN, Walter Omar. **Infância**. Entre Educação e Filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SILVA, Vânia Mesquita Trindade. **Formação Docente em Filosofia para Crianças.**, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara, 2007.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

Bibliografia Complementar:

AMADOR, Afonso Araújo. **Relatório de pesquisa: filosofia com crianças e adolescentes em práticas educacionais populares – uma abordagem freireana**. Belém: Grupo Educação Freireana e Filosofia, 2007.

BARBOSA, Cléuma de Melo. **O Ensino de Filosofia e a Formação do Ser-Sujeito-Criança na Educação de Paulo Freire**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

LORIERI, Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azeredo. **Filosofia na escola: o prazer da reflexão**. São Paulo: Moderna, 2004.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A pedagogia do oprimido de Paulo Freire e o ensino de filosofia com crianças. In: **ESPAÇO PEDAGÓGICO** v. 27, n. 3, Passo Fundo/RS, p. 685-701, set./dez. 2020| Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep

5. Práticas de Pesquisa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental - 60 h/a

Ementa:

Ampliação das discussões epistemológicas e metodológicas de pesquisa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. As concepções teóricas do conhecimento. A pesquisa científica: natureza teórico-prática. As fases da pesquisa científica. Práticas de ensino com pesquisa nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Bibliografia Básica:

ARAÚJO, Sheyla Alves de. **A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001-2012)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação, Belém, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6184/1/Dissertacao_CriancaIndigenaEstu dos.pdf

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola, o que é como se faz**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro**. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências

na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, E. S. A. a , FACHÍN-TERÁN, A. A alfabetização científica na educação infantil: Possibilidades de integração. *Lat. Am. J. Sci. Educ.* 2, 12032, 2015. Disponível em: http://files.ensinodeciencia.webnode.com.br/200001248-7c18a7d136/2015_A%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil_Possibilidades%20de%20integra%C3%A7%C3%A3o.pdf

TAVARES, Arice Cardoso. **Metodologias para iniciação à prática da pesquisa e extensão I:** caderno pedagógico. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MORAES, R.; RAMOS, M.; GALIAZZI, M.C. (Eds.) **Pesquisa em Sala de Aula:** Fundamentos e pressupostos. Porto Alegre: PUCRS, 2002

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. O ensino de Ciências através da Pesquisa. In: _____. *Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro.* Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

SILVA, Marise. **Metodologia de Iniciação à Prática da Pesquisa e da Extensão:** unidade teórico-prática de formação do professor, pesquisador e extensionista. Caderno Pedagógico I. Florianópolis: UDESC, 2001.

6. Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Princípios da Educação Escolar. Políticas Públicas em Educação Escolar Indígena. Currículos de Educação Escolar Indígena. Os Currículos alternativos e as propostas oficiais. Processos próprios de ensino/aprendizagem: os etnoconhecimentos.

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Aprisionando sonhos:** a educação escolar Indígena no Brasil. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012

MARFAN, Marilda Almeida (Org.). **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação:** formação de professores: educação indígena. Brasília: MEC, SEF, 2002.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal:** os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BANIWA, Gersem. **Territórios etnoeducacionais:** um novo paradigma na política educacional brasileira. In: CONAE, 2010, Brasília. Anais... Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em:

<http://www.cinep.org.br/uploads/e42d706bbd109ef3e5c5b8b41e310eeab53c3dd5.pdf>.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena?** A gente precisa ver. *Ciência e Cultura*, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

GRUPOINI, Luís Donisete. **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2006.

MAROLDI, Alexandre Masson.; MAIA LIMA, Luis Fernando.; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A produção científica sobre educação indígena no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 931-952, jul./set., 2018.

TUKANO, Geraldo Veloso Ferreira. **Educação Escolar Indígena**: As práticas culturais indígenas na ação pedagógica de Escola Estadual Indígena São Miguel Iauretê (AM). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP Dissertação de Mestrado São Paulo, 2007.

7. Concepções de Linguagens em Contexto Bi(multilíngues) - 60 h/a

Ementa:

Estudo das concepções de linguagem em contextos bi(multilíngues). Visão de língua. Língua materna, língua adicional, língua estrangeira, L1, L2. Concepções de bi(multilinguismo). Fatores cognitivos, socioculturais e sociopsicológicos na aquisição de línguas em cenários bi (multilíngues).

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar. (Org.). (2013). **Ensino de Português em comunidades indígenas**:(1ª e 2ª língua). Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2013.

LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. **O ensino de outra(s) língua(s) na contemporaneidade**: questões conceituais e metodológicas. In: LEFFA, V. J.; IRALA, V. B. **Uma espiadinha na sala de aula**: ensinando línguas adicionais no Brasil. Pelotas: Educat, 2014. p. 21-48.

MEGALE, Antonieta Heyden. **Bilingüismo e educação bilíngüe**: discutindo conceitos. Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL. V. 3, n. 5, agosto de 2005. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

Bibliografia Complementar:

KNAPP, Cássio. O bilinguismo e a educação escolar indígena. In: **O Ensino Bilingue e a educação escolar indígena para os Guarani e Kaiowá de MS**. Tese de Doutorado-UFMG, 2016.

CARRETA, Álvaro Antônio. **Aperfeiçoamento em políticas linguísticas para educação escolar indígena**. Módulo 4 – Letramento e Formação Social. UNIFESP, 2015.

CAVALCANTI, Marilda C. **Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias linguísticas no Brasil**. In: D.E.L.T.A., Vol. 15, N.º ESPECIAL, 1999 (385-417).

ZIMMER, M.; FINGER, I.; SCHERER, L. **Do bilinguismo ao multilinguismo**: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística. ReVEL. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. ISSN1678-8931 [www.revel.inf.br].

RODRIGUES, Lúcia Maria Silva. **Educação bilíngüe em território indígena Waiwai/aldeia Tawanã**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Pará. Belém, 2012.

8. Bases Teóricas da Etnomatemática para o Ensino na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

A Etnomatemática e suas bases social, histórica e antropológica. Educação Etnomatemática e suas possibilidades pedagógicas. As dimensões do Programa Etnomatemática. Experiências pedagógicas exitosas na abordagem da Etnomatemática na educação escolar indígena.

Bibliografia Básica:

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: Arte ou técnica de explicar e conhecer. São Paulo: Ática, 1990.

D'AMBROSIO, Ubiratan. **Etnomatemática**: Elo entre as tradições e a modernidade. Minas Gerais: Editora Autêntica, 2001.

FERREIRA, Eduardo Sebastiani. **Etnomatemática**: uma proposta Metodológica. Rio de Janeiro: MEM/USU, 1997.

Bibliografia Complementar:

BORBA, Marcelo de Carvalho; COSTA, Wanderleya Nara Gonçalves. O porquê da etnomatemática na educação indígena. **Zetetiké**, Campinas, SP, v.4, n.6, p.87-95, jul/dez 1996.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

D'AMBRÓSIO, Ubiratan. **A matemática na época das grandes navegações e início da colonização**. Revista Brasileira de História da Matemática. 2001.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Sociedade, cultura, matemática e seu ensino. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, p. 99-120, 2005.

MONTEIRO, A., Orey, D. C.; DOMITE, M. C. (2006). Etnomatemática: papel, valor e significado. 2. ed. Porto Alegre-RS: Zouk. p. 13-37.

9. Ensino de Ciências na Escola Indígena - 80 h/a**Ementa:**

Abordagem conceitual e metodológica de fenômenos físicos, químicos, biológicos e geológicos para os anos iniciais. Características dos materiais e seus usos no contexto do cotidiano indígena. Relações entre matéria, energia, mistura, transformações reversíveis e não reversíveis, uso de possibilidades de contextualização do ambiente e vivências na comunidade. Propriedades físicas dos materiais. Ciclo hidrológico. Consumo consciente. Reciclagem.

Bibliografia Básica

CASTRO, E.N.F.; MÓL, G.S.; SANTOS, W.L.P. **Química na sociedade**: projeto de ensino de química num contexto social (PEQS). 2. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 2000.

MORTIMER, E.F. Linguagem e formação de conceitos no ensino de ciências. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ECHEVERRIA, A.R.; MELO, C.I.; GAUCHE, R. **Livro didático: análise e utilização no ensino de química**. In: SANTOS, W.L.P.; MALDANER, O.A. (Orgs.). Ensino de química em foco. Ijuí: Ed. Unijuí, 2010. p. 263-286.

Bibliografia Complementar

MORAES, Roque. **Ciências para as Séries Iniciais e Alfabetização**. Porto Alegre: SAGRA, 1994.

TEIXEIRA, W. et al. **Decifrando a Terra**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

Conhecimentos bakairi cotidianos e conhecimentos químicos escolares: perspectivas e desafios. 2012. Tese (Doutorado em Educação), Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2012.

HALLYDAY, RENICK, WALKER. **Fundamentos de Física**. 9 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

LOUREIRO, C. F. B.; LAYRARGUES, P. P.; CASTRO, R. de S. (Org). **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez, 2002.

10. Línguas Indígenas na Amazônia - 80 h/a

Ementa:

Estuda a colonização, tradição e políticas linguísticas. A diversidade/originalidade das línguas indígenas na Amazônia. Realidade sociolinguística das comunidades indígenas. As línguas do mundo: semelhanças e diferenças. Contato entre línguas. Bilinguismo e multilinguismo. Línguas gerais ou línguas francas. Práticas de uso e função das línguas indígenas na documentação dos saberes/memórias tradicionais. Reflete sobre letramento cultural e intercultural e suas implicações para um projeto de educação bilíngue; Revitalização linguística; O ensino de línguas indígenas, como 1ª e 2ª línguas, de acordo a realidade sociolinguística das comunidades.

Bibliografia Básica:

FRANCHETTO, Bruna. A comunidade indígena como agente da documentação linguística. **Revista de Estudos e Pesquisas** (Fundação Nacional do Índio), v. 4, 2008. p. 11 – 32.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

MORE, Denny. **Línguas indígenas: situação atual, levantamento e registro**. Revista Eletrônica do IPHAN, Brasil, v. 01. mar. 2007. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=213>. Acesso em: nov. 2017.

Bibliografia Complementar

BAMBIERRE, Cláudio. **Políticas linguísticas na aldeia tembé e ka'apor**. Disponível em <http://www.tcpdf.org>.

DUARTE, Fábio Bonfim. 1998. **Ordem dos Constituintes na Língua Tembé**. Brasília. PAULA, et al. Reflexões sobre a formação linguística no ensino superior indígena. RBPG, Brasília, supl. 1, v. 8, p. 233 - 244, dezembro 2011.

OLIVEIRA, Denise Pimenta de Oliveira; NASCIMENTO, André Marques do. **Translinguajamento: pensando entre línguas a partir de práticas e metadiscursos de docentes indígenas em formação superior**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 18, n. 3, p. 254-266, set.-dez. 2017.

MORI, Angel Corbera. **A língua indígena na escola indígena: quando, para que e como?**. In: VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés. Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola. Campinas/ALB, 2001.

RODRIGUES, L. M. S. (Dissertação de mestrado). **Educação Bilíngue em Território Indígena Waiwai/Aldeia Tawanã**. Belém. UFPA, 2012.

11. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental – Anos Iniciais - 80 h/a

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global,2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tempo, 2002.

BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

12. Cultura Corporal e Povos Indígenas - 60 h/a

Ementa:

Aborda sentidos e significados da cultura corporal indígena. Estuda os conceitos corpo e cultura e as relações em contexto indígena. Aborda as manifestações da cultura corporal indígena.

Bibliografia Básica

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do Corpo na Cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, 2, n. 2, jun-1995. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19309/000242837.pdf>.

SEEGER, Antony; MATTA, Roberto da; CASTRO, E. B. Viveiros de. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Núcleo de Assuntos Indígenas – UFT Campos de Porto. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local-files/pessoa%3Aabertura/seeger_matta_castro_1979_pessoa.pdf>.

Bibliografia Complementar

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. Educação Intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n.2, p. 1-11, mai/ago, 2011.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Campinas: Papirus, 1995.

RODRIGUES, Taisa Figueira. **A ornamentação corporal como representação social dentro do contexto indígena**: Os índios Kayapó - um estudo de caso. 2007. 108 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Design) - PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

TAFFAREL, Celi Zulke et al. Oficina de construção de conhecimentos sobre a cultura corporal em movimentos de luta sociais da classe trabalhadora do campo no Brasil. **Ágora para la EF y el Deporte**, n. 6, p.19-42, 2008.

13. Letramento e Alfabetização no Ensino Fundamental Indígena-Anos Iniciais - 80 h/a

Ementa:

Estudo das concepções sobre letramento e alfabetização em contextos de educação escolar indígena e não indígena. Letramento autônomo, crítico, sociocultural, ideológico. Métodos e processos de alfabetização na escola não indígena e indígena.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. São Paulo: Contexto, 2016.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo. Contexto, 2003.

STREET, Brian. Trad. BAGNO, Marcos. **Letramentos Sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Parábola, 2014.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FRANCHETTO, Bruna. **A guerra dos alfabetos**: os povos indígenas na fronteira entre o oral e o escrito. In: *Mana* 14 (1), abr, 2008.

FREIRE, Paulo. Alfabetização e Pedagogia Crítica. In: FREIRE, Paulo, MACEDO, Donaldo Alfabetização: **leitura do mundo, leitura da palavra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

NEGRÃO-OLIVEIRA. **Xipat, professora**: letramentos acadêmicos de reexistência na formação inicial de professores munduruku. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2020.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario T. **Para uma redefinição de Letramento Crítico**: conflito e produção de significado. In: MACIEL, Ruberval Franco; ARAÚJO,

Vanessa de Assis (Org.). **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas.** Jundiaí: Paco Editorial, 2011. p. 128-140.

KLEIMAN, Ângela B. Os Estudos de Letramento e a Formação do Professor de Língua materna. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**, v. 8, n. 3, p. 487-517, set./dez. 2008.

14. História Indígena e Fundamentos Históricos - 80 h/a

Ementa:

Estudo do transcurso histórico e cultural das sociedades indígenas no atual território brasileiro e estabelece relação com a Matriz disciplinar da ciência da história; Concepções, métodos, fontes, narrativa e abordagens teórico-metodológicas na pesquisa histórica; sujeitos e categorias da história; Conceitos de tempo, cultura, memória e grupo étnico; História indígena e concepções teórico-metodológicas na produção histórica indígena.

Bibliografia Básica:

CAVALCANTE, Thiago Leandro Vieira. Etno-história e história indígena: questões sobre conceitos, métodos e relevância da pesquisa. **História** (São Paulo), v.30, n.1, jan./jun., 2011, p. 349-371.

MAHER, Terezinha Machado. **Formação de Professores Indígenas: uma discussão introdutória.** In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Org.) Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006. Disponível em:

http://pronacampo.mec.gov.br/images/pdf/bib_volume8_formacao_de_professores_indigenas_repensando_trajetorias.pdf

SILVA, A. L.; FERREIRA, M. K. L. (Org.). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola.** São Paulo: Global; Mari/USP; Fapesp, 2001.

Bibliografia Complementar:

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral e Narrativa: Tempo, Memória e Identidades.** História Oral, 6, 2003, p. 9-25.

MONTEIRO, John Manuel. O desafio da história indígena no Brasil. In: SILVA, Aracy Lopes da & GRUPIONI, Luís Donisete Benzi (Orgs.). **A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus.** Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995, p. 221-29.

SILVA, Joana Aparecida Fernandes; SILVA, Giovani José da. História indígena, antropologia e fontes orais: questões teóricas e metodológicas no diálogo com o tempo presente. **História Oral**, v. 13, n. 1, jan.-jun., 2010, p. 33-51.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: LAVERDI, R. et. al. **História, diversidade, desigualdade.** Santa Catarina: UFSC; Recife: UFPE, 2011, pp.15-37.

PEREIRA, Airton dos Reis. **O retorno da retórica ao campo da historiografia.** Marabá: 2014 (Texto Inédito).

15. Práticas Linguísticas e Semióticas na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estudo das estratégias e procedimentos linguísticos e semióticos que operam na compreensão e produção de linguagens na escola indígena e não indígena.

Conhecimentos relacionados à fono-ortografia, morfossintaxe, sintaxe, semântica, variação linguística e elementos notacionais da escrita.

Bibliografia Básica

BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística: afinal, a que se refere?**. São Paulo: Cortez, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARTELOTTA, M. E. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.

Bibliografia Complementar

GIL, Beatriz Daruj; CARDOSO, Elis de Almeida; CONDÉ, Valéria Gil. **Modelos de análise linguística**. São Paulo: Contexto, 2009.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria Semiótica do Texto**. São Paulo: Ática, 1990.

FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à linguística-objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2002.

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. 1 reimpressão São Paulo, contexto, 2008.

SILVA, M. C. F; MEDEIROS, A. B. **Para conhecer Morfologia**. São Paulo: Contexto, 2016.

SILVA, Paulo Hernandes Gonçalves da; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. As ciências do léxico: proposições para a prática docente no ensino de línguas. **Revista Univap**. São José dos Campos-SP-Brasil, v. 24, n. 44, jul. 2018.

16. Artes Visuais e Ensino na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Apresenta o currículo de Arte na Educação Básica; Conteúdos e princípios metodológicos para o ensino das Artes Visuais. Estuda os elementos metodológicos para a análise e intervenção nas práticas educativas. Trata da arte-educação e suas implicações sobre a construção do conhecimento. Aborda a metodologia do ensino das Artes Visuais na escola indígena;

Bibliografia Básica:

ASSIS, H. L. (et al.). (Orgs.). **O ensino de Artes Visuais: desafios e possibilidades contemporâneas**. Goiânia: Grafset, 2009.

VIDAL, Lux. **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992.

DIAS, José Antônio Braga Fernandes. Arte, arte índia, artes indígenas. In AGUILAR, HERNANDEZ, Fernando. **Cultura Visual: Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Porto Alegre, Artmed. 2000.

Bibliografia Complementar:

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. São Paulo: Cortez, 2002.

LOWENFELD, Victor. **Desenvolvimento da Capacidade Criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

MOREIRA, Ana Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyolo, 1995.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). **Som, gesto, forma e cor: dimensões da Arte e seu ensino**. Belo Horizonte: C/ARTE, 1995.

ZACCARA, M.; CARVALHO, L. M. (Org.). **Paisagens Plurais: artes visuais e transversalidades**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

17. Oralidade, leitura e Escrita na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estudo das teorias e práticas de linguagem com foco na oralidade, leitura e escrita nos anos finais do ensino fundamental na escola indígena e não indígena. Reflexões sobre as práticas de linguagem a partir do que determinam os documentos oficiais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FÁVERO, Leonor L. et al. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2005.

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. Vol.14. Parábola, 2003.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. Parábola, 2009.

BIBLIGRAFIA COMPLEMENTAR

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI JR, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como fazer**.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Línguas indígenas precisam de escritores? Como formá-los?**. MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

FERRAREZI JR, Celso; CARVALHO, Robson Santos de. **Produzir textos na educação básica: que saber, como fazer**. Parábola, 2015.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. Ensino e aprendizagem de línguas numa perspectiva bilíngue intercultural. In: PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro; BORGES, Mônica Veloso; ROCHA, Leandro Mendes (Org.). **Cidadania, interculturalidade e formação de docentes indígenas**. Goiânia: PUC/GO, 2010. p. 85-102.

PEREIRA, Dayveson Norberto da Costa. **Letramento e Educação Escolar Indígena: análise de uma experiência descolonial**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem. Universidade Federal do Rio Grande do Norte: Natal, 2019.

18. Ensino de Etnogeometrias na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

A Etnogeometria e sua relação com o ensino nas séries iniciais na escola indígena. Propriedades dos objetos geométricos. As formas geométricas e suas relações com o mundo tangível. Propostas de ensino de Etnogeometria nas séries iniciais em contexto indígena.

Bibliografia Básica:

GERDES, Paulus. **Geometria dos trançados Bora na Amazônia peruana**. São Paulo: Ed. Livraria da Física, 2010. (Coleção Contextos da Ciência).

ITACARAMBI, Ruth Ribas. **Geometria, brincadeiras e jogos**. São Paulo: Livraria da Física, 2008.

LORENZATO, Sérgio. **Aprender e Ensinar Geometria**. Editora Mercado de Letras, 2015.

Bibliografia Complementar:

NACARATO, Adair Mendes; PASSOS, C. L. B. **A geometria nas séries iniciais: uma análise sob a perspectiva da prática pedagógica e da formação de professores**. São Carlos: EDUFSCAR, 2003.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

KNIJNIK, G. (2006). **Educação Matemática, culturas e conhecimento na luta pela terra**. Santa Cruz do Sul-RS, Editora Edunisc.

BARROS, Osvaldo S. **Objetiva(ção) da Medida e Contagem do Tempo em Práticas Socioculturais e Educativas**. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. – Natal, 2010.

MENDES, I. A. **Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2009. v. 01.

19. Saberes Geográficos Indígenas e Estudos de Geografia - 80 h/a

Ementa:

Populações indígenas: possíveis origens, descrição, distribuição geográfica, mobilidade, territorialidade, conflitos inter e extra-étnicos. Terra indígena e território indígena. Mediação das teorias geográficas em contextos indígenas. Leitura geográfica do mundo contemporâneo. Sujeito e objeto do conhecimento geográfico: os conceitos e categorias geográficas em contextos indígenas. A produção e a apropriação da linguagem gráfica/categórica, os significados e representações.

Bibliografia Básica:

SANTOS. Haieny Nazaré Reis. **Modos de Perceber e Representar o Ambiente e o Espaço no Ensino de Geografia** realizado por Professores Indígenas Tembé da Aldeia Cajueiro – Paragominas – Pa. Dissertação de Mestrado. Antropologia. Universidade Federal do Pará, 2017.

SILVA, Solange Rodrigues da. **Ensino de Geografia e Educação Escolar Indígena: da Interculturalidade a outras imaginações espaciais**. Tese de Doutorado. Universidade Federal da Grande Dourados. 2018.

SOUSA, Elson Mateus Monteiro de. **Cartografia Histórico-Social do Povo Assurini do Trocará/PA**. Trabalho de Conclusão de Curso-TCC. Universidade do Estado do Pará-UEPA. Belém, 2018.

Bibliografia Complementar:

BARROS, Márcia Rejane Oliveira et al. **Ferramentas da internet para o ensino de Cartografia para crianças**. In: XXI Congresso Brasileiro de Cartografia, 2006.

OLIVEIRA, R. J. **Educação indígena: o ensino de Geografia na Escola Diferenciada Ta peba**. 2007.98p. Monografia (Especialização em Ensino de Geografia) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

ROMUALDO, Sanderson dos Santos; SOUZA, Graziella Martinez. **Discutindo a alfabetização cartográfica infantil: uma contribuição ao ensino de Geografia nas séries iniciais**. Porto Alegre, 2009.

SILVA, Daiane Magalhães; FREIRE, Leonardo José. **As contribuições da Geografia na Educação Infantil**: Processo de ensino e aprendizagem utilizando o espaço geográfico. 2014.

SILVA, Solange Rodrigues da. **A Geografia na Educação Escolar Indígena**: Limites e Possibilidades para uma Educação Intercultural. Dissertação de Mestrado. Geografia. Universidade Federal da Grande Dourados. 2013.

20. Literatura Infantil na escola indígena - 80 h/a

Ementa:

A literatura como objeto de reflexão, desde a infância, sobre as origens e as possibilidades de reavivamento das ancestralidades, de divulgação dos conhecimentos tradicionais, de afirmação étnica e ressignificação do universo indígena, por meio de textualidades variadas. (histórias orais dos sábios e sábias; danças e cantos; livros com histórias indígenas). Diálogo com literatura infantil não-indígena. Critérios de seleção de textos, procedimentos metodológicos e sugestões de atividades.

Bibliografia Básica:

BARROS, João Luiz da Costa. **O Brincar e Suas Relações Interculturais na Escola Indígena**. Curitiba-Pr. Appris. 2015.

JEKUPÉ, Olívio. **Literatura escrita pelos povos indígenas**. São Paulo. Scortecci, 2009.

THIÉL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora**: A literatura indígena em destaque. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada**: experiência literária em terras indígenas. Belo Horizonte. Ed. UFMG. 2009. 147 p.

ASSIS, Muriane Sirlene Silva. Práticas de cuidado e de educação na instituição de educação infantil: O olhar das professoras. In: ANGOTTI, Maristela. (org.). 3 ed. **Educação Infantil**: para que, para quem e por quê? Campinas, SP: Alínea, 2010, p. 87-104.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; VALENTE, Thiago Alves. Literatura indígena para crianças: o desafio da interculturalidade. In.: **Contemporaneidades ameríndias**. Estud. Lit. Bras. Contemp. (53) • Jan-Apr 2018. Disp.em:<https://www.scielo.br/j/elbc/a/qsZp8Q3TY3DbByZKzYDHfHc/?format=pdf&lang=pt>.

HAKITY, Tiago. **Awyató-pót**: histórias indígenas para crianças São Paulo: Col. O universo indígena. Série raízes. Paulinas, 2011.

THIÉL, Janice Cristine. A literatura dos povos indígenas e a formação do leitor multicultural. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1175-1189, out./dez. 2013.

21. Introdução aos Estudos da Educação Física - 60 h/a

Ementa:

Estudo e análise crítica da Educação Física na Escola Indígena. Introdução as abordagens didático-pedagógicas da Educação Física na Escola Indígena. Estudo das práticas corporais em contexto indígena.

Bibliografia Básica:

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. Caderno **Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621999000100005&lng=en&nrm=iso.

DAOLIO, J. **Educação Física e Conceito de cultura**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas–RCNEI**, (Educação Física). Brasília, 1998.

CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**. 2. ed., Campinas: Autores Associados, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1991.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da Experiência entre os Kaingang**. 2006. 170 f. Tese (doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. 2006.

22. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental na Escola Indígena – 80 h/a

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tiempo, 2002.

BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender**: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

23. Saberes Interculturais no estudo dos números, das grandezas e medidas - 80 h/a**Ementa:**

As unidades temáticas números, grandezas e medidas em diálogo com os saberes etnomatemáticos indígenas nos anos iniciais do ensino fundamental. As estruturas numéricas e suas operações matemáticas. Compreensão de grandezas e medidas em diferentes contextos e aplicações. Construção e resolução de problemas envolvendo números, grandezas e medidas.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Programa Gestão da Aprendizagem Escolar. Matemática. Caderno de teoria e prática 4. **Medidas e Grandezas**. Brasília: MEC, 2007.

RÊGO, Rogéria Gaudêncio do. RÊGO, Rômulo Marinho do. **Matemática**. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

CARNEIRO, Reginaldo Fernando. SOUZA, Antônio Carlos de. BERTINI, Luciane de Fátima. **Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental** [livro eletrônico] : práticas de sala de aula e de formação de professores / organização Reginaldo Fernando Carneiro, Antonio Carlos de Souza, Luciane de Fatima Bertini. -- Brasília, DF : SBEM, 2018.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

FRAGOSO, Wagner da Cunha. **Equações do 2º grau**: uma abordagem histórica. 2.ed. Rio Grande do Sul: Unijuí, 1999.

MENDES, I. A. (Org.). **Educação (Etno)Matemática**: Pesquisas e Experiências. Natal: Flecha do Tempo, 2004. v. 01.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Marina K. Leal (org). **Prática Pedagógica na Escola Indígena**. São Paulo, Global, 2001.

TELES, R. A. M. A Aritmética e a Álgebra na Matemática escolar. **Educação Matemática em Revista**, Ano 11, n. 16, p 8-15, maio de 2004.

24. Homem-Natureza no Ensino de Ciências - 60 h/a**Ementa:**

Vida e ambiente. O ser humano como agente de transformação da natureza e sua relação com os demais seres vivos e componentes do ambiente. Uso e manejo de águas, solos e florestas. Seres vivos no ambiente, as Plantas e os Animais. Vida e a organização dos ecossistemas. Cadeias Alimentares. O corpo humano. Nutrição. Hábitos alimentares dos organismos.

Bibliografia Básica:

MARANDINO, M.; SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Ensino de Biologia: Histórias e Práticas em Diferentes Espaços Educativos**; São Paulo: Cortez Editora, 2009.
 POZO, J. I.; CRESPO, M. A. G. **A Aprendizagem e o Ensino de Ciências - Do Conhecimento Cotidiano ao Conhecimento Científico**; Porto Alegre: Artmed, 2009.
 BEGON, M.; TOWNSEND, C. R.; HARPER, J. L. **Ecologia: de indivíduos a ecossistemas**. 4 ed. Porto Alegre: ArtMed, 2007. 740 p.

Bibliografia Complementar

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Martha Maria. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009
 NARDI, Roberto. (Org.) **Educação em Ciências: da pesquisas à prática docente**. São Paulo: Escrituras Editora, 2001 (Educação para a ciência).
 VARGAS, C. D. MINTZ, V. e MEYER, M. A. A. O Corpo Humano no Livro Didático ou de como o Corpo Humano Didático Deixou de Ser Humano. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.8, p.12-18, dez 1998.
 DUSO, Leandro; Hoffmann, Marilisa Bialvo. **Docência em Ciências e Biologia**. Ijuí: Unijuí, 2013.
 LORENZETTI, Leonir; DELIZOICOV, Demétrio. Alfabetização científica no contexto das séries iniciais. In: **Ensaio – Pesquisa em Educação em Ciências**, Vol. 03, N. 01, Jun. 2001, p. 01-17. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epec/v3n1/1983-2117-epec-3-01-00045.pdf>.

25. Artes Musicais e Cênicas e Ensino na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Apresenta o currículo de Arte na Educação Básica; Conteúdos e princípios metodológicos para o ensino de Música, Teatro e Dança. Estuda os elementos metodológicos para a análise e intervenção nas práticas educativas. Trata da arte-educação e suas implicações sobre a construção do conhecimento. Aborda a metodologia do ensino da música, do teatro e da dança na escola indígena.

Bibliografia Básica:

GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção novas buscas em educação).
 FERREIRA, S., org. **O Ensino das Artes: construindo caminhos**. Campinas: Papyrus Editora, 2004.
 MARTINS, Miriam Celeste et al. **Didática do ensino da arte: poetizar fruir e conhecer arte**. São Paulo: FTD, 1998.

Bibliografia Complementar:

CASTRO, Esther. O Museu dos Povos Indígenas do Oiapoque: um lugar de produção, conservação e divulgação da cultura. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Global, 2001.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artmed, 1999. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues.

PILLAR, Analice & VIEIRA, Denise. **O vídeo e a Metodologia Triangular no ensino da arte**. Porto Alegre/Fundação Iochpe, 1992.

_____. (Org.). **A educação do olhar no ensino das artes**. 4. Ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. Campinas, S.P: Mercado das Letras, 2003.

26. Ensino da Educação Física na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

O conjunto de saberes, habilidades, valores, conceitos e formas de comunicação que compõem a Cultura Corporal. Elementos da Cultura Corporal Indígena tratados no processo de ensino-aprendizagem, a partir dos princípios dialéticos da totalidade, contradição e superação. Planejamento e materialização de práticas pedagógicas da Educação Física para o Ensino Fundamental-Anos Iniciais da Educação Básica na Escola Indígena.

Bibliografia Básica:

BASSOLI, Amauri Aparecido. **Educação Física e a Organização Curricular: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio**. Ijuí. UNIJUI, 2021.

CARDOSO, C. L; KUNZ, E. (Orgs.). **Didática da Educação Física**. Volume 1. Ijuí, RS: Unijuí, 1998.

GRESPLAN, M. R. **Educação Física no ensino fundamental: primeiro ciclo**. Campinas: Papirus, 2002.

Bibliografia Complementar:

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JR, Osmar Moreira de. **Para ensinar Educação Física: Possibilidades de intervenção na escola**. Campinas, SP. Papirus, 2007.

DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. **Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de Educação Física**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

FREITAS, Luis Carlos de. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1995.

VINHA, Marina. **Educação Física Escolar entre os indígenas Kadiwéu**. Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT06-2606-Int.pdf>.

27. Planejamento e Metodologias para o Ensino de Matemáticas Interculturais - 80 h/a

Ementa:

Abordagens metodológicas e análise dos processos de ensino e aprendizagem da Matemática na escola indígena. Investigação de fatores que influenciam o ensino e a aprendizagem Matemática nos anos iniciais do ensino fundamental. Investigações

matemáticas em espaços escolares e não escolares. Planejamento e avaliação no ensino da Matemática na educação escolar indígena.

Bibliografia Básica:

LIZARZABURU, Alfonso E. SOTO, Gustavo Zapata. **Pluralidade e Aprendizagem da Matemática na América Latina: experiências e desafios/org.** Alfonso E. Lizarzaburu e Gustavo Zapata Soto; trad. Daisy Vaz de Moraes – Porto Alegre: Artmed, 2006.

LORENZATO, Sergio. **Para aprender matemática.** Campinas, SP: Autores Associados, 2010 (Coleção Formação de Professores)

CARVALHO, Dione Lucchesi de. **Metodologia do ensino da matemática.** São Paulo: Cortez, 2011.

Bibliografia Complementar:

MAIO, Waldemar de. CHIUMO, Ana. **Didática da Matemática.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.

DANTE, Luis R. **Criatividade e Resolução de problemas na Prática Educativa Matemática.** Tese de Livre – Docência, UNESP, Rio Claro, 1988.

FOSSA, John A. **Ensaio Sobre a Educação Matemática.** Belém, EDUEPA, 2001.

MONTEIRO, A., Orey, D. C.; DOMITE, M. C. (2006). **Etnomatemática: papel, valor e significado.** 2. ed. Porto Alegre-RS: Zouk. p. 13-37.

MENDES, I. A. **Matemática e investigação em sala de aula: tecendo redes cognitivas na aprendizagem.** 2. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2009. v. 01.

28. Etnociências na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Tempo e espaço. O Sol como fonte de luz e calor. Características da Terra Observação do céu Usos do solo. Constelações e mapas celestes. Movimento de rotação da Terra. Pontos cardeais Calendários, fenômenos cíclicos e cultura, conhecimento para a construção de calendários em diferentes culturas, etnoastronômicos, socioculturais e simbólicos.

Bibliografia Básica

CARVALHO, A M.P de. e et al. **Ciências no Ensino Fundamental: O conhecimento Físico.** São Paulo: Scipione, 2009.

PIETROCOLA, M. et al. **Física em contexto: movimento, força, astronomia.** São Paulo: FTD, 2011. v. 1

HALLYDAY, RENICK, WALKER. **Fundamentos de Física.** 9 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

Bibliografia Complementar

As **constelações indígenas brasileiras.** Disponível em: <http://www.telescopiosnaescola.pro.br/indigenas.pdf>.

BARROS, O. S. **Etnoastronomia Tembé-Tenetehara como matriz de abordagem (etno)matemática no ensino fundamental.** 2004. 111 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2004.

JAFELICE, L. C. et al. (Org.). **Astronomia, educação e cultura**: abordagens transdisciplinares para vários níveis de ensino. Natal: EDUFRN, 2010.

MELLO, F. C.; SOARES, J. B.; KERBER, L. O. **Astronomia e educação intercultural**: experiências no ensino de astronomia e ciências em escolas indígenas. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM ASTRONOMIA, 1., 2011, Rio de Janeiro. Atas... São Paulo: IFUSP, 2012.

NÉSPOLI, Aurélio W. **Uma experiência de ensino de Física na Educação Escolar Indígena**. *Física na Escola*, v. 8, n. 2, 2007. Disponível em: <http://www.sbfisica.org.br/fne/Vol8/Num2/v08n02a03.pdf>.

29. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos da Educação Infantil Indígena - 80 h/a

Ementa:

O papel da escola no que se refere ao desenvolvimento curricular. Proposta de currículo escolar diferenciado, específico, que contemple a interculturalidade e a diversidade, como instrumento mediador das práticas docentes da escola. Produção de instrumentos pedagógicos adequados para uma escolarização diferenciada, intercultural e bilíngue que fortaleça e preserve a cultura.

Bibliografia Básica:

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002.

GIROTTI, C. G. G. A metodologia de projetos e a articulação do trabalho didático pedagógico com as crianças pequenas. **Educação em Revista**. v. 7. n. 1/2. Marília. 2006. Disponível em: Acesso em: Abril 2012.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A Organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Bibliografia Complementar:

DALVA, Gonçalves Rosa; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

SOUZA, M. I. P. de; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.) **Educação intercultural**: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.

FLEURI, R. M. O que significa Educação Intercultural. In: FLEURI, R. M. **Educação para a diversidade e cidadania**. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 25-44. (Módulo 2: Introdução Conceitual – Educação para a Diversidade e Cidadania).

SECAD/MEC. **Educação escolar**: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola. Brasília, MEC, 2007.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. [S.l.: s.n.], 2001.

GRUPO II – PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA ESCOLA INDÍGENA; PLANEJAMENTO DO ENSINO NA ESCOLA INDÍGENA (2.100 HORAS)

NÍVEL III - FORMAÇÃO DE PROFESSORES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

NÚCLEO DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS ITINERÁRIO FORMATIVO I – LINGUAGENS E ARTES

1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Paradigmas científicos e a concepção de tecnologia aplicada à Educação Escolar Indígena. O uso de recursos tecnológicos na educação escolar indígena como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem em Ciências Humanas e Sociais. Potencialidades e limites do uso das TICs. Análise dos diferentes softwares na educação. O uso de diferentes espaços on line na educação, como possibilitadores da comunicação, interação e construção coletiva do conhecimento (chat, blog, MSN, fotolog...).

Bibliografia Básica:

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas - SP:

Papirus, 2003.

RODRIGUES, Evaldo Ferreira. **Concepções Paradigmáticas e teorias da tecnologia educacional**, UEPA, 2011, p. 6-27.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Técnicas de Ensino: por que não?** 21 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Fernando José. **Educação e informática: os computadores na escola**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SCARPATO, Marta (org). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004.

VIEIRA, Erika Rodrigues. **Estudo de Caso: A Tecnologia Educacional em comunidades indígenas**. In: _____. Tecnologia e prática educativa - a educação indígena em perspectiva: experiência das EEI Aldeia Uru-ity e EEI Aldeia Djaiko-aty. Americana, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2011, pp. 37-42.

2. Língua Portuguesa Instrumental - 60 h/a

Ementa:

Leitura, análise e produção textual. Conceitos linguísticos: variedade linguística, linguagem falada e linguagem escrita, níveis de linguagem. Habilidades linguísticas básicas de produção textual oral e escrita. A argumentação oral e escrita Habilidades básicas de produção textual. Análise linguística da produção textual. Noções linguístico-gramaticais aplicadas ao texto.

Bibliografia Básica:

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARTINS, D. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português instrumental.** 29 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, M. M. de; HENRIQUES, A. **Língua Portuguesa: noções básicas para cursos superiores.** 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BASTOS, L. K. & MATOS, M.A. **A Produção Escrita e a Gramática.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2 ed.1992.

FAULSTICH, Enilde L. **Como ler, entender e redigir um texto.** Petrópolis: Vozes, 2002

FAVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais.** 9 edição. São Paulo: Ática, 2002

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: contexto, 2006

3.Instrumentalização em Linguagens Matemáticas - 60 h/a**Ementa:**

História dos números em uma perspectiva antropológica e cultural. A origem da escrita e da matemática na relação entre números e letras. Processos de contagem expressos em diferentes sociedades. As linguagens matemáticas como forma de representação da realidade.

Bibliografia Básica:

VERGANI, Teresa. **Matemática e Linguagens: olhares interativos e transculturais.** Lisboa: Pandora, 2002.

MACHADO, Nílson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua.** São Paulo: Cortez, 2011.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização.** São Paulo: Edições Loyola, 1979.

Bibliografia Complementar:

SMOLE, Katia Stocco. DINIZ, M. I. **Ler, escrever e resolver problemas.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena.** São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Madikauku: os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil / Mariana Kawall Leal Ferreira.** Brasília: MEC, 1998.

BELLO, Samuel Edmundo López. **Etnomatemática, linguagem e a produção/apropriação de significados matemáticos.** Disponível em: http://www.sbemparana.com.br/arquivos/anais/epremvii/comunicacao/comunicacao_32.pdf.

_____. **Etnomatemática: relações e tensões entre as distintas formas de explicar e conhecer.** Tese de doutorado. FE – UNICAMP. Campinas: 2000.

4. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas /Artes Visuais - 80h/a

Ementa:

Desenvolve a construção e comunicação em artes visuais articulando a percepção, a imaginação, a memória, a sensibilidade e a reflexão, nos modos de fazer arte indígena. Estimula o reconhecimento, diferenciação e conhecimento na utilização de diversas técnicas e expressões em artes visuais, com procedimentos de pesquisa e de experimentação. Possibilita vivências que propiciem conhecer, relacionar, apreciar objetos, imagens, concepções artísticas e estéticas, na sua dimensão material e de significação, observando a conexão entre essas produções e a experiência artística pessoal e cultural, relacionando-as com temas da tradição e do cotidiano indígena.

Bibliografia Básica:

ARMHEIM, R. **Arte e Percepção Visual**. São Paulo: Pioneira, 1986.

RIBEIRO, Berta G. **Arte Indígena, Linguagem Visual**. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1989.

CARVALHO, Luciana Gonçalves de (org). **Tessume de Histórias: os trançados do Arapiuns**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2011.

Bibliografia Complementar:

MOREIRA, Ana Albano. **O espaço do desenho: a educação do educador**. São Paulo: Loyolo, 1995.

NEVES, Ivânia dos Santos e CARDOSO, Ana Shirley Penaforte. **Patrimônio Cultural Tembé-Tenetehara: terra indígena alto rio Guamá**. Belém: IPHAN-Pará, 2015.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa (org.). **Som, gesto, forma e cor: dimensões da Arte e seu ensino**. Belo Horizonte: C/ARTE, 1995.

VIDAL, Lux. **Grafismo indígena: estudos de antropologia estética**. São Paulo: Studio Nobel; Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP, 1992.

ZACCARA, M.; CARVALHO, L. M. (Org.). **Paisagens Plurais: artes visuais e transversalidades**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2012.

5. Práticas de Pesquisa em Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Ampliação das discussões epistemológicas e metodológicas de pesquisa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Escola Indígena. As concepções teóricas do conhecimento científico. A pesquisa científica: natureza teórico-prática. As fases da pesquisa científica. Práticas de ensino com pesquisa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Escola Indígena.

Bibliografia Básica:

ARAÚJO, Sheyla Alves de. **A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001-2012)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação, Belém, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6184/1/Dissertacao_CriancaIndigenaEstudos.pdf

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola, o que é como se faz**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro.** Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, E. S. A. a , FACHÍN-TERÁN, A. A alfabetização científica na educação infantil: Possibilidades de integração. **Lat. Am. J. Sci. Educ.** 2, 12032, 2015. Disponível em: http://files.ensinodociencia.webnode.com.br/200001248-7c18a7d136/2015_A%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil_Possibilidades%20de%20integra%C3%A7%C3%A3o.pdf

TAVARES, Arice Cardoso. **Metodologias para iniciação à prática da pesquisa e extensão I: caderno pedagógico.** Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MORAES, R.; RAMOS, M.; GALIAZZI, M.C. (Eds.) **Pesquisa em Sala de Aula: Fundamentos e pressupostos.** Porto Alegre: PUCRS, 2002

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. O ensino de Ciências através da Pesquisa. In: _____. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro.** Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

SILVA, Marise. **Metodologia de Iniciação à Prática da Pesquisa e da Extensão: unidade teórico-prática de formação do professor, pesquisador e extensionista.** Caderno Pedagógico I. Florianópolis: UDESC, 2001.

6. Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Princípios da Educação Escolar. Políticas Públicas em Educação Escolar Indígena. Currículos de Educação Escolar Indígena. Os Currículos alternativos e as propostas oficiais. Processos próprios de ensino/aprendizagem: os etnoconhecimentos.

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Aprisionando sonhos: a educação escolar Indígena no Brasil.** Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012

MARFAN, Marilda Almeida (Org.). **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores: educação indígena.** Brasília: MEC, SEF, 2002.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro.** Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BANIWA, Gersem. **Territórios etnoeducacionais: um novo paradigma na política educacional brasileira.** In: CONAE, 2010, Brasília. Anais... Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em: <http://www.cinep.org.br/uploads/e42d706bbd109ef3e5c5b8b41e310eeab53c3dd5.pdf>

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena? A gente precisa ver.** Ciência e

Cultura, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

GRUPOINI, Luís Donisete. **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2006.

MAROLDI, Alexandre Masson.; MAIA LIMA, Luis Fernando.; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A produção científica sobre educação indígena no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 931-952, jul./set., 2018.

TUKANO, Geraldo Veloso Ferreira. **Educação Escolar Indígena**: As práticas culturais indígenas na ação pedagógica de Escola Estadual Indígena São Miguel Iaurê (AM). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP Dissertação de Mestrado São Paulo, 2007.

7. Concepções Fonético-Fonológicas para o Ensino-Aprendizagem de Línguas - 80 h/a

Ementa:

Estudo dos processos de produção e percepção da fala. Reflexão sobre os conceitos gerais da Fonologia e os critérios que permitem analisar a estrutura fonológica das línguas; a realização fonética; a relação com o sistema ortográfico e as implicações para o ensino de línguas na educação básica.

Bibliografia Básica

CALLOU, Dinah. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 11 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

SILVA, Thais Cristófar. **Fonética e fonologia do Português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SILVA, Thais Cristófar, **Exercício de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2010.

MORI, Angel C. Fonologia. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

Bibliografia Complementar

CAGLIARI, Luis Carlos. **Análise Fonética e Fonológica**. Campinas SP: Mercado das Letras, 2002.

_____. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1989.

LEMLE, Miriam. **Guia Teórico do Alfabetizador**. São Paulo: Ática, 1988.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística**: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem. Brasília: MEC/SECADI/LACED/Museu Nacional, 2006

SEARA, Izabel C.. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

MASSINI-CAGLIARI, Gladis; CAGLIARI, Luiz Carlos. Fonética. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2001.

8. Introdução à Educação Física na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

Estudo e análise crítica da Educação Física na Escola Indígena. Introdução as abordagens didático-pedagógicas da Educação Física na Escola Indígena. Estudo das práticas corporais em contexto indígena.

Bibliografia Básica:

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Caderno Cedes**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621999000100005&lng=en&nrm=iso.

DAOLIO, J. **Educação Física e Conceito de cultura**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

Bibliografia Complementar:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas–RCNEI**, (Educação Física). Brasília, 1998.

CAPARROZ, F. E. **Entre a Educação Física na escola e a Educação Física da escola**. 2. ed., Campinas: Autores Associados, 2005.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação física na escola: implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1991.

FASSHEBER, José Ronaldo Mendonça. **Etno-Desporto Indígena: contribuições da Antropologia Social a partir da Experiência entre os Kaingang**. 2006. 170 f. Tese (doutorado em Educação Física). Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. 2006.

9. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas: Música - 80 h/a

Ementa:

Desenvolve as percepções sonora e gestual/corporal e a sensibilidade estética frente às manifestações artísticas indígenas. Trata dos fundamentos e expressão musical na tradição e contemporaneidade indígena.

Bibliografia Básica:

INSTITUTO DE ARTES DO PARÁ. **Cantos de Caçador: o povo Parkatêjê-Pará**. Belém: IAP, s/d.

SEEGER, Anthony. **Por que cantam os Kisêdjê: uma antropologia musical de um povo amazônico**. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

BARROS, Lílíam Cristina da Silva. **Repertórios Musicais em Trânsito: música e identidade indígena em São Gabriel da Cachoeira, AM**. Belém: EDUFPA, 2009.

Bibliografia Complementar:

DUARTE, Edir Lobato e SILVA, Maria das Graças Santana da. **Instrumentos Musicais Indígenas: a arte e a Coleção Etnográfica Curt Nimuendaju do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Belém: Fundação Carlos Gomes: Museu Paraense Emílio Goeldi: Imprensa Oficial do Estado, 2014.

- GAINZA, Violeta Hemsy de. **Estudos de Psicopedagogia Musical**. São Paulo: Summus, 1988. (Coleção novas buscas em educação).
- JEANDOT, Nicole. **Explorando o universo da música**. São Paulo: Scipione, 1993.
- SHAFFER, Murray. O ouvido pensante. São Paulo: UNESP, 1991.
- TUGNY, Rosângela Pereira de. QUEIROZ, Ruben Caixeta de (orgs). **Músicas Africanas e Indígenas no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

10. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio - 80 h/a

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

- TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.
- BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tempo, 2002.
- BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

- GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008
- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002
- VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.
- SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.
- GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

11. Concepções Literárias no Brasil e na Amazônia Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estudos das concepções que cercam o fazer literário e seus significados a partir da diversidade cultural que permeia o Brasil. As literaturas produzidas pelos povos originários na Amazônia ao longo das suas trajetórias.

Bibliografia Básica

- ABREU, Márcia. Literatura, leitura e cultura. In: _____ **Cultura Letrada: Literatura e Leitura/ Márcia Abreu.** - São Paulo: Editora UNESP, 2006, p11-41.
- GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil.** Belo Horizonte: Mazza, 2013.196 p.
- ZAPPONE, Mirian H.Y.; WIELEWICKI, Vera H.G. Afinal, o que é literatura? In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Orgs). **Teoria Literária: abordagens históricas e tendências.** 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p19-30.

Bibliografia Complementar

- MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena: o tênue fio entre escrita e oralidade, **Jornal Mundo Jovem**, nº 395, abril de 2009.
- PACHECO, Maria Lúcia Tinoco. **A literatura de viagem e as cosmogonias indígenas** em Stradelli e Nunes Pereira / Maria Lúcia Tinoco Pacheco. 2017 235 f. p 23-62. Disponível Em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/5734/5/Tese%20-%20Maria%20L.%20T.%20Pacheco.pdf>
- PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio: imaginário e modernização.** Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012. p 17-35
- TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. In.: Dossiê Amazônia Brasileira I. **Estud. av.** 19 (53).Abr 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100019>
- SOUZA, Márcio. **Amazônia indígena.** Rio de Janeiro: Record, 2015.

12. Línguas Indígenas na Amazônia - 80 h/a

Ementa:

Estuda a colonização, tradição e políticas linguísticas. A diversidade/originalidade das línguas indígenas na Amazônia. Realidade sociolinguística das comunidades indígenas. As línguas do mundo: semelhanças e diferenças. Contato entre línguas. Bilinguismo e multilinguismo. Línguas gerais ou línguas francas. Práticas de uso e função das línguas indígenas na documentação dos saberes/memórias tradicionais. Reflete sobre letramento cultural e intercultural e suas implicações para um projeto de educação bilíngue; Revitalização linguística; O ensino de línguas indígenas, como 1ª e 2ª línguas, de acordo a realidade sociolinguística das comunidades.

Bibliografia Básica:

- FRANCHETTO, Bruna. A comunidade indígena como agente da documentação linguística. **Revista de Estudos e Pesquisas** (Fundação Nacional do Índio), v. 4, 2008. p. 11 – 32.
- RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas.** 4 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MORE, Denny. **Línguas indígenas: situação atual, levantamento e registro.** Revista Eletrônica do IPHAN, Brasil, v. 01. mar. 2007. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=213>. Acesso em: nov. 2017.

Bibliografia Complementar

BAMBIERRE, Cláudio. **Políticas linguísticas na aldeia tembé e ka'apor**. Disponível em <http://www.tcpdf.org>.

DUARTE, Fábio Bonfim. 1998. **Ordem dos Constituintes na Língua Tembé**. Brasília. PAULA, et al. Reflexões sobre a formação linguística no ensino superior indígena. RBPG, Brasília, supl. 1, v. 8, p. 233 - 244, dezembro 2011.

OLIVEIRA, Denise Pimenta de Oliveira; NASCIMENTO, André Marques do. **Translinguajamento: pensando entre línguas a partir de práticas e metadiscursos de docentes indígenas em formação superior**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 18, n. 3, p. 254-266, set.-dez. 2017.

MORI, Angel Corbera. A língua indígena na escola indígena: quando, para que e como?. In: VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés. **Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola**. Campinas/ALB, 2001.

RODRIGUES, L. M. S. (Dissertação de mestrado). **Educação Bilíngue em Território Indígena Waiwai/Aldeia Tawanã**. Belém. UFPA, 2012.

13. Práticas Corporais em Contextos Indígenas - 60 h/a

Ementa:

Apresentação e debate das práticas corporais na Educação Escolar Indígena. O jogo, a luta, a dança, o esporte e a ginástica na visão de mundo do adulto. Práticas corporais e trabalho. Metodologias de ensino das práticas corporais na Educação de Jovens e Adultos. Temas transversais e geradores na tematização dos conteúdos. Escolarização e saberes sistematizados da cultura corporal indígena.

Bibliografia Básica:

FASSHEBER, J. R. M. **Etno-desporto indígena: a Antropologia Social e o campo entre os Kaingang**. Brasília: Ministério do Esporte. 156 p, 2010.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas corporais indígenas: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física escolar**. Fortaleza: Aliás, 2021.

TENÓRIO, J. G.; SILVA, C. L. As práticas corporais indígenas como conteúdo da Educação Física escolar. **Rev. Teoria e Prática da Educação**. v.17, n. 1, p. 81-91, Janeiro/ Abril, 2014.

Bibliografia Complementar:

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

GOEDERT, Rosicler Terezinha. **A cultura jovem e suas relações com a Educação Física Escolar**. 2005. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005

MELATTI, Julio Cezar. Corrida de Toras. **Revista de Atualidade Indígena**, Ano I, n. 1, pp. 38-45, Brasília: FUNAI, 1976. Disponível em: <http://www.juliomelatti.pro.br/artigos/a-toras.pdf>. Acesso em: 12. mar. 2021.

NEIRA, M. G. **Práticas corporais: brincadeiras, danças, lutas, esportes e ginásticas**. São Paulo: Melhoramentos, 2014.

SOARES, A. **Brincadeiras e jogos da criança indígena da Amazônia: algumas brincadeiras da criança Tikuna**. 2008. Disponível em:

<http://www.motricidade.com/index.php/repositorio-aberto/40-docencia/1194-brincadeiras-e-jogos-da-crianca-indigena-da-amazonia-algumas-brincadeiras-da-crianca-tikuna>.

14. Fundamentos e Práticas de Oralidade, Leitura e Escrita na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estudo das teorias e práticas pedagógicas de oralidade, leitura e escrita em contextos bilíngues e interculturais. As práticas de linguagem a partir dos documentos oficiais na educação indígena e não indígena.

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Línguas indígenas precisam de escritores? Como formá-los?**. MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

FÁVERO, Leonor L. et al. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2005.

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

Bibliografia Complementar:

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Therezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita**. O que está em jogo? MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. Linguagem, identidade étnica e a experiência intercultural. In: ROCHA MENDES, Leandro; PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro da; VELOSO BORGES, Mônica (2010) (orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas**. Goiânia: Ed. da PUC. Goiás, 204 Pp. ISBN 978-85-7103-622-2.

MENEZES, Maria Christine Berdusco et al. **O ensino da leitura e escrita em uma escola indígena Kaingang: contribuições ao bilinguismo**. Debates em Educação Maceió. Vol. 12. Número Especial. 2020.

MUNIZ, Simara de Sousa et al. Propondo Práticas de Ensino de Linguagem Oral e Escrita para Crianças Indígenas. In: **Revista Humanidades e Inovação**, v. 6, n.15, 2019.

NEVES, Josélia Gomes. **PIBID Intercultural: reflexões sobre alfabetização em contextos indígenas na Amazônia**. In: RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 8, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2021.

15. Ensino da Educação Física na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

O conjunto de saberes, habilidades, valores, conceitos e formas de comunicação que compõem a Cultura Corporal. Elementos da Cultura Corporal Indígena tratados no processo de ensino-aprendizagem, a partir dos princípios dialéticos da totalidade, contradição e superação. Planejamento e materialização de práticas pedagógicas da Educação Física para o Ensino Fundamental-Anos Iniciais da Educação Básica na Escola Indígena.

Bibliografia Básica:

- BASSOLI, Amauri Aparecido. **Educação Física e a Organização Curricular:** Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Ijuí. UNIJUI, 2021.
- CARDOSO, C. L.; KUNZ, E. (Orgs.). **Didática da Educação Física.** Volume 1. Ijuí, RS: Unijuí, 1998.
- GRESPLAN, M. R. **Educação Física no ensino fundamental:** primeiro ciclo. Campinas: Papyrus, 2002.

Bibliografia Complementar:

- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.
- DARIDO, Suraya Cristina; SOUZA JR, Osmar Moreira de. **Para ensinar Educação Física:** Possibilidades de intervenção na escola. Campinas, SP. Papyrus, 2007.
- DUCKUR, Lusirene Costa Bezerra. **Em busca da formação de indivíduos autônomos nas aulas de Educação Física.** Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- FREITAS, Luis Carlos de. **Crítica da Organização do Trabalho Pedagógico e da Didática.** Campinas, São Paulo: Papyrus, 1995.
- VINHA, Marina. **Educação Física Escolar entre os indígenas Kadiwéu.** Disponível em: <http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT06-2606-Int.pdf>.

16. Fundamentos, Práticas Linguísticas e Semióticas na Escola Indígena - 80 h/a**Ementa:**

Estudo das estratégias e procedimentos linguísticos e semióticos que operam na compreensão e produção de linguagens na escola indígena e não indígena. Conhecimentos relacionados à fono-ortografia, morfossintaxe, sintaxe, semântica, variação linguística e elementos notacionais da escrita.

Bibliografia Básica:

- BEZERRA, Maria Auxiliadora; REINALDO, Maria Augusta. **Análise linguística:** afinal, a que se refere?. São Paulo: Cortez, 2013.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- ROSA, Maria Carlota. **Introdução à Morfologia.** São Paulo: Contexto, 2000.

Bibliografia Complementar:

- CESAR, América Lúcia Silva et al. Para uma Cartografia da Educação Escolar Indígena. In: **Linguagens, identidades e letramentos**, v. 2, n. 2, jul./dez. 2012.
- SOUZA, Linete Oliveira de; BERNARDINO, Andreza Dalla. A contação de histórias como estratégia pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental. In: **Educere e Educare**, v.6.n. 12. Jul./dez./2011.
- RUSSO, K.; Mendes, L.C.; Fernandes, G.N. Desafios para a alfabetização no contexto das escolas indígenas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v.25, e204928, 2020. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v25e2020a4928>.
- NEVES, J. G. **Alfabetização intercultural:** oralidade, escrita e bilinguismo em sociedades indígenas. Revista Espaço Acadêmico, n. 85, 2008.
- NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem.** São Paulo: Contexto, 2010.

17. Cultura Corporal Indígena na Escola – Anos Finais do Ensino Fundamental - 60 h/a

Ementa:

Aborda sentidos e significados da cultura corporal indígena. Estuda os conceitos corpo e cultura e as relações em contexto indígena. Aborda as manifestações da cultura corporal indígena e ensino nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Bibliografia Básica

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do Corpo na Cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, 2, n. 2, jun-1995. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19309/000242837.pdf>.

SEGER, Antony; MATTA, Roberto da; CASTRO, E. B. Viveiros de. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Núcleo de Assuntos Indígenas – UFT Campos de Porto. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/pessoa%3Aabertura/seeger_matta_castro_1979_pessoa.pdf>.

Bibliografia Complementar

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. Educação Intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n.2, p. 1-11, mai/ago, 2011.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

RODRIGUES, Taisa Figueira. **A ornamentação corporal como representação social dentro do contexto indígena: Os índios Kayapó - um estudo de caso**. 2007. 108 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Design) - PUC-Rio – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

TAFFAREL, Celi Zulke et al. Oficina de construção de conhecimentos sobre a cultura corporal em movimentos de luta sociais da classe trabalhadora do campo no Brasil. **Ágora para la EF y el Deporte**, n. 6, p.19-42, 2008.

18. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas/Teatro - 80 h/a

Ementa:

Desenvolve as percepções sonora, dramática e gestual/corporal e sensibilidade estética frente às manifestações artísticas indígenas. Trata dos fundamentos de expressões cênica, corporal e gestual do teatro e contextualiza a arte cênica na tradição e contemporaneidade indígena.

Bibliografia Básica:

_____. **Jogos Teatrais**, São Paulo, Perspectiva, 2002.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978.

VIEIRA DA CUNHA, Suzane Rangel. **Cor, som e Movimento**. São Paulo. Ática. 2001.

Bibliografia Complementar:

MOURA, Carlos Eugênio Marcondes de. **O Teatro que o povo cria**: cordão de pássaros, cordão de bichos, pássaros juninos do Pará; da dramaturgia ao espetáculo. Belém, Secult, 1997.

SEDUC. **Conhecendo nosso povo**: comunidade indígena Parkatêjê. Brasília. Ministério de Educação e Desportos; Belém: Secretaria de Estado de Educação, 1997.

SUCENA, Eduardo. **A Dança Teatral no Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Nacional de Artes Cênicas, 1989.

SPOLIM, Viola. **Improvisação para o Teatro**, São Paulo, Perspectiva, 2000.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**. São Paulo: Scipione, 1997.

19. Práticas Pedagógicas para o Ensino-Aprendizagem da Literatura na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

Concepções e práticas de ensino de literatura: Literatura e Escola; Literatura e Currículo. Avaliação das metodologias e abordagens teóricas do ensino de literatura propostas pelo RCNEI e outros documentos oficiais voltados para a educação escolar indígena. Elaboração e aplicação de projetos de intervenção inerentes ao desenvolvimento do ensino da literatura na escola indígena.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

NASCIMENTO, Adir Casaro; VIEIRA, Carlos Magno Naglis; MEDEIROS, Heitor Queiroz de. **Educação Indígena nas Escolas e em Outros Espaços**: Experiências. São Paulo. Mercado de Letras; 2018.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.196 p.

SILVA, Giovani José da; COSTA, Anna Maria. **Histórias e culturas indígenas na Educação Básica**. Belo Horizonte MG. Autêntica Editora, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRAND, Antônio. Saberes tradicionais e as possibilidades de seu trânsito para os espaços escolares. In: Anais eletrônicos do GT 21 – Educação e relações étnico-raciais, 35ª Reunião da Anped, Porto de Galinhas/PE, 2012.

BROSTOLIN, Marta Regina; CRUZ, Simone Figueiredo. Estilos de aprendizagem e de ensinagem na escola indígena Terena. Constr. psicopedag. v.17 n.14 São Paulo jun. 2009. Disp. Em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542009000100004.

GHIGNATTI, Rosana C. da Silva. Escritas indígenas através de *blogs*: a democratização do espaço literário. 15 p. v. 8 n. 12, 2020: **OPARÁ: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**. Disponível Em:

<https://revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/10570>.

SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. Diálogos entre a literatura indígena e produção de material didático escolar indígena - dispositivos metodológicos da Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena – LICEEI – UNEB. 22 p. v. 8 n. 12 (2020): **OPARÁ: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação**. Disp. Em: <https://revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/10570>.

SOUZA, Bruna Costa Mariano Ferregueti; BARROS, Laura Juliana Neris Machado; MATOS, Maristela Bortolon de. Literatura infantil indígena: práticas pedagógicas de interdisciplinaridade e interculturalidade. p 266-281. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**. v. 11, n. 33 (2020): Educação, raça e os desafios da docência. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/issue/view/2>.

20. Práticas Pedagógicas de Produção de Textos Bilíngues na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

Definições de texto e intertextualidade. Práticas de análises de texto. Prática de leitura e produção de textos escritos bilíngues utilizados em contextos interculturais. Coesão e Coerência textuais. Práticas pedagógicas de ensino de leitura e de produção textual em primeiras e segundas línguas em diversos campos do conhecimento e em diversos gêneros discursivos-textuais.

Bibliografia Básica

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos**: fundamentos e prática. São Paulo: Parábola, 2010.

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Línguas indígenas precisam de escritores? Como formá-los?**. MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

NEVES, M. H. M. **Ensino de língua e vivência de linguagem**. São Paulo: Contexto, 2010.

Bibliografia Complementar

KOCH, Ingedore Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 9 ed. 1 reimpressão São Paulo, contexto, 2008.

_____; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e escrever**: estratégias de produção textual. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Therezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita**. O que está em jogo? MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

MENEZES, Maria Christine Berdusco et al. O ensino da leitura e escrita em uma escola indígena Kaingang: contribuições ao bilinguismo. **Debates em Educação**. Maceió, vol. 12. Número Especial.2020.

SIQUEIRA, Kárpio Márcio de. **Diálogos entre a literatura indígena e produção de material didático escolar indígena**: dispositivos metodológicos da Licenciatura Intercultural em Educação Escolar Indígena – LICEEI – UNEB. 22 p. v. 8 n. 12 (2020): OPARÁ: Etnicidades, Movimentos Sociais e Educação. Disponível em: <https://revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/10570>.

21. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação no Ensino Fundamental-Anos Finais e Ensino Médio na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das

escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tiempo, 2002.

BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

22. Cultura Corporal Indígena na Escola – Ensino Médio - 60 h/a

Ementa:

Aborda sentidos e significados da cultura corporal indígena. Estuda os conceitos corpo e cultura e as relações em contexto indígena. Aborda as manifestações da cultura corporal indígena e ensino no Ensino Médio.

Bibliografia Básica

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, Jocimar. Os significados do Corpo na Cultura e as implicações para a Educação Física. **Movimento**, 2, n, 2, jun-1995. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/19309/000242837.pdf>.

SEEGER, Antony; MATTA, Roberto da; CASTRO, E. B. Viveiros de. **A construção da pessoa nas sociedades indígenas brasileiras**. Núcleo de Assuntos Indígenas – UFT Campos de Porto. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/pessoa%3Aabertura/seeger_matta_castro_1979_pessoa.pdf>.

Bibliografia Complementar

BRACHT, Valter. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

CRUZ DE OLIVEIRA, R.; DAOLIO, J. Educação Intercultural e educação física escolar: possibilidades de encontro. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.14, n.2, p. 1-11, mai/ago, 2011.

DAOLIO, Jocimar. **Da Cultura do Corpo**. Campinas: Papyrus, 1995.

RODRIGUES, Taisa Figueira. **A ornamentação corporal como representação social dentro do contexto indígena**: Os índios Kayapó - um estudo de caso. 2007. 108 f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-graduação em Design) - PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2007.

TAFFAREL, Celi Zulke et al. Oficina de construção de conhecimentos sobre a cultura corporal em movimentos de luta sociais da classe trabalhadora do campo no Brasil. **Ágora para la EF y el Deporte**, n. 6, p.19-42, 2008.

23. Literatura Brasileira na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estudo da literatura brasileira com ênfase em temas, estéticas e relações intersemióticas dos diferentes textos, concebendo a literatura como um texto/signo entre muitos outros da expressão artística humana, problematizando os principais aspectos da literatura brasileira em leituras produzidas por indígenas e não-indígenas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CABRAL, Ana Beatriz. **O texto, o contexto e o pretexto**: ensino de literatura, após a reforma do ensino médio. 2008. 247 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

CAGNETI, Sueli de Souza. **Trilhas literárias indígenas para a sala de aula**. Elo Horizonte - MG. Autêntica Editora, 2015.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da Literatura Indígena contemporânea no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2013.196 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CURY, Maria Zilda Ferreira. Ensino de literatura e o diálogo entre discursos. In: MATTE, Ana Cristina Fricke (Org.) **Lingua(gem), texto, discurso entre a prática e a reflexão**. Vol. II. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Moisés Massaud **A literatura brasileira através dos textos**. 29 ed. São Paulo. Cultrix. 2012.

MONTEIRO, Pedro Meira. **A primeira aula: trânsitos da literatura brasileira no estrangeiro**. Conexões Itaú. São Paulo, 2014. disp. Em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2014/11/PRIMEIRA-AULA-PT-ONLINE-single.pdf>

SAUTHIER, Ângela Maria L.; PROCHNOW, Ana Lúcia C. O ensino da leitura numa perspectiva interdisciplinar: uma proposta de aplicação. **Disciplinarum Scientia**. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 185-201, 2003.

TUPIASSÚ, Amarílis. Amazônia, das travessias lusitanas à literatura de até agora. In.: Dossiê Amazônia Brasileira I. **Estud. av.** 19 (53).Abr 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0103-40142005000100019>.

24. Linguagens Artísticas e Povos Indígenas: Dança - 80 h/a

Ementa:

Desenvolve as percepções sonora, dramática e gestual/corporal e sensibilidade estética frente às manifestações artísticas indígenas. Trata dos fundamentos do movimento e da expressão corporal e gestual, contextualizando a dança na tradição e contemporaneidade indígena.

Bibliografia Básica:

MARQUES, Isabel. A. **Ensino da dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

OSSONA, Pauline. **Educação pela dança**. São Paulo: Summus, 1988.

Bibliografia Complementar:

NANNI, Dionísia. **Dança educação: pré-escola à universidade**. Rio de Janeiro: Sprint, 2003.

SEDUC. **Conhecendo nosso povo: comunidade indígena Parkatêjê**. Brasília. Ministério de Educação e Desportos; Belém: Secretaria de Estado de Educação, 1997.

SANETO, Juliana Guimarães e ANJOS, José Luiz dos. **Jogos dos Povos Indígenas: um olhar sobre as danças**. XVIII CONBRACE/V CONICE. **Anais**. Brasília, ago/2013.

SOUZA, Fernando Lucas Garcia de. Força para Dançar, Força para Lutar: a música e a dança como instrumentos de resistência física e política entre povos indígenas. **Revista Eletrônica História em Reflexão**. Dourados/MS, v. 11, n. 21, jul./dez. 2017.

SUCENA, Eduardo. **A Dança Teatral no Brasil**. Rio de Janeiro: MEC; Fundação Nacional de Artes Cênicas, 1989.

25. Práticas Pedagógicas para o Ensino-Aprendizagem da Língua Indígena - 80 h/a

Ementa:

Práticas pedagógicas de linguagens para o ensino-aprendizagem da língua indígena.

Bibliografia Básica

OLIVEIRA, Rainya Carvalho de et al. O ensino de língua materna em uma comunidade macuxi. In: **Revista Philologus**, Ano 20, N° 60 Supl. 1: Anais da IX JNLFLP. Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez.2014.

PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro. As línguas indígenas na escola: da desvalorização à revitalização. In: **SIGNÓTICA**, v. 18, n. 2, p. 381-395, jul./dez. 2006.

MORI, Angel Corbera. A língua indígena na escola indígena: quando, para que e como?. In: VEIGA, Juracilda; SALANOVA, Andrés. **Questões de educação escolar indígena: da formação do professor ao projeto de escola**. Campinas/ALB, 2001.

Bibliografia Complementar

BROSTOLIN, Marta Regina; CRUZ, Simone Figueiredo. Estilos de aprendizagem e ensinagem na escola indígena Terena. In: **Constr. psicopedag.** v.17 n.14 São Paulo jun. 2009.

FERREIRA, Marília (Org.). **Descrição e Ensino de Línguas**. Aspectos Determinantes para manutenção linguística de línguas minoritárias: descrição e ensino de línguas. Campinas: Ponte, 2015.

TIBIRIÇÁ, L. C. **Dicionário de Topônimos de Origem Tupi**. São Paulo: Traço, 1997.

GAVA, Á. A. **Plataforma Kuhi pei**: proposta de um modelo de dicionário terminológico onomasiológico multilíngue para crianças, Português-Arara, Kadiwéu, Karitiana, Parintintin, Xavante, Zoró. 2012. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2012.

VEIGA, Juracilda. **Leitura e Escrita em Escolas Indígenas** (Org.). Campinas: ALB/ Mercado de Letras, 1997.

26. Produção de Recursos Didáticos para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias - 80 h/a

Ementa:

Paradigmas científicos e a concepção de tecnologia aplicada à Educação Escolar Indígena. O uso de recursos tecnológicos na educação escolar indígena como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem em Línguas. Potencialidades e limites do uso das TICs. Análise dos diferentes softwares na educação. O uso de diferentes espaços on line na educação, como possibilitadores da construção de linguagens a partir de textos multissemióticos e multimidiáticos.

Bibliografia Básica

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto/ Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BASSANI, Indaiá de Santana. **Formação de professores, autoria e produção de materiais didáticos para o ensino bilíngue**. São Paulo: UNIFESP, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/bitstream/handle/11600/39183/COMFORPLEEI-Mod3-Dis3.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Editora Penso, 2018.

Bibliografia Complementar

ALMEIDA, Fernando José. **Educação e informática: os computadores na escola**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

GAVA, Águida Aparecida; JORGE, Fabrício Gava de Almeida. **O papel da tecnologia na escola indígena**.

MENDONÇA, Dener Guedes. O uso da tecnologia no auxílio à preservação do idioma indígena: o caso xakriabá. In: **Revista de Informática Aplicada**, Volume 12, Número 1, 2015.

RODRIGUES, Evaldo Ferreira. **Concepções Paradigmáticas e teorias da tecnologia educacional**, UEPA, 2011, p. 6-27.

VIEIRA, Erika Rodrigues. **Estudo de Caso: A Tecnologia Educacional em comunidades indígenas. Tecnologia e prática educativa - a educação indígena em perspectiva: experiência das EEI Aldeia Uru-ity e EEI Aldeia Djaiko-aty**. Americana, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2011, pp. 37-42.

27. Semântica na Escola indígena - 60 h/a

Ementa:

Diferentes abordagens do Significado linguístico. Semântica Lexical. Semântica Sentencial. Semântica Textual. A ciência dos significados. Relações entre o plano do conteúdo e o da expressão. Níveis de estudos semânticos e principais teorias, modelos e

técnicas de tratamento. Relações semânticas inter e intratextuais e discursivas. Análise de recursos semântico-argumentativos em gêneros textuais/discursivos.

Bibliografia Básica:

ILARI, Rodolfo. **Introdução à semântica**. São Paulo: Contexto, 2001.
 MARQUES, Maria H. D. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
 CANÇADO, Márcia. **Manual de semântica: noções básicas e exercícios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

Bibliografia Complementar

DIONÍSIO, A.P. e BEZERRA, M. A. (Org.). **O livro Didático de Português: múltiplos olhares**. 2ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
 FERRAREZI Jr., Celso. **Introdução à semântica de contextos e cenários**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010.
 FERRAREZI JÚNIOR, Celso; BASSO, Renato (Org.). **Semântica, semânticas: uma introdução**. São Paulo: Contexto, 2013.
 CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras: dizer e argumentar**. São Paulo: Contexto, 2010.
 TAMBA-MECZ, I. **A Semântica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

28. Cultura Corporal Indígena e Práticas de Pesquisa - 60 h/a

Ementa:

Leitura e análise de projetos de pesquisa em Cultura Corporal Indígena que tomem por base as ciências humanas, a educação e arte. Aspectos fundamentais para a formulação de um projeto de pesquisa sobre a Cultura Corporal Indígena. Práticas de pesquisa sobre a Cultura Corporal Indígena.

Bibliografia Básica:

BRACHT, V. e Col. **Pesquisa em ação: Educação Física na Escola**. Ijuí/RS: Unijuí, 2003.
 BRASILEIRO, L. T., AYOUB, E., TAVARES DE MELO, M. S., LORENZINI, A. R., de Paiva, A. C., & Souza Junior, M. B. (2016). A Cultura Corporal como área de Conhecimento da Educação Física. **Pensar a Prática**, 19(4). Recuperado de <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/41015>.
 SILVA, A. M. Corpo, conhecimento e educação física escolar. In: SOUZA JÚNIOR, M. (Org.). **Educação Física escolar: teoria e política curricular, saberes escolares e proposta pedagógica**. Recife: EDUPE, p.85-95, 2005.

Bibliografia Complementar:

DAOLIO, J. **Da Cultura do Corpo**. Campinas: Papirus, 1995.
 FENSTERSEIFER, P. E.; GONZÁLEZ, F. J. (Orgs.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
 GAMBOA, Silvio Sanchez. Pesquisa em Educação Física: as inter-relações necessárias. **Rev. Motrivivência, Pesquisa em Educação Física** - n. 5,6 e 7. Dez. 1994. p. 34-46.
 MINAYO, Maria Cecília. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

TAFFAREL, C. N. Z.; ESCOBAR, M. O. A. Cultura corporal. In: HERMIDA, J. F. (Org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, p.173-180, 2009.

29. Discurso e Identidade na Escola Indígena - 60 h/a

Ementa:

Estudo do Discurso como construção identitária. Reflexão sobre as relações entre discurso, processos de subjetivação e práticas identitárias.

Bibliografia Básica

MIGNOLO, Walter D. **Histórias Locais / Projetos Globais: Colonialidade, Saberes Subalternos e Pensamento Liminar**. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. Cap. 5: “Uma outra língua”: mapas da linguística, geografias literárias, paisagens culturais. p. 298-339.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais /Tomaz Tadeu da Silva (Org.)** Stuart Hall, Kathryn Woodward. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

STUART, Hall. **A identidade em questão**. In: A identidade cultural da pós-modernidade. 10ª ed. DP&A editora.

Bibliografia Complementar

FIORIN, José Luiz. Identidade e diferenças na construção dos espaços e atores do novo mundo. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de (Org.) **Os discursos do descobrimento: 500 e mais anos de discursos**. São Paulo: FAPESP: EDUSP, 2000, p.27-49.

GUERRA, Vânia M. **O indígena de Mato Grosso do Sul: práticas identitárias e culturais**. São Carlos: Pedro & João editores, 2010.

MOREIRA, Icléia Caires Moreira. **O processo de subjetivação do Indígena em material didático subsidiado pelas (novas) tecnologias**. Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2016. 133 f. (Dissertação de Mestrado)

OLIVEIRA, Denise Pimenta de Oliveira; NASCIMENTO, André Marques do. **Translinguajamento: pensando entre línguas a partir de práticas e metadiscursos de docentes indígenas em formação superior**. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS Feira de Santana, v. 18, n. 3, p. 254-266, set.-dez. 2017.

MAHER, Terezinha de Jesus Machado. **O ser professor índio: questões de língua(gem) e identidade**. UNICAMP: Instituto de estudos da linguagem. 1996.

30. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos para o Ensino Fundamental-Anos Finais e para o Ensino Médio - 80 h/a

Ementa:

O papel da escola no que se refere ao desenvolvimento curricular. Proposta de currículo escolar diferenciado, específico, que contemple a interculturalidade e a diversidade, como instrumento mediador das práticas docentes da escola. Produção de instrumentos pedagógicos adequados para uma escolarização diferenciada, intercultural e bilíngue que fortaleça e preserve a cultura.

Bibliografia Básica:

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002.

GIROTTO, C. G. G. A metodologia de projetos e a articulação do trabalho didático pedagógico com as crianças pequenas. **Educação em Revista**. v. 7. n. 1/2. Marília. 2006. Disponível em: Acesso em: Abril 2012.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A Organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Bibliografia Complementar:

DALVA, Gonçalves Rosa; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

SOUZA, M. I. P. de; FLEURI, R. M. Entre limites e limiars de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.) **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.

FLEURI, R. M. O que significa Educação Intercultural. In: FLEURI, R. M. **Educação para a diversidade e cidadania**. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 25-44. (Módulo 2: Introdução Conceitual – Educação para a Diversidade e Cidadania).

SECAD/MEC. **Educação escolar: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola**. Brasília, MEC, 2007.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. [S.l: s.n.], 2001.

NÚCLEO DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS**ITINERÁRIO FORMATIVO I – CIÊNCIAS DA NATUREZA E MATEMÁTICA****1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena - 60 h/a****Ementa:**

Paradigmas científicos e a concepção de tecnologia aplicada à Educação Escolar Indígena. O uso de recursos tecnológicos na educação escolar indígena como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem em Ciências Humanas e Sociais. Potencialidades e limites do uso das TICs. Análise dos diferentes softwares na educação. O uso de diferentes espaços on line na educação, como possibilitadores da comunicação, interação e construção coletiva do conhecimento (chat, blog, MSN, fotolog...).

Bibliografia Básica:

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas - SP:

Papirus, 2003.

RODRIGUES, Evaldo Ferreira. **Concepções Paradigmáticas e teorias da tecnologia educacional**, UEPA, 2011, p. 6-27.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Técnicas de Ensino: por que não?** 21 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Fernando José. **Educação e informática: os computadores na escola**. 3. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SCARPATO, Marta (org). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer**. São Paulo: Avercamp, 2004.

VIEIRA, Erika Rodrigues. **Estudo de Caso: A Tecnologia Educacional em comunidades indígenas**. In: _____. Tecnologia e prática educativa - a educação indígena em perspectiva: experiência das EEI Aldeia Uru-ity e EEI Aldeia Djaiko-aty. Americana, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2011, pp. 37-42.

2. Língua Portuguesa Instrumental - 60 h/a

Ementa:

Leitura, análise e produção textual. Conceitos linguísticos: variedade linguística, linguagem falada e linguagem escrita, níveis de linguagem. Habilidades linguísticas básicas de produção textual oral e escrita. A argumentação oral e escrita Habilidades básicas de produção textual. Análise linguística da produção textual. Noções linguístico-gramaticais aplicadas ao texto.

Bibliografia Básica:

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARTINS, D. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português instrumental**. 29 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, M. M. de; HENRIQUES, A. **Língua Portuguesa: noções básicas para cursos superiores**. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BASTOS, L. K. & MATOS, M.A. **A Produção Escrita e a Gramática**. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2 ed.1992.

FAULSTICH, Enilde L. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis: Vozes, 2002

FAVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais**. 9 edição. São Paulo: Ática, 2002

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: contexto, 2006

3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas - 60 h/a

Ementa:

História dos números em uma perspectiva antropológica e cultural. A origem da escrita e da matemática na relação entre números e letras. Processos de contagem expressos em diferentes sociedades. As linguagens matemáticas como forma de representação da realidade.

Bibliografia Básica:

VERGANI, Teresa. **Matemática e Linguagens: olhares interativos e transculturais**. Lisboa: Pandora, 2002.

MACHADO, Nílson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua**. São Paulo: Cortez, 2011.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

Bibliografia Complementar:

SMOLE, Katia Stocco. DINIZ, M. I. **Ler, escrever e resolver problemas**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Madikauku: os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil** / Mariana Kawall Leal Ferreira. Brasília: MEC, 1998.

BELLO, Samuel Edmundo López. **Etnomatemática, linguagem e a produção/apropriação de significados matemáticos**. Disponível em: http://www.sbemparana.com.br/arquivos/anais/epremvii/comunicacao/comunicacao_32.pdf.

_____. **Etnomatemática: relações e tensões entre as distintas formas de explicar e conhecer**. Tese de doutorado. FE – UNICAMP. Campinas: 2000.

4. Práticas de Pesquisa em Educação Escolar Indígena - 60 h/a**Ementa:**

Ampliação das discussões epistemológicas e metodológicas de pesquisa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Escola Indígena. As concepções teóricas do conhecimento científico. A pesquisa científica: natureza teórico-prática. As fases da pesquisa científica. Práticas de ensino com pesquisa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Escola Indígena.

Bibliografia Básica:

ARAÚJO, Sheyla Alves de. **A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil: uma análise das produções científicas (2001-2012)**. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação, Belém, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6184/1/Dissertacao_CriancaIndigenaEstudos.pdf

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola, o que é como se faz**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro**. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, E. S. A. a , FACHÍN-TERÁN, A. A alfabetização científica na educação infantil: Possibilidades de integração. **Lat. Am. J. Sci. Educ.** 2, 12032, 2015. Disponível em: http://files.ensinodeciencia.webnode.com.br/200001248-7c18a7d136/2015_A%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil_Possibilidades%20de%20integra%C3%A7%C3%A3o.pdf

TAVARES, Arice Cardoso. **Metodologias para iniciação à prática da pesquisa e extensão I**: caderno pedagógico. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MORAES, R.; RAMOS, M.; GALIAZZI, M.C. (Eds.) **Pesquisa em Sala de Aula**: Fundamentos e pressupostos. Porto Alegre: PUCRS, 2002

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. O ensino de Ciências através da Pesquisa. In: _____. Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

SILVA, Marise. **Metodologia de Iniciação à Prática da Pesquisa e da Extensão**: unidade teórico-prática de formação do professor, pesquisador e extensionista. Caderno Pedagógico I. Florianópolis: UDESC, 2001.

5. Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Princípios da Educação Escolar. Políticas Públicas em Educação Escolar Indígena. Currículos de Educação Escolar Indígena. Os Currículos alternativos e as propostas oficiais. Processos próprios de ensino/aprendizagem: os etnoconhecimentos.

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Aprisionando sonhos**: a educação escolar Indígena no Brasil. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012

MARFAN, Marilda Almeida (Org.). **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação**: formação de professores: educação indígena. Brasília: MEC, SEF, 2002.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal**: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BANIWA, Gersem. **Territórios etnoeducacionais**: um novo paradigma na política educacional brasileira. In: CONAE, 2010, Brasília. Anais... Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em:

<http://www.cinep.org.br/uploads/e42d706bbd109ef3e5c5b8b41e310eeab53c3dd5.pdf>.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena?** A gente precisa ver. Ciência e Cultura, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

GRUPOINI, Luís Donisete. **Formação de professores indígenas**: repensando trajetórias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2006.

MAROLDI, Alexandre Masson.; MAIA LIMA, Luis Fernando.; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A produção científica sobre educação indígena no

Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 931-952, jul./set., 2018.

TUKANO, Geraldo Veloso Ferreira. **Educação Escolar Indígena: As práticas culturais indígenas na ação pedagógica de Escola Estadual Indígena São Miguel Iaretê (AM)**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP Dissertação de Mestrado São Paulo, 2007.

6. Estudo Intercultural de funções e suas Variáveis - 80 h/a

Ementa:

Estuda os processos de construção de função a partir de suas relações a invenção de ideias matemáticas no processo de transformação, manipulação de termos geram equações de problemas propostos no cotidiano. Funções do 1º e 2º graus. Funções aplicadas a situações e problemas da realidade.

Bibliografia Básica:

BOYER, C. B.; MERZBACH, U. C. **História da Matemática**. São Paulo: Edgard Blücher, 1996.

IEZZI, G. et al. **Matemática Ciência e Aplicações**. São Paulo: Saraiva, 2013. v. 3

MOL, R. S. **Introdução à História da Matemática**. Belo Horizonte: CAED-UFMG, 2013.

Bibliografia Complementar:

MARIANI, R. de C. P. **O estudo de funções: uma análise através dos registros de representação semiótica**. Educação Matemática em Revista – R.S., n. 6, p. 49-58, dez. 2004.

SANTOS, J. **A Matemática no Continente Africano - O Osso de Ishango**. 2016. Disponível em: <https://www.matematicaefacil.com.br/2021/07/a-matematica-no-continente-africano-o.html>

ZUFFI, E. M. **Alguns aspectos do desenvolvimento histórico do conceito de função**. Educação Matemática em Revista, São Paulo, n. 9/10, p.10-16, abr. 2001.

ZUFFI, E. M.; PACCA, J. L. **Sobre funções e linguagem matemática de professores do ensino médio**. Zetetiké, Campinas: UNICAMP, v. 8, n. 13/14, p. 7-28, jan./dez. 2000.

7. Instrumentalização do conhecimento matemático em contexto indígena - 80 h/a

Ementa:

Estuda as práticas e os conhecimentos matemáticos em contexto indígenas desenvolvidos por diferentes sociedades indígenas em vários países. Noções básicas de operações numéricas e algébricas, geometrias, grandezas e medidas e estatística.

Bibliografia Básica:

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Ideias matemáticas de povos culturalmente distintos/organizadora Mariana Kawall Leal Ferreira**. – São Paulo: Global,2002. – (Série Antropologia e Educação)

LIZARZABURU, Alfonso E. SOTO, Gustavo Zapata. **Pluralidade e Aprendizagem da Matemática na América Latina: experiências e desafios/org. Alfonso E. Lizarzaburu e Gustavo Zapata Soto; trad. Daisy Vaz de Moraes** – Porto Alegre: Artmed, 2006.

GÓMEZ-GRANELL, Carmem. A aquisição da linguagem matemática: símbolo e significado. In: TEBEROSKY, Ana; TOLCHINSKY, Ana. **Além da alfabetização: a aprendizagem fonológica, ortográfica, textual e matemática.** São Paulo: Editora Ática, 2003, p. 257-282.

Bibliografia Complementar:

BISHOP, Alan J. **Enculturación matemática:** La educación matemática desde uma perspectiva cultural. Barcelona: Paidós, 1999.

FERREIRA, M. K.L. **Da origem dos homens à conquista da escrita:** um estudo sobre povos indígenas e educação escolar no Brasil – vol 1, São Paulo: Dissertação, FFLCH – USP, 1992.

LIZARZABURU, Alfonso E.; SOTO (Organizadores), Gustavo Zapata. **Pluriculturalidade e Aprendizagem da Matemática na América Latina:** experiências e desafios. (Tradução de Daisy Vaz de Moraes). Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCANDIUZZI, P. **Educação matemática indígena:** a constituição do ser entre os saberes e fazeres. In: Bicudo, M.A.V., Borba, M.C. **Educação Matemática:** pesquisa em movimento. São Paulo: Cortez, 2004.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Marina K. Leal (org). **Prática Pedagógica na Escola Indígena.** São Paulo, Global, 2001.

8. Saberes Indígenas e Conceitos Fundamentais de Biologia - 80 h/a

Ementa:

Estudo teórico-metodológico e ético das práticas e saberes das populações tradicionais, suas etnotaxonomias, percepção da paisagem e dos ecossistemas e formas de manejo de recursos naturais. Uso dos saberes e das práticas das populações tradicionais no entendimento da biodiversidade, da história ambiental e seu papel nas estratégias para o desenvolvimento sustentável regional. Aplicações de conceitos e teorias da ecologia no estudo do comportamento humano em populações indígenas. Conceitos de diversidade biológica. Diversidade de espécies, de ecossistemas.

Bibliografia Básica

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHORN, S. E. **Biologia vegetal.** 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. 906p.

DIEGUES, A. C.; ARRUDA, R. S. V. (org). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil.** Brasília: Ministério do Meio Ambiente; São Paulo: USP, 2001.

MORÁN, E. F. **A Ecologia humana das populações da Amazônia.** Petrópolis: Vozes, 1990. 367p

Bibliografia Complementar

SCHNETZLER, R. P. e ARAGÃO, R. M. R de. **Ensino de Ciências:** fundamentos e abordagens. Campinas: CAPES/UNIMEP, 2000.

LIMA, M. J. A. **Ecologia humana:** realidade e pesquisa. 2. ed. Recife: EDUFRPE, 1995. 164p.

LABATE, B. C. e Goulart, S. **O uso ritual das plantas de poder.** Campinas, Mercados de Letras/Fapesp, 2005

SADAVA, David et al. *Vida: a ciência da biologia: volume 2: evolução, diversidade e ecologia*. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

9. Saberes Tradicionais e Fundamentos da Química - 80 h/a

Ementa:

Introdução aos Fundamentos da Química teórica e Prática, destacando sua trajetória evolutiva como ciência; ressaltando a importância da realização dos experimentos relacionando-os com a Química no cotidiano; apresentando aspectos sobre a estrutura atômica, a classificação Periódica dos Elementos, as Ligações Químicas.

Bibliografia Básica

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. *Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanismo*. São Paulo: Landy, 2009. Prefácio: Marilena Chauí.

HESS, Sônia. *Experimentos de química com materiais domésticos*. São Paulo: Moderna, 2008.

LEE, J. D. *Química inorgânica não tão concisa*. São Paulo: Edgard Blucher, 1999.

Bibliografia Complementar

MÓL, G. S.; SANTOS, W. L. P. (org). *Química na sociedade*. Brasília: ed. UNB, 1998 v.1, módulos 1 e 2

ZZO, Francisco Miragaia; CANTO, Eduardo Leite do. *Química na abordagem do cotidiano: química geral e inorgânica*. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2006

GRACETTO, Augusto C.; HIOKA, Noboru; SANTIN FILHO, Ourides. Combustão, chamas e testes de chama para cátions: proposta de experimento. **Química Nova na Escola**, v. 23, p. 6, 2006.

MARTINS, Cláudia Rocha; LOPES, Wilson Araújo; ANDRADE, Jailson Bittencourt de. Solubilidade das substâncias orgânicas. **Química Nova**, v. 36, n. 8, p. 1248-1255, 2013

10. Práticas Socioculturais e Educação Matemática - 80 h/a

Ementa:

Estuda como os saberes e fazeres de grupos sociais no interior de uma cultura específica surgem na vida humana e a cultura matemática voltada para a solução de problemas da humanidade. A Educação Matemática em diálogo com os conhecimentos indígenas.

Bibliografia Básica:

MENDES, Iran Abreu. FARIAS, Carlos Aldemir. **Práticas Socioculturais e educação matemática**. Iran Abreu Mendes, Carlos Aldemir Farias, organizadores. – 1. Ed. – São Paulo: Editora da Física, 2014. (Coleção contexto das ciências)

MATTOS, José Roberto Linhares de. **Etnomatemática e educação matemática escolar indígena Paiter Surui**/ José Roberto Linhares Mattos, Antonio Ferreira Neto. – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2019. (coleção contexto das ciências).

VOLTOLINI, Luzia . KAIBER, Carmen Teresa. Saber cultural e a matemática escolar: encontro necessário na educação escolar indígena. **Zetetiké**, Campinas, SP, v.26, n.1, jan./abr. 2018, p.113-132.

Bibliografia Complementar:

GERDES, Paulus. **Etnomatemática**: Cultura, Matemática, Educação, 1ª edição: Projeto de Investigação Etnomatemática, Instituto Superior Pedagógico /Universidade Pedagógica, Maputo, Moçambique, 1991.

MORAES, Mara Sueli Simão *et al.* **Educação Matemática e temas político-sociais**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica**: a questão da democracia. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

VERGANI, Teresa. **Excremento do Sol**: a propósito de diversidades culturais. Lisboa: Pandora, 1995.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

11. Saberes Tradicionais e Fundamentos da Física - 80 h/a

Ementa:

Mecânica Newtoniana. Cinemática de partículas. Dinâmica de partículas. Leis de conservação da mecânica clássica. Lei de interação gravitacional. Fluidos de flutuação: água e ar. O uso de água em sociedades indígenas. A água e o rio como elementos do estudo em Física. A construção de canoas e formas de navegações no rios. As velocidades da água em diversos pontos do rio, nas curvas e nas partes retas. Densidade da água e densidade de porções argilosas de terra. Evaporação da água nos rios e nas plantas; a umidade do ar na atmosfera em distintas épocas do ano. “Mapas” e gráficos com variações da umidade do ar e da temperatura.

Bibliografia Básica

NUSSENZVEIG, Moysés H. **Curso de Física Básica**: Mecânica – Vol. 1. São Paulo: Edgard Blücher LTDA, 1997.

PIRES, Antônio S. T. **Evolução das Ideias da Física**. 2 Ed. São Paulo: Livraria da Física, 2011.

WALKER, Jearl; HALLIDAY, David; RESNICK, Robert. **Fundamentos de Física: Mecânica** – Vol. 1. Rio de Janeiro: LTC, 2012.

Bibliografia Complementar

CALÇADA, Caio Sérgio; SAMPAIO, José Luiz. **Cinemática**. Física clássica. 2. ed. São Paulo: Atual, 1998.

CALÇADA, Caio Sérgio; SAMPAIO, José Luiz. **Física Clássica: Termologia, Fluidomecânica**, análise dimensional. São Paulo: Atual, 1998.

EINSTEIN, Albert. **A evolução da física**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

GILMORE, Robert; PENIDO, André (Trad.). **Alice no país do quantum**: a física quântica ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

HEWITT, Paul G. **Fundamentos de Física Conceitual**. Porto Alegre: Bookman, 2009

12. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental/Anos Finais e Ensino Médio - 80 h/a

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tempo, 2002.

BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

13. As propriedades Químicas dos Materiais e seus usos no Meio Ambiente - 80 h/a

Ementa:

Aborda a química da natureza e dos materiais destacando os aspectos históricos, ambientais e sociais. Química da atmosfera enfocando sua constituição e importância, fontes de poluição e doenças causadas pelo ar poluído; Química da hidrosfera, construindo conceitos acerca das propriedades da água, poluição hídrica e tratamento da água; Química dos alimentos abordando a função dos alimentos, os tipos de alimentos, sua produção, preparo e conservação, bem como a relação dos alimentos com a saúde;

Química dos materiais, envolvendo classificações, propriedades e suas funções, ciclo de vida dos materiais, tratamentos e destinações finais.

Bibliografia Básica

- MOZETO Antonio A. **Química atmosférica**. Cadernos Temáticos de Química Nova na Escola. Edição especial, maio. 2001
- RUGA, Flávio R. e RÜEGG E. F. **Impacto dos agrotóxicos sobre o ambiente, a saúde e a sociedade**. São Paulo: Ícone, 1986
- MALDANER, O.A.; ZAMBIAZI, R. **Química II**: consolidação de conceitos fundamentais. Ijuí-RS: UNIJUÍ, 1997

Bibliografia Complementar

- MÓL, G. S.; SANTOS, W. L. P. (org). Química na sociedade. Brasília: UNB, 1998 v.1, módulos 1 e 2
- ZZO, Francisco Miragaia; CANTO, Eduardo Leite do. **Química na abordagem do cotidiano**: química geral e inorgânica. 4 ed. São Paulo: Moderna, 2006
- GRACETTO, Augusto C.; HIOKA, Noboru; SANTIN FILHO, Ourides. Combustão, chamas e testes de chama para cátions: proposta de experimento. **Química Nova na Escola**, v. 23, p. 6, 2006.
- MARTINS, Cláudia Rocha; LOPES, Wilson Araújo; ANDRADE, Jailson Bittencourt de. Solubilidade das substâncias orgânicas. **Química Nova**, v. 36, n. 8, p. 1248-1255, 2013.

14. Ensino de Geometrias para a Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Explora as características dos sólidos geométricos, aborda as figuras planas/bidimensionais, apresenta-se uma proposta de ensino com intuito de introduzir a geometria fundamental de uma forma diferenciada considerando o contexto indígena a partir de seus artefatos e tessituras tradicional.

Bibliografia Básica:

- BANDEIRA, Francisco de Assis. **Pedagogia Etnomatemática**: reflexões e ações pedagógicas em matemática do ensino. Natal: EDUFRRN, 2016.
- FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Com quantos paus se faz uma canoa!** A matemática na vida cotidiana e na experiência escolar indígena. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental, Departamento de Política Educacional, Assessoria de Educação Escolar Indígena. MEC-1994.
- MALDANER, Marcelo P. **Educação e Cultura Indígena Guarani**: Práticas Educacionais no Colégio Estadual Indígena Teko Nemoingo, Tekoha Ocoy. Dissertação de mestrado (Mestrado em Integração Contemporânea da América Latina), UNILA, Foz do Iguaçu 2016.

Bibliografia Complementar

- BRITO, A. J.; CARVALHO, D. L. **História da matemática em atividades didáticas**: Utilizando a história no Ensino de Geometria. Natal: EDUFRRN, 2005.
- FLORES, C. R. Cultura visual, visualidade, visualização matemática. **Revista Zetetiké**, Campinas, v. 18, p. 271-293, 2010. Número Temático

MENDES, Iran Abreu. **Tendências Metodológicas no Ensino da Matemática**. Belém: EDUFPA, 2008.

REFATTI, Denise. **Os Sonhos e os Caminhos do Nhe'e**: uma etnografia da experiência onírica como fonte de conhecimento entre os Ava-Guarani de Ocoy. Dissertação de mestrado (Mestrado em Antropologia Social), UFSC, Florianópolis, 2015.

PASSOS, C. L. B. **Representação, interpretação e prática pedagógica**: a geometria na sala de aula. 2000.364f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

15. Metodologia e Ensino da Biologia na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

O papel do ensino da Biologia como agente de conscientização de problemas sociais e ecológicos. Elaboração e execução de experimentos e formas de abordagem e desenvolvimento de temas relativas aos conteúdos de Ciências e Biologia Análise e avaliação da abordagem do tema em livros didáticos. Metodologias Ativas. Planejamento das atividades e preparação do material didático no ensino de Ciências e Biologia.

Bibliografia Básica

NARDI, Roberto, BASTOS, Fernando e DINIZ, Renato Eugênio da S. (orgs.) **Pesquisas em ensino de Ciências**: contribuições para a formação de professores. São Paulo: Escrituras, 2004.

KOEPPE, C. H. B; BORGES, R. M. R.; LAHM, R. A. (2014). O ensino de ciências como ferramenta pedagógica de reconstrução das representações escolares sobre os povos indígenas. **Revista Ensaio**, 16(1), 115-130.

MONTEIRO, L. de M., RAMOS, L. F. C., MOREIRA, L. S. B., Côrtes, T. R., & Borba, R. C. do N. (2019). **Educação indígena e o ensino de Ciências e Biologia**: uma investigação sobre sujeitos e aprendizagens plurais. *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, 12(2), 207-225. <https://doi.org/10.46667/renbio.v12i2.260>

Bibliografia Complementar

CALIL, Patrícia. **O Professor-pesquisador no ensino de ciências**. Coleção Metodologia do Ensino de Biologia e Química, v. 2. Editora IBPEX, 2009.192 p.

TEIXEIRA, P. M. M. **Ensino de Ciências**: Pesquisas e Reflexões. 1. ed. São Paulo: Holos, 2006.144 p.

TRINDADE, D. F. **Ponto de Mutação no Ensino das Ciências**. 1. ed. São Paulo: Madras, 2005. 184 p

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de Biologia**. São Paulo: Editora da USP, 2008.

PELIZZARI, Adriana et al. **Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel**. Revista PEC, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, jul. 2001/jul. 2002.

16. Probabilidade e Estatística no Contexto Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estuda processos de leitura de ensinar e aprender estatística e probabilidade na Educação escolar indígena. A partir dos resultados de pesquisas realizadas na Educação estatística e na Educação Matemática nas últimas décadas, trazer considerações sobre os

processos de ensino e aprendizagem da estocástica (ensino de estatística e probabilidade) durante a infância e adolescência. Apresenta recomendações relativas ao currículo de Matemática no que se refere ao estudo da probabilidade e da estatística. Destaca questões relativas à formação inicial e contínua dos professores, ao desenvolvimento profissional e conhecimento profissional dos professores que ensinam matemática na educação infantil, ensino fundamental e médio.

Bibliografia Básica:

CAZORLA, Irene; EURI (Org.). **Do tratamento da informação ao letramento estatístico**. Itabuna: Litterarum, 2010. 155 p.

CAZORLA, Irene, CASTRO, Franciana. O Papel da Estatística na Leitura de Mundo: o Letramento Estatístico. **Publicatio UEPG**. Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Lingüística, Letras e Artes, v. 16, p. 45-53, 2008

Crespo, A. A. **Estatística fácil**. 1995, 13. ed. São Paulo: Saraiva.

Bibliografia Complementar:

FERREIRA, Mariana Kawall (Org.). **Idéias Matemáticas de povos culturalmente distintos**. São Paulo: Global, 2002.

LEMOS, M.P.F. e GITIRANA, V. A. A formação de professores através de análises a priori de atividades em interpretação de gráficos de barras. In: **Anais do VIII ENEM** (Encontro Nacional de educação Básica), 2004.

LIZARZABURU, Alfonso E. Algumas considerações fundamentais sobre os processos de ensino e aprendizagem da matemática relacionados como os povos indígenas da América Latina. In: LIZARZABURU, Alfonso E.; SOTO, Gustavo Zapata (Org.). **Pluralidade e aprendizagem da Matemática na América Latina**: experiências e desafios. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-219.

17. Seres humanos e a natureza: Identidade dos seres vivos - 80 h/a

Ementa:

Etnobiologia. Introdução e histórico. Etnobotânica. Etnoecologia. Etnozoologia. Etnofarmacologia. Sistemas de classificação. Importância de crenças, rituais e tabus alimentares. Importância dos conhecimentos locais para a conservação. Transposição dos conhecimentos etnoecológicos para as práticas educativas.

Bibliografia Básica

ALBUQUERQUE, U.P. **Introdução a Etnobotânica**. Editora Interciência.

BUCHILLET, D. (org). **Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia**. Belém: CEJUP, 1991

ALBUQUERQUE, U.P. **Etnobiologia e diversidade**. Coleção Estudos e Debates

Bibliografia Complementar

BAPTISTA, G. C. S. (2007). **A contribuição da etnobiologia para o ensino e a aprendizagem de ciências**: estudo de caso em uma escola pública do estado da Bahia. 2007. 188f. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências) - Universidade Federal da Bahia, Salvador.

MARQUES, José Geraldo W. O olhar (Dês.) Multiplicado. O papel do Interdisciplinar e do Qualitativo na Pesquisa Etnobiológica e Etnoecológica. In: **AMOROZO, M. C. M.**;

MING, L. C. e SILVA, S. M. P. **Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudoeste**. Rio Claro, 29 a 30/11 e 01/12/2001. UNESP/CNPq, 2002. p. 31 - 46

LABATE, B. C. e Goulart, S. **O uso ritual das plantas de poder**. Campinas, Mercados de Letras/Fapesp, 2005

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de Biologia**. São Paulo: Editora da USP, 2008.

18. Metodologia e Ensino de Física na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Abordagem de bases metodológicas para o Ensino de Física. Discussão, utilização e contextualização das seguintes estratégias de ensino no contexto do ensino de Física na escola indígena: ideias, concepções e representações de estudantes; Obstáculos epistemológicos e pedagógicos; a resolução de problemas. Metodologias Ativas, metodologia da problematização; modelos na ciência e no ensino de ciências.

Bibliografia Básica

CARVALHO, A.M.P. et al. **Ensino de Física**. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

LOPES, B. J. **“Aprender e ensinar Física”**. Braga: Fundação Calouste Gulbekian, Fundação para a Ciência e a Tecnologia, 2004. PIETROCOLA, Maurício (org.). **Ensino de Física: Conteúdo, metodologia e epistemologia numa concepção integradora**. Florianópolis: UFSC, 2001.

PIRES, Antônio S. T. **Evolução das Ideias da Física**. 2ª Ed. São Paulo: Livraria da Física, 2011

Bibliografia Complementar

MOREIRA, A. M. **O Ensino experimental e a questão do equipamento de baixo custo**. Revista Brasileira de Ensino de Física, V. 13, p. 97-103, 1991.

PENA, F. L. A. e Ribeiro Filho, A. Relação entre a pesquisa em ensino de Física a prática docente: dificuldades assinaladas pela literatura nacional da área. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**. Florianópolis, v. 25, n. 3, p. 424 - 438, dez, 2008.

NARDI, R. (Org.). **Pesquisas em ensino de física**. São Paulo: Escrituras, 1998.

THOMAZ, M. F. A experimentação e a formação de professores de ciências: uma reflexão. **Caderno Catarinense de Ensino de Física**. 17(3), p. 360 – 369, 2000.

MENEZES, L.C. Novo (?) método (?) para ensinar (?) física? **Revista de Ensino de Física**. São Paulo, vol. 2, n.2, p.85-97, 1980.

19. Ensino de Álgebra na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Conhecer representações gráficas de quantidades; compreender o modelamento matemático; aplicar a matemática às questões ambientais. Compreender o conhecimento matemático e suas relações socioculturais; Metodologias para o ensino de Geometria. Cálculos de áreas de figuras planas. Simetria, proporção e equivalências. Estudo dos triângulos e suas aplicações no dia-a-dia.

Bibliografia Básica:

BEZERRA, Odenize Maria. MACÊDO, Elaine Sousa de. MENDES, Iran Abreu. **Matemática em atividades, jogos e desafios**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2013.

MIGUEL, Antônio. MIORIN, Maria Ângela. **História na Educação Matemática: propostas e desafios**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

MAIO, Waldemar de. CHIUMMO, Ana. **Didática da Matemática** (Fundamentos de Matemática). Rio de Janeiro: LTC, 2012.

Bibliografia Complementar:

PINTO, Antônio Joaquim. **Teoria Matemática das Eleições**. Livraria da Física. São Paulo, 2010.

BELTRÃO, J. F. (Org.); MASTOP-LIMA, L. N. (Org.). **Matemáticas**. No Plural!. Belém: EDUFPA, 2009.

MONTEIRO, A., Orey, D. C.; DOMITE, M. C. (2006). **Etnomatemática: papel, valor e significado**. 2. ed. Porto Alegre-RS: Zouk. p. 13-37.

LIZARZABURU, Alfonso E.; SOTO, Gustavo Zapata (Orgs.). **Pluriculturalidade e Aprendizagem da Matemática na América Latina: experiências e desafios**. (Tradução de Daisy Vaz de Moraes). Porto Alegre: Artmed, 2006.

SKOVSMOSE, Ole. **Educação Matemática Crítica: A questão da democracia**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

20. Metodologia e Ensino da Biologia na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

O papel do ensino da Biologia como agente de conscientização de problemas sociais e ecológicos. Elaboração e execução de experimentos e formas de abordagem e desenvolvimento de temas relativas aos conteúdos de Ciências e Biologia Análise e avaliação da abordagem do tema em livros didáticos. Metodologias Ativas. Planejamento das atividades e preparação do material didático no ensino de Ciências e Biologia.

Bibliografia Básica

BAPTISTA, G. C. S. (2010). **Importância da demarcação de saberes no ensino de ciências para sociedades tradicionais**. Ciência & Educação, 16(1), 679-694.

LITTLE, PAUL E (org.). **Conhecimentos tradicionais para o século XXI: etnografias da intercientificidade**. São Paulo: Annablume, 2010. 290 p.

NARDI, Roberto, BASTOS, Fernando e DINIZ, Renato Eugênio da S. (orgs.) **Pesquisas em ensino de Ciências: contribuições para a formação de professores**. São Paulo: Escrituras, 2004.

Bibliografia Complementar

CALIL, Patrícia. O Professor-pesquisador no ensino de ciências. Coleção Metodologia do Ensino de Biologia e Química. Vol. 2. Editora IBPEX, 2009.192 p.

TEIXEIRA, P. M. M. **Ensino de Ciências: Pesquisas e Reflexões**. 1. ed. São Paulo: Holos, 2006.144 p.

TRINDADE, D. F. **Ponto de Mutação no Ensino das Ciências**. 1. ed. São Paulo: Madras, 2005. 184 p

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de Biologia**. São Paulo: Editora da USP, 2008.

PELIZZARI, Adriana et al. Teoria da aprendizagem significativa segundo Ausubel. Revista PEC, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, jul. 2001/jul. 2002.

21. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação no Ensino Fundamental-Anos Finais e Ensino Médio na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global,2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tempo, 2002.

BRASIL. **Parecer Nº 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

22. Química e Metodologia do Ensino na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Transposição didática de conteúdos de Química. Aborda a importância e concepções do ensino de ciências/química, suas metodologias, bem como seus objetivos para a formação de alunos críticos e reflexivos que participem e opinem na sociedade em que vivem. A química como ciência investigativa e a importância da realização de

experimentos com o uso de materiais alternativos. Abordagens didáticas para o ensino de Química na Educação básica. Construção de materiais didáticos.

Bibliografia Básica

BRANCO, Francisco Fábio Castelo (Org). **Práticas de Química**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2004.

CARVALHO, A. M.P. (org.). **Ensino de ciências: unindo a pesquisa e a prática**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

MACHADO, Jorge Ricardo Coutinho. **Prática Pedagógica em Química I**. Belém: UFPA, 2007.

Bibliografia Complementar

MALDANER, Otavio Aloisio. **A formação inicial e continuada de professores de Química: professor/pesquisador**. Ijuí (RS): Unijuí, 2000.

NARDI, R. (org.). **Educação em ciências: da pesquisa à prática docente**. São Paulo: Escrituras, 2001.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos; SCHNETZLER, Roseli Pacheco. **Educação em Química: compromisso com a cidadania**. Ijuí (RS): Unijuí, 2000

SANTOS, S. M. O. **Crêterios para avaliação de livros didáticos de química para o ensino médio**. Brasília, 2006. (Dissertação de Mestrado em Ensino de Ciências) – Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências – Universidade de Brasília

PELLIZZARI, Adriana et al. **Teoria da aprendizagem significativa: segundo Ausubel**. **Revista PEC**, Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, jul. 2001/jul. 2002.

23. Educação Financeira em contexto indígena - 80 h/a

Ementa:

Estuda a compreensão de alguns conceitos básicos da matemática financeira para ajudar na hora da compra, de planejar despesas e investimentos, de controlar os pagamentos mensais para evitar prejuízos com juros, taxas e multas, a fim da administração mais consciente de nossas finanças. Conceitos de matemática financeira básica. Conceitos básicos de Economia e sua relação com o sustento na comunidade indígena. Educação Financeira na educação básica para as escolas indígenas.

Bibliografia Básica:

COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO FINANCEIRA (CONEF). **Educação financeira nas escolas: ensino médio: livro do professor**. Brasília: CONEF, 2013

MARTINS, José Pio. **Educação financeira ao alcance de todos**. São Paulo: Fundamento Educacional, 2004.

PUCCINI, Abelardo de Lima. **Matemática financeira objetiva e aplicada**. 7 ed. Atlas, SP, 2007.

Bibliografia Complementar:

MARASINI, S. M. **A matemática financeira na escola e no trabalho: uma abordagem histórico-cultural**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2001.

KISTEMANN JR, Marco Aurélio. **Sobre a produção de significados e a tomada de decisão de indivíduos-consumidores**. Rio Claro: UNESP, 2011. 540 f. Tese

(Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2011.

SAVOIA, José Roberto Ferreira. SAITO, André Taue. SANTANA, Flávia de Angelis. **Paradigmas da educação financeira no Brasil**. Rio de Janeiro, v 41, n. 6, nov. dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122007000600006.

SILVA, Vivian Helena Brion da Costa. **Educação Financeira Escolar: os riscos e as armadilhas presentes no comércio, na sociedade de consumidores**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática. Mestrado Profissional em Educação Matemática. Juiz de Fora (MG), agosto 2017.

STUART, Susanna. **Ensine seu filho a cuidar do dinheiro: um guia para desenvolver a inteligência financeira desde a pré-escola**. 2. ed. São Paulo: Editora Gente, 2009.

24. Práticas de Ensino em Ciências da Natureza e suas tecnologias - 80 h/a

Ementa:

Conceitos básicos de citologia abordados na Educação Básica. Conceitos básicos de microbiologia abordados nos ensinos Médio e Fundamental. Conceitos básicos de botânica abordados nos ensinos Médio e Fundamental. Uso da metodologia situação-problema no ensino de citologia, microbiologia e botânica nos ensinos Médio e Fundamental. Elaboração e análise da qualidade de materiais didáticos no ensino da citologia, microbiologia e botânica para os ensinos Médio e Fundamental. Diagnóstico de aplicações da Biologia no meio local.

Bibliografia Básica:

AULER, D. , DELIZOICOV, D. Ciência-tecnologia-sociedade: relações estabelecidas por professores de ciências. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 5 n, 2 (2006). Disponível em: http://www.saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen5/ART8_Vol5_N2. Pdf

ASTOLFI, J. e DEVELAY, M. **A didática das Ciências**. 4 ed. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro**. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

Bibliografia Complementar:

AXT, R. O papel da experimentação no ensino de Ciências, in Moreira, M. A. e Axt, R., Tópicos em ensino de Ciências, Sagra, 1991. -Borges, A. T. Novos rumos para o laboratório escolar de Ciências. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 19, n. 3, 2002.

BRASIL. **Guia do livro didático 2007: Ciências: séries /anos iniciais do Ensino Fundamental / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: Ministério da Educação, 2006.

_____. **Guia de livros didáticos PNLD 2008: Ciências - Brasília: Ministério da Educação, 2007.**

BARRETO FILHO, B. **Atividades práticas na 8ª série do Ensino Fundamental: Luz** numa abordagem regionalizada. Dissertação de Mestrado. Campinas: Faculdade de educação, UNICAMP, 2001.

BEJARANO, N. R. R.; CARVALHO, A. M. P. **Tornando-se professor de Ciências: crenças e conflitos** – Ciência e Educação, v. 9, n. 1, p. 1- 15. 2003.

25. Ambiente e Saúde - 60 h/a

Ementa:

Saúde ambiental. Educação para saúde com enfoque integral, enfatiza os aspectos mais relevantes das relações entre os seres humanos e seu ambiente. Saneamento básico nas comunidades indígenas. Contaminação ambiental nas comunidades indígenas. Identificar os fatores sociais, culturais, ecológicos e ambientais que favorecem a incidência e prevalência de certas doenças. Construção de objetos didáticos sobre prevenção de doenças e cuidado, para uso na comunidade e na escola.

Bibliografia Básica

GARNELO, Luiza; PONTES, Ana Lúcia de Moura (Org.). **Saúde indígena: uma introdução ao tema**. Brasília: UNESCO / MEC, 2012. (Série vias dos saberes; v. 5).

BRASIL. ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. **Escolas promotoras de saúde: experiências no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2007.

BRASIL. FUNDAÇÃO NACIONAL DE SAÚDE. **Lei Arouca: a Funasa nos 10 anos de saúde indígena**. Brasília: Funasa, 2009. Disponível em: [https://funasamy.sharepoint.com/personal/imprensa_funasa_gov_br/Documents/Biblioteca Eletronica/Especiais Funasa/livro-lei-arouca-10anos.pdf?slid=35f9a39e-3074-7000-6881-9f0d5a4e396b](https://funasamy.sharepoint.com/personal/imprensa_funasa_gov_br/Documents/Biblioteca%20Eletronica/Especiais/Funasa/livro-lei-arouca-10anos.pdf?slid=35f9a39e-3074-7000-6881-9f0d5a4e396b)

Bibliografia Complementar

LANGDON, E. J. M. Medicina tradicional: reflexões antro - políticas sobre atenção diferenciada. In: HAVERRO T H, M. (Org.). **Etnobiologia e Saúde de povos Indígenas**. Recife/Florianópolis: NUPEEA /INCT, 2013. p. 15-35.

MINAYO, M. C. S. **Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós**. MINAYO, M. C. S.; MIRANDA, A. C. (Orgs.). Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

RUEGG, E. F.. **Impacto dos agrotóxicos: sobre o ambiente, a saúde e a sociedade**. São Paulo: Ícone, 1986.

INQUÉRITO NACIONAL DE SAÚDE E NUTRIÇÃO DOS POVOS INDÍGENAS. **Relatório Final**. (Análise dos dados) nº 7. Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 2009.

PHILIPPI JÚNIOR, Arlindo (Ed.). **Saneamento, saúde e ambiente: fundamentos para um desenvolvimento sustentável**. Barueri, SP: Manole, 2005. 842 p.

26. Didática da Matemática Intercultural Indígena - 80 h/a

Ementa:

Abordagens metodológicas e análise dos processos de ensino e aprendizagem da Matemática na escola indígena. Investigação de fatores que influenciam o ensino e a aprendizagem Matemática nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Investigações matemáticas em sala de aula. Planejamento e avaliação no ensino da Matemática nas séries finais do ensino fundamental e no ensino médio. Estuda a ideia de contexto na construção do conhecimento; faz uma reflexão sobre a ideia de

competências e suas implicações na escola; uma análise dos desafios enfrentados pelo ensino de matemática, um conteúdo presente em inúmeras ações cotidianas.

Bibliografia Básica:

LIZARZABURU, Alfonso E. SOTO, Gustavo Zapata. **Pluralidade e Aprendizagem da Matemática na América Latina: experiências e desafios/org.** Alfonso E. Lizarzaburu e Gustavo Zapata Soto; trad. Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MAIO, Waldemar de. CHIUMO, Ana. **Didática da Matemática.** Rio de Janeiro: LTC, 2012.

PAIS, L. C. **Didática da Matemática: uma análise da influência francesa.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

Bibliografia Complementar:

ALMOULOU, S. A. **Fundamentos da didática da matemática.** Curitiba: Editora UFPR, 2007.

LEITE, K. G. **Nós mesmos e os outros: etnomatemática e interculturalidade na Escola Indígena Paiter.** 2014. 409 f. Tese. (Doutorado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E MATEMÁTICA) - UFMT - UFPA - UEA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO, Cuiabá, MT, 2014.

Oliveira, M. A. M., & Mendes, J. R. (2018). **Formação de professores Guarani e Kaiowá: interculturalidade e decolonialidade no ensino de matemática.** *Zetetike*, 26(1), 167–184.

PAIS, Luiz C. **Ensinar e aprender matemática.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PARRA, C; SAIZ, I.(org). **Didática da Matemática: reflexões pedagógicas.** Porto Alegre: ArtMed, 2001.

27. Povos Indígenas e o Meio Ambiente - 80 h/a

Ementa:

A relação entre meio ambiente e sociedade. Os tópicos a abordar serão: O conceito de natureza, Crise ambiental/ crise social, Movimento ambiental, Ecologia política, Meio ambiente, tecnologia e sociedade, Risco ambiental/risco social, Mudanças climáticas/ Sociedade pós-carbono, Antropoceno, Ética ambiental/ da responsabilidade.

Bibliografia Básica:

GALLOIS, Dominique. Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades? In: FANY, Ricardo (Org.). **Terras Indígenas e Unidades de Conservação da Natureza: o desafio das sobreposições.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2005, p. 37-41.

GIANNINI, I. V. Os índios e suas relações com a natureza. In: GRUPIONI, Luis Donisete Benzi (org.). **Índios do Brasil.** São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

SILVA, Rosa Helena Dias da. **Educação, cultura e meio ambiente: uma aproximação das concepções indígenas a partir do movimento dos professores indígenas da Amazônia. Interações (Campo Grande), Campo Grande, v. 6, n. 10, p. 99-107, 2005.**

Bibliografia Complementar:

CASTRO, Edna. "Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais". In DIEGUES, Antônio Carlos. (org.) **Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos**. SP, Hucitec, 2001.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 8 ed. – São Paulo : Gaia, 2003.

DIEGUES, Antônio Carlos Santana. **O mito moderno da natureza intocada**. 3 ed. São Paulo : Hucitec, NAPPHAUB-USP, 2000.

_____. & ARRUDA, R. S. V. (org.). **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA. São Paulo : USP, 2001.

28. Etnoastronomia - 60 h/a

Ementa:

Origem dos conhecimentos astronômicos de diferentes sociedades: as primeiras observações; Influência da Astronomia sobre a cultura indígena; O sistema solar; Movimentos da Terra e estações do ano; Movimento da Lua e eclipses; Astronomia e atividade agrícola indígena.

Bibliografia Básica:

AFONSO, G.B., BARROS, O., CHAVES, A. e RODI, M.R. (Coord.). **O Céu dos Índios Tembé**. Universidade do Estado do Pará, 1999. Prêmio Jabuti, 2000

CANIATO, Rodolfo. **O que é Astronomia**. 8 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. Série: Coleção primeiros passos; 45. FARIA, Romildo Povoas. Iniciação à astronomia. São Paulo: Ática, 2007. Série: De olho na ciência). Relações Afro-indígenas. Disponível em: http://www.museudaciencia.org/gfx/bd/090401014608_Germano_Afonso_TEXTO_1.pdf.

OLIVEIRA, K. e SARAIVA, M. F. **Astronomia e Astrofísica**. São Paulo: Livraria da Física, 2004.

Bibliografia Complementar:

AFONSO, G.B., Mitos e Estações no Céu Tupi-Guarani. **Scientific American Brasil** (Edição Especial: Etnoastronomia), v. 14, p. 46-55, 2006.

AFONSO, G. B. Astronomia Indígena. **Revista de História**. História da Ciência Edição Especial. v.01, p.32 - 35, 2010.

ARAÚJO, Lidiane M. "A Construção Social do Céu: criando constelações e imortalizando culturas". In: **I Ciclo de Seminários do Planetário do Pará**. Belém, 2001.

NOGUEIRA, Salvador; Canalle, João Batista Garcia. **Astronomia: ensino fundamental e médio / Brasília : MEC; SEB ; MCT ; AEB, 2009. 232 p.: il. – (Coleção Explorando o ensino; v. 11).**

RANGEL NETTO, Edgar. **O Mapa do Céu**. São Paulo: FTD, 1993.

29. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos para o Ensino Fundamental-Anos Finais e para o Ensino Médio - 80 h/a

Ementa:

O papel da escola no que se refere ao desenvolvimento curricular. Proposta de currículo escolar diferenciado, específico, que contemple a interculturalidade e a diversidade, como instrumento mediador das práticas docentes da escola. Produção de instrumentos

pedagógicos adequados para uma escolarização diferenciada, intercultural e bilíngue que fortaleça e preserve a cultura.

Bibliografia Básica:

- MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002.
- GIOTTO, C. G. G. A metodologia de projetos e a articulação do trabalho didático pedagógico com as crianças pequenas. **Educação em Revista**. v. 7. n. 1/2. Marília. 2006. Disponível em: Acesso em: Abril 2012.
- HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A Organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Bibliografia Complementar:

- DALVA, Gonçalves Rosa; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002
- SOUZA, M. I. P. de; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.) **Educação intercultural: mediações necessárias**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.
- FLEURI, R. M. O que significa Educação Intercultural. In: FLEURI, R. M. **Educação para a diversidade e cidadania**. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 25-44. (Módulo 2: Introdução Conceitual – Educação para a Diversidade e Cidadania).
- SECAD/MEC. **Educação escolar: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola**. Brasília, MEC, 2007.
- SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. [S.l: s.n.], 2001.

NÚCLEO DE CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS **ITINERÁRIO FORMATIVO I – CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

1. Tecnologias na Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Paradigmas científicos e a concepção de tecnologia aplicada à Educação Escolar Indígena. O uso de recursos tecnológicos na educação escolar indígena como estratégias de intervenção e mediação nos processos de ensino e de aprendizagem em Ciências Humanas e Sociais. Potencialidades e limites do uso das TICs. Análise dos diferentes softwares na educação. O uso de diferentes espaços on line na educação, como possibilitadores da comunicação, interação e construção coletiva do conhecimento (chat, blog, MSN, fotolog...).

Bibliografia Básica:

- KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas - SP: Papirus, 2003.
- RODRIGUES, Evaldo Ferreira. **Concepções Paradigmáticas e teorias da tecnologia educacional**, UEPA, 2011, p. 6-27.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Técnicas de Ensino: por que não?** 21 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, Fernando José. **Educação e informática: os computadores na escola.** 3. ed. São Paulo: Vozes, 2005.

LEITE, Lígia Silva. (Coord.). **Tecnologia educacional: descubra suas possibilidades na sala de aula.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna Maria de Freitas. **Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico.** Campinas, SP: Papyrus, 2004.

SCARPATO, Marta (org). **Os procedimentos de ensino fazem a aula acontecer.** São Paulo: Avercamp, 2004.

VIEIRA, Erika Rodrigues. **Estudo de Caso: A Tecnologia Educacional em comunidades indígenas.** In: _____. Tecnologia e prática educativa - a educação indígena em perspectiva: experiência das EEI Aldeia Uru-ity e EEI Aldeia Djaiko-aty. Americana, Centro Universitário Salesiano de São Paulo, Dissertação de Mestrado, 2011, pp. 37-42.

2. Língua Portuguesa Instrumental - 60 h/a

Ementa:

Leitura, análise e produção textual. Conceitos linguísticos: variedade linguística, linguagem falada e linguagem escrita, níveis de linguagem. Habilidades linguísticas básicas de produção textual oral e escrita. A argumentação oral e escrita Habilidades básicas de produção textual. Análise linguística da produção textual. Noções linguístico-gramaticais aplicadas ao texto.

Bibliografia Básica:

ANTUNES, Irandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas.** São Paulo: Parábola Editorial, 2010

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MARTINS, D. S.; ZILBERKNOP, L. S. **Português instrumental.** 29 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, M. M. de; HENRIQUES, A. **Língua Portuguesa: noções básicas para cursos superiores.** 9 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

BASTOS, L. K. & MATOS, M.A. **A Produção Escrita e a Gramática.** São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2 ed.1992.

FAULSTICH, Enilde L. **Como ler, entender e redigir um texto.** Petrópolis: Vozes, 2002

FAVERO, L.L. **Coesão e coerência textuais.** 9 edição. São Paulo: Ática, 2002

KOCH, I. G. V.; ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** São Paulo: contexto, 2006

3. Instrumentalização em Linguagens Matemáticas - 60 h/a

Ementa:

História dos números em uma perspectiva antropológica e cultural. A origem da escrita e da matemática na relação entre números e letras. Processos de contagem expressos em diferentes sociedades. As linguagens matemáticas como forma de representação da realidade.

Bibliografia Básica:

VERGANI, Teresa. **Matemática e Linguagens: olhares interativos e transculturais**. Lisboa: Pandora, 2002.

MACHADO, Nílson José. **Matemática e língua materna: análise de uma impregnação mútua**. São Paulo: Cortez, 2011.

MELIÁ, Bartomeu. **Educação Indígena e Alfabetização**. São Paulo: Edições Loyola, 1979.

Bibliografia Complementar:

SMOLE, Katia Stocco. DINIZ, M. I. **Ler, escrever e resolver problemas**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Madikauku: os dez dedos das mãos: matemática e povos indígenas no Brasil** / Mariana Kawall Leal Ferreira. Brasília: MEC, 1998.

BELLO, Samuel Edmundo López. **Etnomatemática, linguagem e a produção/apropriação de significados matemáticos**. Disponível em: http://www.sbemparana.com.br/arquivos/anais/epremvii/comunicacao/comunicacao_32.pdf.

_____. **Etnomatemática: relações e tensões entre as distintas formas de explicar e conhecer**. Tese de doutorado. FE – UNICAMP. Campinas: 2000.

4. Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Princípios da Educação Escolar. Políticas Públicas em Educação Escolar Indígena. Currículos de Educação Escolar Indígena. Os Currículos alternativos e as propostas oficiais. Processos próprios de ensino/aprendizagem: os etnoconhecimentos.

Bibliografia Básica:

D'ANGELIS, Wilmar da Rocha. **Aprisionando sonhos: a educação escolar Indígena no Brasil**. Campinas, SP: Curt Nimuendajú, 2012

MARFAN, Marilda Almeida (Org.). **Congresso Brasileiro de Qualidade na Educação: formação de professores: educação indígena**. Brasília: MEC, SEF, 2002.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BANIWA, Gersem. **Territórios etnoeducacionais: um novo paradigma na política educacional brasileira**. In: CONAE, 2010, Brasília. Anais... Brasília, DF: MEC, 2010. Disponível em:

<http://www.cinep.org.br/uploads/e42d706bbd109ef3e5c5b8b41e310eeab53c3dd5.pdf>.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena?** A gente precisa ver. *Ciência e Cultura*, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

GRUPOINI, Luís Donisete. **Formação de professores indígenas:** repensando trajetórias. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. Brasília: 2006.

MAROLDI, Alexandre Masson.; MAIA LIMA, Luis Fernando.; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. A produção científica sobre educação indígena no Brasil: uma revisão narrativa. **Revista Ibero Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 13, n. 3, p. 931-952, jul./set., 2018.

TUKANO, Geraldo Veloso Ferreira. **Educação Escolar Indígena:** As práticas culturais indígenas na ação pedagógica de Escola Estadual Indígena São Miguel Iaretê (AM). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. PUC-SP Dissertação de Mestrado São Paulo, 2007.

5. Práticas de Pesquisa em Educação Escolar Indígena - 60 h/a

Ementa:

Ampliação das discussões epistemológicas e metodológicas de pesquisa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Escola Indígena. As concepções teóricas do conhecimento científico. A pesquisa científica: natureza teórico-prática. As fases da pesquisa científica. Práticas de ensino com pesquisa nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio na Escola Indígena.

Bibliografia Básica:

ARAÚJO, Sheyla Alves de. **A criança indígena nos estudos acadêmicos no Brasil:** uma análise das produções científicas (2001-2012). Dissertação (Mestrado), Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação, Belém, 2014. Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/6184/1/Dissertacao_CriancaIndigenaEstudos.pdf

BAGNO, Marcos. **Pesquisa na escola, o que é como se faz.** 2 ed. São Paulo: Loyola, 1999.

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. **Educação Intercultural e Ensino de Ciências:** Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

Bibliografia Complementar:

ALMEIDA, E. S. A. a , FACHÍN-TERÁN, A. A alfabetização científica na educação infantil: Possibilidades de integração. **Lat. Am. J. Sci. Educ.** 2, 12032, 2015. Disponível em: http://files.ensinodeciencia.webnode.com.br/200001248-7c18a7d136/2015_A%20alfabetiza%C3%A7%C3%A3o%20cient%C3%ADfica%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil_Possibilidades%20de%20integra%C3%A7%C3%A3o.pdf

TAVARES, Arice Cardoso. **Metodologias para iniciação à prática da pesquisa e extensão I:** caderno pedagógico. Florianópolis: UDESC/CEAD/UAB, 2011.

MORAES, R.; RAMOS, M.; GALIAZZI, M.C. (Eds.) **Pesquisa em Sala de Aula:** Fundamentos e pressupostos. Porto Alegre: PUCRS, 2002

NASCIMENTO, Maria Rosemi A. de. O ensino de Ciências através da Pesquisa. In: _____. Educação Intercultural e Ensino de Ciências: Construção de Conceitos em Ciências Naturais na Escola Indígena Baniwa e Coripaco - Pamáali, No Alto Rio Negro. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia). Manaus, AM, 2008. Disponível em: <https://pos.uea.edu.br/data/area/titulado/download/14-5.pdf>

SILVA, Marise. **Metodologia de Iniciação à Prática da Pesquisa e da Extensão:** unidade teórico-prática de formação do professor, pesquisador e extensionista. Caderno Pedagógico I. Florianópolis: UDESC, 2001.

6. Filosofia Indígena e Estudos de Filosofia - 80 h/a

Ementa:

Pensar a formação da criança indígena numa perspectiva de educação para o pensar, com uma proposta de iniciação filosófica a partir do estímulo à fase das perguntas e da curiosidade inerente às crianças. Trabalhar com a compreensão do ser-sujeito indígena com conotações filosóficas, para fortalecer a identidade cultural dos educandos em formação e dar base às grandes questões existenciais que se colocam a todo ser humano.

Bibliografia Básica:

SILVA, Vânia Mesquita Trindade. **Formação Docente em Filosofia para Crianças**, 2007. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) - Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Araraquara, 2007.

LIPMAN, Matthew; SHARP, Ann Margaret; OSCANYAN, Frederick. **A Filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

LORIERI, Marcos Antônio; RIOS, Terezinha Azeredo. **Filosofia na escola:** o prazer da reflexão. São Paulo: Moderna, 2004.

Bibliografia Complementar:

AMADOR, Afonso Araújo. **Relatório de pesquisa:** filosofia com crianças e adolescentes em práticas educacionais populares: uma abordagem Freireana. Belém: Grupo Educação Freireana e Filosofia, 2007.

BARBOSA, Cléuma de Melo. **O Ensino de Filosofia e a Formação do Ser-Sujeito-Criança na Educação de Paulo Freire**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Ciências da Educação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

KOHAN, Walter Omar. Infância. **Entre Educação e Filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

MATOS, Lyandra Lareza da Silva e OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. Reflexões sobre o ensino de filosofia com crianças na abordagem freireana de educação. **Anais IV CEDUCE...** Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/11429>>. Acesso em: 01/10/2021.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. A pedagogia do oprimido de Paulo Freire e o ensino de filosofia com crianças. In: **Espaço Pedagógico**, v. 27, n. 3, Passo Fundo/RS, p. 685-701, set./dez. 2020| Disponível em www.upf.br/seer/index.php/rep

7. Filosofia na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Pensar a formação da criança indígena numa perspectiva de educação para o pensar, com uma proposta de iniciação filosófica a partir do estímulo às perguntas que surgem provocadas pela curiosidade inerente às crianças. Trabalhar a compreensão do ser-sujeito indígena com conotações filosóficas, para fortalecer a identidade cultural dos educandos em formação e dar base às grandes questões existenciais que se colocam a todo ser humano. Introduzir elementos do ensino de Filosofia em uma abordagem compreensível para esse nível de ensino.

Bibliografia Básica:

BERNASCONI, Robert. **Etnicidade, cultura e filosofia**. In: BUNNIN, Nicholas; TSUIJAMES, E. P. (Org.). *Compêndio de Filosofia*. São Paulo: Ed. Loyola, 2002

OLIVEIRA, Yan Gabriel Souza de. **Xamanismo, ou, devir outro da filosofia**. Ensaios de recepção à contracolonialidade filosófica e à cosmopolítica xamânica imanentes em 'A Queda do Céu'. Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: <https://cursos.ufrj.br/posgraduacao/ppgfil/files/2019/08/Yan-Oliveira.pdf>

Bibliografia Complementar:

DANNER, Fernando; DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco. [Pensamento indígena brasileiro como crítica da modernidade](#): sobre uma expressão de Ailton Krenak. **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa – BA, v.19, n.3, p.74-104, outubro, 2019.

NASCIMENTO, Daniel Arruda. Antropogênese e filosofia indígena: o homem e o animal. **Griot: Revista de Filosofia**, v. 21, n. 2, p. 405-416, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2021. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/5766/576666994027/html/>

NOGUEIRA, Renato. [Introdução à Filosofia a partir da História e Culturas dos Povos Indígenas](#). **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, v. 1, n. 3, p. 394-407, 2015. Disponível em: <https://www.sabedoriapolitica.com.br/filosofia-politica/filosofia-contempor%C3%A2nea/filosofos-brasileiros/indigena/>

VERGOLINO, Eduardo. Desafios Da Educação Escolar Indígena: epistemologias e Filosofias. *Cadernos Cajuína*, V. 4, N. 3, 2019, p. 186-194. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335749449_DESAFIOS_DA_EDUCACAO_ESCOLAR_INDIGENA_EPISTEMOLOGIAS_E_FILOSOFIAS.

SZTUTMAN, Renato; MATAREZIO FILHO, Edson Tosta. Sobre Lévi-Strauss e Filosofias Indígenas: Entrevista Com Renato Sztutman», *Ponto Urbe* [Online], 16 | 2015. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/2753>

8. Ensino de Filosofia na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

A disciplina estuda os diferentes métodos do ensino da filosofia, tanto seus aspectos históricos como no atual contexto brasileiro e na escola indígena. Proporciona ao aluno conhecimentos necessários para a prática pedagógica do ensino da filosofia. Reflete sobre o ensino da filosofia como problema filosófico. Trabalha a problematização de temáticas atuais de interesse das populações indígenas.

Bibliografia Básica:

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1994.

ARANHA, M. L.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: introdução à filosofia. São Paulo: Moderna, 2003.

ARANTES, P. *et al.* **A filosofia e seu ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

Bibliografia Complementar:

ALVES, D.J. **A filosofia no ensino médio**: ambigüidades e contradições na LDB. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1996.

LIMA FILHO, José Edmar (Org.). **Cadernos Didáticos para o Ensino de Filosofia**.

PORTA, M.A.G. **A filosofia a partir de seus problemas**. São Paulo: Loyola, 2002.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Filosofia da Educação**: reflexões e debates. 2ed. Belém: UNAMA, 2003.

9. História Indígena e Estudos de História - 80 h/a

Ementa:

Os processos de conquista e colonização da América engendraram profundas modificações nas sociedades nativas. A disciplina abordará tais modificações associando tanto questões teórico-metodológicas quanto à leitura de trabalhos clássicos e recentes sobre a temática. Ênfase às ações dos próprios indígenas, problematizando as relações de contato com diferentes agentes (missionários, funcionários reais, escravos africanos) e foram sujeitos ativos na construção da sociedade colonial, suas resistências frente à colonização.

Bibliografia Básica:

LOPES DA SILVA, Aracy; LEAL FERREIRA, Mariana Kawal (Org.). **Antropologia, história e educação**: a questão indígena e a escola. São Paulo: Global, 2001. 398 p.

MONTEIRO, John. **Tupis, tapuias e historiadores**. Campinas: Tese de livre docência da Unicamp, 2001.

OLIVEIRA, João Pacheco de; FREIRE, Carlos Augusto da Rocha. **A Presença Indígena na Formação do Brasil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://jpoantropologia.com.br/pt/wp-content/uploads/2018/06/A-presenca-indigena_2006.pdf

Bibliografia Complementar:

CANDAUI, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

CARIE, Nayara Silva de; LIMA, Pablo Luiz de Oliveira. **Da história dos índios às histórias indígenas**: descolonizando o ensino de história. **Educação**, vol. 43, núm. 4, pp. 773-790, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/1171/117157486009/html/>.

CATROGA, Fernando. **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

OLIVEIRA, João Pacheco de. **O nascimento do Brasil e outros ensaios**: “pacificação”, regime tutelar e formação de alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016. Disponível em: <http://jpoantropologia.com.br/pt/wp->

<content/uploads/2018/02/JPO-O-Nascimento-do-Brasil-livro-em-portugu%C3%AAs-10-MG.pdf>

10. Projeto Integrador II – Currículo da Escola Indígena/Ensino Fundamental/Anos Finais e Ensino Médio - 80 h/a

Ementa:

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tempo, 2002.

BRASIL. **Parecer Nº 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

11. História e Povos Indígenas no Brasil - 80 h/a

Ementa:

História e os povos indígenas. Sistema colonial e formas de trabalho no Brasil: dinâmica econômico-social da colonização portuguesa, escravidão e trabalho forçado. Ditadura Militar-Civil (1964-1985). História, história indígena e o ensino de história na escola indígena.

Bibliografia Básica:

BERGAMASCHI, Maria Aparecida; MEDEIROS, Juliana Schneider. História, memória e tradição na educação escolar indígena: o caso de uma escola Kaingang. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, no 60, p. 55-75 – 2010.
 CUNHA, Manuela Cardoso da. **Índios no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
 DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral: memória, tempos, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Bibliografia Complementar:

FREIRE, José Ribamar Bessa. **Os guarani e a memória oral: a canoa do tempo**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Educação Escolar Indígena**. Curitiba (PR): SEED/PR, 2006, 40-44.
 LUCIANO, Gerssem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. 1.ed. Brasília: MEC/Unesco, 2006.
 RAMOS, André R. F. A escravidão do indígena, entre o mito e novas perspectivas de debates. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.1, n.1, p.241-265, jul. 2004.
 SILVA, Edson. Povos indígenas e ensino de história: subsídios para abordagem da temática indígena em sala de aula. **História & Ensino**, Londrina, v. 8, out. 2002, p. 45-62.

12. História e Povos Indígenas na Amazônia - 80 h/a

Ementa:

Significados, importância, categorias e sujeitos na História da Amazônia. Os povos Indígenas na Amazônia. Fundamentos sociohistóricoculturais do processo de conquista, colonização e expansão do espaço amazônico. Escravidão Indígena e negra na Amazônia Colonial. Políticas Indígenas e Indigenistas na Amazônia. As Missões e o indigenismo pombalino. Movimentos Sociais na Amazônia. A Questão Indígena na Amazônia Contemporânea. A Belle Époque amazônica. A Questão de terras na Amazônia. Concepções metodológicas no ensino-pesquisa de História da Amazônia e o fazer pedagógico nas Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Básica:

FREITAS, Sonia Maria de. **História Oral, Possibilidades e Procedimentos**. São Paulo: Humanistas, 2002.
 MOREIRA NETO, Carlos de Araujo. **Índios da Amazônia: de Maioria a Minorias (1750-1850)** Petrópolis: vozes, 1988.
 NETO, José Maia, Guzman, Décio de Alencar (orgs). **Terra Matura: Historiografia e História Social da Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

Bibliografia Complementar:

FARES, Josebel Akel (org) **Memórias da Belém de Antigamente**. Belém: EDUEPA, 2010.
 BHABHA, Homi. **O Local da Cultura**. Tradução Miriam Ávila, Eliana Reis, Gláucia Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
 CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta**. Literatura Brasileira, Textos Literários em meios eletrônicos.
 DONISETE, L. & GRUPIONI, L. D. B. (Orgs.). **Índios no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Global; Brasília: MEC, 1998.

FAUSTO, C. **Os índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

13. Ensino de História na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estuda a História nas propostas curriculares de ensino; a relação entre métodos, metodologias, técnicas e a prática do professor de História na escola indígena; a seleção de conteúdos, organização e elaboração/construção de materiais didáticos para o ensino de História na escola indígena. Desenvolve oficinas sobre o ensino de História.

Bibliografia Básica:

KARNAL, Leandro (org). **História na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2004.
FONSECA, Selva Guimarães. **Didática e Prática de Ensino de História**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

_____ **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

Bibliografia Complementar:

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FONSECA, Thaís Nívia de Lima. **História e ensino de História**. Belo Horizonte: autêntica, 2003.

SEFFNER, Fernando. **Qual história? Qual ensino? Qual cidadania?** Porto Alegre: ANPUH, Ed. Unisinos, 1997.

ABUD, Kátia M. **A construção de uma Didática da História**: algumas idéias sobre a utilização de filmes no ensino. *História*, São Paulo, 22 (1), p.183-193, 2003.

GONÇALVES, Nadia G. A escola e o arquivo histórico escolar como locais de memória: discutindo possibilidades de trabalho do pesquisador, do professor de história e de diálogos com a comunidade escolar. XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH. **Anais...** Londrina: UEL/ Anpuh, 2005. CD-ROM.

14. Territorialidade Indígena e Estudos de Geografia - 80 h/a

Ementa:

Aborda os significados culturais de “natureza” e concepções distintas de sociedade; Etnodesenvolvimento e biodiversidade indígena; Políticas ambientais, “desenvolvimento” e “sustentabilidade” “populações” e “povos” tradicionais. Reflete sobre a Gestão territorial e conhecimentos tradicionais; Política territorial, cartografias sociais e etnomapeamentos, etnozzoneamento; Autonomia e sustentabilidade indígena. Analisa a territorialização da identidade étnica e a política do Estado de demarcação de terras; os impactos de desenvolvimento em terras indígenas.

Bibliografia Básica:

CUNHA, Manuela Carneiro da. Populações tradicionais e a Convenção da Diversidade Biológica. **Estudos Avançados**, n.13, v. 36, 1999, p.147-163.

OLIVEIRA, Paulo Celso de. Gestão territorial indígena: perspectivas e alcances. In: ATHIAS, Renato; PINTO, Regina Pahim (Orgs.). **Estudos indígenas: Comparações, interpretações e políticas**. São Paulo: Contexto, 2008 - (Série justiça e desenvolvimento), p. 175-191.

SILVA, Cristhian Teófilo da. Identificação étnica, territorialização e fronteiras: A perenidade das identidades indígenas como objeto de investigação antropológica e ação indigenista. **Revista de Estudos e Pesquisas**, FUNAI, Brasília, v.2, n.1, p.113-140, jul. 2005.

Bibliografia Complementar

AGUIRRE, Monti & SWITKES, Glenn. **Amazônia: vozes da floresta**. Doley Sterio/FX Cinema e Vídeo Ltda, São Paulo, 1991 (Vídeo documentário).

ALBERT, B. Associações indígenas e desenvolvimento sustentável na Amazônia Brasileira. In: **Povos indígenas no Brasil 1996/2000**. Brasília: Instituto Sócio-ambiental, 2000, p.197-217.

LIMA, Antonio Carlos de Souza; BARROSO-HOFFMANN, Maria (Orgs.): **Etnodesenvolvimento e Políticas Públicas: Bases para uma Nova Política Indigenista**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2002.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais do Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Série Antropologia. Brasília: Departamento de Antropologia/UnB, 2002.

GONÇALVES, Rosiane Ferreira. **Autonomia e sustentabilidade indígena: entraves e desafios das políticas públicas indigenistas no Estado do Pará entre 1988 e 2008**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido), Universidade Federal do Pará/NAEA, 2010.

15. Geografia do Brasil e Povos Indígenas - 80 h/a

Ementa:

Populações indígenas: possíveis origens, descrição, distribuição geográfica, mobilidade, territorialidade, conflitos inter e extra-étnicos. Terra indígena e território indígena. Mediação das teorias geográficas em contextos indígenas. Leitura geográfica do mundo contemporâneo. Sujeito e objeto do conhecimento geográfico: os conceitos e categorias geográficas em contextos indígenas. A produção e a apropriação da linguagem gráfica/categórica, os significados e representações.

Bibliografia Básica:

BECKER, Bertha K.; MIRANDA Mariana (Orgs.) **A Geografia Política do desenvolvimento sustentável**. Rio de Janeiro. ED. UFRJ, 1997.

CASTRO, I. GOMES, P.C.; CORREA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.

SPOSITO, E. S. A questão do método e a crítica do pensamento geográfico. In: CASTRO, I. E. de; MIRANDA, M.; EGLER, C. A. G. (Org.). **Redescobrimo o Brasil 500 anos depois**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Bibliografia Complementar:

KASBURG, Carola; GRAMKOW, Marica Maria (Orgs.). **Demarcando terras indígenas: Experiências e desafios de um projeto de parceria**. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, 1999.

LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís D. B. (Orgs.) **A temática indígena na escola. Subsídios para professores de 1º e 2º graus**. Brasília: MEC/MARI/UNESCO, 1995.

NIMUENDAJÚ, Curt. **Etnografia e indigenismo**. Campinas, SP: Unicamp, 1993. Organização e apresentação de Marco Antônio Gonçalves.

_____. **Indigenismo e territorialização**. Poderes, rotinas e saberes coloniais no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Contracapa, 1998.

ROCHA, Leandro Mendes. **A política indigenista no Brasil: 1930-1967**. Goiânia: UFG, 2003.

16. Geografia na Amazônia e Povos Indígenas - 80 h/a

Ementa:

A constituição do território brasileiro: do meio natural ao meio técnico, científico, informacional. Divisão regional do Brasil. Transformações recentes no espaço urbano e rural. A incorporação e projeção do Brasil na economia mundo. O Meio Técnico-Científico-Informacional: (Re) distribuição da população, economia e geografia do consumo e dos níveis de vida no Brasil; Geografia e meio ambiente no Brasil. Elaboração de material didático sobre produção e organização do espaço indígena.

Bibliografia Básica:

BECKER, Bertha K. CHRISTOFOLETTI, Antônio & DAVIDOVICH, F. **Geografia e meio ambiente no Brasil**. São Paulo: HUCITEC, 2002.

ROSS, Jurandy L. Sanches (org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 2008.

SANTOS, Milton & SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro, Record, 2001.

Bibliografia Complementar:

ANDRADE, Manuel C. **A questão do território no Brasil**. São Paulo/Recife, Hucitec/IPESPE, 2004.

BECKER, Bertha K. & EGLER, Cláudio E. G. **Brasil**. Uma potência regional na Economia-mundo. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2000.

BENJAMIM, César et. al. **A Opção brasileira**. São Paulo. Contraponto, 1998. COSTA, Wanderley M. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. São Paulo, Contexto, 2002. (Coleção repensando a Geografia).

MAGNOLI, Demétrio. **O Corpo da Pátria: imaginação geográfica e política externa no Brasil**. São Paulo, UNESP/Moderna, 1997.

MORAES, Paulo Roberto. **Geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Harbra, 2005.

17. Ensino de Geografia na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

As transformações ocorridas no espaço amazônico a partir da segunda metade do século XX - a mudança do padrão de ocupação da região e a construção de novas territorialidades pelas populações tradicionais amazônicas, destacando-se as populações indígenas. A organização do espaço indígena paraense e amazônico: grupos étnicos; organização do espaço geográfico; legislação e processo demarcatório das Terras Indígenas; a vida nos centros urbanos: problemas sociais. Política de desenvolvimento em áreas indígenas e a ação dos atores sociais envolvidos – projetos ambientais e de turismo; política da biodiversidade e legislação de patenteamento. Elaboração de projetos educacionais para aplicação nas escolas indígenas.

Bibliografia Básica:

ANDRADE, P. L. C. **Território**: categoria geográfica integradora de tempo e espaço. Anais do VI encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia – ANPEGE. Fortaleza, 28 a 30 de setembro de 2005. Disponível em CD-ROM.

OLIVEIRA, A. U. **Amazônia**: monopólio, expropriação e conflitos. Campinas (SP): Papirus, 1987.

SOUZA, M. J. L. O Território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E.; CORRÊA, R. L.; GOMES, P. C. C. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 77-116.

Bibliografia Complementar:

BECKER, B. K. **Amazônia**: geopolítica na virada do terceiro milênio. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

COSTA, W. M. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1991. GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, A. U. **Integrar para não entregar**: políticas públicas e Amazônia. Campinas (SP): Papirus, 1998.

BECKER, B. K. **Amazônia**: geopolítica na virada do terceiro milênio. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

COSTA, W. M. **O Estado e as políticas territoriais no Brasil**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1991. GONÇALVES, C. W. P. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

18. Sociologia Indígena e Estudos de Sociologia - 80 h/a

Ementa:

Estuda a formação da Sociologia e as contribuições de Émile Durkheim, Max Weber e Karl Marx para o entendimento da sociedade moderna e pós-moderna. Aborda os conceitos de Comunidade, Sociedade, Povo e Classe Social. Analisa as sociedades indígenas em suas organizações sociais e em seus processos de socialização, sociabilidades, aprendizagens e mudanças sociais.

Bibliografia Básica:

BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira et al. O desenvolvimento da Sociologia como Ciência. In: _____. **Conhecimento e imaginação**: Sociologia para o Ensino Médio. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012. Coleção Práticas Docentes.

COHN, Clarice. A criança, o aprendizado e a Socialização na Antropologia. In: SILVA, Aracy Lopes da et al (Orgs). **Crianças Indígenas**: ensaios antropológicos. São Paulo: Global, 2002.

IANNI, Octavio. **A Sociologia e o mundo moderno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

SOUZA, Cássio Noronha Inglez de. Aprendendo a viver junto: reflexões sobre a experiência escolar Kayapó-Gorotire. In: SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, História e Educação**: a questão indígena e a escola. 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. **Sociedades indígenas**: introdução ao tema da diversidade cultural.

Bibliografia Complementar:

COHN, Clarice. **Culturas em transformação os índios e a civilização**. São Paulo em Perspectiva, v.15, n.2, 2001, p. 36-42.

GUIMARÃES NETO, Euclides et al. **Educar pela Sociologia**: contribuições para a formação do cidadão. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A sociologia do Brasil indígena**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: UNB, 1978.

MEKSENAS, Paulo. **Aprendendo Sociologia**: a paixão de conhecer. São Paulo: Loyola, 1988.

19. Questões Sociológicas em Contextos Indígenas - 80 h/a**Ementa:**

Temas básicos da Sociologia tais como: a construção do objeto, sua diferenciação frente ao senso comum e frente a outras disciplinas. A emergência do pensamento sociológico e a prática sociológica em contexto indígena.

Bibliografia Básica:

GIDEENS, Antony. **Sociologia**. Trad. Sandra Regina Netz. 4 ed. Porto Alegre. Artmed, 2005.

MAESTRI, D. **LDB, DCNs, PCNs e OCNs**: Uma discussão acerca do papel das Ciências Humanas e da Sociologia no Ensino Médio. In: MEIRELES, M.; MOCELIN, D. G.; PEREIRA, L.H.; RAIZER, L. (Orgs) **Repensando o Lugar da Sociologia**: E o uso das Novas tecnologias. Porto Alegre: CirKula. 2015.

Bibliografia Complementar:

GUIMARÃES NETO, Euclides et al. **Educar pela Sociologia**: contribuições para a formação do cidadão. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **A sociologia do Brasil indígena**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; Brasília: UNB, 1978.

MEKSENAS, Paulo. **Aprendendo Sociologia**: a paixão de conhecer. São Paulo: Loyola, 1988.

MINAYO, Maria C. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, Maria C. **Pesquisa social**: teoria método e criatividade. 32 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MEUCCI, Simone. Notas sobre o pensamento social Brasileiro nos livros didáticos de sociologia. **Revista Brasileira de Sociologia**. V. 2, n.3, jan/jun, 2014. Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/revista/index.php/RBS/article/viewFile/70/45> Acesso: 10 abr. 2017.

20. Projeto Integrador III – Práticas Pedagógicas, Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação no Ensino Fundamental/Anos Finais e Ensino Médio na Escola Indígena - 80 h/a**Ementa:**

Pensar a prática pedagógica no curso de educação indígena refletindo seus interesses e suas prioridades. Conhecimento e elaboração de metodologias que facilitem o aprendizado da área de conhecimento. Elaboração de materiais educativos diversificados para serem usados nas escolas, de acordo com o projeto político das

escolas indígenas. Contextualização, o compromisso com a transformação social e a interdisciplinaridade. Seleção dos temas geradores e definição das unidades temáticas gerais a partir do temas gerador, listagens dos conhecimentos a partir da definição da temática, elaboração do projeto integrador, avaliação do projeto integrador e suas ressignificações.

Bibliografia Básica:

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2.ed. São Paulo: Global, 2001.

BRAND, A. J. **Os desafios da interculturalidade e a educação infantil**. In: Rumbo a la interculturalidad em educacion. México: Casa Abierta al tempo, 2002.

BRASIL. **Parecer N° 14, de 14 de setembro de 1999**. Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Complementar:

GUIDO, H. **A arte de aprender: metodologias do trabalho escolar para a Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002

VALLE, Luciana de Luca Dalla. **Fundamentos da Educação Infantil**. Curitiba: Ed. Fael, 2010.

SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática**. São Paulo: Autores Associados, 2010.

GUIMARÃES, de Oliveira Daniela. **Identidade e Autonomia**. Disponível em: Acesso em 23 de julho de 2018.

21. Ensino de Sociologia na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Estuda a especificidade do trabalho pedagógico em Sociologia, a partir do relato e da troca de experiências em sala de aula, da análise de propostas e orientações curriculares, assim como dos recursos e materiais didáticos voltados para o ensino de Sociologia na escola indígena.

Bibliografia Básica:

BORDENAVE, J. D. **Estratégias de Ensino e Aprendizagem**. 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

BRIDI, Maria Aparecida; ARAÚJO, Silvia Maria de; MOTIM, Benilde Lenzi. **Ensinar e aprender Sociologia no ensino médio**. São Paulo: Contexto, 2009.

MEKSENAS, Paulo. **Aprendendo sociologia: a paixão de conhecer**. São Paulo: Loyola, 1988.

Bibliografia Complementar:

ARAÚJO, Maria Neyara de Oliveira et al. **Epistemologias e Tecnologias para o Ensino das Humanidades**. Fortaleza: Expressão, 2009.

JINKINGS, Nise. Ensino de Sociologia: particularidades e desafios contemporâneos. **Mediações**. Revista de Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UEL, vol. 12, jan. jun, 2007.

PERALVA, Angelina Teixeira; SPOSITO, Marília Pontes. Quando o Sociólogo quer saber o que é ser professor: entrevista com François Dubet. In: **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e n.º 6, p. 222-231, 1997.

SOCIOLOGIA no Ensino Médio: questões práticas. Produção: Atta Mídia e Educação. Participações de Amaury Cesar Moares e Nelson Dacio Tomazi. São Paulo: Paulus, 2008. 1 DVD (50min).

TOMAZI, Nelson Dacio. **Sociologia para o Ensino Médio**. São Paulo: Atual, 2007.

22. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais - 60 h/a

Ementa:

Os paradigmas (abordagens) de pesquisa no campo das Ciências Humanas e Sociais, a saber: a) empírico-analítico; b) histórico hermenêutico e c) dialético, bem como os fundamentos filosóficos, sociológicos, históricos, políticos e epistemológicos de cada uma dessas abordagens, e a relação com o campo da Educação Escolar Indígena. Questões relacionadas com a pesquisa qualitativa no campo das Ciências Humanas e Sociais, com ênfase na pesquisa em Educação Escolar Indígena.

Bibliografia Básica:

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. São Paulo: Global, 2001.

MORAES, Maria Cândida. O paradigma educacional emergente: implicações na formação do professor e nas práticas pedagógicas. **Em Aberto**, Brasília, v. 16, n. 70, abr./jun. 1996.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

Bibliografia Complementar:

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. São Paulo: [s.n], 1987.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A Etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador, BA: EDUFBA, 2000.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação científica**: a prática de fichamentos, resumos, resenhas. 9 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

23. Currículo Intercultural na Escola Indígena - 80 h/a

Ementa:

Currículo e identidade indígena; currículo escolar e saberes do povo; os diversos olhares sobre currículo, dimensões do currículo; currículo, ideologia e dominação cultural; contextualização do currículo; o papel do currículo na manutenção ou transformação social; etnoconhecimento, história e memória do povo.

Bibliografia Básica:

BRASIL, MEC. **Referencial curricular nacional para as escolas Indígenas**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

MOREIRA, Antonio Flávio. e SILVA, Tomaz Tadeu da (orgs). **Currículo, Cultura e Sociedade**. 8ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.

SACRISTÁN, J.C. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, MEC. **Resolução CNE/SEB nº 5, de 22 de junho de 2012**. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC/CNE/SEB, 2012.

APPLE, Michael W. Educação e Poder. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. In LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth Macedo. **Teorias do Currículo**. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

PARECER 14/99/CNE. In: GRUPIONI, L.D.B (Org.).- **As Leis e a Educação Escolar Indígena: Programa Parâmetros em Ação de Educação Escolar Indígena**. Brasília: MEC/SEF, 2001. (21-24).

24. Povos Indígenas e Direitos Humanos - 80 h/a

Ementa:

Trata dos Direitos dos Povos Indígenas (constitucionais, Autorais). Apresenta os principais instrumentos de proteção dos direitos humanos indígenas. Estuda as Organizações Indígenas, a Trajetória do movimento indígena no Brasil, as Organizações indígenas e a demarcação das terras indígenas, as Organizações indígenas no contexto de “pós territorialidade”.

Bibliografia Básica

VILLARES, Luiz Fernando. **Direito e Povos indígenas**. Curitiba, PR: Juruá, 2009.

KAYSER, Hartmut-Emanuel. **Os Direitos dos Povos Indígenas do Brasil: desenvolvimento histórico e estágio atual**. Porto Alegre: SafE, 2010. Tradução do Alemão por Maria da Glória Lacerda Rurack e Klaus-Peter Rurack.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. (org.). **Textos clássicos sobre o direito e os povos indígenas**. Curitiba, Juruá, 1992.

Bibliografia Complementar

BARBOSA, Marco Antônio. **Autodeterminação: direito a diferença**. São Paulo, Plêiade, 2001.

BELTRÃO, Jane Felipe. Povos indígenas e direitos humanos: como desafio de antropólogos. Disponível em http://www.conpedi.org.br/manaus/arquivos/anais/bh/jane_felipe_beltrao.pdf. Acesso em: 23 abr. 2011.

CUNHA, Manuela Carneiro da. **Os direitos do índio: ensaios e documentos**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

MARTINS, Tatiana Azambuja Ujacow. **Direito ao pão novo: o princípio da dignidade humana e a efetivação do direito indígena**. São Paulo: Pillares, 2005.

SOUZA FILHO, Carlos Frederico Mares de. **O renascer dos povos indígenas para o Direito**. Curitiba, PR: Juruá, 2004.

25. Estudos Antropológicos em Educação Escolar Indígena - 80 h/a

Ementa:

Temas de organização social e cosmologias das sociedades indígenas. Formação das paisagens etnográficas Antropologia Indígena. Ciência e conhecimentos indígenas. A Antropologia como estudo do outro: diversidade e relativismo cultural; o estudo da totalidade. Etnologia e Etnografia: o trabalho de campo como metodologia, o observador e o objeto de estudo. Trata de conceitos como símbolos, signos, valores e significados; Diversidade, Pluralidade, Multiculturalismo e Interculturalidade; Identidades culturais, raciais e étnicas.

Bibliografia Básica

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. O trabalho do antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. In: _____. **O Trabalho do Antropólogo**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

DA MATTA, Roberto. **O Trabalho de Campo**. In: _____. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

LAPLANTINE, François. Introdução: **O campo e a abordagem antropológicos**. In: Aprender Antropologia. São Paulo: Brasiliense, 2003.

Bibliografia Complementar

DAUSTER, Tania. Um saber de fronteira – entre a Antropologia e a Educação. In: DAUSTER, Tania (Org.). **Antropologia e Educação: um saber de fronteira**. Rio de Janeiro: Forma e Ação, 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

HALL, Stuart. **A identidade na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. 2. ed. São Paulo: Global, 2001.

SILVA, Maria do Socorro Pimentel da. Fronteiras etnoculturais: educação bilíngue intercultural e suas implicações. In: ROCHA, Leandro Mendes; BAINES, Stephen Grant (Coords.). **Fronteiras e espaços interculturais**. Goiânia: UCG, 2008.

26. Metodologia da Pesquisa em Educação Escolar Indígena - 80 h/a

Ementa:

Princípios da ciência e do método científico. Abordagem alternativas de pesquisa em Educação Escolar Indígena. Técnicas de levantamento e análise de dados em Educação escolar Indígena. Delineamento do Projeto de Pesquisa e do Relatório de Pesquisa. Aspectos éticos da pesquisa em contexto indígena, e a construção de uma postura analítico-crítica.

Bibliografia Básica:

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. Disponível em:

https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/291348/mod_resource/content/3/2.1-E-book-Metodologia-do-Trabalho-Cientifico-2.pdf

SMITH, Linda Tuhiwai. (2018), **Descolonizando Metodologias: Pesquisa e Povos Indígenas**, Curitiba, Ed. UFPR. 239 pp.

Silva M. P. & Grubits S. (2006) Reflexões Éticas em Pesquisas com Populações Indígenas. **Psicologia Ciência e Profissão**, 26 (1), 46-57.

Bibliografia Complementar:

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Impacto da pesquisa educacional sobre as práticas escolares. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

CALEFF, L. G.; MOREIRA, H. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

GATTI, B. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Liber Livro, 2005.

IBIAPINA, Ivana Maria Lopes de Melo. **Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção do conhecimento**. Brasília: Líber Livro, 2008.

27. Tecnologias Educacionais em Ciências Humanas e Sociais - 60 h/a

Ementa:

Desenvolve as tecnologias utilizadas para a socialização da produção do conhecimento acumulado a partir da prática pedagógica e investigativa na área de Ciências Humanas e Sociais. Apresenta os pressupostos necessários para a organização de eventos acadêmicos. Proporciona o instrumental teórico, técnico e didático para a comunicação de pesquisas e práticas pedagógicas em contexto educacional indígena.

Bibliografia Básica

HATJE, Vanessa. **Como preparar uma boa apresentação científica?** Revista E.T.C. 2009. Disponível em: <http://www.goat.fis.ufba.br/uploads/userfiles/259.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2016.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de resumos e comunicações científicas**. São Paulo: Avercamp, 2005.

GUIMARÃES, Vera Aparecida Lui; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. **Os eventos científicos: espaços privilegiados para a comunicação da ciência**. Disponível em:

<http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/viewFile/5656/3745>. Acesso em: 20 mai. 2016.

Bibliografia Complementar

ANDRADE, Marco Antônio Abreu de Guia de apresentação de seminários com os recursos do *microsoft powerpoint*. Disponível em: http://wp.ufpel.edu.br/seminariozootecnia/files/2011/06/Semin%C3%A1rios_powerpoint.pdf. Acesso em: 20 mai. 2016.

BORGES, Gilberto Luiz de Azevedo. **Como realizar um seminário**. Disponível em: http://eventos.uepg.br/pedagogia_saude/downloads/Orientacao%20seminario.pdf.

Acesso em 20 mai. 2016.

CORRÊA, Edison José; VASCONCELOS Mara; SOUZA, Maria Suzana de Lemos. **Iniciação à metodologia científica: participação em eventos e elaboração de textos científicos**. Belo Horizonte: Nescon UFMG, Coopmed, 2009. Disponível em:

<https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/1760.pdf>. Acesso em: 20 mi. 2016.

MACHADO, Marcos William Kaspchak (Org). **Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas**. Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. Disponível em : <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/03/Impactos-das-Tecnologias-nas-Ci%C3%AAs-Humanas-e-Sociais-Aplicadas-4.pdf>

TENÓRIO, Cibele. **Aldeia conectada**: indígenas aderem às redes sociais. Portal EBC, Palmas, 30 de out. 2015. Disponível em: <https://www.ebc.com.br/tecnologia/2015/10/aldeia-conectada-indigenas-aderem-redes-sociais>.

28. Projeto Integrador IV - Proposta Curricular e Materiais Didáticos para o Ensino Fundamental/Anos Finais e para o Ensino Médio - 80 h/a

Ementa:

O papel da escola no que se refere ao desenvolvimento curricular. Proposta de currículo escolar diferenciado, específico, que contemple a interculturalidade e a diversidade, como instrumento mediador das práticas docentes da escola. Produção de instrumentos pedagógicos adequados para uma escolarização diferenciada, intercultural e bilíngue que fortaleça e preserve a cultura.

Bibliografia Básica:

MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. Currículo diferença, cultural e diálogo. In: **Educação & Sociedade**. Revista Quadrimestral de ciência da Educação. Dossiê “Diferenças” Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES) n 79 – 2002.

GIOTTO, C. G. G. A metodologia de projetos e a articulação do trabalho didático pedagógico com as crianças pequenas. **Educação em Revista**. v. 7. n. 1/2. Marília. 2006. Disponível em: Acesso em: Abril 2012.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A Organização do currículo por projetos de trabalho**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

Bibliografia Complementar:

DALVA, Gonçalves Rosa; SOUZA, Vanilton Camilo de (orgs). **Políticas organizativas e curriculares, educação inclusiva e formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002

SOUZA, M. I. P. de; FLEURI, R. M. Entre limites e limiares de culturas: educação na perspectiva intercultural. In: FLEURI, R. M. (org.) **Educação intercultural**: mediações necessárias. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 53-84.

FLEURI, R. M. O que significa Educação Intercultural. In: FLEURI, R. M. **Educação para a diversidade e cidadania**. Florianópolis: UFSC, 2009. p. 25-44. (Módulo 2: Introdução Conceitual – Educação para a Diversidade e Cidadania).

SECAD/MEC. **Educação escolar**: diversidade sociocultural indígena ressignificando a escola. Brasília, MEC, 2007.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas pedagógicas na escola indígena**. [S.l: s.n.], 2001.

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

GRUPO III-1ª ETAPA

1. Prática Como Componente Curricular I: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa:

Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Aborda a discussão e planejamento do Projeto político pedagógico da escola indígena e o planejamento do ensino na escola indígena.

Bibliografia Básica:

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

KOCHHANN, Andréa. Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. **Teias** v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/29206/22823>

LUCIANO, G. J. S. **Educação para Manejo do Mundo.** Entre a escola ideal e a escola real no Alto Rio Negro. Rio de Janeiro: Contra Capa, LACED, 2013.

Bibliografia Complementar:

D'ANGELIS, W. R. **Aprisionando Sonhos. A educação escolar indígena no Brasil.** Campinas: Curt Nimuendajú, 2012.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi. **Formação de professores indígenas: repensando trajetórias.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2006.

KOCHHANN, Andréa. SILVA, Maria Eneida da. AMORIM, Maria Cecília Silva. Extensão universitária acadêmica, processual e orgânica: um projeto de formação de professores. **Revista UFG**, [S. l.], v. 18, n. 22, 2018. DOI: 10.5216/revufg.v18i22.51563. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/51563>.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, José Ferreira; TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: Políticas, Estrutura e Organização.** São Paulo: Cortez, 2003.

SILVA, Aracy Lopes da; FERREIRA, Mariana Kawall Leal (orgs). **Antropologia, História e Educação: a questão indígena e a escola.** 2 ed. São Paulo: Global, 2001.

GRUPO III-2ª ETAPA – EDUCAÇÃO INFANTIL

Prática Como Componente Curricular II: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto da educação infantil na escola indígena. Articula as problematizações advindas do contexto social e das experiências durante a formação inicial.

Bibliografia Básica:

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brincar e a educação**. São Paulo, SUMMUS, 1984.

NUNES, Ângela. **No tempo e no Espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante**. In: Aracy Lopes da Silva, Ana Vera Macedo, Ângela Nunes. (Org.). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global Editora - Fapesp - Mari, 2002, p. 64-99.

Bibliografia Complementar:

COHN, Clarice. **Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil**. Cadernos de Campo, São Paulo: USP, ano 10, vol. 9. p. 13-26, 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática de educação física**. São Paulo, Scipione, 1989.

GRANDO, B. S. (Org.). **Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

STROHER, J.; GRANDO. Beleni Salete; AGUIAR, E. T. ; OLIVEIRA, B. M. **Jogos e Brincadeiras na formação das identidades culturais no contexto escolar**. In: IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010, Brasília. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010.

Prática Como Componente Curricular III: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto da educação infantil na escola indígena.

Bibliografia Básica:

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BENJAMIN, W. **Reflexões: a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo, SUMMUS, 1984.

NUNES, Ângela. **No tempo e no Espaço: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante**. In: Aracy Lopes da Silva, Ana Vera Macedo, Ângela Nunes. (Org.). **Crianças Indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo: Global Editora - Fapesp - Mari, 2002, p. 64-99.

Bibliografia Complementar:

COHN, Clarice. **Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil**. Cadernos de Campo, São Paulo: USP, ano 10, vol. 9. p. 13-26, 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática de educação física**. São Paulo, Scipione, 1989.

GRANDO, B. S. (Org.). **Jogos e culturas indígenas: possibilidades para a educação intercultural na escola**. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

STROHER, J.; GRANDO. Beleni Salet; AGUIAR, E. T. ; OLIVEIRA, B. M. **Jogos e Brincadeiras na formação das identidades culturais no contexto escolar**. In: IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010, Brasília. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010.

GRUPO III-2ª ETAPA – EDUCAÇÃO INFANTIL

Prática Como Componente Curricular IV: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto da educação infantil na escola indígena.

Bibliografia Básica:

BACELAR, Vera Lúcia da Encarnação. **Ludicidade e educação infantil**. Salvador: EDUFBA, 2009.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo e a educação. São Paulo, SUMMUS, 1984.

NUNES, Ângela. **No tempo e no Espaço**: brincadeiras das crianças A'uwe-Xavante. In: Aracy Lopes da Silva, Ana Vera Macedo, Ângela Nunes. (Org.). *Crianças Indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global Editora - Fapesp - Mari, 2002, p. 64-99.

Bibliografia Complementar:

COHN, Clarice. **Noções sociais de infância e desenvolvimento infantil**. Cadernos de Campo, São Paulo: USP, ano 10, vol. 9. p. 13-26, 2000.

FREIRE, João Batista. **Educação de corpo inteiro**: teoria e prática de educação física. São Paulo, Scipione, 1989.

GRANDO, B. S. (Org.). **Jogos e culturas indígenas**: possibilidades para a educação intercultural na escola. Cuiabá: EdUFMT, 2010.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro**: o que você

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

STROHER, J.; GRANDO. Beleni Salet; AGUIAR, E. T. ; OLIVEIRA, B. M. **Jogos e Brincadeiras na formação das identidades culturais no contexto escolar**. In: IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010, Brasília. IV Congresso Centro-Oeste de Ciências do Esporte e I Congresso Distrital de Ciências do Esporte, 2010.

2ª ETAPA-GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL -ANOS INICIAIS

Prática Como Componente Curricular I: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos iniciais do ensino fundamental.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal**: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena? A gente precisa ver**. *Ciência e Cultura*, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

Bibliografia Complementar:

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Therezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita**. O que está em jogo? MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

CURY, Eliana Costa. **O Ensino diferenciado na escola indígena “Tengatuí Marangatu”**. Campo Grande, 2009. 214p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, 2009.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

NEVES, Josélia Gomes. **PIBID Intercultural: reflexões sobre alfabetização em contextos indígenas na Amazônia**. In: RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 8, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2021.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. Linguagem, identidade étnica e a experiência intercultural. In: ROCHA MENDES, Leandro; PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro da; VELOSO BORGES, Mônica (2010) (orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas**. Goiânia: Ed. da PUC. Goiás, 204 Pp. ISBN 978-85-7103-622-2.

1. **Prática Como Componente Curricular II: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.**

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos iniciais do ensino fundamental.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena? A gente precisa ver**. Ciência e Cultura, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

Bibliografia Complementar:

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Therezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita**. O que está em jogo? MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

CURY, Eliana Costa. **O Ensino diferenciado na escola indígena “Tengatuí Marangatú”**. Campo Grande, 2009. 214p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, 2009.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

NEVES, Josélia Gomes. **PIBID Intercultural: reflexões sobre alfabetização em contextos indígenas na Amazônia**. In: RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 8, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2021.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. Linguagem, identidade étnica e a experiência intercultural. In: ROCHA MENDES, Leandro; PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro da; VELOSO BORGES, Mônica (2010) (orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas**. Goiânia: Ed. da PUC. Goiás, 204 Pp. ISBN 978-85-7103-622-2.

2. **Prática Como Componente Curricular III: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.**

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos iniciais do ensino fundamental.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena? A gente precisa ver**. Ciência e Cultura, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

Bibliografia Complementar:

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Therezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita**. O que está em jogo? MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

CURY, Eliana Costa. **O Ensino diferenciado na escola indígena “Tengatuí Marangatú”**. Campo Grande, 2009. 214p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, 2009.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

NEVES, Josélia Gomes. **PIBID Intercultural: reflexões sobre alfabetização em contextos indígenas na Amazônia.** In: RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 8, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2021.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. Linguagem, identidade étnica e a experiência intercultural. In: ROCHA MENDES, Leandro; PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro da; VELOSO BORGES, Mônica (2010) (orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas.** Goiânia: Ed. da PUC. Goiás, 204 Pp. ISBN 978-85-7103-622-2.

3. **Prática Como Componente Curricular IV:** Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos iniciais do ensino fundamental.

Bibliografia Básica:

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro.** Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

D'ANGELIS, W. da R. **Educação escolar indígena?** A gente precisa ver. *Ciência e Cultura*, v. 60, n. 4, p. 28-31, 2008.

Bibliografia Complementar:

CAVALCANTI, Marilda do Couto; MAHER, Therezinha de Jesus M. **O índio, a leitura e a escrita.** O que está em jogo? MEC. CEFIEL-IEL-UNICAMP, 2005.

CURY, Eliana Costa. **O Ensino diferenciado na escola indígena “Tengatú Marangatú”.** Campo Grande, 2009. 214p. Dissertação (Mestrado) Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, 2009.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

NEVES, Josélia Gomes. **PIBID Intercultural**: reflexões sobre alfabetização em contextos indígenas na Amazônia. In: RELVA, Juara/MT/Brasil, v. 8, n. 1, p. 101-131, jan./jun. 2021.

OLIVEIRA, Christiane Cunha de. Linguagem, identidade étnica e a experiência intercultural. In: ROCHA MENDES, Leandro; PIMENTEL DA SILVA, Maria do Socorro da; VELOSO BORGES, Mônica (2010) (orgs.). **Cidadania, Interculturalidade e Formação de Docentes Indígenas**. Goiânia: Ed. da PUC. Goiás, 204 Pp. ISBN 978-85-7103-622-2.

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER- TRANSDISCIPLINARES

2ª ETAPA/GRUPO II/ENSINO FUNDAMENTAL-ANOS FINAIS E ENSINO MÉDIO

Prática Como Componente Curricular I: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Bibliografia Básica:

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. São Paulo: Global, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal**: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

KOCHHANN, Andréa. Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. **Teias** v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/29206/22823>

KOCHHANN, Andréa. SILVA, Maria Eneida da. AMORIM, Maria Cecília Silva. Extensão universitária acadêmica, processual e orgânica: um projeto de formação de

professores. **Revista UFG**, [S. l.], v. 18, n. 22, 2018. DOI: 10.5216/revufg.v18i22.51563. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/51563>.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas**. São Paulo: Loyola, 2002.

Prática Como Componente Curricular II: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Bibliografia Básica:

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena**. São Paulo: Global, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro**. Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

KOCHHANN, Andréa. Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. **Teias** v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/29206/22823>

KOCHHANN, Andréa. SILVA, Maria Eneida da. AMORIM, Maria Cecília Silva. Extensão universitária acadêmica, processual e orgânica: um projeto de formação de professores. **Revista UFG**, [S. l.], v. 18, n. 22, 2018. DOI: 10.5216/revufg.v18i22.51563. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/51563>.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas.** São Paulo: Loyola, 2002.

Prática Como Componente Curricular III: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Bibliografia Básica:

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena.** São Paulo: Global, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro.** Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

KOCHHANN, Andréa. Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. **Teias** v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/29206/22823>

KOCHHANN, Andréa. SILVA, Maria Eneida da. AMORIM, Maria Cecília Silva. Extensão universitária acadêmica, processual e orgânica: um projeto de formação de professores. **Revista UFG**, [S. l.], v. 18, n. 22, 2018. DOI: 10.5216/revufg.v18i22.51563. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/51563>.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje.** Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas.** São Paulo: Loyola, 2002.

Prática Como Componente Curricular IV: Linguagens e suas Tecnologias; Matemática e suas Tecnologias; Ciências da Natureza e suas Tecnologias; Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Ementa: Prática extensionista desenvolvida por meio de projetos de ações envolvendo a comunidade. Atividades práticas interdisciplinares que proporcionam experiências de aplicação de conhecimentos ou de desenvolvimento de procedimentos próprios ao exercício da docência voltados para a realidade social. Incentiva a práxis e o diálogo na formação da identidade docente, percebida em seu caráter prático e interativo social. Discute e planeja ações relacionadas ao contexto dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio.

Bibliografia Básica:

SILVA, Aracy Lopes da. FERREIRA, Mariana Kawall Leal. **Práticas Pedagógicas na Escola Indígena.** São Paulo: Global, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Brasília: MEC, 1998.

LUCIANO, G. J. dos S. **Educação para manejo e domesticação do mundo entre a escola real e a escola ideal: os dilemas da educação escolar indígena no Alto Rio Negro.** Brasília, 2011. 368 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

Bibliografia Complementar:

BRASIL, MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998.

KOCHHANN, Andréa. Formação de professores na extensão universitária: uma análise das perspectivas e limites. **Teias** v. 18 • n. 51 • 2017 (Out./Dez.): Micropolítica, democracia e educação. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/download/29206/22823>

KOCHHANN, Andréa. SILVA, Maria Eneida da. AMORIM, Maria Cecília Silva. Extensão universitária acadêmica, processual e orgânica: um projeto de formação de professores. **Revista UFG**, [S. l.], v. 18, n. 22, 2018. DOI: 10.5216/revufg.v18i22.51563. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/51563>.

LUCIANO, Gersem dos Santos. Saúde indígena. In: _____. **O Índio Brasileiro: o que você**

precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação,

Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MEKSENAS, Paulo. **Pesquisa social e ação pedagógica: conceitos, métodos e práticas.** São Paulo: Loyola, 2002.

GRUPO III – PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER- TRANSDISCIPLINARES

ESTÁGIO SUPERVISIONADO I, II, III e IV

Estágio Supervisionado I

Ementa:

O planejamento da pesquisa em Educação Escolar Indígena, articulado aos resultados do Projeto Integrador I e da Prática como Componente Curricular, considerando as seguintes etapas: 1. Fase decisória – referente à escolha do tema, definição e delimitação do problema de pesquisa; 2. Fase Construtiva – referente à construção de um plano de pesquisa e à execução pedagógica; 3. Fase Redacional – referente à análise dos dados e informações obtidas na fase construtiva. É a organização das ideias de forma sistematizada, visando à elaboração do relatório final. A apresentação do relatório deverá obedecer às formalidades requeridas pelo Curso.

Bibliografia Básica:

LUNA, V. S. Planejamento de pesquisa. São Paulo: EDUC, 2002.
MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2000.
BAPTISTA, M. N.; Campos, D. C. Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007.

Bibliografia Complementar

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez Editora, 2000. SILVERMAN, D. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009. SZYMANSKI, H. (org.) A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

Estágio Supervisionado II

Ementa:

O planejamento da pesquisa em Educação Escolar Indígena, articulado aos resultados do Projeto Integrador I e da Prática como Componente Curricular, considerando as seguintes etapas: 1. Fase decisória – referente à escolha do tema, definição e delimitação do problema de pesquisa; 2. Fase Construtiva – referente à construção de um plano de pesquisa e à execução pedagógica; 3. Fase Redacional – referente à análise dos dados e informações obtidas na fase construtiva. É a organização das ideias de forma sistematizada, visando à elaboração do relatório final. A apresentação do relatório de pesquisa deverá obedecer às formalidades requeridas pelo Curso.

Bibliografia Básica:

LUNA, V. S. Planejamento de pesquisa. São Paulo: EDUC, 2002.
MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2000.
BAPTISTA, M. N.; Campos, D. C. Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007.

Bibliografia Complementar

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez Editora, 2000. SILVERMAN, D. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009. SZYMANSKI, H. (org.) A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

Estágio Supervisionado III

Ementa:

O planejamento da pesquisa em Educação Escolar Indígena, articulado aos resultados do Projeto Integrador III e da Prática como Componente Curricular, considerando as seguintes etapas: 1. Fase decisória – referente à escolha do tema, definição e delimitação do problema de pesquisa; 2. Fase Construtiva – referente à construção de um plano de pesquisa e à execução pedagógica; 3. Fase Redacional – referente à análise dos dados e informações obtidas na fase construtiva. É a organização das ideias de forma sistematizada, visando à elaboração do relatório final. A apresentação do relatório de pesquisa deverá obedecer às formalidades requeridas pelo Curso.

Bibliografia Básica:

LUNA, V. S. Planejamento de pesquisa. São Paulo: EDUC, 2002.
 MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2000.
 BAPTISTA, M. N.; Campos, D. C. Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007.

Bibliografia Complementar

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez Editora, 2000. SILVERMAN, D. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009. SZYMANSKI, H. (org.) A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

Estágio Supervisionado IV

Ementa:

O planejamento da pesquisa em Educação Escolar Indígena, articulado aos resultados do Projeto Integrador IV e da Prática como Componente Curricular, considerando as seguintes etapas: 1. Fase decisória – referente à escolha do tema, definição e delimitação do problema de pesquisa; 2. Fase Construtiva – referente à construção de um plano de pesquisa e à execução da pesquisa propriamente dita; 3. Fase Redacional – referente à análise dos dados e informações obtidas na fase construtiva. É a organização das ideias de forma sistematizada, visando à elaboração do relatório final. A apresentação do relatório deverá obedecer às formalidades requeridas pelo Curso.

Bibliografia Básica:

LUNA, V. S. Planejamento de pesquisa. São Paulo: EDUC, 2002.
 MINAYO, M. C. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. Petrópolis/ RJ: Editora Vozes, 2000.
 BAPTISTA, M. N.; Campos, D. C. Metodologias de pesquisa em ciências: análises quantitativa e qualitativa. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2007.

Bibliografia Complementar

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Editora Perspectiva, 1998. SEVERINO, A. J. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez Editora, 2000. SILVERMAN, D. Interpretação de dados qualitativos: métodos para análise de entrevistas, textos e interações. Porto Alegre: Artmed, 2009. SZYMANSKI, H. (org.) A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva. Brasília: Editora Plano, 2002.

GRUPO III –PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERCULTURAIS E INTER-TRANSDISCIPLINARES

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I, II, III e IV

1. Trabalho de Conclusão de Curso I

Ementa: O TCC do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena terá suas Etapas desenvolvidas desde o 1º Ano. Será realizada conforme a escolha pelo acadêmico do nível e Percurso Formativo. Etapa 1 (Diagnóstico) – Escola Indígena. O TCC tem como princípio a transversalidade, que desencadeará metodologias modificadoras da prática pedagógica, integrando diversos conhecimentos e ultrapassando uma concepção fragmentada, em direção a uma visão sistêmica. A Elaboração do TCC perpassa a todas as Práticas Pedagógicas Interculturais e Inter-transdisciplinares de forma transversal e integradora, articulando os componentes curriculares da formação.

Bibliografia Básica

CARVALHO, R. L. C.; BORGES, S. T. P. Realidade escolar: um relato etnográfico.

Revista Eletrônica de Ciências Sociais, n. 15, p. 110-121, 2010.

CHASSOT, A. Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.

Revista Brasileira de Educação, n. 22, p. 89-100, 2003.

MELO, D. J. F.; JUNQUEIRA M. P. A importância do diagnóstico da realidade dos alunos para o planejamento das atividades do Pibid. **Anais do II Encontro Interinstitucional do PIBID/UFU/UFTM**, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberlândia, MG, 2012.

Bibliografia Complementar

CATANHEDES, Joelba Alves et al. **Avaliação como um processo:** diagnóstico, formativo e reflexivo. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Curso de Pedagogia. Centro Universitário de Brasília-UniCEUB, Brasília, 2005. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7127/1/40254388.pdf>

CORTIZAS, María José Iglesias. **Diagnóstico escolar:** teoría, ámbitos y técnicas PEARSON EDUCACIÓN, S.A., Madrid, 2006. Disponível em: <https://clea.edu.mx/biblioteca/files/original/a9bd619ea18b71325b7cd205d97ab0d8.pdf>

DEPRESBITERIS, L. Instrumentos de avaliação: a necessidade de conjugar técnica e procedimentos éticos. **Revista Aprendizagem, Pinhais**, v.1, n. 1, p.38-39, jul/ago 2007.

MARCONI, M.A & LAKATOS, E.M. **Técnicas de pesquisa:** planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

YIN, R. K. **Estudo de caso:** planejamento e métodos. 2 ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.

2. Trabalho de Conclusão de Curso II

Ementa: O TCC do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena terá suas Etapas desenvolvidas desde o 1º Ano. Será realizada conforme a escolha pelo acadêmico do nível e Percorso Formativo. Etapa 2 (Estudo e Planejamento) – Currículo da Escola Indígena. O TCC tem como princípio a transversalidade, que desencadeará metodologias modificadoras da prática pedagógica, integrando diversos conhecimentos e ultrapassando uma concepção fragmentada, em direção a uma visão sistêmica. A Elaboração do TCC perpassa a todas as Práticas Pedagógicas Interculturais e Intertransdisciplinares de forma transversal e integradora, articulando os componentes curriculares da formação.

Bibliografia Básica

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (org.) **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p.78-102.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP. Papirus, 2009. Disponível em:

<http://lab.cua.ufmt.br/lepega/file/2018/03/etnografia.pdf>

COSMAN, Luiz Carlos. **O currículo no projeto da escola**. Trabalho de Conclusão de Especialização (Monografia). Especialização em Gestão Escolar. Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em:

https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1350/Cosmam_Luiz_Carlos.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Bibliografia Complementar

COLIN, Lankshear, KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre. Artmed, 2008. Disponível em [:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4238003/mod_resource/content/1/Lankshear_Knobel_Pesquisa_Pedagogica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4238003/mod_resource/content/1/Lankshear_Knobel_Pesquisa_Pedagogica.pdf)

DINIZ, Heloisa Damasceno. Proposta de aplicação da Pedagogia por Projetos no Ensino Médio. Minas Gerais. PUC-Minas, 2015. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI201511191_04438.pdf

MACEDO, Roberto S. **A teoria etnoconstitutiva de currículo: teoria-ação e sistema curricular formacional**. Curitiba, CRV, 2016.

REVISTA ESPAÇO DO CURRÍCULO. **Problematizações sobre o Currículo da Educação Básica**. V. 6, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/issue/view/1229>

SANTOS, Dilce Melo; LEAL, Nadja Melo. A Pedagogia de Projetos e sua Relevância como Práxis Pedagógica e Instrumento de Avaliação Inovadora no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista Científica da FASETE**, 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/19/a_pedagogia_de_projetos_e_sua_relevancia_como_praxis_pedagogica_e_instrumento_de_avaliacao_inovadora.pdf

3. Trabalho de Conclusão de Curso III

Ementa: O TCC do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena terá suas Etapas desenvolvidas desde o 1º Ano. Será realizada conforme a escolha pelo acadêmico do nível e Percorso Formativo. Etapa 3 (Planejamento e Aplicação) – Práticas Pedagógicas,

Materiais Didáticos, Metodologias de Ensino e Avaliação na Escola Indígena. O TCC tem como princípio a transversalidade, que desencadeará metodologias modificadoras da prática pedagógica, integrando diversos conhecimentos e ultrapassando uma concepção fragmentada, em direção a uma visão sistêmica. A Elaboração do TCC perpassa a todas as Práticas Pedagógicas Interculturais e Inter-transdisciplinares de forma transversal e integradora, articulando os componentes curriculares da formação.

Bibliografia Básica

ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. Uma história da contribuição dos estudos do cotidiano escolar ao campo do currículo. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (org.) **Currículo: debates contemporâneos**. São Paulo: Cortez, 2002. p.78-102.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP. Papirus, 2009. Disponível em: <http://lab.cua.ufmt.br/lepega/file/2018/03/etnografia.pdf>

COSMAN. Luiz Carlos. **O currículo no projeto da escola**. Trabalho de Conclusão de Especialização (Monografia). Especialização em Gestão Escolar. Universidade Federal de Santa Maria, 2010. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/1350/Cosmam_Luiz_Carlos.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Bibliografia Complementar

COLIN, Lankshear, KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre. Artmed, 2008. Disponível em: [:https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4238003/mod_resource/content/1/Lankshear_Knobel_Pesquisa_Pedagogica.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4238003/mod_resource/content/1/Lankshear_Knobel_Pesquisa_Pedagogica.pdf)

DINIZ, Heloisa Damasceno. Proposta de aplicação da Pedagogia por Projetos no Ensino Médio. Minas Gerais. PUC-Minas, 2015. Disponível em: http://www1.pucminas.br/imagadb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI201511191_04438.pdf

MACEDO, Roberto S. **A teoria etnoconstitutiva de currículo: teoria-ação e sistema curricular formacional**. Curitiba, CRV, 2016.

REVISTA ESPAÇO DO CURRÍCULO. **Problematizações sobre o Currículo da Educação Básica**. V. 6, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/issue/view/1229>

SANTOS, Dilce Melo; LEAL, Nadja Melo. A Pedagogia de Projetos e sua Relevância como Práxis Pedagógica e Instrumento de Avaliação Inovadora no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista Científica da FASETE**, 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/19/a_pedagogia_de_projetos_e_sua_relevancia_como_praxis_pedagogica_e_instrumento_de_avaliacao_inovadora.pdf

4. Trabalho de Conclusão de Curso IV

Ementa: O TCC do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena terá suas Etapas desenvolvidas desde o 1º Ano. Será realizada conforme a escolha pelo acadêmico do nível e Percurso Formativo. Etapa 4 (Resultados/Artefatos Educacionais) – Proposta Curricular e Materiais Didáticos. O TCC tem como princípio a transversalidade, que desencadeará metodologias modificadoras da prática pedagógica, integrando diversos conhecimentos e ultrapassando uma concepção fragmentada, em direção a uma visão sistêmica. A Elaboração do TCC perpassa a todas as Práticas Pedagógicas Interculturais

e Inter-transdisciplinares de forma transversal e integradora, articulando os componentes curriculares da formação

Bibliografia Básica

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP. Papyrus, 2009. Disponível em:

<http://lab.cua.ufmt.br/lepega/file/2018/03/etnografia.pdf>

COLIN, Lankshear, KNOBEL, Michele. **Pesquisa pedagógica: do projeto à implementação**. Porto Alegre. Artmed, 2008. Disponível em :https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4238003/mod_resource/content/1/Lankshear_Knobel_Pesquisa_Pedagogica.pdf

DAMIANI, Magda Floriana et al. Discutindo pesquisas do tipo intervenção pedagógica. . Cadernos de Educação, FaE/PPGE/UFPel, mai-agost, 2013. Disponível em: http://guaiaca.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/5816/1/Discutindo_pesquisas_do_tipo_intervencao_pedagogica.pdf

Bibliografia Complementar

DINIZ, Heloisa Damasceno. **Proposta de aplicação da Pedagogia por Projetos no Ensino Médio**. Minas Gerais. PUC-Minas, 2015. Disponível em:

http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI201511191_04438.pdf

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Os materiais didáticos e a educação indígena**. GOOGLE: CEDEFES, 2010. Disponível em:

http://www.cedefes.org.br/afro_print.php?id=3133.

MACEDO, Roberto S. **A teoria etnoconstitutiva de currículo: teoria-ação e sistema curricular formacional**. Curitiba, CRV, 2016.

REVISTA ESPAÇO DO CURRÍCULO. **Problematizações sobre o Currículo da Educação Básica**. V. 6, n. 1, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rec/issue/view/1229>

SANTOS, Dilce Melo; LEAL, Nadja Melo. A Pedagogia de Projetos e sua Relevância como Práxis Pedagógica e Instrumento de Avaliação Inovadora no Processo de Ensino-Aprendizagem. **Revista Científica da FASETE**, 2018. Disponível em:

https://www.unirios.edu.br/revistarios/media/revistas/2018/19/a_pedagogia_de_projetos_e_sua_relevancia_como_praxis_pedagogica_e_instrumento_de_avaliacao_inovadora.pdf